

*One taste of forbidden desire
is never enough...*

A
APHRODISIA

THE
LORDS
OF
SATYR

LYON

ELIZABETH
AMBER



Elizabeth Amber

The Lords of Satyr #03

Lyon

Sinopse

ELE ESTÀ A CAMINHO...

O mais novo dos irmãos Satyr, Lyon gosta de trabalhar nas vinhas toscanas da família, cuidando dos animais, de sua casa e de mulheres lindas. Mas sabe que ele deve cumprir seu destino e levar a última filha do rei Feydon como sua noiva. Então ele viaja para Paris para se casar com a infame Juliet Rabelais...

PARA SEU PRÊMIO MUITO SABOROSO...

Como uma cortesã conhecida por seus talentos culinários - e carnavais -, Julieta é uma beleza voluptuosa com um corpo destinado a provocar. E com uma lua cheia a poucos dias de distância, Lyon é rapidamente despertado. Mas depois de uma noite de intimidade, Lyon se pergunta se Juliet é verdadeiramente uma amante dos prazeres sensuais ou se seela será a sua ruína...

Nota da Autora

A filoxera da uva é um inseto minúsculo que se alimenta das raízes das videiras, atrofiando seu crescimento ou matando-as. A praga foi acidentalmente importada para a Inglaterra e a França em videiras americanas em 1862. Reproduziu-se com velocidade devastadora, e no final do século XIX, a filoxera destruiu dois terços dos vinhedos da Europa.

A destruição foi interrompida pela descoberta de que esse inseto quase microscópico não atacava as raízes das videiras americanas. Enxertando videiras européias com norte-americanas e replantando as vinhas com as novas plantas enxertadas, a indústria de uva de vinho na Europa foi salva.

Para os fins desta história, a data da infestação está localizada aproximadamente trinta e nove anos antes da data real. Além disso, a descrição de como resolver o problema da filoxera foi ficção na série, e todas as pessoas envolvidas nessa obra são o produto da imaginação do escritor.

Este livro é uma obra de ficção. Os diálogos e os acontecimentos são produtos da imaginação da autora, e qualquer semelhança com fatos reais, grupos ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Prólogo

Quando uma mensagem em pergaminho atado com um leve toque de magia de ElseWorld chegou a propriedade de Sátir em Toscana última fronteira, Lyon esteve bastante cético sobre seu conteúdo. A mensagem escrita pelo Rei Feydon, solicitava aos três Senhores de Sátir que desposassem suas filhas.

Lordes de Sátir, Filhos de Bacchus,

Saibam que estou morrendo e que nada pode ser feito.

Como meu tempo aproxima-se, o peso de indiscrições passadas assombra-me. E devo falar sobre elas.

Há dezenove verões atrás, eu engendrei filhas em três fêmeas humanas, nobres de EarthWorld. Eu as fecundei com minhas crianças enquanto estavam adormecidas, deixando cada uma delas desavisada de minha visita noturna.

Minhas três filhas cresceram e agora estão vulneráveis e devem ser protegidas das Forças que querem prejudicá-las.

Como último desejo, peço que vocês as encontrem e as convertam em suas esposas colocando-as sob sua proteção. Vocês devem procurar nas sociedades de Roma, Veneza e Paris.

Deste modo é minha Vontade.

KingFeydon

O falecimento do Rei Feydon e as notícias que suas três filhas, metade Fadas e metade humanas estavam em perigo envia os três ricos e carismáticos Senhores de Sátir, à procura das FaerieBlend. Fadas mestiças. Suas noivas. As forças que protegem o portão entre EarthWorld e ElseWorld ficam diminuídas quando um dos irmãos de Sátir se distanciam da propriedade, então eles precisam ir um de cada vez.

Os irmãos mais velhos Nicholas e Raine já haviam localizado duas das irmãs e trouxeram-nas para a proteção de Sátir. Somente o terceiro permanece na grande busca... E agora Lyon começa.

CAPÍTULO 01

EarthWorld, Paris, França, novembro, 1823.

O senhor de sátir Lyon rondou as ruas de Paris ao crepúsculo, caçando.

Ele respirou fundo, sondando o ar e achando o odor predominante aos odores da fumaça de chaminé, ao rio úmido e sua presa provavelmente feminina.

O sangue de seus antepassados pulsava nele hoje à noite, empurrando seu corpo em direção a uma luxúria carnal que era vital para a sobrevivência dos de sua estirpe.

Porque o Rei Feydon semeou sua semente onde ele não devia Lyon logo estaria unido a uma noiva que ele não havia escolhido por vontade própria. Uma cujo nome e rosto eram desconhecidos para ele, mas por quem não o bastante viajou desde Toscana ate aqui para encontrar.

De acordo com o rei Feydon, suas três filhas FaerieBlend estavam cada uma em algum tipo de perigo e o tempo era essencial.

Nicholas, seu irmão primogênito, encontrou a primeira das filhas nos subúrbios de Roma no espaço de tempo de semanas e rapidamente casou-se com ela. Raine recentemente havia localizado segunda filha em Veneza e a trouxe para debaixo de sua proteção.

Agora Lyon era o único remanescente com a tarefa de achar a terceira filha aqui em Paris. Mas amanhã seria tempo suficiente para se encarregar do assunto.

Hoje à noite seria para algo completamente diferente.

Esta sua primeira noite em Paris poderia bem ser sua ultima noite de liberdade. E ele planejava apreciar isto.

Um grito chamou sua atenção. Existia uma espécie de festança começando adiante, sobre a Pont Neuf, o Rio de Seine a mais famosa Ponte. A “nova ponte” era chamada, entretanto ela havia sido concluída dois séculos antes.

Lyon mudou de direção, abandonando a fileira de imponentes casas da Cidade ao longo do Quai de Conti o para a calçada oposta junto ao rio. Como a luz minguava, os livreiros vestidos de pretos que enfileiravam o passeio começavam a guardar os livros não vendidos em suas caixas. Nas profundidades além do canal junto a eles, o rio fluía como melado, cortando Paris como uma comprida serpentina.

Seu hotel estava esperando por ele. Ele enviou sua bolsa antes e poderia estar lá dentro de trinta minutos. O Que significava que podia ter o pênis enterrado bem no fundo de uma fêmea de Shimmerskin que suplicaria por mais, dentro de trinta minutos. Sem nenhuma dúvida seus irmãos teriam feito desse modo se estivessem em seu lugar. Essa seria a coisa sábia a se fazer. A coisa mais segura.

Mas diferentemente de seus irmãos, ele almejava variação em ambas as situações,

lugar e companhia variadas era o que buscava em suas ligações. O elemento de risco.

Ele estava na ponte agora. Quiosques nos bastiões meio redondos os estabelecimentos colocados em intervalos das grades estavam sendo abandonados pelos costureiros, perfumarias, e vendedores afins, quinquilharias, crêpes e fromage. Estes estavam retirando-se para dar lugar na rua a artistas, carros de castanheiros, e multidões de raramente fogosas parisienses. Pequenos batedores de carteiras buscando suas presas, e prostitutas de costume vieram também para esfregar cotovelos com os finamente vestidos.

Como Lyon caminhava entre eles, mulheres de todas as classes da sociedade giravam o olhar para ele, analisando seu valor e considerando os sinais externos de sua ousadia sexual com o olho clínico feminino e bem treinado. Mais alto e mais musculoso que seus irmãos e abençoado com um rosto masculino notavelmente bonito realmente causava desmaio nas mulheres, ele estava acostumado com tal atenção e dificilmente notava o alvoroço que causava.

Um casal passou e a saia da senhora o roçou, flutuando seu perfume feminino natural para seu nariz. Ele o aspirou, fechando seus olhos brevemente ao sentir a euforia que lhe dispôs. Mescloou com aquelas de outras fêmeas sem nome, uma confusão feita de cremes, fragrâncias picantes dos vidros de cristal, e musk humano. Uma combinação arrojada para um homem que já estava consumido com intenções libidinosas.

Sussurros alcançavam suas orelhas. Olhando por cima de seu ombro, ele se surpreendeu ao notar que pelo menos meia dúzia de mulheres andava em seu encalço. E todas olhavam para ele como se ele fosse o principal corte de carne na loja do açougueiro local.

Desanimado, ele moeu para uma parada. Suas perseguidoras tomaram isto como um convite e fervilharam ao seu redor.

Mãos enluvadas moveram-se para acariciar seus braços, suas costas, seu cabelo.

- Bon soir, monsieur.

- Bienvenue, monsieur.

- Est-ce que je peux vous aider?

Um calafrio percorreu suas omoplatas e a parte de trás de seu pescoço. Ele nunca sofreu por falta de atenção, pelo contrário até atraía o sexo oposto, mas este nível de atenção pública era desconcertante e muito estranho. Tinha noção de que algo muito estranho estava ocorrendo com ele, mas ele se perdeu em considerações mais opressivas. Qualquer mágica problemática de Paris que estivesse ocorrendo hoje a noite teria que esperar por sua atenção até depois que a profunda fome dentro dele estivesse satisfeita.

- Bon soir, senhoras,

Ele as saudou, seria um insulto presumir que a situação de qualquer francesa desconhecida fosse a de solteirona. Ele acariciou suavemente uma bochecha, uma garganta, uma pulsação.

Os rostos cuidadosamente maquiados retornaram sorrisos aos seus toques.

Vozes suaves bajuladoras. Acolchoou artigos de vestuário bem formados sussurrados e atraídos. Uma mão cobiçosa acariciou seu pênis meio ereto.

Poderia ter sido qualquer uma delas, fingindo ser um acidente.

Todas agiram para ele como deliciosos afrodisíacos enviando sangue correndo sempre mais quente por seu sistema. O tecido de sua calça comprida e camisa raspavam a pele sensibilizada de suas coxas, ombros volumosos, e tórax largo.

Ele precisava de uma mulher. Agora.

Com um mergulho breve de sua cabeça em sua direção, ele avistou uma rechonchuda fêmea em um vestido rosa, que estava só e fora do círculo de admiradoras. Ela havia olhado fixamente para ele como as outras, mas comedida. Seus instintos disseram que ela era uma mulher que já conhecia os homens. Uma que ansiava pelo que ele ofereceria. Uma cujo corpo acomodaria o seu melhor que as demais mulheres humanas.

Insegura de seu convite, ela tocou em seu tórax levantado suas sobrancelhas. Com um aceno de sua cabeça, pequenas luzes de encanto clarearam seus joviais olhos marrons e transformaram um semblante claro do rosto bonito. Com uma ou duas palavras rudes, ela dispensou a jovem assistente na frente da divisão na multidão e mudou em direção a ele em aceitação tácita de sua convocação.

Mesmo o resto da companhia de artistas tendo percebido que ele havia feito uma seleção, elas se demoraram, relutantes em aceitar. Ele acenando seus dedos, em direção a elas, desprende uma sugestão mágica no ar.

- Allez, ele murmurou. – Vão.

Como se fossem um, elas imediatamente dispersaram e continuaram com seus negócios, parecendo esquecer por que se juntaram ao redor dele em primeiro lugar.

A luva sedosa da mão de sua escolhida deslizou através de sua palma fortalecida pelo trabalho. Ela sorriu para ele e seu pênis se agitou para ter uma prova sua. Ele enlaçou um braço ao redor dela e dobrou sua cabeça para o vão de seu ombro.

Olhos estreitados, ele inspecionou a ponte, depressa localizando uma área isolada e a encaminhou na direção. Ela foi sem questionamento e dentro de alguns passos, deixaram o espesso aglomerado para as sombras atrás da estátua de um lorde montado em seu cavalo no centro da ponte. Outros casais já instalados lá ao longo da grade, baixaram suas cabeças.

Mãos moviam-se buscando debaixo de roupa e encorajamentos cobertos guerreavam ar. Buscando somente satisfação, os outros casais não prestaram nenhuma atenção aos recém-chegados.

- Madame?

Lyon levantou a cabeça na direção da voz e viu que era uma empregada, que retrocedeu em um passo nervoso por sua expressão feroz.

Aparentemente, a empregada da sua senhora decidiu segui-los, tentando dissuadir sua amante da loucura.

Ele alcançou e tocou a bochecha da menina, enviando uma sensação para tranquilizá-la. A expressão preocupada em seu rosto jovem imediatamente se aliviou e ela retornou ao lugar na ponte aonde ele a tinha visto antes se preparando para pacientemente aguardar sua empregadora.

Lyon olhou para baixo e achou a mulher com o olhar nele. Ele baixou a cabeça.

- Bon soir, Madame.

- Bon soir, ela sussurrou.

Ele apertou suas costas contra a base da estátua, contra as palavras inscritas que explicaram que era o Rei de bronze Henri IV quem montava majestosamente acima deles, o monarca que viu esta ponte ser terminada.

- Ici? Aqui?

A atenção extasiada de sua amante nunca deixou seu rosto, mas agora uma carranca incerta enrugou sua sobrancelha e ela olhou sobre eles.

Ele tocou o lado inferior de sua mandíbula com as pontas do dedo, erguendo-a para seu beijo. Sua mão deslizou em seu cabelo, sua mão larga cercou seu crânio.

- Ninguém esta observando. Veja. Não se preocupe, sua voz cascuda prometeu contra seus lábios separados. - Só aprecie.

Seu corpo ruborizado estava contra a pedra arenosa e ele continuou falando com suas palavras e voz tranquilizantes e baixas em suas pequenas orelhas e a convenceu a vir. Aqui, ele tomaria seu prazer clandestino com ela debaixo do céu e, mais tarde, das estrelas.

Seu corpo era humano e exigia um tempo considerável para se ajustar ao seu tamanho e força. Até então ela seria incapaz de tomá-lo como humano assim como provavelmente aconteceria com a fada mestiça que ele veio procurar em Paris.

Aborrecidos pensamentos sobre o encargo se intrometeram, e ele os sacudiu para fora. Ainda, que fosse verdade que as mulheres em EarthWorld eram delicadas ele seguramente podia ser ele mesmo para ficar com esta aqui não mais do que uma dúzia nesta alcova. Teria que ser suficiente.

Com lábios gentis, ele acariciou o tendão que corria por sua orelha para a base oca de sua garganta. Suas mãos vagavam mais abaixo, juntando e erguendo a frente de sua saia e anáguas em seus grandes punhos, trazendo-a para o ar fresco.

Seu seio rosado em uma afiada respiração e seus dedos trêmulos apertaram os músculos cinzelados de seus ombros. Ele debruçado para ela, cercado-a com seu corpo e odor.

Longos e sabedores dedos deslizavam debaixo de suas saias primeiro aquecendo uma coxa, então correndo entre elas e perambulando muito mais alto para a linha da cerda suave e feminina. Um gemido estrangulado escapou dela quando o primeiro dedo

acariciou seu clitóris. Na segunda carícia, ela fechou seus olhos em um suspiro.

Ele a acariciou novamente, sabendo o tempo todo que isto não era uma generosidade da parte dele para com ela. Longe disso.

Para depois desta noite, uma recordação de seu acoplamento permaneceria com esta mulher, uma nova constante em sua maquiagem física.

Entretanto ele apagaria os particulares das horas que eles passariam juntos aqui de sua mente, uma parte pequena dela iria daqui por diante sempre ansiar por ele, não sabendo por que ou quem ela queria. E apesar de ser relutante em causar dano a ela, ele a necessitava muito para deixá-la ir. O melhor que ele poderia fazer para aliviar qualquer impressão de sua partida fazer com que esse ato fosse extremamente agradável.

Ela arquejava agora, emitindo um choramingo minúsculo todo o tempo em que ele a acariciava. Seus braços foram negligentes, agarrando-se ao lado de seus quadris contra a pedra. Os pulsos esbeltos estavam virados para cima em uma pose de vulnerabilidade, um sinal de que ela se colocava em sua clemência.

Seu desejo para possuir sua vagina era mais forte ainda. Calor passava por seu escroto, apertando suas bolas em punhos e espessando as veias nodosas e azuis que se arrastavam no comprimento de seu pênis. Ele levou uma de suas mãos para sua virilha ensinando a forma dele. Ela soltou um gemido contra seu pescoço.

Seu dedo médio apertava urgentemente na beira das úmidas dobras femininas que guardavam o portão que ele buscava. Ela estava molhada. Pronto.

Ele empurrou sua mão de lado e achou os botões de sua calça comprida, tirando-a ele mesmo.

Deuses! O alívio não podia vir rápido o bastante!

Abruptamente, um tímido sussurro quebrou o ar ao redor deles, alcançando-o na névoa de luxúria e a circundante estrondo. Uma respiração doce longe de seu alcance, ele hesitou. Sua cabeça ergueu e se concentrou para melhor escutar.

A canção veio novamente. Com os olhos estreitados, ele virou seu rosto em direção ao som. O rio.

Veio novamente familiar e feminino.

Ninfas. Pelo som das coisas, elas, também, estavam fora caçando hoje à noite. E elas perfumaram sua presença. Amantes vorazes, seus corpos seriam capazes de lidar com tudo que ele tinha para oferecer. E elas sempre sabiam do que acontecia também, um fato que poderia ser benéfico para o propósito que o trouxe a Paris. Talvez elas soubessem do paradeiro de uma certa fêmea com uma mistura de ambos, sangue de fada e humanos em suas veias.

Ele olhou para a mulher disposta ante ele. Experimentou seus dedos suaves acariciando seu pênis. Seu corpo exigia que ele a tomasse, terminando o que ele havia começado. Mas alguma sensação oculta de compaixão o impeliu a deixá-la ir. Agora,

antes deles copularem e ele ganhou um adiamento.

Lançando uma maldição, ele socou sua necessidade e colocou uma palma em sua bochecha para ter a atenção dela. Silenciosamente, ele ordenou que ela se fosse.

A persuadindo a esquecer seu desejo pelo ato que eles deixaram de consumir como ela pudesse.

Arrastando sua mão longe, ele fechou sua calça comprida. Durante longos segundos, os lindos olhos marrons só piscaram para ele, feridos e confusos. Ele puxou de volta as suas saias colocando-as no lugar novamente, cobrindo coxas, cobrindo joelhos, então tornozelos.

Seu rosto vazio era um retrato da relutância, mas ela se endireitou e se virou como ele pediu. Ela retrocedeu em seus passos até aonde sua empregada a esperava com o olhar o seguindo. Dentro de horas, os pormenores de seu encontro iriam enfraquecer, mas um vago ansiar por ele permaneceria com ela durante muito tempo, como uma contusão em seu coração.

Com o pensamento para ela já desvanecido, Lyon galgou as escadas de pedras do Norte dois degraus de cada vez da Pont Neuf. Descendo para o tijolo do passeio em um nível com o rio, ele então mudou de direção embaixo de um arco largo, passando os mendigos inocentes que se amontoavam nos recantos e nas gretas de Paris.

Atrás dele sobressaía-se a ilha chamada Île de La Cité. À frente dele, em sua ponta ocidental estava o Galã de Parc Vert, um cuspe triangular formado por séculos de depósitos de sedimento. Sobressaindo no Seine debaixo da ponte, apontava como a proa de um navio.

Andando no parque, ele depressa varreu a praia com seus olhos, mas não viu nenhum movimento. *Onde elas estavam?*

O sussurro o alcançou novamente, mais alto e mais perto. Ele caminhou para os perímetros do parque onde a terra encontrava a água, procurando mais sutilmente.

Aqui, o frescor natural dos odores de barro e do abastecimento de vegetação oferecia um descanso bem-vindo dos cheiros menos agradáveis de tijolo e fumaça da parte de cima da cidade. As cidades estavam crescendo em seu próprio modo e em ocasião, mas por que as pessoas preferiam habitar a área urbana e não a vasta expansão da zona rural que se espalhavam nas cercanias da cidade fugia ao seu entendimento. Algo em sua alma o amarrava a terra.

De repente, ele fustigou ao redor. O sussurro veio novamente, desta vez da praia ao norte do parque. Uma inesperada excitação o engolfou, picando sua pele, e endurecendo e fazendo seu pênis crescer cada vez mais.

Desta vez o som trouxe algo novo com ele. Uma fragrância preciosa. Capturou o som, separando o aroma humano do distinto aroma que lhe pareceu tão peculiar. Era um odor inconfundível. Aquele de Fada. Fada desperta.

Seria possível que ele iria facilmente localizar a fêmea que havia vindo procurar em Paris? Ele verificou o comprimento da orla norte novamente, mais impaciente que

nunca para um primeiro vislumbre das ninfas do rio. Seguro agora, aquela terceira filha do Rei Feydon estava entre elas.

Não importava mais se até aquele momento ele tinha estado entristecido por este encargo e relutante em encontrá-la. Não importava que parecesse ter sido muito fácil achá-la em sua primeira noite em Paris. Não importava que ela parecesse ser inexplicavelmente do mar e não da terra.

Esse pensamento veio só por uns minutos neste momento no parque ele a tomaria para si. A razão podia esperar até depois que seu pênis estivesse satisfeito dentro dela. Seus olhos esquadriharam o banco. *Onde estava ela, maldito seja?*

Algo mexeu o rio perto de um remendo de lodo gramíneo em baixo de uma árvore plana. Uma rosada forma flexível surgiu das profundidades, a água fluiu de seu cabelo escuro e escorreu por cima dos ombros e seios cheios até a ponta de seus peitos. A silhueta marcou contra o brilhante laranja do pôr-do-sol contorcendo-se sobre a superfície do Seine, uma ninfa nadava em direção ao dique do parque. Apoiando seus braços lá, ela se içou e girou ao se sentar ficando de costas para a praia brilhando em direção a ele.

Lyon venceu a distância entre eles. Mais cedo, ele não a queria achar, mas agora que ele a achara...

Ele veio apenas para procurá-la, suas pernas mornas em qualquer um lado de sua gelada espinha. Barbatanas dorsais gêmeas opalescentes. Omoplatas contraindo contra ele, como o gentil tremular de asas de fadas.

Seu corpo era macio, lustroso e curvilíneo, bonito e misterioso.

Seu cabelo era um cachecol molhado e escuro, seu comprimento enlaçava ao redor de seu pescoço e terminava drapejando adiante ate agarrar em seus quadris e colo. A ponta de seu rabo permanecia escondida, ainda dentro do rio Seine.

Suas mãos tocaram os lados de seu rosto e pegaram seu cabelo, retirando-os de suas bochechas e desenrolando até que seu comprimento ficou pendurado e livre atrás dela, mexendo com a frente de sua calça comprida.

Mais além ele ouviu mais duas ninfas fazendo seu caminho pela orla, mas ele ignorou-as. Esta aqui era filha do rei Feydon.

No momento em que ele se aproximou dela, teve certeza disso.

Deslizando suas mãos embaixo de suas axilas ele suavemente a ergueu gotejando a água clara do rio. Quanto mais cedo ele conseguisse colocá-la em terra, mais rápido ela ficaria seca e se transformaria para ele.

Sobre seus ombros, sua cabeça angulou para ele, mas mesmo assim ela não o reconheceu.

Outras cabeças rodaram em sua direção também, as multidões que se derramavam pelas escadarias abaixo no outro lado da ponte e fora no parque. Observadores humanos, ávidos e chocados com o que viam, viravam seus pescoços e sussurravam.

- Vocês não vêem nada, ele murmurou em suas direções.

Remoinhos de ar pegaram suas palavras e levo-as, espalhando um feitiço mental ao longo da atmosfera do parque e além.

Um por um, os que estavam observando de boca aberta se viraram e esqueceram o que tinha capturado seu interesse em primeiro lugar. Eles não seriam mais capazes de o ver ou a fada de nenhuma forma. O mais perceptivo entre eles poderia ter escolhido fazer isso, mas agora eles não estariam mais propensos a olhar.

Enfrentando o torneamento da ninfa, Lyon a ancorou contra ele com o musculoso antebraço mais embaixo. Por necessidade, ele sustentou seu peso inteiro, por ela ser incapaz de se sustentar até que acontecesse a transformação que substituiria seu rabo por pernas.

Friccionou os dentes ao pensar na espera que teria que suportar. Como uma proteção contra estupro, as ninfas tinham seus órgãos de acasalamento fechado hermeticamente até que seus corpos estivessem suficientemente despertados por seus companheiros.

Levaria pelo menos meia hora em terra antes de seu rabo se bifurcar. Só então ela estaria disponível para a ascensão.

Ele a puxou de volta para vê-la, mas ela manteve seu rosto virado. Ela colocou os braços em seu tórax e cintilou com a fosforescência das criaturas do mar que habitam as partes mais profundas do oceano. Enfraqueceria com sua metamorfose, e desapareceria completamente se ela permanecesse em terra. E ela ficaria, se as coisas ocorressem como ele esperava.

A cortina de seu cabelo fluíu por seus ombros fortalecidos por enfrentar muitos dias as correntes do mar. Ele a encobriu parcialmente como cordas de enforcamento de cetim molhado quase até seus joelhos.

Contra ele, seus peitos de gelo azul molharam sua camisa de gordura dual em círculos. Uma dúzia ou mais de jóias de praias suntuosas se enfileiravam por seu pescoço. Mamilos frígidos, apontados sobressaíam entre elas, cutucando seu tórax tão duro quanto duas pontas do dedo.

Tendo crescido para suas habituais proporções legendárias, seu sofrido pênis a cutucou por sua calça comprida, muito ansioso para uma prova. Deu-se conta que aquele casamento com esta metade-Faerie poderia não ser tão ruim quanto ele temia.

- Olhe para mim, ele rosnou.

Com a elegância própria que simbolizava os moradores da água, ela ergueu seu olhar. Sua cabeça empurrou de volta quando ele conseguiu o primeiro olhar de seu rosto, para seus indicadores perolados em forma de escamas.

Doze infernos! Você é uma ¹Nereida!!?

¹ Nereid é qualquer uma das ninfas do mar, as 50 filhas de Nereus e Doris. O único relato onde elas prejudicam os mortais consta do mito de Andrômeda. Segundo o mito, elas exigiram o sacrifício de Andrômeda como punição pelo fato de Cassiopéia, mãe da jovem, ter alegado ser mais bela que as Nereidas.

Ela armou sua cabeça.

- Você esperava algo mais dócil?

Maldição! O rei Feydon o deixou responsável por toda vida com uma Nereida? Uma ninfa que era metade fada do mar e metade demônio?

Suas mãos se agarraram nos músculos duros de seus bíceps como se ela temesse que ele a rejeitasse.

- Eu sou a filha do rei que você busca, ela assegurou.

- Seu nome? Lyon ouviu sua própria pergunta.

- Sibela, meu amor. Sua voz era agradável, a cada palavra um canto melodioso, semelhante ao que tinha atraído uma legião de homens ao seu destino.

Ela puxou-o para mais perto e seus lábios encontraram o queixo, mordiscando delicadamente ao longo dele. Então, ela lambeu o rosto com uma firme varredura para cima de sua língua anormalmente longa. Ele esqueceu que as Nereidas gostavam de saborear os seus homens.

Ele ouviu um salpico e usou a desculpa para desviar seu rosto dela. A Uma distância atrás dela, mais duas de seu tipo se elevaram em cima nos bancos. Seus olhos cobiçosos o encaravam enquanto elas mesmas começavam a secarem-se com rubi e ouro encaracolado mapeando uma parte tão grande quanto suas mãos, ansiosas por apressar suas próprias Metamorfoses.

Os olhos conchos cor de rosa de Sibela brilharam e ficaram verdes, cor de rosa de novo e então verdes novamente e ela estapeou a Terra a seus pés, seus dois pontos afiados rasgando suas botas. Sua voz melodiosa era o uivo de uma harpia agora quando ela ralhou e advertiu-as, deitando sua reivindicação sobre ele. As observadoras recuaram horrorizadas, mas não se foram.

Lyon estremeceu, pressentindo seu futuro com esta criatura.

- O Que as Nereidas estão fazendo no rio? Ele perguntou, silenciosamente amaldiçoando o Rei Feydon. - Vocês normalmente freqüentam os mediterrâneos ou até os oceanos, deixando os rios para as ²Naiades.

- Eu vim por você, ela sussurrou, toda sorrisos e doçura novamente.

- Como você soube que me encontraria aqui? Ele perguntou, com desconfiança.

- As notícias de sua vinda e as razões por trás foram trazidas para mim pelas correntes. Eu sei o que você quer de mim hoje à noite. E eu estou disposta.

Garras rasgavam sua camisa, abrindo-a e empurrando-a fora de seus ombros. “Ávida.”

Sua história era viável. Não era nenhum segredo que ele e seus irmãos haviam começado a procurar as noivas ultimamente. E ele estava bem ciente que as vias fluviais

² **Naiades** são ninfas aquáticas com o dom da cura e da profecia. Assemelhavam-se às sereias e, com a voz igualmente bela, elas viviam em fontes e nascentes; deixavam beber dessa água, mas não se banhar delas, e puniam os infratores com amnésia, doenças e até com a morte.

de EarthWorld faziam circular tal fofoca mais rápido que suas estradas de terra.

As mãos frescas deslizaram mais para baixo de suas costas para amassar as bochechas de suas nádegas através de sua calça comprida. Seus olhos verdes mar observavam astutos enquanto ela imprensava a virilha contra a sua sentindo o quanto ele a queria.

Instintivamente, ele trocou de lado, evadindo sua proposta.

Ele olhou fixamente para ela, chocado consigo mesmo. *Seu corpo estava bem preparado para acasalar, então por que merda ele fez isto?*

Ela o olhava fixamente agora, claramente perguntando-se a mesma coisa

- Fique comigo, ela persuadiu.

Mesmo sentindo que estava tudo errado, Lyon chamou um sorriso horrendo.

- Sim. Claro.

Ele a balançou em seus braços e a levou para mais longe da orla, deixando uma trilha de líquido fosforescente para trás.

Ela tocou em sua bochecha e algo similar ao pânico o encheu quando ele percebeu que não sentiu nenhuma ligação para com ela.

Onde estava a amarração instantânea que Nicholas e Raine sentiram em direção ao Rei que as primeiras duas filhas do Feydon lhes provocaram ao encontrá-las? Onde estava o querer de juntar seu corpo com Sibela excluindo todos os outros? O tipo de desejo impaciente que ele havia testemunhado em Nick, quando ele estava somente na presença de Jane? A Necessidade intensa, seletiva que até mesmo seu distante irmão Raine havia sido incapaz de esconder quando Jordan estava próxima?

Mesmo quando ele a deitou em um leito de grama suave a certa distancia da orla, ele não sentiu nada além da mesma luxúria ordinária que sentia pelas outras fêmeas que estiveram em seus braços. Seu corpo gritava por reivindicá-la e seu coração levou isso em consideração.

Então ele deitou no chão ao lado dela, preparando-se para montá-la aqui no mesmo local onde o Jacques de Molay, Mestre principal dos Cavaleiros Templários, tinha sido queimado no apote dos tempos medievais. Ela estava disposta e seu corpo iria aceita-lo com facilidade. Mais importante, seu acoplamento iniciaria a proteção que se completaria e seria reforçado com o acasalamento durante a lua azul na noite seguinte.

Mas ele tinha certeza agora que ela não marcaria seu coração. Nenhuma mulher havia marcado.

Estando com um antebraço recostando sua cabeça, ele tocou em suas costas e percorreu seus ossos das costelas e quadris, então mais embaixo. Com o seu corpo seco, um sulco raso estava se formando ao longo de seu comprimento central, da virilha até as pernas. As divisões de seus dedos localizados acima disto, alisando longe as gotículas de água do oceano que estavam agrupadas na depressão.

- Quanto tempo? Ele rosnou, com o desejo latejando mais ainda nele.

Os olhos água marinha se encheram até a borda com a promessa sexual que transmitiram aos seus.

- Logo, meu doce.

Doce? Era óbvio pelo seu tom que ela apreciava o fato de que ele estava sofrendo por falta dela.

Seu dedo achou a ponta de um peito luminoso no meio do enredo de rubis, pérolas, e outras pedras menos exóticas que cercavam seu pescoço. Enganchando uma corrente barata do meio dos colares mais caros, ele ergueu isto para olhar mais de perto.

- Onde você conseguiu tudo isso? Ele perguntou, movimentando a cabeça em direção a generosidade.

Ela pegou isto dele e cuidadosamente colocou levemente em seu lugar.

- Daqui e de lá. Meu mais recente achado era uma alça de uma vasilha. Uma armada com espanhóis mortos que foram tão amáveis em deixar um baú de pedras preciosas a minha disposição.

- Como agradecimento por seus presentes, eles tiveram uma prova.

Seus olhos brilharam espertos quando ela deslizou uma mão para baixo em seu corpo.

- Para órgãos flácidos até que forneceram um pequeno entretenimento.

Ele pegou sua mão, a contrariando ao tentar segura-lo.

- Você pensa me fazer ciumento com sua conversa sobre outros homens?

- Não. Claro que não.

Ele deixou que ela escapasse de sua restrição.

- É só que suas façanhas carnavais são legendárias. E eu desejo assegurar a você que sou uma mulher experiente, e que eu sou sua metade perfeita em tais assuntos.

Sua mão achou seu pênis então, e sua voz ficou mais íntima.

- E eu estou muito faminta hoje à noite por um acoplamento mais alegre com um tesouro diferente dos espanhóis flácidos.

Arranhou as pontas do dedo enveredando por sua calça comprida, afagando sua intumescida seta.

Silvando interiormente entre seus dentes, Lyon deu uma advertência apertada.

- Se você quiser meu 'tesouro', eu sugiro a você mais cuidado com esse exercício para não danificá-lo antes de poder apresentar do jeito que você goste.

Ela pareceu pronta para falar, entretanto algo além dele pegou seu olhar. Abruptamente, ela rodou em um cotovelo para rosnar e arreganhar os dentes por cima de seus ombros. Escorregando em suas barrigas através da grama, outras de sua espécie se arrastavam para eles e demonstravam estar muito perto de terminar a transformação e se adequar como ela.

Lembrando-se da ira de Sibela, elas se detiveram a uma distância segura. Penteando seus cabelos com os dedos e olhando para ele.

Com perícia mecânica, seus dedos continuaram a acariciar, afundando na depressão ao longo do rabo de Sibela. Mas sua mente trabalhava Separadamente de suas mãos.

- Como é possível que a terceira filha do Rei Feydon venha do rio em vez da terra?

- Meus segredos não são seus para ouvir até que nós fiquemos mais íntimos.

Ela sussurrou, com toda sua atenção centrada novamente nele.

Seus dedos ósseos, translúcidos fizeram um rápido trabalho nos fechos de sua calça comprida. Livrou, seu pênis que surgiu do bocejar de tecido e ela o agarrou.

- Com Cuidado, ele suavemente lembrou.

Ela movimentou a cabeça e o acariciou uma vez. Duas vezes.

- Você parece esta suficientemente desperto para a tarefa adiante.

Então a mão dela cobriu a sua onde ele massageava o sulco formado diretamente ao longo do centro de seu rabo. O que tinha sido uma forma longa, sólido quadril até a ponta estava começando a remodelar propriamente para dois membros distintos. Uma separação verdadeira já comera em Sua virilha e foi para onde ela direcionou seu toque.

- Então sou eu, ela sussurrou. Eu estou aberta para você! Sente-me?

Debaixo de seu toque combinado, a racha tenra em sua virilha afundou. Levaria algum tempo para a separação continuar ao longo de coxas, joelhos, panturrilhas e tornozelos. E mais tempo ainda para se formar a planta dos pés de suas barbatanas anguladas. Mas ele não precisava esperar mais, e ela não estava exigindo isto.

Revigorado com sua entrega ele a empurrou para a grama apoiando-a e se atirou em cima dela substituindo seus dedos pela coroa de seu pênis. Ele dobrou seus quadris, começando a se empurrar dentro dela.

- Você está pronta para mim? Sua voz era áspera, tremendo de necessidade.

Ela espalmou suas mãos contra seu tórax, parando-o.

- Você entende meu preço?

Seus olhos fixos e sua mandíbula endurecida.

- Eu estou mais que disposto a pagar esse preço se você for a verdadeira filha do Rei Feydon.

Ele fez sua escolha. A terceira filha fada foi destinada para ser sua para toda eternidade ele gostando dela ou não. Era o que seus irmãos esperavam. Havia partido para buscá-la e ela era seu encargo e ele protegeria a ambos, ela e o portão em Sátir que havia permanecido como a única barreira entre dois mundos discrepantes.

- Você contrairá matrimônio comigo e me legara o modo humano?

Ela perguntou, exigindo um acordo claro.

- Levar-me-á para suas terras onde o caminho é livre? Tudo nele exceto seu pênis

se rebelava com a idéia.

- Sim, ele disse a ela.

Ela sorriu devagar. Lançando ele, ela lançou seus braços largos na grama para enredar o cabelo que abanou ao redor dela.

- Então entre em mim, marido, ela respirou.

A ponta de seu pênis imergiu mais distante nela, a alargando e estirando o pequeno buraco. Sua prontidão láctea cobriu sua coroa e mexeu todos os nervos que ele possuía.

- Deuses, sim, ele respirou.

- Eu sei, ela sussurrou. - Eu sei que você precisa de mim, meu bem. E eu sou sua.

Ele recuou e empurrou adiante novamente. E novamente, em uma dança erótica que arreliou sua entrada mais larga e o hospedou mais ainda dentro de seu corpo. Ele abaixou sua cabeça para ela aninhando o cabelo junto seu rosto.

- Simmm.

O leve sussurro começou a se elevar ficando mais alto e mais harmonioso, tornando uma vibrante zumba.

- Foda-me, foda-me! Ela cantava.

Com um empurrão vigoroso de seus quadris, ele a penetrou, empurrando duro e fundo. Embainhou dentro do recentemente formado e gelatinoso caroço da mulher com quem ele casaria, ele estremeceu, recordando outra razão que ele sempre se abstinha de foder com Nereidas. Sibela estava fria tanto dentro como fora.

- Bem-vindo a casa, ela pulou em sua orelha. - Eu fui escolhida para você.

Achando uma perda de tempo procurar uma resposta convincentemente ardente, ele a beijou ao invés. E para compensar sua falta de afeto, ele então prosseguiu bramando com toda a habilidade considerável que adquiriu durante a última década. Prendendo sua atenção nos suaves e pesados círculos de suas nádegas, ele direcionou o ato, entrando e saindo dela, puxando longe, se divertindo ao sentir seus músculos internos chupando seu pênis. Ele estava em casa novamente, começando a se perder no ato animal.

Whap!!!

O rabo dela varreu para cima esbofeteando seu traseiro, e as caldas de sua barbatana perfuraram sua pele.

- Deuses!

Lyon empurrou na dor e trocou sua perna colocando o peso em seu rabo. Empurrando os dedos e apertando seus cabelos, ele falou com o nariz no seu.

- Existe algo sobre mim que você querará lembrar. Áspero, eu gosto. No princípio e fim de cada oração, ele a avisou em estrondos enfáticos. - Violento, eu não faço.

Seu canal ondulou, apertando ele de modo tão persuasivo em direção ao orgasmo, mas deixando-o saber que ela tinha intenção de ser a pessoa que decidiria quando ele

atingiria o cume.

Um gemido rouco, carnal lhe escapou, e ela conscientemente sorriu.

- Você acabara se acostumando a meus modos com o tempo, ela lhe disse.

Uma parte dele se divertiu com sua grosseria franca. Mas algo nele almejava variedade, e ela sempre exigiria que seu ato sexual fosse violento. As Nereidas consideravam dor e agressão uma parte inalienável do ato sexual. Para elas, todo o acasalamento era um teste de mérito para o seu companheiro. Não era culpa dela, ele lembrou a si mesmo. Ela era quem era.

Então ele a fodeu, áspero e agressivo, cruelmente tomando o que ele precisava e dando-lhe o que ela procurava. Ela lambeu a coluna forte de seu pescoço e então o beliscou lá e ele a deixou fazer. Seus pedaços de colares em seu tórax e suas garras agarrando suas costas abaixo de suas roupas rasgadas enquanto ela pedia em suas orelhas com apelos crus.

- Foda-me! Isso Carneiro! Dê-me isto!

Mais para salvar sua própria pele do que para qualquer outra coisa, ele torceu seus pulsos acima de sua cabeça e segurou-os com uma mão. Meio se afastando para trás, ele deu a ela o que ela implorava, enviando ondas de choque por seu corpo com cada martelada vigorosa de seus quadris. Ele grunhiu como um animal com a força de cada arado que apertava suas bolas contra ela. O restolho em sua mandíbula a esfolou a garganta e sua boca a contundiu, mas ela só pedia mais.

- Sim! Ela gritava, “Siiim,” repetidas vezes em suas orelhas e ele perguntou-se se acabaria surdo.

Seu carão estava frígido, molhado, guerreado, e ela começou a zumbir uma suave canção profunda da sirena em seu tórax, indicando que ela exaltava em prazer.

Suas bolas apertadas em resposta, pressagiando o monumental jorro de sêmen que frequentemente vinha com a foda com uma criatura com sangue de ElseWorld.

Ainda assim o tempo todo, ele permaneceu alerta para o ambiente.

Separadamente das ações de seu corpo, ele localizou onde estavam todos os humanos dentro de cem pés e usou seus sentidos agudos para filtrar o ar para sons ou sinais de perigo.

Acima dele, a Pont Neuf ainda fervilhava com a atividade e a multidão entusiástica que batida através da ponte como rebanho de gado. O odor picante de fumaça disse a ele que o lampiste estava iluminando as luminárias ao longo da ponte. Algumas das castanhas do carro do vendedor queimaram, uma garrafa de cerveja acabava de ser quebrada aos pés do Rei Henri, e outro homem acabara de derramar seu gozo dentro da mulher humana de olhos marrons que Lyon tinha abandonado mais cedo.

Então, sem aviso prévio, algo pouco conhecido e apelativo o alcançou. Era uma fragrância nova, muito diferente de qualquer coisa que ele já experimentara. Montando no ar, invadiu seus pulmões, sua mente. E buscou deixar sua marca em outros órgãos

nenhuma fêmea havia ainda tocado em seu coração e muito menos em sua alma.

Sua cabeça empurrou de volta para Sibela. Suas sobrancelhas se enrugaram em concentração quando ele scrutinou seu rosto. Ela estava olhando fixamente além dele, em direção a algo acima dele na ponte.

- Seu odor, ele ofegou, nunca quebrando o ritmo em seu canal. Seus olhos sacudiram culpavelmente para seus.

- Ignore-a, ela persuadiu, e ele ouviu o medo em sua voz.

- Ela não significa nada para nós.

Ela torceu seus pulsos fora de sua alça a fim de puxá-lo para ela e beijou sua garganta com farto desespero.

- Ignore quem?

E então, impossivelmente apesar dos apelos de Sibela e apesar do estrondo na ponte uma única palavra o alcançou. Uma única palavra feita de duas sílabas doces, caída de lábios femininos. Uma palavra que para ele não significava nada. Mas que caiu em suas orelhas como o choque sutil de uma folha delicada movendo-se em uma lagoa quieta em um dia do outono quieto.

Era uma expressão vocal simples, quieta. Ainda uma que desafogou o assolamento em seus sentidos. Ele se sentiu perdendo o controle. Sentindo um arranque em seu intestino. Sentiu que estava indo violentamente em direção a mais feroz ejaculação de sua vida. Seu pênis inchou e endureceu como pedra, tão inflexível quanto os suportes da ponte. Seus dentes trancados e todos os músculos de seu corpo ocupado.

Um profundo êxtase estremecido acima dele, então ele atirou o gozo mais duro que ele jamais teve. Sêmen inundou dele, espesso e quente e sem fim.

- Deuses! Deuses!

Ele ofegou, apenas registrando o fato que sua companheira estava vindo também. Era como se ele estivesse experimentando seu orgasmo com alguém diferente da mulher debaixo dele.

Encurvando suas costas ele olhou para cima, em direção ao lugar na ponte de onde o som e odor inesperados emanaram.

Acima dele, uma forma obscura assistia ao longo do corrimão da ponte. Ele teve só um vislumbre rápido e pálido, de uma bochecha do rosto feminino dentro de um capuz carmesim, antes de patinar longe da vista.

CAPÍTULO 02

Uma brisa encaracolada que flutuava fora do Rio Seine, levou o calor das bochechas de Mademoiselle Juliette Rabelais e soltou as mechas de seu amendoado cabelo louro quando ela parou na entrada para a Pont Neuf. Ao lado dela, a jovem Fleur continuou um comentário corrente sobre tudo e todos que elas haviam encontrado por todo o dia.

Juliette raramente vinha para este lado do rio, mas a Racha Droit O banco certo era o local de Corredores de Les, a esfera comercial popularmente conhecida como o estômago de Paris. Haveria um entretenimento no salão de sua casa hoje à noite, então ela saía para fazer compras e reabastecer seus estoques de culinária. Ervas e outros ingredientes de arte culinária

Ela já havia terminado as compras que agora estavam empacotadas nas cestas que ela e Fleur levavam.

Mas muito mais preciosos que os comestíveis eram os objetos que a folha de jornal enrolava e dobrava firmemente em sua cesta entre os figos, cebolinhas, hortelã, canela, sábio e noz-moscada. Ela havia pagado madame Elbe, a herbária, uma pequena fortuna para roubar e lhe entregar hoje e ela tinha sido muito cuidadosa para que Fleur não visse. A excitação assobiava dentro dela desde que esquadrinhou o jornal e viu seu nome. E isto era familiar para ela também.

- Allez, Fleur, ela disse, acenando para sua companheira mais jovem adiante e indicando que ela devia cruzar a ponte sozinha. - Continue e diga a eles que eu estou chegando.

- Claro mademoiselle. Mas você tem certeza? Fleur tocou seu coração por lhe prestar preocupação.

Com qualquer outro, Juliette poderia ter estado envergonhada em admitir seus próprios medos, mas Fleur era muito bondosa para julgá-la. Ela sentiu um amontoar de afeto para a menina e movimentou a cabeça.

- Oui. Vá e fique pronta para hoje à noite.

Fleur girou, foi para cima e para baixo com uma medida, e passado. Juliette assistiu seu boné até que a multidão no Pont Neuf o fizesse desaparecer.

Ela normalmente cuidava de não se associar com as outras meninas, por experiências anteriores havia aprendido que ficando sozinha não sentiria a tristeza de suas partidas ou de suas demissões. Mas Fleur era alegre e genuína e era difícil não gostar dela. Ela temia que fossem apenas amigas rápidas.

Seus olhos localizaram a moradia aparecendo numa fila não alinhada de residências ao longo da River Gauche, a margem esquerda do rio na periferia mais distante da ponte.

Era o bairro menos elegante, Mas Monsieur Valmont e suas atividades não teriam

sido bem-vindo no bairro mais desejável neste lado o rio. Embora a casa parecesse agradável o suficiente com seu gesso cinza, porta vermelha, e os trilhos de ferro forjado, não aliviavam a repulsão que crescia com o pensamento de retornar para lá.

Um jongleur embreando um sortimento de bolas brilhantemente coloridas, clubes, e anéis passava ao seu caminho para a ponte e tiravam seus chapéus, dando-lhe um olhar longo e significativo. Acostumada com tais olhares laterais dos homens, ela o ignorou. Um grupo de senhoras finamente vestidas puxavam suas saias de seu caminho e sussurravam como eles, também, passaram. Ela as ignorou também. Depois do último ano desde que ela retornara a Paris com M. Valmont, ela e as outras meninas ficaram infames neste bairro, objetos de curiosidades para alguns, e de desprezo e suspeita para outros.

Ela viu a porta vermelha abrir e fechar na fila de forro das casas do Quai di Conti, indicando que Fleur havia chegado em segurança.

Devia ter sido um assunto simples para ela atravessar a Ponte também.

Devia ter sido. Mas não era. Entretanto ela soube que apesar de a ponte ter mais de noventa e dois pés de largura e novecentos pés de comprimento, sustentada por doze arcos, cruzá-la seria tão perigoso como se estivesse atravessando o rio em uma corda bamba.

- Mova-se. Você tem que ir, ela se arreliou com uma respiração. Ela havia demorado muito ali.

Determinada ela concentrou seus olhos na estátua do Rei Henri que permanecia no centro da ponte. Alcançar a estatua significava que ela estava a meio caminho de casa.

Ela ajustou a cesta com mais firmeza ao seu braço. Endireitando sua espinha, ela avançou hesitante, um passo e então outro. E então ela estava na ponte.

- Uno... deux, trois... quinze, ocupe... ela começou a contar com uma voz silenciosa, ela combateu seus medos irracionais repassando o menu da festa a noite por sua mente.

.... Ela devia adicionar os figos para os bolos novamente? Valmont não tinha gostado deles assim, mas Fleur e Gina gostaram. Sim, ela os adicionaria... e ela devia lembrar a Madame Gris de deixar o molho de pêra esfriar antes de mergulhar as trufas, que deviam ser verificados para que não se estragassem e o fromage também...

Com cuidado meticuloso, ela fixou seu olhar em Henri, não olhando para nenhuma parte em ambas as direções onde as águas do Seine rodavam. Mesmo não sendo aficionada pela natureza em geral, ela estava particularmente apavorada pela água. Era um medo que veio a três anos atrás aos seus dezesseis anos e somente havia crescido e piorado nos anos passados.

Infelizmente para ela, a Pont Neuf era uma anomalia sem nada construído em suas laterais.

Era a única ponte em todas Paris onde não existia nada que obscurecesse a visão do rio exceto uma coleção de vendedores ambulantes que se instalavam provisoriamente aqui e lá vendendo tudo de lençóis a tabaco.

Um florista empurrando um carro de flores coloridas, um chefe de cozinha de pâtisserie, e um groomer des chiens, que todos tinham estado nitidamente dobrados nos Bastiões meio redondos ao longo das grades da ponte de dia, estavam agora indo-se com a chegada do anoitecer. Artistas, jongleurs, acrobatas, comedores de fogo, e malandros de mão leve rapidamente os substituíam, e o ar estava enchendo com o frio da noite e o cheiro de castanhas assadas e frescas.

Uma espécie de festival impremeditado parecia estar se colocando em andamento, fazendo sua jornada para casa mais arriscada que o habitual. De fato, a ponte estava inchando com uma revolta de humanidade hoje à noite, ela percebeu. Por que, ela não sabia.

Um alegre farandole começou e dançarinos formaram uma cadeia interligada, alguns juntando as mãos e outros segurando lenços estirados entre eles. A sinuosa linha serpenteava pela multidão, aumentando em comprimento quando mais participantes eram atraídos. Ela puxou o capuz e sua manta vermelha tentando evita-los enquanto eles tentavam se aproximar.

- Estranho ter algo acontecendo aqui hoje à noite, ela murmurou.

Distraidamente, ela reagrupou a cesta pesada para pendurar em seu outro braço, o conhecimento de que seu segredo estava firmemente guardado junto a ela.

Ela levou a mão livre ao bolso de sua saia achando os flocos de mingau de aveia e a crosta de pão lá com suas pontas dos dedos.

Ambos eram amuletos para repelir magia ruim. Era o que sua mãe adotiva dizia. Madame Fouché era supersticiosa e inculcou o conhecimento de tais charmes em Juliette e agora ela nunca partia de casa sem um talismã de um algum tipo.

De repente, o carro do castanheiro cortou entre ela e sua meta, forçando-a mudar de direção para contorná-lo e acabando por esbarrar em uma senhora levando um poodle.

- Excusez-moi, madame!

Ela saltou atrás dela não se preocupando em parar. Ela precisava avançar. Ela precisava ficar enfocada. Se ela desse importância por ter saído do caminho ela se aborreceria. Afastando a atenção para longe do júbilo ao redor dela, ela colou seus olhos na estátua.

- Quase lá, quase lá, ela cantou. Sua respiração veio em bolos folhados e rasos, rápidos, visível no crepúsculo cru do outono.

Alguém a empurrou, colocando-a fora de curso e em direção ao corrimão ocidental. Mais empurrões mais duros dessa vez derrubando-a de joelhos. Sua cesta bateu no chão, derramando metade do conteúdo. Em Jejum como as línguas das rãs, dois conjuntos de mãos dispararam e raíram pelos objetos derramados, pegando artigos ao acaso e deixando os outros para serem pisoteados.

O cheiro familiar, pungente de licor de uva misturado com algo sobrenatural a

alcançou e ela ofegou. Um olhar rápido para trás lhe disse que era exatamente o que ela temia. Há poucos passos estavam dois ³imps, com orelhas e sorrisos apontados muito largos para um ser humano e peles que emitiam um brilho mosqueado sem atrativo de violeta.

Eram eles. As “*crianças brilhantes*. ” Esse era o apelido que ela havia dado a estas criaturas quando era uma menina, mas ela não viu qualquer um deles por três anos. Ela começou a pensar e a esperar que eles só fossem invenções de sua jovem imaginação. Nem ai para os talismãs em seu bolso. Eles guerrearam fora de nada.

Encantados com eles mesmos, os arruaceiros deram uma risadinha e lançaram os objetos que eles surrupiaram entre um ao outro, achando isso um jogo alegre. Um de seus novos brinquedos era longo e esbelto um tubo amarrado com uma tira. A folha de jornal que ela pagou para roubarem agora tinha sido roubado dela!

- Arrêtez! Ela ergueu suas saias e correu para pega-lo.

Atrás cabeças giraram, mas ninguém se aborreceu a ajudar. Ela não esperava ajuda deles. Ninguém jamais viu estes seres, exceto ela.

Sorrindo, o dois imps estavam fugindo com o ganho de suas mãos maliciosas.

Não tendo nenhuma idéia do que faziam. Desprezando os comestíveis que ficaram para trás em sua cesta, Juliette se pos de pé e deu inicio a perseguição. Sua luz antinatural chamejava adiante sempre que a multidão trocava de posição. Mas toda vez que ela os perdia de visão, ela temia que fosse para sempre.

- Espere! Devolve-me isto! Eu darei a vocês qualquer outra coisa de minha cesta! Ela prometeu, pulando quando eles ouviriam. - Pêras!

Não! Eles não gostavam de comida. *Com o que ela costumava suborna-los? Pense! Pense! Ah, sim! Coisas brilhantes. Alfinetes. Ágatas polidas.*

Claro que ela não tinha nada disso com ela agora que eles atingiam o cume da ponte as criaturas espigadas estavam caindo fora.

- Voltem!

A cacofonia dos dançarinos, músicos, e ociosos junto a ponte, a afogavam e as centenas de farristas a estavam levando junto a eles para longe.

Ela se achou jogada na outra extremidade da ponte na River Droit, direito para o lugar de onde ela havia começado a cruzar a ponte, frustrada ela girava em círculos fazendo suas saias rodarem. Ela os perdeu e seu tubo com o estimado pergaminho junto com eles!

Desse jeito, não daria tempo de adicionar os bens da cesta hoje à noite para o menu. As delicadezas culinárias que ela já havia preparado teriam que bastar.

³ Um **imp** é um ser mitológico semelhante a uma fada ou demônio , freqüentemente descrito no folclore e superstição . A palavra talvez derive da *ympe* termo usado para designar uma árvore jovem enxertada.

Imps são considerados "fadas caídas" e são freqüentemente descritos como mais pernicioso do que ameaçar seriamente, e como seres inferiores, e não mais importante seres sobrenaturais. Os atendentes do diabo são, por vezes descrito como imps. Eles são geralmente descritos como alegres e de ter baixa estatura.

No seu estado estava ficando difícil de tomar uma decisão coerente. Ela deixou de se concentrar ao ar livre, uma coisa perigosa para deixar acontecer.

Frenética, ela retornou para a peleja, determinada a procurar pelo comprimento da Pont Neuf. A linha de dançarinos cresceu em uma turba e se inclinavam em sua direção, quase a espremendo. A ponte parecia saltar debaixo do trovejante bater de passos tumultuados. *Podia digerir tal abuso? Iria cair e faze-la tombar no rio?* Um medo atordoante a inundou.

Ela tentou enfocar; para não deixar que a multidão a arrastasse. Alguém lhe esbarrou e a cesta caiu de seus dedos, quando ela era pastoreada para um dos semicírculos dos bastiões que se projetavam do lado externo a noroeste da ponte. Curvada acima do corrimão e apertada pela onda da multidão, ela quase foi lançada acima dele no jardim vinte pés abaixo. Seus chinelos deixaram o chão e seus pés oscilaram no ar.

Lançando um ultimo esforço para voltar a se endireitar, seu olhar foi atraído pela vista do rio avermelhado que se estendia ate onde seus olhos podiam alcançar. O Seine. O pôr-do-sol o girava em um golpe escarlate sinuoso e atordoante. Como uma veia imensa e aberta, ele pulsava suas águas sanguíneas, cortando o coração de Paris.

- Não! Ela lamentou.

Se refazendo, ela tentou recuperar seu equilíbrio, Só para ser empurrada para frente novamente e com mais vigor fazendo com que a grade apartasse a respiração de seus pulmões e contundindo suas costelas.

Evitando olha o rio, ela perscrutou diretamente o lado descendente, no Parc Vert comparado ao Galã plácido. Um conhecimento superficial dos pares pontilhados de suas passarelas e bancos, abraçando e formando sombras clandestinas debaixo do guarda-chuva de folhagem giravam da estação ocre e cereja. Ela não conseguiu avistar em parte alguma os aborrecidos ladrões que tomaram suas coisas.

Algo partindo do chão logo abaixo, exigiu seu olhar.

Uma aparição, que desvanecia dentro e fora de sua visão. Era como uma miragem erótica, que a princípio apareceu só como uma série de ondeantes curvas e elencos de vales em alto-relevo.

Estreitando seus olhos, ela tentou enfocar seu olhar. Com rudeza chocante, a miragem se solidificou. Ela arquejou então, incapaz de acreditar no que ela estava vendo.

Diretamente abaixo no parque, era um cavalheiro. Um que era seguramente tão bonito e quase tão desnudo quanto qualquer estátua da coleção real que ela viu no Louvre. Ele estava deitando na grama, seu traseiro e cabelo pintaram um brilhante ouro vermelho pela escova do pôr-do-sol.

Os músculos de seus ombros eram pedras esculpidas, seus braços fortes puxavam, e seu peso descansava nas mãos onde sua sombra escurecia a grama. Uma faixa de luz colorida a esmo bifurcava seu torso se libertando na cintura. Era sua camisa, ela

percebeu que tinha sido lançada para fora de seus ombros e se segurava em seus cotovelos. A calça comprida caía abaixo dos macios e lustrosos quadris estreitos, trancando as inchações superiores das nádegas que se moviam em um ritmo poderoso.

Ela assistiu as mãos delicadas deslizando para a mulher debaixo dele, pelos braços da amante e ao redor de suas costelas para golpear a curva côncava de seus globos traseiros. Seu corpo era volumoso, obscurecendo completamente a outra parte dela com exceção de seu cabelo longo estendido na grama verde ervilha escura que armava seu cabelo como um leque.

Por alguns breves momentos, ele angulou sua cabeça de tal modo que sua bochecha pálida apareceu por baixo dele. Então sua cabeça moveu novamente e ela desapareceu de vista.

Juliette tinha os olhos arredondados. *Podiam eles realmente estar fazendo o que parecia que eles estavam fazendo? Aí mesmo ao ar livre? E nesse caso, por que ninguém fazia caso?* Ela olhou através do parque e por todos que ainda a empurravam na ponte. E uma apavorante realidade a atingiu.

Ninguém objetava por que... ninguém a não ser ela podia vê-los!

Da mesma maneira que ninguém viu as crianças brilhantes que roubaram sua página, e cuja vinda havia precedido esta outra estranha visão. Os acidentes acontecimentos sobrenaturais sempre aconteciam após suas aparições intermitentes em sua vida.

Petrificada, ela podia só olhar fixamente para os corpos que copulavam no parque. E sem dúvida era isso que o par estava fazendo.

Fornicando, aí mesmo ao ar livre tão notoriamente quanto dois animais selvagens.

O homem se movia sensualmente em sua companheira, moendo e girando seus quadris. Com o ardor de uma salaz sinfonia, o golpear de sua espinha curvada se curvando como músculos juntos em maço e afrouxamento.

Com os dentes apertados de Juliette no próprio lábio ela pos uma mão no arranhar irregular da base de sua garganta. *Como se sentiria se fosse o objeto de toda aquela energia masculina, força bruta e desejo? Para ser coberta e dominada por um homem apanhado por seus instintos luxuriosos e com o gosto e atenção dele para ambientes diferentes? Como seria se sentir querida com desespero?* Ela só podia imaginar.

Certa vez, ela ansiou por tais coisas, mas ela havia sido castigada quando buscou algo semelhante. Ou pelo menos aqueles a quem amou haviam sido.

E indubitavelmente existiriam repercussões se ela voltasse a agir em nome de seus impulsos básicos.

Ela devia desviar o olhar. Ela devia...

Mas ela não fez. Ao invés, ela assistiu como que hipnotizada, e um ansiar inesperado, proibido varreu sua pele gelada com uma brisa do verão infundido como algum afrodisíaco exótico.

As dobras revoltas de seu canal interno pulsavam suavemente, insinuando o que aquele homem podia fornecer para ela.

Ela devia desviar olhar. Ela devia...

Ao invés, ela deixou o desejo a inundar, apreciando sua desconhecida excitação. Suas mãos enluvadas empunhavam a grade. Em baixo de camadas de capote, justilho, e chemise, seus mamilos apertados. E debaixo de suas anáguas, mais acima no seu lugar mais secreto, ela era um buraco vazio e dolorido para ser cheio.

Com cada punhalada poderosa, as bochechas das nádegas do homem se contraíam. Os músculos bem definidos de suas costas, ombros, e braços dobrados e relaxados em harmoniosa fluidez. Como ela assistiu seus quadris erguidos ligeiramente e sua mão deslizada entre seu corpo e o corpo debaixo dele.

Ela devia desviar o olhar. Ela devia.... Ainda assim ela não fez.

E lentamente, muito lentamente, um toque veio para ela. Tão suave como um sussurro, acariciou e a confortou tão ternamente que ela dificilmente notou isso como algo separadamente de seu próprio corpo a princípio. Era como se uma mão morna e sabedora trabalha-se no alto de suas pernas suavemente as mãos em xícaras se oferecendo para curar a leve dor de sua necessidade. A princípio ela ignorou a sensação, achando que era só sua imaginação incerta.

Quando o toque ficou mais tangível e masculino ela se retorceu e chutou para fora, pensando que alguém na multidão estava abusando dela. Girando a cabeça por suas laterais, ela pode ver que ninguém perto parecia estar prestando-lhe atenção particular.

Seus chinelos agora descansavam no chão sólido novamente, mas ela permanecia bloqueada para a ferrovia, imprensada pela humanidade atrás dela na ponte.

A mão furtiva moldava sua carne desprotegida, a palma se aplainava contra sua abertura feminina a borda da palma da mão firme contra seu montículo púbico. Ainda presa na grade, ela permaneceu com os olhos arregalados e perfeitamente imóveis. Apavorada e excitada ao mesmo tempo.

Suavemente, a mão a apalpou uma vez, duas vezes enviando ondas de calor por seu núcleo. Sua palma serrada em seu clitóris à medida que puxou adiante em direção a sua barriga, em seguida voltando até que seu dedo médio escorregou apenas ao longo de sua fenda traseira, chocando-a mais ainda do que tudo o que aconteceu antes.

Preguiçosamente, ele balançou para trás e para frente e para trás e para frente... De volta... E... Por diante.

Justamente quando ela pensou que poderia ser levada à loucura pela estimulação, ela parou e as mãos dobradas sobre si mesmo. Seus dedos roçaram suas pregas íntimas assemelhando-se com um punho.

No mesmo instante, os quadris do homem afastaram-se de sua parceira.

Ela engoliu em seco quando o punho alinhou-se com sua fenda, as juntas pressionando, em cima daquela vulnerável entrada de seu canal.

O homem no parque! De alguma forma, ela se conectou a ele. E ao que ele estava fazendo com a outra mulher.

Algo semelhante a essa transferência aconteceu em outra ocasião quando ela era uma criança, mas certamente nada tão visceral como isso!

Seus dedos escavados nos trilhos, desgastando as pontas de suas luvas. Ela mal ousava respirar quando os dedos intrusos insistentemente invadiram seu portão, atraindo-a com sua promessa erótica. No fundo, o seu núcleo começou a derreter por ele, seu clitóris se revestindo com uma esperteza natural feminina significativa para facilitar seu caminho.

A multidão tinha saído de seu redor o suficiente para permitir um espaço para respirar, mas mal se percebeu porque não havia nenhuma pergunta de partida agora. O corpo dela estava chorando por isso.

Os músculos das costas do homem e nádegas ondulando com o esforço de contenção quando ele lentamente flexionou os quadris para frente...

Com um suspiro úmido, os lábios Inferiores de Juliette sucumbiram, se dividindo para ele. Seus olhos fechados vibraram e Juliette puxou os lábios para dentro sobre os dentes para não gritar enquanto ela sentiu-se ceder à pressão masculina. Seus braços doíam de tensão e os grãos do trilho de pedra roçavam a pele macia de seus pulsos onde a manga e as luvas tinham deslizado distante. Como se queimou.

E ainda o punho quente pressionou, languidamente enroscando-se nela. Enrolando de necessidade torcida e construída, mais e mais até que a carne interior escondida em seu canal chorou por falta de elementos de seu calor duro. A sensação de que o canal ficava cada vez mais profundo foi inteiramente nova. E perversamente deliciosa. Então era isso que se sentia ao ter o membro de um homem vindo dentro do corpo.

Neste momento, ela não se preocupava com nada, apenas que queria mais do mesmo. Morreria se não conseguisse.

Como se reagisse à sua necessidade, o homem empurrou na mulher, tão forte que ela foi empurrada vários centímetros na grama. Sulcos se formavam nos lados de suas nádegas quando os músculos o dirigiram mais fundo.

O calor lanceou Juliette no mesmo momento em que ele cavava ainda mais em seu interior, mais até do que ela teria imaginado que seu corpo pudesse aceitar. Batendo no portão de seu útero. O impacto dele ergueu-lhe os dedos. Ela cobriu a boca, prendendo um grito em sua palma.

No parque, abaixo, as musculosas pernas elegantemente esculpidas como as de um garanhão relaxavam... Depois contraíam... relaxavam... contraíam.

Novamente e novamente e novamente. Ela tornou-se sua boneca, dançando ao som de sua rítmica batida. Não foi apenas sua imaginação. Seu corpo foi fisicamente aberto e rendido quando ele empinava para frente e a perseguir quando ele cedia. À mercê da sensação, não tinha outro desejo senão ir para onde ele a levava.

Suas coxas tremiam. Os tecidos de seu núcleo estavam molhados, inchados, e

invadida por um homem que fodia outra mulher no parque. Ela quase podia sentir seu sexo masculino almíscar e sentir seu hálito fresco em seu rosto.

Em algum lugar atrás dela, a cadeia de dançarinos tinha dobrado sobre si mesmos, percorrendo o seu caminho para agitar a multidão novamente. À sua direita, um homem de negócios contava uma história envolvendo bois, e seus companheiros estavam buzinando de tanto rir. À sua esquerda, um trompetista foi afinando e duas senhoras estavam engajadas em uma discussão sobre um senhor que tanto admiravam.

No entanto, tudo o que ela ouvia era o som do quente acoplamento dos sopros do homem de veludo e grunhidos duros e gemidos da mulher e suas demandas. Suas palavras, as palavras serviam apenas para os ouvidos da mulher que ele acariciava asperamente e de forma carnal. Palavras que nenhum homem jamais falaria com uma senhora. Palavras feitas para exortá-los tanto para a liberação. Elas faziam cócegas na orelha de Juliette e enviava-lhe desesperadamente para chegar... a alguma coisa.

A sensação se recolhia dentro dela mais rapidamente do que ela imaginava que poderia como o aperto de um parafuso que enviava uma onda de calor através dela cada vez que o ouvia. Era ao mesmo tempo dolorosa e excitante e ela tanto temia quanto queria o que ele prometia. As outras meninas da casa de Valmont tinham lhe descrito isso, esta suspensão em um precipício de êxtase. Mas, até agora, ela nunca havia compreendido realmente.

Cada gota de sangue em seu ser parecia diminuir, enquanto ela esperava que esse algo terminasse. Uma única lágrima caiu, escorrendo por seu rosto. Seus dedos brancos continuavam cerrados entre os seios, apertando a lã escarlata do seu manto quando se dobrou na grade, o corpo todo travado, apertado. Um sopro da distância de seu primeiro orgasmo. Então um rouco, grito angustiado dividiu o ar, e o homem no parque chegou ao clímax. E o simultâneo lamento feminino de sua parceira ecoou nele.

- Oh, Deuses!

A onda quebrou de forma abrupta e ávida por dentro e Juliette sentiu seu sangue lentamente voltando através de seu sistema. Arremessado por cada veia e artéria, tudo correu em direção a um objetivo tempestuoso. A junção entre as pernas, o botão rosa brilhante, escondido de sua feminilidade inchou e culminou num grito silencioso, apaixonado.

Com um grito abafado, ela veio! Em circulantes, espasmos violentos que tropeçavam e batiam um em cima do outro, mal lhe deixando respirar. Seus lábios inferiores engoliram em seco e suspiraram sufocados em um ritmo de êxtase cremoso. Sua mão penetrou embaixo e ela mesma colocou a mão em concha através de seu vestido, tentando agarrar o arrebatamento dele, e esperando que ninguém visse.

Isso! Isso era o que ela desejava.

Esqueceu-se das razões pela quais ela negou-se a isso por tanto tempo. Esqueceu-se da culpa e da dor da perda que a levaram por um caminho do celibato pelos últimos três anos.

A pressão da multidão atrás dela diminuiu de forma intermitente, mas ela foi incapaz de aproveitar qualquer folga. Ela estava congelada no lugar, incapaz de escapar, a parte interna das coxas soldadas umas às outras, quando teve seu gozo furioso.

Abaixo o rosto da mulher permaneceu oculto e anônimo, mas agora o homem havia se deslocado de forma que suas pernas tinham ficado visíveis entre as dele. Havia algo antinatural com o corpo da mulher, Juliette percebeu. Não acreditando, viu suas pernas curvadas ascendentemente entre elas de uma maneira estranha que se dobravam na direção oposta a que os joelhos, normalmente iam.

Suas pernas estavam unidas! E terminavam em uma cauda cujas delgadas barbatanas tinham se enrolado em torno da panturrilha do homem!

Não! Não olhe! Ela apertou os olhos fechados, temendo o que poderia acontecer se ela permitisse que sua imaginação a alcançasse.

Mas era tarde demais. Horrorizada, Juliette bateu as mãos nas coxas, segurando os músculos através de sua longa saia. A carne, entre elas, da virilha até o joelho, começou a formigar e suavizar. Para remodelar. Uma parte tinha começado a beijar a outra, outras se juntavam à imitação da criatura deitada sob aquele homem. Pressionando as palmas das mãos juntas em posição de oração, ela as apertou, e por sua ação o tecido da sua saia também, entre as coxas. Ela cavou mexeu e beliscou. Mas, apesar de seus esforços, a costura interna girava gelatinosa.

Estava ocorrendo a fusão. Suas pernas amassadas, recusando-se a apoiá-la. Rapidamente, ela enganchou os braços ao redor da via férrea, agarrando-a para a vida querida.

Ela estava se transformando! Fazia três anos que nada tinha acontecido! Ela assumiu que tinha superado a capacidade. A maldição, como sua mãe adotiva haveria chamado.

Oh, por que ela se aventurou a sair hoje? Por que ela ficou fora até tão tarde? Por que ela se deixou ficar observando este casal por tanto tempo?

O homem no parque mudou novamente, de repente, revelando o rosto da mulher que estava com ele. Um par de olhos femininos com a forma e cor verde-mar exatamente como de seus próprios olhos a encontraram. As mãos da mulher se congelaram no declive côncavo das costas de seu amante como seus olhares chocados e embaraçados queriam e temiam o que prometiam.

O reconhecimento deslizou um pingente de gelo abaixo da espinha de Juliette. Sua garganta funcionou. Então uma única palavra escapou.

- Elise?

Seu sussurro foi quase silencioso, um que nenhum ser humano poderia ter ouvido no meio do tumulto na ponte. Mas, mesmo quando as sílabas ainda pairavam em seus lábios, o gigante masculino estremeceu sob seu impacto. Subindo em seus braços, suas costas arqueadas ele virou o rosto para cima.

Em sua sombra a mulher ainda continuava a considerá-la em desânimo. Mas

Juliette viu apenas o homem agora.

Banhado ao luar, ele era um deus pagão muito bonito. Olhos âmbar brilhantes como jóias que poderiam ter adornado a coroa de Crespo foram definidos em uma face iluminada pelo fraco brilho branco-azulado da pele da mulher que estava com ele. Seu queixo quadrado parecia que havia sido esculpido, seu nariz aquilino, e sua garganta estava grossa e forte com o pomo de Adão distinto. Emoldurando o rosto, seu cabelo era um halo, despenteado e dourado, banhado pelo luar e úmido pelo esforço do sexo duro que tinha se dado.

Seu olhar se estreitou em Juliette, como se estivesse tentando descobrir suas características. Ofegante, ela recuou um passo e bateu a traseira de sua cabeça no ombro de alguém.

Uma vez que o contato visual foi quebrado, ela foi rapidamente liberada dos feitiços estranhos e seu corpo começou a tentar se endireitar. Inundada com tonturas e sentindo como uma boneca de pano bem-amada, ela curvou a cabeça para apoiá-la sobre seu antebraço ao longo da via férrea. Ela tomou grandes goles de ar, enchendo seus pulmões tentando recuperar um sentido de normalidade. Para os últimos momentos, ela quase havia se esquecido de respirar. Não admira que ela tenha se sentido tonta. E provavelmente alucinada.

- Madame, você está doente? Alguém perguntou de perto.

- O que?

Ela levantou a cabeça para olhar sem expressão na mão do cavalheiro em seu braço, em seguida, seguiu para o rosto de um idoso, suíço.

O homem estava com o olhar preocupado. Voltando a vida, ela tateou na oferta de assistência, apertando-lhe a manga como se sua vida dependesse disso.

- Oui, eu tenho um tornozelo torcido, senhor.

Ela tinha que gritar para ser ouvida acima do barulho.

- Você pode me acompanhar a minha casa do outro lado da ponte?

- Certamente!

Seu salvador dobrou o braço sob o seu, dando-lhe um tapinha reconfortante, então pegou a cesta que ela cutucou com o pé.

Suas pernas tremiam como massa molhada quando ela se afastou das grades e agarrou-o com ambas as mãos. Caminharam lentamente no início, quando ela tentou afastar qualquer transformação adicional. Forçando sua mente para longe da cena que ela acabara de testemunhar, ela tinha certeza que ajudaria se contasse seus passos, por isso ela começou a contar e correu fatos mundanos através de seu cérebro um após o outro tentando manter a memória na baía.

Passaram Henrique e ela informou a seu companheiro de todos os fatos que ela havia aprendido sobre a estátua ao longo do ano passado. Que tinha sido lançada de bronze obtida pela fusão de outras duas efígies do ex-governante da França, Napoleão.

Documentos oficiais que haviam sido segregados dentro da base da estátua. O homem devia achar isso muito estranho, mas ele apenas sorriu e acenou com a cabeça, provavelmente incapaz de capturar todas as palavras de qualquer maneira.

Quando seu equilíbrio voltou, com as pernas se firmando. Elas cresceram robustas e confiáveis quando a levaram a partir da ponte e para a normalidade.

Ela tinha que chegar em casa. Uma vez dentro, as mudanças bizarras reverter-se-iam mais rapidamente. A transformação só era possível manter sob o céu. Que era precisamente por isso que ela preferia gastar a sua vida dentro de casa e não fora. Nada era tão bom do que estar perfeitamente integrados numa câmara construída de tijolo e argamassa encimada por um telhado de ardósia. Agora eles estavam se movendo ao longo do Quai di Conti. Então ela foi até as etapas, agradecendo seu salvador, e ela estava lá dentro. Segura. Ou o mais próximo da segurança ela nunca poderia estar.

- Quem diabos era aquela? Lyon exigia. Seus olhos incrédulos queimados em uma atordoada Sibela.

- O quê? Ela gaguejou. - Eu não sei.

Ele deu-lhe uma leve sacudida.

- Aquela mulher na ponte. Você a reconheceu. Eu vi isso em seu rosto.

Sibela abriu e fechou a boca rapidamente, obviamente, procurando uma resposta convincente.

- Poupe-me de suas mentiras.

Puxou seu pênis de seu canal com a falta de finesse que ele sabia ser terrível, mas o senso de urgência que se apoderou dele era tão grande que ele fez isso de qualquer maneira. Em um movimento ágil, ele estava de pé, com os pés plantados em ambos o lado de seus quadris.

- Vou perguntar-lhe eu mesmo, disse ele, puxando a camisa.

Sibela empertigou-se e ajoelhou-se entre as pernas e apertando coxas, rogando-lhe expressão.

- Ela não significa nada para nós.

Lyon levantou as calças, estremecendo quando ele forçou seu pênis ainda túrgido dentro da calça e deslizou os fechos. Ele acabara de conseguir o orgasmo mais gratificante de sua carreira lasciva, e ainda estava duro e pronto.

Deuses, que noite.

- Fique aqui até eu voltar, ele instruiu severamente a ela.

- Danação!

O punho mirou com raiva para sua virilha, mas foi desviado e só bateu com a coxa quando ele a empurrou de volta no tempo.

- Eu sou a sua escolhida. E não ela!

Inclinou-se e levantou-se em seus pés para olhá-la nos olhos.

- Isso continua a ser visto.

- Bastardo!

Com seu clímax, a sua transformação tinha concluído e ela cambaleou incerta diante dele com seus recém-formados membros. Se ela permanecesse em terra, agora que a mudança estava concluída, todos os sinais de suas origens logo desapareceriam. Suas escamas e luminescência iriam recuar completamente até que ela fosse completamente humana. Ou perto o suficiente para se passar por uma.

Sibela envolveu os braços desesperada sobre seus ombros e ergueu os lábios ate seu ouvido.

- Se você tem que ir... Primeiro me diga isso, ela sussurrou. - Sua semente. Era potente?

Ele arrancou suas garras de seu pescoço e seu corpo firmemente para longe dele, dando-lhe tempo para se acalmar, antes que ele falasse.

- Você sabe que não era. Não podia ser.

Seus olhos se levantaram para procurar o trilho da ponte. Nada o deixava mais ansioso para escapar de uma cena como essa da mulher que se agarrava. Ela tinha o direito de estar zangada. Seu comportamento pós-coito estava sendo para lá de deselegante, mas havia algo de errado aqui.

Ela estava muito determinada a impedi-lo de descobrir quem era a mulher misteriosa na ponte, o que agiu inversamente preenchendo-o com uma determinação intensa, inexplicável para encontrá-la.

- Se esquece que amanhã à noite marca a conclusão da metade brilhante da lua?

Continuou ela, referindo-se às duas semanas do ciclo mensal em que a lua se encerrava.

- Você vai precisar de mim quando a lua cheia vier.

- Fique, Sibela. Vou voltar mais tarde.

Acenou os dedos em sua direção com um gesto que reforçou a magia em torno dela.

- Até então, você vai permanecer indetectável por olhos humanos. Mas quando falarmos na próxima vez, eu vou querer respostas verdadeiras.

- Você ousa falar comigo como se fosse o seu cão? Nos nós acasalamos! Ela gritou.
- Você não pode deixar-me desta maneira. Estamos casados!

Ignorando-a, ele virou-se e galopou através do parque. Ele já tinha perdido muito tempo e não iria se demorar mais para se desenredar das mentiras de Sibela.

Seu pedido para ele não era tão completo como ela poderia ter desejado e ele suspeitava que, ao invés de qualquer sentimento verdadeiro para ele, ela só estava preocupada com sua transformação permanente. Mas até que copulassem sob a lua cheia, qualquer ligação entre eles não era irrevogável.

Ao tomar o caminho mais próximo da escada do Sul para a direção na qual a mulher da ponte tinha ido embora, ele evitava as multidões. Mas quando chegou ao Quai di Conti, o cheiro dela em grande parte já se dissipara. Ele procurou o ar para o caminho em que ela tomara, uma vez que desejava suas habilidades olfativas eram tão afiadas como as de seus irmãos.

Atrás dele, Sibela havia começado seus guinchos novamente. Ele fez uma careta. Baco, por favor, que haja algum engano! Ele estava realmente destinado a ficar ligado a essa mulher a vida inteira?

Uma porta fechou ao longo do quai. Ele se virou em direção ao som e localizou o cheiro de novo. Ele seguiu por uns dez edifícios e chegou próximo da primeira, para uma casa de gessada cinza com uma porta vermelha.

Teria a linda voyeur procurado refugio aqui? O instinto fê-lo tomar as medidas e bater ao batente para a entrada. Se ele estivesse errado, estava a ponto de embarçar a si mesmo.

Quase imediatamente, a porta estava aberta e agarrou uma cúpula grave que apareceu. Quando o seu olhar varreu Lyon, o nariz erguido e os lábios enrolado em um sorriso de escárnio. Ele fez menção de fechar a porta. Lyon bateu palma em cima dela, segurando-a largamente.

- Eu procuro falar com a senhora que acabou de entrar aqui...

Algo além do homem chamou a sua atenção. No interior, a capa de uma mulher tinha sido lançada em cima de um gancho. Era vermelho carmesim.

- O salão Te wee não se inicia até daqui a uma hora. Às nove horas hoje à noite, o homem informou-lhe com um fungado arrogante.

Ele então olhou Lyon de cima a baixo.

- E apenas para convidados.

Um filete de sangue escorreu pelo pescoço de Lyon e ele encolheu-se mentalmente, recordando o seu estado sujo.

Seu pescoço ainda picado pelas garras de Sibela e seus ombros estavam listrados com equimoses que ela lhe infligiu quando eles copularam. Sua camisa cortada em tiras estava aberta e pendurada em seus ombros, e as calças manchadas de grama estavam úmidas com água do mar. Ele provavelmente não era o tipo de cliente que normalmente freqüentava o lugar.

O obstáculo do Homem antes dele recuou para uma maior alavancagem e novamente tentou fechar a porta. A mão enorme de Lyon manteve-se rápida, impedindo-o. Sua outra mão mergulhou em seu bolso da calça e sacou uma variedade de moedas de toscano e notas, que ele depositou dentro colete do mordomo, sem se preocupar em determinar a quantidade de sua oferta.

- Eu acredito que você vai encontrar um convite adequado, informou ele. - Eu vou esperar a autorização quando eu voltar.

O mordomo apalpou o bolso do colete recheado, espreitou para dentro, e então ele favoreceu com um aceno de má vontade.

- Somente se você não vier como está vestido agora. E não traga o seu séqüito.

Lyon se endireitou e olhou por cima do ombro, surpreso ao ver uma variedade de mulheres vadiando por lá, algumas o cobiçando abertamente e outras fazendo a mesma coisa de uma forma mais prudente. Atrás dele, a porta foi fechada com uma batida arrogante.

Ele tomou os passos e caminhou de volta para a pista, suspirando quando seus admiradores se arrastaram atrás dele. Ele estava cansado desta atenção inexplicável dos humanos e ele não tinha tempo para isso. Estava uma bagunça, e ele tinha, mas uma hora para chegar ao seu hotel, limpar-se e vestir-se adequadamente, e se por de retorno.

- Eu não sou quem vocês querem.

Ele murmurou ao grupo em geral. Enviando um raio de luz sobre as mulheres, ele atravessou o quai não esperando para vê-las debandar.

À beira do parque, ele olhou de volta para a casa cinza. A cortina se contorceu em uma janela no andar de cima. Alguém o viu. *Era a mulher da ponte? Essa janela de um sótão provavelmente aberto a ala dos serviços. Ela era uma empregada doméstica ou uma governanta? Era ela a mulher que tinha acabado de dar-lhe o orgasmo mais gostoso e duro de sua vida?* Ele ia descobrir às nove horas desta noite.

CAPÍTULO 03

Alcançando seu dormitório solitário nas vigas na parte da frente da casa que ela muito desprezava Juliette silenciosamente fechou a porta atrás dela. Sem acender uma vela, ela correu para a janela única ao longo da parede e, tomando o cuidado de manter-se oculta, puxou de volta a extremidade da cortina para perscrutar em direção ao quai. Ela suspirou. Lá estava ele! O homem que tinha visto da ponte estava caminhando na calçada da frente, estudando a casa. Agora que ele estava em pé, ela podia ver que ele realmente era um gigante. Desalinhado. Sua camisa estava esfarrapada, desabotoada e úmida de orvalho e suor. E fielmente moldando ombros quase duas vezes mais largos que os seus e um torso musculoso que rivalizava com as estátuas esculpidas no mítico Palácio da Justiça. Os pensamentos sobre aquele lugar enviaram um arrepio ao longo de sua coluna. Sua respiração engatou quando ela o viu desaparecer pelos degraus da frente e ouviu a porta ser aberta para ele. Sua vinda aqui não era por acaso. *Ele a tinha visto sobre a ponte e a tinha seguido. Por quê? O que ele queria? Seria simples curiosidade? Ou, ainda pior, era possível que ele era um dos seus perseguidores e ela inadvertidamente o trouxe aqui?*

Na semi-escuridão, ela tateou ao longo da parede até chegar ao lavatório. Sua mão encontrou o frasco de lá e pela facilidade da prática, ela espirrou em um copo de vinho e apertou uma pequena dose de tintura do frasco dentro dele. Embora ela quisesse mais, ela limitou-se, pois ela iria precisar mais tarde à noite de sua inteligência. Ela engoliu de um só gole e voltou para a janela.

Longos momentos depois, o homem reapareceu abaixo na calçada. Os funcionários rejeitaram a ele! Seu olhar seguiu-o quando ele atravessou o quai e continuou. Suas emoções estavam em um emaranhado tal que ela não tinha certeza se estava feliz com sua partida ou não. Então ele parou inesperadamente na borda do parque e se virou para olhar para a janela.

Girando na bola de um pé, ela caiu para trás contra a parede e colocou uma mão sobre o coração que se acelerou. *Quanto tempo ele permaneceria lá fora?* Não importa, ela disse a si mesma. Ela raramente saía de casa e os vigilantes de Monsieur de Valmont eram ferozes. O estranho poderia ficar olhando a janela pelo próximo ano que ela pouco se importava.

Ridículo. Como se ele quisesse. Ele a afetou muito mais do que ela provavelmente o tenha afetado. Ela estava contente que ele tinha ido, decidiu.

Escorregando pela parede, ela se agachou sobre si mesma, abraçando os joelhos. As gotas já começavam a aquecê-la, entorpecendo os cantos afiados da realidade. Como de costume, eles tinham um outro efeito, faziam-na desejar o que ela não iria não iria procurar. Um toque do homem.

Lembrando ainda do zumbido da profunda sensação dentro de sua fenda feminina. O desejo foi pior do que o habitual.

Por causa dele. *O que aconteceu lá fora? Como era possível que ela, a única mulher da casa que nunca tinha tido um homem entre as pernas, tinha sido violada essa noite?*

Um pensamento horrível a atingiu.

Oh, Deus! E se ele tivesse tomado o primeiro sangue dela?! Ela ainda não tinha considerado essa possibilidade. Estúpida. Estúpida!

Seus joelhos bateram no chão. Ela curvou as costas e puxou a saia para cima colocando uma mão sob as saias. Delicadamente, ela escorregou um dedo entre as pernas, procurando. As dobras lisas de seu sexo estavam escorregadias. Sumos pegajosos e inebriantes revestiam a parte interna das coxas. Ele tinha feito isso com ela, fez o seu corpo chorar por ele. Seu indicador cruzou para dentro, um pouco mais profundo. *Oh, por favor, onde estava?* Então seu dedo suavemente bateu contra o que ela procurava. A membrana delicada. Hímen. Ainda estava lá. Ela caiu em relevo, mais confusa do que nunca. Retirando a mão, ela enxugou na toalha que pendia do seu lavabo. Teve seu eixo, ou algo sobre ele, realmente vindo dentro dela ou não? Se Empurrando do chão, ela ficou a espreitar pela janela novamente. O homem estava longe para ser visto. Ela apertou a testa no vidro frio, buscando a quai mais minuciosamente. Ele tinha ido embora.

Só seria possível descobrir o que ele sabia se tivessem uma conversa cara a cara. Mas essa reunião seria impossível de arranjar, mesmo que ele voltasse de novo. Ela já se imaginava pedindo aos funcionários de Valmont para pergunta-lhe:

“Perdoe-me, monsieur, mas você poderia me dizer a identidade da mulher que estava deitada com você esta noite debaixo da ponte? E também você seria amável, em me dizer se você é capaz de fornecer às mulheres orgasmos sem tocá-las? Mademoiselle Juliette deseja saber”.

Um absurdo!

Olhando para o leste, os olhos localizaram uma construção familiar. Hospício Des Enfants Trouvés O Hospital de Crianças abandonadas. Elevando para o céu as suas torres como grandes espinhos, estimulando-a com lembranças dolorosas. Ela deixou cair a cortina fina fechando para ocultar-lhes e ficou muito quieta, quase com medo de respirar.

- Je ne suis pas folle, ela sussurrou instável. - Eu não sou louca. Eu não sou.

Fazia três anos desde que a maior parte da magia a tinha deixado.

Três anos desde que ela tinha conseguido transforma-se na forma que seu corpo tinha tentado apenas a alguns momentos atrás.

Três anos desde que ela tinha sido acusada de assassinato e perdeu a pessoa mais querida para ela neste mundo. Seu olhar foi para o segundo assoalho da parede ao lado de sua cama. Com as pernas ainda incertas, ela se colocou de joelhos. Arremessando um olhar para a porta, ela garantiu a si mesma que estava fechada. Não havia fechadura para garantir privacidade, de modo que ela virou a costa para ela atenta ao barulho de

passos. Empurrando em uma extremidade da ripa de madeira elevou a outra extremidade para revelar uma bolsa de couro secretamente guardada em baixo. Ela puxou-a para fora, abriu-a e levantou um cordão de pérolas em forma de azeitona, entre as moedas dentro. Levantando um joelho dobrado, ela colocou o colar sobre ele assim suas extremidades pendiam de cada lado, em seguida, correu os dedos sobre cada osso do talão. Eram precisamente dezessete deles, amarrados em um cordão de seda longo, que havia laçado seu pescoço até os seus dezesseis anos de idade. Quando Valmont ordenou-lhe que tinha de pôr de lado essas coisas. Seus dedos encontraram o estanho de espessura e medalha de ferro amarrada em uma extremidade do cabo. Uma imagem de São Vicente de Paulo foi gravada de um lado e do outro lado deu as informações de identificação sob a forma de dois números: 1804 e 8900. No ano de 1804, tinha sido a criança abandonada 8900 ° no Hospice des Enfants trouvés.

Apesar de ter sido inferior a curta distância de uma hora a partir daqui ela o visitou uma única vez, durante a primeira semana que ela voltou a Paris um ano atrás. Tinha sido mais doloroso do que o esperado e tinha evitado desde então. Mas a cada dia que assombrou a partir de onde estava na sombra distante da Catedral de Notre Dame.

Que ela era ilegítima era uma certeza virtual. Que a sua mãe nunca tinha planejado voltar ao hospital para ela era assim. Ela não deixara anotações ou ficha de identificação, como tinha sido escondido nos cobertores de algumas das outras crianças abandonadas. Ela não tinha nenhuma maneira de saber se a mãe tinha feito a escritura de doação sozinha, mas ela sempre assumiu que seu pai não tivesse acompanhado ela, uma vez que era a história comum com os órfãos.

Após a sua chegada ao hospital dos enjeitados, os únicos fatos conhecidos de suas origens foram fielmente inseridos no livro registro geral, o Registre de Admissão. Sexo: feminino. Idade: um dia. Nome: Juliette. Havia também anotações que incluiu uma breve descrição de sua roupa e cobertor. E ela aprendeu a data efetiva do seu nascimento, algo que ela não tinha conhecido. Ela faria 19 anos no mês seguinte.

Parecia que em algum momento na madrugada de 20 de dezembro de 1804, tinha nascido, sido banhada e embrulhada em cobertores de lã fina antes de ser depositada no tour do hospital "infame".

Esta roda de pedra em planos estabelecia em ambos os lados, servia como um conjunto rotativo que giravam em uma abertura na parede exterior do edifício. Uma caixa de madeira, que agia como um berço improvisado repousava sobre a metade da roda que ficava exposta fora da parede. Teria sido uma questão simples para a mãe e furtivamente anonimamente colocá-la lá, dentro da caixa.

Teria sua mãe chorado quando virou a roda? Ela teria observado até que o berço e seu bebê dentro dele, tinha sido totalmente resituado no interior do hospital? Antes de sair, ela teria tocado o sino alertando as Irmãs da Caridade, que outro depósito de indesejável, bebê com cara rosada tinha sido feito.

Juliette reuniu as contas em seu punho e segurou apertado. Seu coração gritou para a perda da página que tinha sido roubada hoje. Não querendo que ninguém perguntasse

a ela sobre isso, ela tinha apenas rapidamente passado a vista. Então ela enfiou em sua cesta, planejando investigá-las mais tarde à vontade, aqui em seu quarto privado.

Tinha sido um capricho tolo e caro tê-lo roubado, em primeiro lugar. Mas a partir do momento que ela soube da existência do livro, ela havia desejado saber detalhes do começo de sua vida que ele continha. Outro órfão qualquer poderia ter sido autorizado a ver as suas informações pessoais, mas ela não se atreveu a revelar a sua identidade no hospital com risco de ser entregue às autoridades. Não esperava ser surpreendida por algo que ela leu na página, mas ela havia sido.

Diretamente em baixo de seu nome, havia outro, muito familiar.

Elise.

Uma batida afiada veio à sua porta, fazendo-a saltar.

- Mademoiselle?

- Um momento! Juliette retornou às pressas o colar em sua caixa e em seguida, a caixa em seu esconderijo. A ala domestica estava em confusão sobre ela. Em menos de uma hora, ela era esperada no andar de baixo. E então a performance desta noite iria começar.

- A doce vitória, Monsieur de Valmont murmurou ao lado de Juliette.

Sua respiração ficou ofegante quando ela olhou para o recém-chegado através da tela de metal decorativo e perfurado. *Era ele. O homem da ponte. O que tinha dado a ela seu primeiro orgasmo. Não era?*

Ela se inclinou mais para as grades tentando obter uma visão melhor através das perfurações.

A partir da privacidade deste recanto em cima, ela e Valmont observaram o gigante de ouro que havia entrado no salão do andar abaixo da moradia principal. Apenas pedaços de conversa, a música do harpista, e riso tilintante alcançava-os aqui então eles não ouviram a sua introdução. Duas dezenas de colegas de outros já reunidos no salão antes dele, e mais uma dúzia provavelmente viria antes da noite terminar.

Agnes, Gina, Fleur, e as outras meninas circulavam entre eles, todas brilhantemente vestidas e coquetes que sabiam flertar, bajular e fornicar. M. Valmont sempre as enviou primeiro para trabalhar o grupo e construir a antecipação, em preparação para sua entrada. Elas eram os aperitivos, ele gostava de dizer. E ela, o prato principal. Em alguns momentos Juliette e Valmont se juntariam a assembléia e ela iria segurar o tribunal sob a sua afiada supervisão. Mas, por agora, eles permaneceriam aqui para discutir os fregueses com uma franqueza que não teria sido possível em um local mais público.

- Eu contava que ele viesse. Mas eu não ousava esperar-lhe.

Valmont continuou quando o recém-chegado foi anunciado.

- Quem é ele?

Juliette perguntou, escondendo cuidadosamente qualquer sinal de reconhecimento.

Quando o seu companheiro não respondeu, olhou o seu caminho e viu que ele estava tão obcecado em sua vigilância para o homem que não tinha sequer ouvido o que ela falou.

No centro da sala abaixo, o gigante fez uma pausa para contemplar o borbulhar da fonte de mármore de absinto. Valmont tinha instalado quando eles chegaram em Paris há um ano e havia se tornado uma característica popular desses encontros. Uma vez que a praga tinha devastado vinhas em toda a Europa durante a última década, o vinho era escasso. Como resultado, seu custo subiu e isso tinha despertado grande interesse no absinto menos caro como substituto.

Quando Fleur se aproximou do hóspede com uma oferta de bebida, ele permitiu a ela desviá-lo em direção ao caro vinho. Embora ela tivesse mais de dezesseis anos ainda era bastante nova para a família, Valmont decidiu recentemente envolvê-la no negócio ao invés de mantê-la só na cozinha, para desgosto de Juliette. No entanto, encantada como sua elegância e renda aumentaram, Fleur tinha tomado o trabalho do prazer dos homens com surpreendente facilidade.

O homem sorriu indulgentemente para Fleur enquanto ela enchia o copo e tagarelava. Sorrindo, ela colocara a mão através de seu braço e prosseguiu paquerando em sua habitual maneira atrativa,

Fazendo seu melhor para atraí-lo antes que uma das outras o fizessem. De perfil, as suas feições eram fortes o queixo de granito, testa reta e proeminente, o nariz bem formado. Estes foram apenas levemente temperados pelos lábios sensuais, as maçãs do rosto lavadas com boa saúde, e os cabelos gloriosamente desordenados de muitos tons cintilantes de ouro que pendiam quase até a linha de sua mandíbula.

Juliette quis lhe dar uma olhada no seu caminho, para que ela pudesse furtivamente estudar por completo o seu rosto, mas ele não o fez.

- Quem é ele? Ela perguntou de novo.

Valmont se contraiu com a questão e percebeu que tinha esquecido completamente a presença dela até que ela tinha falado.

- Senhor Lyon Sátir.

Bateu a ponta dos dedos de ambas as mãos sob o queixo num minúsculo aplauso sem som. Ele parecia quase vertiginoso.

- Lyon.

Voltando para a tela, Juliette provou o nome, explorando a sua forma e textura em sua boca e testando o seu sabor na língua. Ele lhe convinha.

Valmont voltou para o seu estudo também.

- É o nome familiar para você?

Ele a estava testando. A finalidade para a qual eles se concentravam aqui, nos saraus de quinta-feira era para permitir que ele a ensinasse sobre o perfil dos seus convidados. Ele dirigia seu negócio de forma, a saber, cada detalhe das situações e fortunas de seus clientes. Operando com motivos desconhecidos para ela, ele estava

sempre pronto com instruções sobre os quais flertar e com as informações a suscitar. Foi geralmente deixado a ela a forma para determinar e calcular a melhor maneira para atingir seus objetivos. Juliette franziu a testa.

- Um italiano com seu sobrenome veio a Paris há alguns meses, não foi? Um negociante da Toscana?

Ao lado dela, Valmont assentiu satisfeito que ela se lembrava. Peixe pequeno, Raine de Sátir, o filho do meio de três. Infelizmente, ele partiu de Paris antes que pudesse ser bobinado aqui dentro. Ele apontou para a sala abaixo.

- Esta noite está aqui o mais novo dos irmãos com vinte e seis anos. Há outro na Toscana, o mais velho deles, que acaba de casar. Depois de anos fodendo qualquer coisa que se move, corre recentemente a fofoca de que estão dando início as buscas por noivas.

Ela absorveu esta notícia dele e queria mais.

- São perspectivas atraentes?

- Excessivamente. Possuem entre eles, uma imensa vinha florescendo, e os cofres estão transbordando de riquezas herdadas.

- Seus vinhedos ainda florescem? Juliette perguntou, olhando para ele com surpresa.

Não foram atingidos pela filoxera?

A expressão Valmont se torceu com amargura.

- Sim. Apesar de ser além da compreensão de qualquer pessoa por que deveria ser assim. E é certamente além de toda a justiça.

No salão, Fleur tinha sido separada do braço do recém-chegado por Gina que era mais agressiva, e agora lhe dava um passeio pela coleção de arte de Valmont. O tesouro de bustos, estátuas, óleos e aquarelas, mas era uma pequena fração do que sua família tinha possuído uma vez.

No entanto, isso e o resto dos itens que estavam nos outros quartos era tudo o que ele tinha sido capaz de levar de seu castelo antes de Borgonha ser recentemente reivindicado pelos cobradores de impostos.

Juliette estava lá para ver as empresas de seu pai uma vez uma afiliente e grande vinha na Borgonha derrubada pela filoxera ao longo dos anos. Tinha sido um dos primeiros de muitos a sucumbir à devastação da praga do pulgão, que tinham dizimado muitas das vinhas da Europa.

Seu pai havia se matado durante o desastre. Esta moradia, a menor de muitas propriedades da sua família, agora era todo o bem que Valmont havia legado de seu pai. E ele encheu-a de prostitutas para fornecer os seus rendimentos.

Ela quase podia sentir pena dele por causa da reversão da fortuna que a praga havia feito em sua família e em sua vida. Quase. Mas não completamente.

Com ele escoltado por Gina, os passos de Sátir eram pantera pura, fácil e solta, máscula. Ela lembrou de como ela o tinha visto no parque, atado a outra mulher. De como ela o sentiu mover-se dentro dela. Arrepios subiram por seus braços.

Se ele era realmente o mesmo homem que tinha visto mais cedo na Pont Neuf, ele havia mudado de roupa na última hora. Calças de lã tingida da cor da semente de mostarda moldavam fielmente seu traseiro a cada mudança de seus quadris ou passo de seus pés. Esses foram pareados com uma camisa de cambraia de linho natural e uma jaqueta casual de oliva parda. Foi uma aparência atraente nele, mas tão profundamente démodé que nunca poderia ter sido considerada moda em primeiro lugar, por qualquer outra pessoa da sociedade.

No entanto, ela viu como Agnes e os outros não tiravam os olhos dele. Contra um cenário de pavões dândi, destacava-se como um animal, forte no seu auge. Aquele que escolheu seu próprio caminho e estava confiante o suficiente para não se curvar profundamente com os caprichos de estilo.

Para um homem tão grande, ele se movia com a graça elegante. Mas ao mesmo tempo em que ela fazia esta observação, ele se contradisse. Ela suspirou quando seu cotovelo pegou no arco esticado de uma estátua, enviando-a de balanço. Era uma escultura de Diana, deusa romana da caça, uma das favoritas de Valmont.

Grandes mãos como patas salvaram a deusa do balanço. Um malabarismo estranho se seguiu na qual ele acariciou várias partes de sua anatomia, em última instância antes de salvá-la do perigo e devolve-la com segurança ao seu pedestal.

A atenção de todos da sala estava agora voltada para ele, o gigante rolou seus ombros e soltou um grande suspiro, como se estivesse acostumado a causar tais calamidades nos salões. Suas palavras não tinham chegado ao seu esconderijo, mas o que ele disse enviou o riso ondulando sobre o quarto.

- Um homem que pode rir de si mesmo, um animal raro, murmurou Juliette.
- Palhaço, Valmont murmurou.
- Ele vai pagar pelo que vir a danificar. Entre outras coisas.

Juliette virou a cabeça em tempo de ver com surpresa uma expressão de vingança em seu rosto.

- O que você quer dizer?

Evitando uma resposta direta, ele olhou para ela, pensativo.

- Você vai favorecê-lo esta noite. Todos esses anos você viveu à margem da vinha da minha família e isso deve ser a sua vantagem em segurar seu interesse. Lisonjeá-lo e tirá-lo sobre seu trabalho.

- O que exatamente você quer que eu colha da minha conversa com ele? Ela perguntou cautelosamente.

- Todos os detalhes sobre o funcionamento interno de sua propriedade. Quaisquer deficiências nele ou em sua família. Pergunte a fonte da imunidade de sua vinha à

epidemia da filoxera. Se elas foram infectadas e curadas por um remédio secreto, eu quero saber disso.

- E você acha que ele vai simplesmente dizer-me tudo isso só por que pedi?

- Faça em sua maneira usual, Valmont continuou sacudindo os dedos no ar como se espantasse dela a incredulidade. Virou-se para encerrar seu esconderijo, indicando que era hora de descer para o salão.

- Mostre-lhe os quartos. O que for preciso para mantê-lo com você o tempo suficiente para arrancar informações.

- Os quartos? Mas você nunca pediu isso de mim! Normalmente, apenas Agnes ou Gina ou uma das outras...

Atordoada pelo seu pedido, ela virou-se cegamente de volta para olhar o salão abaixo.

De repente um par de olhos âmbar brilhantes cortou o recanto onde ela estava escondida. Uma onda de conscientização erótica correu sobre ela.

Deus! Era ele! Ela deu um passo para trás, batendo contra Valmont. Recuando a partir do contato, ela acidentalmente colidiu de volta contra a tela. Por um instante, as grades chamuscaram seu ombro de maneira confusa e metálica que tornava impossível determinar se era frio ou calor de sua pele.

Capturando seu braço, afastou-se de Valmont para estudar seu rosto. Obviamente que ele não gostou, ele a puxou para perto e levantou seu queixo, escovou um polegar perigosamente suave ao longo da parte inferior do queixo.

Ela manteve os ombros curvados para manter os seios longe da frente de seu paletó.

- Você o acha atraente?

Ela encolheu os ombros, apagando toda a expressão de seu rosto.

- Você sabe que eu nunca tive interesse especial em qualquer cavalheiro.

- Suas faces estão ruborizadas, acusou.

- Só porque esta quente. Seu rosto aproximou-se mais. Absinto impregnava sua respiração exalando para dentro e fora dele. O perfume inebriante de licor de anis chegou a ela, inconfundível de perto.

Ela encolheu-se interiormente, mas cuidando para não revelar o desgosto tão frio por parte dela, os lábios úmidos a tocando. Certa vez, quando menina, ela o achara bonito e bom, e ela quis seu beijo. Como ela tinha sido tola. Desatento a sala cheia de convidados que aguardavam por eles abaixo, escovou a boca sobre a dela, para um lado e para o outro.

- Essa atração seria compreensível, ele murmurou. -Ele é bonito. E rico, com um título impecável. O nome da família Sátir esta inscrito nos registros no Librod'Oro della Nobiltà Italiana por séculos.

- Se você não confia na minha palavra sobre os meus sentimentos, como você pode

confiar em mim para estar a sós com ele?

- Você não estará sozinha. Eu contratei muitos olhos para espionarem para mim nesta casa e em outros lugares. Estou bem ciente de que as mulheres são perversas e desonestas por natureza. Está mais do que a maioria.

- Isso é mentira. Você sabe o que é.

Os dedos deslizaram sob os cabelos e segurou sua nuca para segurá-la e destacar sua armadilha. Uma mão pálida encontrou seu peito com uma massagem dura com a intenção de ferir. Ela segurou em sua mão, mas só reforçou seu aperto. Seus olhos sorriam para a ela, para sua ousadia de se rebelar.

- Sua mãe abandonou você, algo que só a pior das putas faria com seu filho. O que é produzido no osso...

- Você está me machucando, ela reclamou.

Ele a ignorou.

- Você levava Satyr aos quartos se ele o pedir. Na verdade, você irá sugerir tal movimento. Você vai obter a informação que eu desejo. E não importa que pressão ele exerça, você vai resistir à tentação de se prostituir para ele.

A beijou então, ansiosamente como uma amostragem de sua impotência. Sua língua bateu, enchendo a boca e quase a sufocando com sua própria repulsa. As mãos dela caíram em punhos a seus lados. Finalmente, ele pareceu se lembrar de seus convidados. E se afastou.

- Gina, Fleur, e as outras não são a razão pela qual nossos clientes vêm aqui, você sabe, disse ele, colocando o seu rosto.

- É você que eles querem. Embora as mulheres bonitas proliferem aqui em Paris, algo sobre você atrai os homens como abelhas no seu pote de mel. Mal sabem eles que é frígida e inútil, hein? São uns tolos.

Sua língua reptiliana acariciou seus lábios, como se estivesse saboreando o gosto de seu passado. Puxando um quadrado de linho do bolso, ele esfregou delicadamente a boca e se virou para olhar através da tela novamente.

- Vá para seu quarto e faça-se apresentável.

Ela olhou para as costas dele, imaginando-se enterrando um punhal nele. Mas ao invés disso, ela apenas saiu correndo, desprezando-se por ser uma covarde. Ela nem sempre foi assim.

- Não demore muito, ele advertiu quando ela escorregou pela porta.

Quando ela chegou a seu quarto, ela estava respirando com dificuldade pela carreira e de raiva frustrada. Com os dedos trêmulos, ela espirrou em um copo de vinho, em seguida, abriu o frasco em sua pia e extraiu uma medida de láudano. Ele caiu da ponta do conta-gotas para o vinho, como lágrimas de sangue. Ela agitou a tintura com o conta-gotas e bebeu.

Ela não se importava em olhar para o espelho enquanto limpava o rouge de seus lábios e o retocava. Ela não gostava de si mesma no momento. Não gostaria de si mesma até que pudesse deixar Valmont e este lugar para trás. Com alguma sorte, esse dia chegaria logo.

A agradável sensação de flutuação, que a tintura invocava depois de sua ingestão aos poucos começou a envolvê-la nas suas carícias calmantes. Rolou o pescoço em um círculo lânguido.

”Humm”. A agradável sensação não era muito diferente de uma versão mais suave do orgasmo, que o gigante de ouro tinha fornecido mais cedo. Suspirando, ela pulverizou seu rosto e ajeitou o cabelo e o vestido, preparando-se como uma atriz para entrar no palco.

- Primeira vez aqui? Uma voz com forte sotaque carregado de sexualidade indagou perto do cotovelo de Lyon.

Lyon rodou o vinho em seu copo, estudando o seu brilho quando a vela dançou com sua profundidade de cor âmbar.

Não é um rótulo Sâtir Vineyard, ele observou distraidamente. Ainda assim, o Clairette que seu anfitrião serviu era adequado e, sem dúvida, era preparado para entorpecer sua inteligência e induzi-lo a oferecer generosamente a sorte de hoje.

E o lance que ele faria. Para qualquer custo, ele pretendia ganhar a jóia em oferta aqui que era Mademoiselle Juliette Rabelais, que ao que aparentava era uma cortesã. Olhos que eram da cor exata do vinho que bebia levantaram-se para observar onde ela estava empoleirada numa chaise do outro lado da sala. De sob seus cílios escuros, um flash do verde mar cintilou, em seguida, arremessou para longe. Ela tinha estado a observá-lo.

A cor de seus olhos era incrivelmente idêntica a de Sibela. A forma de seu rosto e suas características eram muito semelhantes também. Tanto assim não podia ser coincidência. Esta e a Nereida tinham que estar relacionadas.

Incrivelmente, parecia que o rei Feydon procriou quatro filhas, em vez das três que tinha indicado a sua carta.

Será que essa mulher sabia que tinha uma irmã? Quando estava morrendo, tinha o rei Feydon conhecimento disso? Teria sido típico de seus truques manter segredo e leva-lo para o túmulo.

O homem que tinha falado com ele, respondeu à sua pergunta tardiamente e sem palavras. Estes russos extravagantes em seus chapéus de lã e calças largas eram abundantes em Paris nos dias de hoje, demorando-se na cidade depois que eles vieram para ajudar a repelir os aliados de Napoleão.

Após a chamada Agnes ter dado em cima dele, Lyon havia percebido a aproximação do Russo e tinha deduzido muita coisa sobre ele sem sequer um olhar em sua direção. Suas botas tinham sido recentemente polidas com gordura de urso, ele usava um tônico sobre o bigode, e seu corpo exalava luxuria. Este último o fazia

diferente de qualquer outro cavalheiro neste salão.

Embora menos acentuado do que o de seus irmãos, o olfato de Lyon era muito mais afiado do que o de qualquer humano. O que tornava mais estranho que não pudesse detectar nada do perfume Mademoiselle Rabelais. No entanto, ele detectou o cheiro da voyeur que esteve na ponte. *As mulheres não eram a mesma?*

Era intrigante e ele não tinha paciência para esperar mais. Talvez, se ele chegasse mais perto. Não. Foi isso que quase o conduziu a destruição de uma estatua mais cedo.

Numerosas obras de arte eram exibidas ao longo do caminho para ela. Era melhor manter a sua posição e esperar que ela se aproximasse dele. Ele já estava ali a quase uma hora e ela era a única mulher na sala que ainda não tinha se aproximado.

O cossaco falou de novo, erguendo o copo em uma caricatura de um brinde.

- Boa sorte para você, então. Eu venho a esse salão toda quinta-feira nos últimos três meses e ninguém compartilhou sua cama ainda. Meus bolsos são profundos o suficiente. Então só posso supor que é o meu pedigree que o guardião de Mademoiselle Rabelais considera censurável.

Lyon estreitou o olhar para seu anfitrião, Monsieur de Valmont, aparentemente o proprietário destes apartamentos. Um homem alto e magro, com cabelos brancos antinatural, ele era bonito, Lyon supôs. Mas tão pálido que ele lembrou-se de um retrato que seu irmão mais velho tinha na sua vasta coleção. O único que mostrava Vlad, o Empalador, um príncipe romeno com um passado infame e um apetite por sangue.

Ele voltou seu olhar para a perspectiva mais agradável de Juliette Rabelais. Uma das dez mulheres rodeadas por quase três dúzias de homens, era óbvio que ela era o troféu. Ela era uma daquelas mulheres que a cada gesto colocava-os com a mente pensando no deslizar suave de uma cortina de veludo em carne quente, suave, viçosa e cheia de promessas sexual. Algo nela era hipnótico. Observá-la era um prazer ao qual ele poderia rapidamente se acostumar. Como se ela fosse alegremente inconscientes de que cada homem neste luxuoso salão ofegasse depois, ela serenamente prendeu a corte em seu trono de cetim, como um conjunto de orquídeas entre um elenco de patetas afetados dândi, caruru e sapos em linho.

- Seis meses para mim e ainda nada, um francês do outro lado, do cossaco comiserado.

- Por que eu continuo a vir é o mistério das Nações Unidas.

Ele olhou para o fundo do seu copo, em seguida, de volta aos olhos verdes que eram seu objeto de desejo como se fosse incapaz de impedir a si mesmo.

Lyon nunca entendeu esse tipo de conversa entre homens. Como seus irmãos, ele tinha um apetite voraz para a companhia das mulheres, dentro e fora da cama. Mas havia chegado a Paris especificamente para localizar sua noiva e para sua surpresa encontrou duas candidatas ao invés de uma, ele não tinha nenhuma ilusão de que Juliette Rabelais prendesse o seu coração mais do que Sibela tinha tentado.

A Conversa fluía em torno dele e sua voz chegou aos seus ouvidos. Sua mão

apertou seu copo. Ouvir uma mulher atraente e disponível em francês era quase garantia de uma presente ereção. Particularmente uma mulher com cabelo amêndoa e um pescoço longo e branco. Especialmente aquela cuja cada sílaba acentuada dava a impressão de que seus lábios estivessem deliciosamente beijando o ar. Particularmente, uma mulher que planejava colocar em sua cama.

Ele havia tomado essa decisão no momento em que sentiu seu perfume na ponte. Então, quando ela falou, ele sentiu que algo dentro de si se revolia. Abrindo.

Nesse instante, mesmo tendo estado deitado em cima de outra mulher, a necessidade de proteger nasceu dentro dele. A necessidade de salva-la da carência. A necessidade de enterrar o seu pênis, aquecido com força e tão profundamente nela para marcá-la para sempre como sua. Aquilo havia sido a atração intensa e imediata que ele não tinha encontrado com Sibela. Mas, evidentemente, não era amor.

- Se você deseja visitar os quartos deve ir ter com Valmont, e abordá-lo com o pedido para contratar uma das meninas. Outro francês comentou.

- As negociações para obter os favores de Mademoiselle Juliette são feitas de uma forma diferente das outras.

Lyon inclinou a cabeça.

- Como assim?

O primeiro francês olhou para ele, obviamente, começando a se preocupar se com todas as informações que estava dando não poderia levar Lyon a usurpar as suas próprias chances com ela.

- Esses acordos são feitos através de M. Valmont.

Ele disse com relutância.

- Pergunte sobre seus talentos culinários. Você só desperdiça seu fôlego se solicitar de forma direta que ela visite sua cama. Se um acordo feito para ela lhe interessa, é garantido que ela vai atendê-lo na sua mesa, bem como no seu quarto.

- Diz-se que ela se encarrega de um menu tão bem ou melhor que alguns dos melhores chefs de toda a Paris, alguém concordou a poucas polegadas

- É provavelmente verdade, se estes éclairs (bombas de chocolate) são base para julgamento, disse o francês como se estivesse levantando uma de suas placas. Ele consumiu a massa com um único gole de sua boca gulosa.

- E você já provou o baguette recheado de creme?

- Se eu conseguir Mademoiselle Rabelais para mim ela será mais do que bem-vinda para chupar o creme do meu baguete, disse o cossaco lamentando-se ao fundo de seu copo.

Este comentário foi recebido com uma explosão barulhenta de gargalhadas bem-humoradas de seus companheiros. Exceto de Lyon, que caminhou com seus dois metros e pouco de pura força muscular para o homem, enviando uma bacia de cristal, em forma de cisne no pedestal entre eles que caiu no chão no processo.

- Estou certo que você deve ter negócios em outro lugar que precisam de sua atenção longe desse estabelecimento. Eu sugiro que você vá resolvê-los.

Os olhos âmbar brilharam perigosamente, pontuando suas palavras.

Os olhos do cossaco se ampliaram em sua bebida e ele se esgueirou para longe.

- Perdoe-me, devo... sim... eu...

Sem terminar, ele caminhou para fora, tropeçando em suas botas na pressa em colocar distância entre ele e o aborrecimento de Lyon.

Os outros derivaram em várias desculpas, assim, tomando cuidado com ele agora.

Lyon olhou para seu vinho, chocado com seu comportamento. E um pouco embaraçado.

Ele nunca tinha ficado com ciúmes de uma mulher em sua vida. Se ele estava irritado, era provavelmente devido às frustrações da noite e da antecipação de Moonful, ele tranquilizou-se. Seu sangue já estava acelerado na preparação para o chamado da noite seguinte, e por isso sua luxúria, ira, inveja se despertavam facilmente agora. Ele olhou para cima, em direção à mulher do outro lado da sala. Os olhos dela se afastaram. Ela tinha estado a observá-lo novamente. *Ela poderia lidar com o que ele iria se tornar amanhã? Será que ela gostaria?*

Com uma ondulação de seu pulso delicado, a ponta do seu leque chinês pintado se arrastou em sua clavícula, depois se desviou para baixo da curva de um seio de porcelana, maduro. Mais de um par de olhos seguiram a trajetória descendente.

Ela estava vestida para tentar, em um vestido brilhante da cor de seu cabelo com bordas de prata ao longo de um decote que mal escondia seus mamilos. Suas sobancelhas se enrugaram em uma carranca. Sem dúvida dirigida ao homem que estava sentado ao seu lado, se a direção de seus olhos era qualquer indicação. Ele e todos os outros homens na sala estudaram o movimento dos seus seios enquanto ela se virava, retirando a mão demasiado familiar.

Ele percebeu que tinha começado a olhar para ela de uma forma que ele temia ser tão obcecado como seus companheiros anteriores e com o punho apertado sobre o caule frágil de seu copo. Que ela tenha sido de outros homens antes dele, não importava nem um pouco. Considerando-se a infeliz circunstância de sua aventura anterior, ele só poderia esperar que ela fosse muito generosa para com ele.

Seu olhar deslizou sobre o corpete e viajou corajosamente para baixo. Em outro local, ele teria sido mais prudente, mas todo mundo aqui sabia que seu corpo estava em exposição. Ele estudou o pano das saias, ansioso para descobrir o formato de seu traseiro, as nádegas de uma mulher o deixavam louco.

Não se importava tanto com um rosto corado ou lábios bonitos. Dê-lhe um bumbum bem redondo e ele ficaria mais que contente somente com isso.

Mademoiselle Rabelais escolheu aquele momento para ficar em pé para aplaudir um de seus deveres como anfitriã.

Deixando os homens sobre o estrado da sua própria conversa, ela foi fazer um levantamento dos alimentos apresentados nas mesas laterais. Lyon viu sua chance e a tomou.

CAPÍTULO 04

Juliette enrijeceu, observando a abordagem do gigante dourado com sua visão periférica. Visitando o aparador para determinar se alguma coisa estava errada ou necessitava reposição oferecendo uma pequena folga dos admiradores.

No entanto, vir para cá havia sido uma manobra intencional, destinada a prolongá-lo. No lance inicial do flerte, era sua opinião de que era sempre melhor deixar os homens virem até ela e não o contrário. Quando ela ajeitou a bandeja, ela sentiu o calor dele em suas costas e uma carga de emoção passou através dela. *Seria ele o homem que ela tinha visto debaixo da ponte? Se fosse assim, ele a iria reconhecer?*

Hesitante, ela virou-se, temendo que ele se voltasse odioso ou aborrecido. Ou um completo desconhecido.

- Mademoiselle, saudou. - Nós nos encontramos novamente.

Ele não se curvou, mas ela não percebeu. O tempo parecia lento e o tinir de cristal, a batida de conversas pareceu cessar com o olhar verde fresco e âmbar quente.

Silenciosamente, curiosamente, que pesava uns aos outros.

Embora ela o tivesse visto apenas uma vez e por breves segundos no crepúsculo, ela teria reconhecido aqueles olhos em qualquer lugar. Eles eram os olhos do homem que lhe forneceu seu primeiro orgasmo. Sem tocá-la. Fora da ponte. Quando ela estava no meio de centenas de outras pessoas.

Ele a reconheceu. Então, ele também devia estar ciente de que ela o tinha visto seminu, fornicando com outra mulher. Mesmo que ele fosse o único que deveria estar envergonhado, ela foi a pessoa que corou.

De perto, ele era ainda mais potentemente bonito. Um anjo áspero e masculino, todos os músculos e confiança e uma cabeça mais alto que ela com ombros enormes que bloquearam o resto da sala de exibição. Seu olhar era inteligente e quente e a curva da sua boca, ela era convidativa para provavelmente todas as mulheres que tiveram a oportunidade de conhecer, ela alertou-se para se juntar a ele em algum divertimento secreto carnal.

Com os músculos e as mãos grandes... e que o apêndice dele... ele provavelmente teria legiões do sexo feminino loucas para lhe dar prazer. *Ele sabia o que seu corpo tinha feito ao dela? Será que ele ousaria tentar repeti-lo aqui e agora?* Seus olhos se dilataram e ela vibrou com um desejo perigoso para se amassar contra ele e pedir-lhe para fazer exatamente isso.

O splash gorgolejante da fonte sacudiu-se as suas costas e lhe trouxe de volta. Embaraçada, ela colocou a mão em seu rosto, ela devia ter tomado muito da tintura hoje a noite.

Como se dirigir-se a um homem que tinha conhecimento sexual dela, mas a quem ela nunca tinha sido apresentada?

“Bon soir, monsieur. Merci beaucoup por me dar meu primeiro orgasmo algumas horas atrás. E a propósito, como você fez isso sem colocar um dedo em mim?”

Parecia loucura, até mesmo para seus próprios ouvidos. Ela evitaria qualquer menção desse assunto, resolveu, pelo menos por agora. Afinal de contas, Valmont tinha ditado que discutisse outros assuntos em primeiro lugar. E seus espiões estariam ouvindo.

- **Pardonnez moi? Je ne pas comprends*, ela perguntou em confusão simulada.

- *Nous nous encore rencontrons*, Lyon repetiu, desta vez em francês.

Não era um bufão como Valmont parecia acreditar, afinal. *E se ele tivesse subestimado o presente?*

Inclinando a cabeça, ela tocou com a ponta do seu leque pintado para o queixo, considerando-o.

- Receio que eu não me lembro de ter o encontrado antes. Nós estamos já a um ano proporcionando nossas reuniões de quinta-feira. - Mas, naturalmente, estou contente que você resolveu voltar.

Sabendo que M. Valmont estava sem dúvida a observá-los, ela se lembrou de dar-lhe um sorriso gracioso.

- Você foi a ponte esta noite, anunciou, sem aviso prévio.

Atordoada por um segundo, ela emitiu um culpado,

- *Oui*.

Rapidamente, ela recompôs a expressão, ampliando os olhos e levantando as sobrancelhas em uma tentativa de parecer ingênua.

- Você estava lá? Era uma confusão completa e receio que eu não percebi você. Ainda assim, estou contente que você tenha vindo. Espero que possamos tentá-lo. Com uma trufa, talvez?

Colocando uma mão na manga, ela voltou sua atenção para o buffet. Senhor! Seu antebraço era tão grosso quanto suas panturrilhas!

- Ou um canapé? Ou se você tiver uma queda por doce, um pudim e torta de framboesa? Preparei tudo hoje cedo com o apoio da cozinheira.

Gesticulando, indicou os aparadores gemendo com bandejas de bebidas que tinha inventado.

- Confesso que sou um pouco mais que uma inventora na cozinha. Não sei se eu criei uma obra de arte ou um desastre. Você tem uma variedade de exemplos para me dizer se tenho sido bem-sucedida. Você é um homem grande. Eu imagino que seu apetite por muitas outras coisas deve ser igualmente considerável.

* Perdão? Não estou entendendo.

Os cantos dos lábios inclinado para cima. *Aquilo eram covinhas?*

- Asseguro-vos que são, disse.

Ela piscou surpresa, antes de perceber que não tinha lido os pensamentos dela, mas havia feito uma réplica.

Fogo do inferno! Ela nunca tinha visto um homem mais angelical e diabólico. A dicotomia era letal. Não admira que as outras meninas tenham competido tão diligentemente por ele. Agnes, que era muito mais bonita do que ela, estava até agora com uma carranca em sua direção, por ter roubado a sua atenção.

Arrastando os olhos do seu sorriso sedutor, ela deu-se uma reprimenda mental quando ela escolheu uma das bandejas de prata gravadas com floreios e um monograma em forma de V ornamentado. Valmont havia colocado ela aqui com a única finalidade de interrogar este homem. Quanto mais rápido ela conseguisse isso, mais cedo ela poderia voltar ao seu quarto e deixá-lo para Agnes e os outros tubarões famintos por homens que gostavam de nadar nestas águas muito mais que ela.

Quando ela levantou a bandeja em seus punhos e virou-se para ele, os seios descansaram em sua borda, como se eles também estivessem em oferta. Com o corte muito baixo para a decência, o vestido com seu decote era uma parte importante de seu arsenal. Enquanto os homens estavam distraídos analisando seus seios, ela estava tirando as informações.

- Experimente alguns, Monsieur Sátir, disse ela, olhando para ele através de seus cílios.

Mas como ele pegou uma iguaria de forma aleatória da bandeja, seus olhos permaneceram nos dela, não engolindo a isca visual. Ele a confundia, sacudindo a sua confiança. *Ele não se sentia atraído por ela? É claro que sentia. Por alguma razão, os homens se atraíam por ela durante toda sua vida. E que outro motivo ele teria para procurá-la?*

-Você sabe quem eu sou? Disse ele.

- Seu nome me foi dado a conhecer por outro cavalheiro mais cedo.

Ela favoreceu-o com um sorriso cativante com a intenção de agradar a Valmont que estava sempre vigilante.

Lyon provou então a trufa, interesse surpreso iluminou seus olhos e segurou o aperitivo a certa distancia para examinar o restante antes de terminar-lo.

- Você fez isso?

Uma intensa satisfação subiu por ela. Agradar um homem com a partilha dos seus esforços culinários era o que se permitia como troca a nunca chegar a agradá-lo com a partilha do seu corpo. O encontro na ponte mudou isso.

- Oui. Com a ajuda do pessoal da cozinha, como mencionei. Inclinou-se para mais perto e confidenciou

O ingrediente secreto é uma pitada de pimenta do Chile. O picante com o doce.

Tive a sorte de encontrar alguns ⁴espelettes secas em Les ⁵Halles na semana passada. E eu pensei, porque não experimentá-los nas trufas?

Lyon pegou outra trufa e comeu-o tão bem, fechando os olhos em êxtase.

- Delicioso! Proclamou.

Ele não tentava impressioná-la com uma saraivada de elogios efusivos como a maioria dos homens fazia. Ela voltou a bandeja para o aparador e inutilmente ajustou a exposição que já estava perfeita, a fim de esconder o prazer que seu elogio havia lhe dado.

- Eu posso copiar a receita para sua esposa, se desejar.

- Ah, eu sou solteiro.

- Seu chefe de cozinha então, disse ela, contente de que poderia pelo menos ser capaz de confirmar o seu status marital, quando ela relatasse sua conversa para Valmont.

- Na verdade, com o nosso leilão aparecendo, eu poderia muito bem usar o seu conselho...

Ela perdeu o resto de sua resposta quando um trio turbulento chegou para experimentar os aperitivos no lado oposto do buffet. Era Fleur, com dois colegas apatetados a reboque. A menina deu um sorriso travesso a Juliette. Esperando escutar sem dúvida. A sirigaita. Um de seus admiradores era Monsieur Arlette, um amigo particular de Valmont. Ele, sem dúvida, pretendia fazer o mesmo. Ela endureceu como seus olhos verruma a varreram. Ela teria que guarda suas palavras.

Ao seu lado, Lyon tomou um gole de vinho, aparentemente alheio às intrigas que giravam em volta deles. Ela sentiu que ele estava prestes a interrogá-la sobre assuntos que ela preferia evitar na presença de Arlette. Valmont procurava revelações e fofocas deste homem e seria melhor ela começar a obtê-las.

- Devo reconstituir o seu vinho? Perguntou ela, esperando seguir em uma discussão sobre a sua vinha.

- Não. Seus dedos encobriram a parte superior da taça. - Obrigado.

Ela agitava o seu leque na direção da fonte de absinto mármore no centro da sala.

- Você prefere a fada verde, então? Ousadamente, meteu a mão na dobra do cotovelo, incitando-o a mover-se. Qualquer coisa para tirá-lo longe de Fleur, que ela suspeitava estava prestes a fazer algo escandaloso. E para longe das orelhas grandes de Arlette também.

Lyon olhou em direção à fonte, com sua água gelada escorrendo alegremente de suas torneiras no cocho raso que o rodeavam. Os cossacos tinham um conjunto de vidro

⁴ A pimenta Espelette é o fruto do *Capsicum* gênero, *Solanaceae*. É cultivada na região do País Basco, a partir do século XVI no vale do Nive, onde ele goza de uma denominação de origem controlada (AOC) desde 1999.

⁵ **Les Halles** é uma comuna francesa na região administrativa de Ródano-Alpes, no departamento de Ródano.

parcialmente cheio com absinto embaixo de uma das torneiras e agora estavam à espera que a água diluísse a bebida, tornando seu sabor forte mais palatável.

Deixando sua bebida no buffet por trás dela, Lyon a pegou pelo outro braço e puxou-a para perto.

- Eu prefiro discutir o que aconteceu na ponte mais cedo esta noite.

Calor chamuscou seu rosto e ela balançou a cabeça.

- Não aqui, ela sussurrou.

Sua expressão se encheu com o entendimento de que eles estavam sendo observados.

- Onde, então?

Fleur soltou um pequeno grito agudo, arredondando seus olhos. Para o espanto de Juliette, a menina tinha permitido que um de seus galanteadores baixasse a frente do corpete para expor um seio. Ele estava agora no processo de lambuzar o mamilo com uma faca de prata carregada de patê que Juliette tinha feito mais cedo. Fleur apoiou as duas mãos por trás dela, no meio dos pratos no buffet, e sua cabeça caiu para trás, exibindo uma garganta delgada.

Os olhos de Juliette arregalaram-se com fascínio relutante.

Este tipo de flagrante atividade erótica era geralmente reservado para os quartos na parte de trás, então não era sempre que ela testemunhava isso.

A faca agitada para trás e para frente, hipnotizava-a. Como seria ter essa fria prata polindo seu mamilo, dessa maneira? Ela se perguntou. Ela quase podia sentir sua marca. Sua mão levantou para seu próprio peito antes de registrar o que estava fazendo e segurou-o.

Ela olhou para Lyon. Ele a olhava enquanto ela observava a mímica sexual. Seus dedos agora estavam segurando o seu braço forte o suficiente para deixar marcas. Ela retirou-os, deixando cair as mãos em seus lados. Os olhos de Lyon brilharam.

- Sua amiga? O rosto dele estava aberto e sem enganos, ela percebeu. Ao contrário dela. Queria avisá-lo de correr para longe daqui antes de Valmont fazer-lhe mal. Ou ela mesma.

- Oui. Ela é...

- O nome dela é Fleur, disse ele sombriamente.

Ela olhou para o trio de novo e suspirou. Agora Arlette estava colocando um montão de enfeite de oliva em cima do mamilo de Fleur, onde ele se agarrava ao patê pegajoso. Pelo menos a faceirice da menina estava tendo um bom resultado.

Arlette tinha esquecido de escutar. Fleur olhou seu caminho e deu-lhe uma piscadela atrevida. Juliette balançou a cabeça, repreendendo-a silenciosamente. Mas ela apenas sorriu de novo e embalado a cabeça de Arlette quando este se inclinou mais perto. Juliette prendeu a respiração. Ele estava indo para mordiscá-la como se ela fosse

algum tipo de ser humano...

- Hors d'oeuvre? (Aperitivo)?

Seus olhos voltaram-se para Lyon. Ele ergueu um pequeno prato de canapés e estava oferecendo a ela.

- É justo que você prove sua própria mercadoria, ele brincou com conhecimento de causa. Constrangida por ter sido apanhada na qualidade do voyeur, mais uma vez, Ela abriu os lábios, automaticamente, aceitando a sua oferta. Ela ainda mastigava quando notou o seu erro.

Ela arremessou uma olhada em toda a sala, encontrando a expressão condenatória de Valmont. Lyon seguiu o olhar dela e franziu a testa, instintivamente, se aproximou dela como que para protegê-la do desgosto do outro homem. Um som angustiado a deixou, então ela começou a tossir. Lyon jogou o prato na mesa com pouco cuidado para a porcelana chinesa e outros pratos de cristal que estavam ali. Alguns caíram no chão, mas ela estava muito distraída para determinar quais.

Uma grande mão masculina a segurou, aquecendo-a ainda com as camadas de roupa.

- Você está bem?

- Sim, ela resmungou, pegando um guardanapo do aparador. Ela colocou-o sobre a boca, cuspiu o canapé, em seguida, descartou o guardanapo em um prato de porcelana e talheres sujos.

Todas as meninas eram proibidas de comer na presença de Valmont. Ele achava a visão de uma mulher, mastigando altamente repugnante. Fleur ou as outras poderiam ser perdoadas de seus erros, mas ela pagaria pela gafe em algum momento mais tarde, quando ele estivesse em um estado de espírito de vingança.

- Ele a observa diferentemente e mais atentamente do que outras. Observou Lyon. - Qual é o grau de seu relacionamento?

Juliette limpou a garganta e viu que Lyon, estava contemplando Valmont. Finalmente uma abertura.

- Ele é meu guardião. Talvez você já tenha ouvido falar dele? Seu pai era dono de uma empresa vinícola da Borgonha.

Os olhos de Lyon perscrutaram os seus.

- É mesmo?

- A filoxera destruiu tudo há três anos.

- Sim, claro. A família Valmont. Eles tinham mais de quinhentos hectares, se bem me lembro?

- Oui. Todos na minha família eram trabalhadores. Se ainda existisse, estaríamos escolhendo as vinhas hoje de sol a sol. Eu não posso ajudar, mas pergunto como você encontra tempo para permanência em Paris, em um momento tão movimentado do ano.

A colheita de Toscana terminou mais cedo que na França?

Ele balançou a cabeça para ela interrogativamente, obviamente se perguntando por que ela tinha ido por esse caminho na conversação.

- Não, respondeu ele lentamente.

- Embora seja concluído até o momento de eu voltar para casa. Haverá outras tarefas para ver na preparação para o inverno como tenho certeza de que está ciente.

- Sua vinha... Ela olhou para ele, sob os seus cílios... Como continua a prosperar em face do flagelo?

Uma pausa infinitesimal alertou-a para o fato de que ele teria reconhecido que havia uma agenda por trás de seu questionamento. Os efeitos da tintura estavam fazendo seu interrogatório desajeitado.

- Ele disse-lhe para perguntar? Ele rapidamente puxou o queixo em direção a Valmont, nunca os olhos deixando seu rosto.

Juliette abriu o leque e caiu novamente no encaixe rápido.

- É um segredo? É apenas natural que todos se interessem. Você deve saber, é claro, que a razão pela qual ele fugiu para Paris é que todas as explorações de seu pai estavam arruinadas pela infestação. Tudo perdido. “

- O pai? A testa de Lyon franziu quando ele procurou por alguma memória.

- Você, sem dúvida, ouviu falar que ele se matou, deixando dívidas. Isso...

Ela abriu os braços para indicar o salão.

- É tudo o que sobrou da fortuna Valmont. Os campos que seus antepassados trabalharam durante décadas agora não são mais deles. Este é o primeiro ano desde a Antiguidade que não haverá praticamente nenhuma colheita de uvas em qualquer lugar na França.

Lyon assentiu.

- A história é a mesma para muitas vinhas em toda a Europa. Minha família tem contribuído muito na forma de estudo, experimentação e apoio financeiro para aquelas que já foram devastadas. Mas você pode dizer ao seu detentor que, sim, nossa parcela continua incólume. E não, não encontramos a cura. Quando o fizermos, vamos partilhá-la.

- Então esta confiante? Devo supor que você está perto de encontrar uma? Ela apertou.

Seu olhar se estreitou e ele se inclinou em um antebraço na parede, encurralando-a. Seu aroma era fresco, masculino, e sua respiração provocou o cabelo pela sua orelha quando ele murmurou,

- Responda a minha pergunta primeiro e eu vou responder a sua pergunta em troca.

- Por favor... não é possível... não aqui.

Fleur e um de seus admiradores passava por eles, indo para a porta verde situada ao

longo da parede mais próxima. Ela colocou a mão no braço de Juliette em breve aviso antes de desaparecer pela porta e por um corredor, onde ela daria sem dúvida prazer ao seu acompanhante. Arlette olhou ansiosamente para ela, mas ele continuou no aparador, escutando.

Lyon observou-os. - O que tem lá?

- Quartos privativos. Para divertimentos privados. M. Valmont os tinha decorado ricamente no ano passado, e eles são bastante impressionantes. Gostaria de visitá-los?

- Com a pequena Fleur?

Ela tentou fingir para si mesma que não era o ciúme que a enchia ante a idéia dele da cama da amiga.

- Ou com uma das outras que estiver mais disponível no momento.

- Você mesma não vai mostrá-los para mim? Isso não faz parte dos planos de seu guardião?

Ela encolheu os ombros, afetando indiferença.

- Ele me instruiu para mostrar a você, se você quisesse vê-los. No entanto, eu prefiro entreter apenas no salão.

Ele empurrou a porta verde e pôs a mão na parte inferior das costas impelindo-a em direção a porta.

- Faça uma exceção.

Instintivamente, seus olhos procuraram a Valmont. Do outro lado da sala, alguém tinha contratado ele na mesa de cartas em um jogo de vinte-e-um.

Ela não podia contar que Satyr voltasse aqui novamente. Muitos hóspedes eram regulares, mas às vezes os recém-chegados vinham apenas uma vez. Essa poderia ser sua única chance de obter as informações que Valmont queria. As perguntas dele deveriam vir em primeiro lugar, mas ela tinha suas próprias dúvidas.

Então, ela bateu seu leque de peito do companheiro e disparou-lhe um olhar de advertência.

- Muito bem. Mas não para um namorico. Para conversa particular apenas, e eu não estou certa sobre quanta privacidade teremos, mesmo lá. Comprenez-vous?

Ele balançou a cabeça então ela pegou uma vela e virou-se para levá-lo do salão, meio esperando que a qualquer momento ouvisse o protesto de Valmont. Embora ele mesmo tivesse sugerido, ela sabia que ele não gostaria de vê-la sair com este homem que ele tanto invejava. Mas ele não interrompeu e logo se encontrou no silêncio da sala, a respiração mais fácil, pois a porta do salão se fechou atrás deles.

Um guarda estava de sentinela lá, sua presença destinava-se a tornar relativamente seguro ficar sozinha com um cavalheiro. Juliette acenou para ele. Ele permanecerá cautelosamente afixado perto dos quartos até altas horas da madrugada.

Lyon a tinha seguido para o corredor escuro e o sentiu atrás quando ela parou em

uma porta do lado esquerdo.

- Primeiro... ela anunciou, - Nós temos a sala de Mouros.

Mas um sinal na porta demonstrava que já estava ocupado. Embora a noite fosse jovem, alguém já estava nos aposentos.

O som de carne picada por couro veio de dentro, afiado e chocante. O acoitamento. Não era difícil adivinhar quem estava divertido um cliente aí dentro. Apenas uma das meninas desfrutava de tais coisas, Gina.

- Parece estar em uso, observou Lyon. - Fleur?

Juliette ergueu o queixo, recusar-se a se sentir envergonhada.

- Não, uma outra menina. Isso não importa, disse ela secamente. - Existem inúmeros outros quartos interessantes ao longo deste corredor.

Ela correu para a porta ao lado, que não tinha qualquer sinal de ocupação. Recordando o seu interior, ela hesitou com a mão na maçaneta, tardiamente pensando melhor sobre essa escolha.

- Agora que o considere, há ainda uma outra sala mais distante, a qual você pode preferir ver.

Fazendo longe, viu-se inadvertidamente pressionada contra ele. Embora ele não tenha se movido, um comprimento duro cutucou a parte inferior da coluna. Ela empertigou-se, tentou se acalmar, como uma corça que sente a presença de um predador.

Sua ereção. Mesmo com as camadas de roupa, ela podia sentir-lo imenso e escaldante. E coberto com uma coroa que se sentia tão grande e implacável como o botão sob os dedos.

A mão larga pousou no osso de seu quadril e apertou puxando-a para ele, o envio de uma carga erótica passou através dela. O ar entre eles estalava com a tensão tão volátil quanto a tensão antes de uma tempestade com relâmpagos. Por um segundo infinitesimal, ficaram desse jeito, trancados em silêncio.

- Eu quero você, ele grunhiu.

Juliette sacudiu a cabeça.

- O guarda.

Lyon chegou ao seu redor e suavemente encobriu seus dedos frios com os dele mais calorosos, ajudando-a a girar a manivela. Com um empurrão a porta se abriu diante deles. Ela automaticamente pisou dentro do quarto. A desistência do abrigo de seu corpo, ela sentiu imediatamente um calafrio. A lareira tinha sido acesa em cada um dos quartos, mas neste ele tinha morrido.

Atrás dela, a porta se fechou. Ela olhou para a cama e para ele com cautela, esperando que a forçasse a aceita-lo ou a suas perguntas agora que eles estavam sozinhos, e não sabia como iria reagir. Mas ele só foi para a grelha de canto e atçou o

fogo novamente.

Seu olhar foi para o manto esculpido ao qual ele estava próximo. Era possível que eles não estivessem verdadeiramente sozinhos aqui. Cada quarto tinha portais secretos através dos quais os acontecimentos no interior poderiam ser monitorados, supostamente, uma medida de segurança para as mulheres e seus acompanhantes. Enquanto acendia as velas em castiçais de parede, ela o estudava curiosa para avaliar sua reação ao observar a decoração exótica do quarto. Tendo já analisado os detalhes fascinantes por conta própria, ela sabia exatamente o que ele continha.

Por exemplo, sabia que, acima da lareira, no afresco, os olhos do soldado lascivo, era um conjunto de buracos escondidos. Ela levantou duas garrafas de vinho do carro e colocou-as na prateleira, ajustando-os para seus pescoços bloquearem os olhos do soldado e, portanto, qualquer observador do quarto. Como uma medida extra, ela abriu seu leque e colocou por trás das garrafas.

- Como essa câmara é chamada?

Lyon perguntou rompendo o silencio, tendo terminado de alimentar o fogo. Sua voz era de veludo, bem adaptada ao seu ambiente sensual.

- O quarto Pompéia. Seu design é baseado nas escavações na antiga cidade italiana de mesmo nome, perto de Nápoles.

- Diga-me o que é feito aqui neste quarto, perguntou.

- Eu acho que você sabe.

- Mas eu gostaria de ouvir isso dos seus lábios.

Ela colocou uma vela na arandela vazia e aproximou-se dele.

- Muito bem. A sua concepção e os afrescos e estátuas são para rivalizar com os Lupanares, que são...

- Os bordéis de Pompéia.

- Você já foi lá? Ela perguntou surpresa.

- Não, só ouvi falar por meu irmão mais velho. Nicholas coleciona antiguidades e se encanta em visitar as ruínas e similares. Nós raramente deixamos nossa propriedade, simultaneamente, por isso os nossos propósitos são solitários. Mas, vá em frente. Você estava descrevendo os efeitos deste quarto?

- Bem, como a prostituição, a decoração se destina a inspirar a luxúria como você pode imaginar. Para incentivar relações ilícitas e tal.

Quando seus olhos sombrearam com diversão, ela enrijeceu em afronta.

- Você tem um estranho senso de humor, monsieur.

- Tu me compreendeste mal. Eu queria uma descrição mais íntima. Por exemplo, o que é feito com estes?

Ele indicou uma seleção de madeira e couro que imitavam pênis ao lado de uma cabra com lubrificante de óleo de oliva. A colheita de equitação, restrições e outros

dispositivos foram pendurados na parede acima delas. Ela olhou dentro dos olhos que eram como jóias e não continham hesitação. Depois, seus olhos sorriram como os seus fizeram certa vez, mas a vida lhe tinha roubado essa capacidade e agora ela guardava sua risada.

- Acho que alguns poderiam dizer que eles são instrumentos utilizados para garantir o prazer dos desejos antinaturais.

- Antinaturais?

Suas sobrancelhas levantaram-se e seu sorriso, agora, parecia zombar da atitude Católica dela.

- Mas a luxúria é um dos instintos mais naturais na humanidade, não é?

Ela tentou não perceber que ele estava em pé diante de um afresco na parede representando Príapo, o antigo deus greco-romano do sexo e da fertilidade. Ele estava sobre um jardim e exibia um pênis muito comprido, que foi concebido como uma ameaça para assustar pretensos ladrões.

Lyon seguiu o olhar dela e ele estudou a cena.

- Segundo meu irmão, as ruínas de Pompéia foram encontradas e estavam cheias de arte erótica, afrescos, símbolos, inscrições e considerados por seus escavadores como pornográfico. Mesmo muitos itens domésticos recuperados foram decorados com temas lascivos. A onipresença de tais objetos que indicam que os costumes sexuais do tempo foram mais liberais do que os nossos de hoje.

O som do chicote cortou o silêncio com diversos estalos. Gina gemeu.

Juliette pigarreou.

- Eu suponho. Vamos visitar um outro quarto agora, senhor?

- Eu ficaria contente em ouvir mais sobre este aqui.

Ele se afastou dela ao longo da parede, examinando o afresco contínuo, que retratava cenas da antiguidade interligadas, cada um mais debochado do que o anterior. Ele fez uma pausa antes de uma pintura de uma pequena prostituta posando como se a espera de um cliente. Foi um dos óleos de casa ancestral de Valmont.

- A prostibula, disse ele, a leitura da placa dourada pequena no centro da borda inferior do quadro.

- A morue, é como a chamamos na França. Ela, que está na frente de sua cela ou tenda a ser visitada por homens.

Esclareceu Juliette, chegando a ficar ao lado dele.

- Ela não parece particularmente feliz com isso, não é?

Seu olhar cortou o dela.

- Queria ser feliz, no lugar dela?

Do quarto ao lado, uma rítmica começou a bater, acompanhado por gemidos femininos e masculinos e altos grunhidos.

A prostíbula era o retrato mais básico do que se passava aqui no estabelecimento Valmont. Certamente este homem percebia isso.

- Não, respondeu ela.

Lyon voltou a estudar a expressão da mulher na pintura.

- Você responde muito rapidamente e sem consideração. Primeiro você deve olhar para ela. Realmente olhar. Imagine-se na sua situação. Num dia em que sua vida muda completamente e o que era antes já não é mais.

Ele circundou-a, movendo-se em suas costas, para que ambos olhassem a pintura. Ele colocou as mãos em seus ombros e sua voz desencarnada veio baixa e hipnótica.

- Imagine que você é ela, esperando por um homem. Qualquer homem. Que estivesse caminhando e que parasse para observá-la.

- Você é bastante nova no trabalho e tímida. Você já teve dois clientes esta manhã, mas você sabe que, se ninguém vier você não comera naquele dia. Então, você espera mais. Homens de todas as classes, pesando o seu valor em termos das moedas em seus bolsos. Você se enfeita e tenta atraí-los com seu sorriso. Mas ninguém pára... Até que... Finalmente, um homem passa... E diminui. Ele pára.

Juliette estremeceu apesar do fogo que ele despertou na lareira de canto. Atrás dela, as mãos deslizaram para cima e para baixo os braços refrigerado, ligando-a a si e ao aquecimento dela muito mais do que fogo.

Por que não fazer suas perguntas e ajudá-lo com mais? Ela abriu a boca para provocá-lo com suas próprias perguntas, mas as palavras que saíram não eram aquelas que ela havia considerado.

- Você deve fugir deste lugar, ela sussurrou.

Suas mãos pararam brevemente, em seguida, abandonaram seus braços, acharam sua cintura. Delicadamente, deslizou ao longo de seus lados para cima, deslizando sobre suas costelas, e mais alto. Então, de volta ao seu quadril, então para cima novamente, refazendo o mesmo caminho mais uma vez e novamente. E a cada varredura para cima, ele acariciou mais perto da lateral dos seios, até que ela estava quase louca com a necessidade de tê-lo segurando o seu peso em suas palmas.

- Mas ele quer você, murmurou Lyon no mesmo tom hipnótico.

- Você pode ver isso em seus olhos.

- Você acena e o leva para dentro do lupanare a sua pequena cela. Há pinturas ao longo da sala, mostrando várias posições sexuais que ele pôde apreciar experimentar com você. Vários fetiches que você pode atender. Alguns clientes exigem tal inspiração e instrução. Você quer saber se ele olha para eles, querendo utilizá-los com você. Você olha para trás e percebe que seus olhos estão em você como se ele quisesse saber como você ficará sem a sua túnica. Você quer saber o que ele fará para quando você estiver sozinha com ele.

Ao lado, Gina gemia rouca e apaixonada. Os gemidos eram entrelaçados com as

pancadas marteladas de uma cama batendo contra a parede e foram irregularmente pontuados pelo estalar do chicote. Amanhã a pele dela estaria marcada onde todos poderiam ver, mas ela gostava de exibir as marcas quase tanto quanto ela gostava de recebê-las.

E, vendo-as, Juliette silenciosamente sentia inveja dela.

As outras meninas assumiam que estava feliz em seu celibato auto-imposto. Que ela não tinha vontade de experimentar o entretenimento visceral que todas elas apreciavam. Mas ela sabia de suas próprias falhas carnavais e sabia que ela estava em um terreno perigoso aqui. Ela pediria para que ele parasse em breve, mas ainda não. Ainda não.

- Na última vez que você chega a sua cela sem janelas. Você puxa o tecido desgastado da cortina. Seu cliente se aproxima mais e seu corpo parece encher a sala.

-Você se move em direção a sua cama, levando-o, como você já levou outros homens antes dele. É de pedra, coberta com uma capa de palha que você colocou recentemente, após seu último cliente.

- Enquanto você está se afastando, ele vem atrás de você. E move o seu cabelo para o lado. Coloca os lábios aqui, ao longo de sua garganta.

Algo escovou o tendão atrás da orelha de Juliette. Luxuosos lábios masculinos. Ela angulou seu pescoço convidando para mais e eles seguiram a descida para beijar o cume de seu ombro. Anelando viajou na sua esteira, e ela esperou para ouvir o que ele iria dizer em seguida. Morreria se não o fizesse.

- Ele a toca e você sente seu calor através do vestido solitário que você usa. A maioria dos clientes simplesmente levantar a frente do seu vestido e empurra o pau dentro de você. Mas este. Seu toque é diferente. Lento.

Lyon deu uma mistura de gemido com suspiro quando suas mãos baixaram e recolheram o tecido em seus quadris para agarrá-la e balançá-la contra ele. Encarcerado em suas calças, seu eixo era uma protuberância, grosso e nodoso que se aninhava ao longo de sua fenda traseira e subiu rapidamente para chameuscar sua espinha. Fortes e capazes dedos arreliando e passeando com massagens, na intenção aparente de memorizar o formato arredondado de seu traseiro.

Cada frase que ele pronunciou abria as emoções de Juliette mais e mais em seu peito. Ela apertou as mãos na frente de sua cintura, mordendo as unhas em sua pele.

- Ele espera por um sinal de que você está pronta para ele. Que você quer o que ele oferece. Ele pergunta se ele é o seu primeiro amante e você se encontra, pensando que gostaria que ele fosse. Mas ele não se importa com essas questões. Ele gosta de mulheres experientes...

Juliette com os lábios entreabertos, olhava para frente, incapaz de desviar o olhar da pintura que inspiraram. Pela primeira vez em anos, ela estava realmente correspondendo ao toque de um homem. Ele tinha vindo a ela como um fantasma mais cedo naquela noite, mas agora estava ali e era tudo muito real.

Buscando alívio, ela mudou ligeiramente de posição, inflamando o liso, arraste agradável dos lábios inferiores elevados entre as pernas. Elas estavam inchadas, enrugada. Molhada com seus próprios fluidos. E ofegando por falta do que ele poderia proporcionar.

Era como se ela estivesse na ponte novamente. A memória do seu tamanho e forma que se deslocaram dentro de seu canal era vívida. A coisa real era difícil em sua volta. Ele podia levantar as saias e estar dentro dela. Tão facilmente.

Sua cabeça pendeu sobre o ombro forte atrás dela e ela cobriu as mãos com a dela. E sempre muito gentil, ela apertou.

Um grito gutural do quarto ao lado quebrou o feitiço que Lyon tecera em torno deles. Gina e o cliente tinham encontrado a sua libertação.

Juliette se esticou nos braços de Lyon, olhando cegamente na parede.

- Pare. Já é o suficiente.

Deixou cair as mãos e os punhos entre os seus seios, protegendo o coração contra as suas próprias emoções e de tudo o que ele iria dizer em seguida.

O que ela estava pensando? Valmont viria e ela só tinha escassas informações do que ele queria. Nem tinha exprimido suas próprias perguntas.

A respiração de Lyon agitou seus cabelos.

- Era você mais cedo na ponte não era. Exigiu suavemente. Ela girou dentro do círculo de seus braços e tentou sair.

- Responda-me. Ele pediu segurando-a.

-Você sabe que era. Ela trincou.

- Você conseguia ver-nos. Afirmou em busca de se olhos.

- Oui! Por piedade! Apertando a mão em sua nuca, ela forçou os lábios para perto dela.

- Fala-me apenas em sussurros, ela repreendeu, apontando para a lareira e seus vigias.

- As paredes têm ouvidos, mesmo aqui.

Lyon ajustou as pernas mais amplas. Suas mãos caíram para abarcarem seu traseiro, levantando-a a seu calor. Lábios famintos se inclinaram sobre os dela e foi como um regresso a casa. A pesar dos riscos, ela nunca se sentiu mais segura e protegida. Exceto pelo crepitar do fogo e o som intermitente de seus gemidos aquecidos, a calma reinou.

- Aquela criatura com você. Eu vi como ela era,

Juliette sussurrou entre beijos. *Essa voz apatetada realmente era dela?*

- Umm?

Ela pegou o queixo forte em ambas as mãos e afastou-se apenas o suficiente para separar os lábios. Âmbar brilhava debaixo de suas pálpebras semicerradas. A fogueira

sobre seus cílios jogava sombras em seu rosto.

- Quem era ela? Juliette respirava.

Seu olhar caiu de sua boca.

-... Uma Nereida. Seus lábios voltaram para sua exploração.

Nereida. Juliette considerada a palavra. Não era uma sereia.

- O nome dela? Ela insistiu, virando o rosto de lado.

- Sibela.

Decepção sombreou suas feições, mas ela apenas disse:

- O que ela é para você?

- O que é Valmont para você?

Ele a beijou novamente, muito brevemente, em seguida, inclinou-se até apertar seus quadris à parede dos afrescos. Os musculosos antebraços plantaram-se um de cada lado dela com uma pancada dura. "Um amante?"

De lado, eles ouviram as vozes e movimentos quando os ocupantes vizinhos saíram da sala dos Mouros. Passo a Passo movendo-se pelo corredor em direção ao salão até deixar o silêncio gritante em sua vigília.

Será que o guarda mudaria sua atenção a eles agora? Quem mais poderia estar ouvindo?

Ela baixou a voz até que ele mal podia ouvi-lo.

- Nada. Ele não é nada.

Lyon gemeu e seus lábios deslizaram para o lado de sua esbelta garganta. A perna de seda rosa a enrolar a volta em torno de sua coxa.

Através de camadas de roupa, seu pau queimava na entrada de seu canal. Ele mudou o seu peso e esfregou o cume difícil.

“Mmm”.

- Quais foram as suas instruções em relação a mim?

Perguntou ele contra a sua pele.

- Eu tenho que me deixar cortejar por você. Mais do que os outros fregueses, pelo menos esta noite. Eu preciso saber mais do seu negócio.

Teria que pagar um inferno se ela não fizesse.

- Para quê?

- Ele é invejoso. De seu sucesso. Não ajudara em nada ele saber que eu estou com você...

Entre eles, o seu pênis contorceu e ela gemeu.

- Assim.

Determinação iluminou o seu rosto.

- Estou alojado no hotel no Quai d'Anjou. Você conhece?

Ela pegou os olhos e acenou com a cabeça bruscamente. É claro que ela sabia disso. Situado ao longo de uma faixa arborizada adjacente ao rio Sena, na Île Saint-Louis, era uma das bandas mais antigas e caras em toda a Paris.

- Venha comigo para lá.

-Agora?

Com a mão, enganchou a perna dobrada suspensa ao seu redor, levando-lhes indecentemente perto.

- Assim nós poderemos falar livremente. Sua voz baixa, sexy e sedutora. - E para que eu possa-te foder sem uma audiência.

Ela engasgou, empurrando contra a sua espera.

- Não! Você não ouviu o que eu disse?

- Se não for hoje, amanhã à noite então. Prepare um dos seus jantares infames se você quer dá uma desculpa digna de me visitar.

Ela balançou a cabeça.

- Eu estou comprometida. Para sempre. Volte para a Toscana. Hoje à noite. Não retorne aqui.

Ele resmungou, beijando-a longa e profundamente, até que se tornou impossível discordar de qualquer coisa. *Ela não queria isso*, ela repreendeu-se. Fosse o que fosse que ele a fazia sentir apenas por estar próximo, era um erro querer isso. *Ela não tinha aprendido nada há três anos?*

Seus lábios foram levemente puxados para trás e ela o seguiu, relutante em deixá-lo ir.

- O seu senhor esta vindo, ele informou-a de má vontade.

Ela piscou para ele.

- O quê?

- Valmont.

Juliette soltou um grito de socorro e saltou para longe dele, seu coração deslizando descontroladamente. De alguma forma, Valmont tinha deslizado perto sem ela perceber. Ela começou a endireitar as roupas e os cabelos rapidamente.

Lyon inclinou um ombro contra a parede, cruzando os braços sobre o peito e olhando para ela. Um minuto depois, o toque afiado de juntas veio à porta.

- Juliette? Você está aí dentro? É o Senhor Satyr com você?

A porta foi aberta.

CAPÍTULO 05

Com a chegada de M. Valmont, o fedor de homicídio bateu com o impacto de uma explosão de espingarda em Lyon. Raiva turva, reduzindo alto em vermelho junto as maçãs do rosto. Embora não tão bem desenvolvidos como o de seus irmãos, seu olfato era muito mais agudo do que o deles quando chegava a aromas isolados. Tal como o sangue.

Seu olhar caiu para o homem limpo, as mãos cuidadas. Tinham sido molhadas com sangue mais cedo. Encharcadas com o sangue dos infelizes, vítimas inocentes. Animais abatidos mais pela excitação do que pela necessidade de preencher uma panela com guisado.

Murmurando sob sua respiração, Valmont contornou os dois a passos largos e caminhou para a lareira, de onde mudou as garrafas e leque até que eles já não bloqueassem os buracos. Então, ele se juntou a eles, todo o sorrisos e beneficência.

De perto, o homem parecia ainda mais cadavérico, Lyon decidiu, com faces afundadas e os lábios azuis. Seus olhos negros cintilavam com o brilho provocado pelo consumo de bebida. Absinto, pelo cheiro dele. Ele provavelmente tinha sido uma vez considerado bonito, mas o seu vício estava tomando um pedágio em sua saúde.

- Vejo que você está se familiarizando com a nossa Juliette, Sr. Sátir,

Valmont começou por abertura de conversação. Ele acariciou o comprimento do cabelo brilhante e o tirou de seu peito, esfregando-a sobre o ombro de uma forma sutil reclamando-a. Suas feições se alteraram ainda mais, cuidadosamente organizando-se em uma expressão, inócuo como um boneco.

- Provavelmente.

Lyon respondeu. Seus olhos se estreitaram para ela. *Se ela tivesse mentido? Ela era amante desse cadáver? Não lhe importava que ela tivesse homens antes. Mas nenhum, e este em particular, nunca mais iriam encontrar o caminho entre suas pernas novamente. Esse prazer, ele reservava para si de agora em diante.*

Outra coisa havia mudado com ela também. Inspirou cuidadosamente, procurando o ar. Enquanto ele segurou-a lá para o fim, ela começou a querer-lhe, apesar de sua afirmação de que ela não deveria. E com o querer, o cheiro dela tinha escapado de suas cadeias, e entrou no ar como um incenso sedutor fugindo como algum gênio da lâmpada exótica.

No entanto, agora, de repente tinha sumido novamente. *Ela era capaz de controlá-lo a sua vontade?* Para tal façanha seria necessária uma quantidade incrível de resolução. De autonegação.

Lyon chegou entre ela e seu detentor, ostensivamente para selecionar uma garrafa de vinho do carro, mas ao mesmo tempo, manobrando para separar o par. Persistente, ele serviu-se de uma bebida que não queria e ofereceu-lhes bebidas que eles recusaram.

E no processo, ele conseguiu aumentar o espaço entre os seus companheiros até que Valmont foi completamente afastado para o lado.

- Vocês são um casal?

Ele perguntou em seguida, com seu copo fez um gesto entre os dois indicando uma possível conexão.

- Oh! Pardonnez moi! Devo me apresentar.

Valmont fez um show de delicadeza, pressionando a mão ensangüentada recentemente, a sua camisa branca e abaixando a cabeça em um meio cumprimento.

- Eu sou Valmont Monsieur Pierre. Eu tenho sido guardião de Juliette ao longo dos últimos anos...

Ele olhou ao redor do volume de Lyon em direção a Juliette.

- Quanto tempo tem sido chérie?

- Três anos. Ela respondeu brevemente.

- Oui, mas é claro, disse Valmont.

- É o mesmo tempo que a sorte da sua família piorou, não é? Lyon perguntou, virando o parafuso.

- Oui, Valmont disse novamente, olhando para ele. Um olhar de ódio intenso que ele não conseguia esconder esvoaçou sobre o rosto e depois foi embora. A vinha de seu pai tinha sido abatida pela filoxera, e ao que parecia Valmont culpava Lyon e sua família por alguma razão. Ou talvez tenha sido o simples ciúme para outra pessoa com boa sorte. Ele não era bom em desvendar tais coisas.

- Mademoiselle Rabelais e eu estávamos discutindo essa circunstância mais cedo nesta noite.

Lyon disse a ele.

- Mas nossa conversa foi desviada para outros assuntos. Na verdade, quando você se juntou a nós, eu estava tentando persuadi-la a preparar um dos seus jantares em meu hotel, amanhã à noite. Viajei mais de uma semana para chegar a Paris, e o pensamento de uma refeição bem preparada tem grande apelo.

Além de Valmont, Juliette estava sacudindo a cabeça e fazendo gestos furtivos, na tentativa de dissuadi-lo de prosseguir de com intento. Ele a ignorou. Adulador como Valmont era talvez ele fosse ajudá-lo em uma coisa: assegurar o seu consentimento.

- Informe-me ao senhor Satir que minhas noites de sexta-feira estão comprometidas para o futuro previsível. Juliette interrompeu.

- Ai de mim, eu devo voltar para a minha propriedade em breve. Lyon continuou.

- Embora eu tenha assegurado a ela que eu estou disposto a pagar qualquer preço pela oferta de jantar em excelente companhia, tal como a dela, eu não consigo movê-la de sua posição.

Os olhos de Valmont brilharam com a promessa de um pagamento substanciais.

- Felizmente, Juliette está enganada. Disse ele, puxando seu olhar surpreso. - Sua agenda tem uma abertura inesperada e ela estará disponível para você depois de tudo. Amanhã à noite, você disse?

Seus olhos voaram para seu rosto.

- Mais não.

M. Valmont manobrou em torno de Lyon para capturar o pássaro esvoaçante da mão de Juliette na gaiola da mão dele. Lentamente, ele acariciou suas costas.

- Chère Ma, Monsieur Sátir ficara pouco tempo em Paris. É um grande elogio encontrá-lo disputando o favor de seus talentos culinários.

Lyon observou, esperando algum debate sobre o assunto. Ela obviamente queria recusar. Mas ela só olhava para as mãos pálidas acariciando as suas.

- Posso assegurar-lhe que minha tutelada irá fornecer uma refeição inesquecível. Eu imagino que você já está planejando o cardápio em sua linda cabecinha, não é, Juliette?

Valmont endireitou o laço ao longo de seu decote, tocando-a intimamente no processo. Ela não mostrou nenhuma indicação de que ela tenha percebido.

- É claro, respondeu ela apática.

Contemplando a mão que proclamava propriedade sobre ela, Lyon se imaginava rasgando-a fora e quebrando todos os seus ossos. O instinto de protegê-la subiu nele. Seus pensamentos foram para a porta. Ele poderia empurrar Valmont através dela para o corredor. Ele poderia manter Juliette com ele dentro deste quarto, trancar a porta com a mente, arrancar suas as saias, e se empurrar profundamente nela. Seu pênis subiu, sinceramente endossando este plano. Por outro lado, ser preso em sua primeira noite em Paris era, sem dúvida, a maneira errada de fazer as coisas. Ele queria garantias de Valmont que ela viria com ele amanhã. Ele deveria sair. Agora, ou ele agiria conforme seu plano, alimentando as fofocas parisienses para os próximos anos. Não se importava com ele pessoalmente, mas prejudicaria sua família. Que sempre colocava em primeiro lugar.

Cortando as correntes que giravam em torno dele, Lyon falou.

- Está resolvido então. Juliette vai me visitar amanhã no meu hotel. O mais tardar às quatro da tarde.

Seus olhos protestaram, deixando-o saber que ela não iria a ele de boa vontade, assim que os acordos foram concluídos, ele saiu, sentindo suas entranhas se revolverem com a separação dela quando se afastou. Fora na rua, ele olhou de volta para as luzes de aquecimento das janelas dos apartamentos de Valmont e enfiou as mãos nos bolsos. Considerando o fato de que ela de alguma forma dominava o odor do próprio desejo, a atração de encantos Juliette Rabelais era surpreendentemente forte.

Considerando a curta distância e ainda não tendo acasalado com ela, ele estava achando fisicamente doloroso se retirar. A lembrança do seu cheiro ainda persistia em seus pulmões, pedindo-lhe para voltar a ela e torná-la sua. A pele dela estaria fresca contra o seu calor, seus lábios macios não muito doces. Ele iria afogar seu pênis dentro

dela.

Se afogar em seus olhos verde-mar... verde-mar... *olhos... Sibela!!! Vinte infernos!*

A cabeça de Lyon chicoteou para a direção do parque. Durante as horas anteriores, ele conseguiu em grande parte esquecer, havia duas filhas Fadas em Paris. E que ele havia prometido se encontrar com Sibela novamente esta noite. Atravessando a rua deserta a passos largos aproximou-se do parque rapidamente. Ele não estava ansioso para por esta confrontação em pratica.

Ele estava sofrendo por falta de sexo, mas pela primeira vez em sua vida foi a necessidade específica de uma mulher. E não era por Sibela, seu corpo alfinetou. Um acoplamento com a filha de fyedon do mar poderia ser desculpado, mas se ele viesse a cometer o erro de acasalar com ela novamente, seu destino seria selado com o dela. Independentemente, seria impossível deitar com outra depois de ter encontrado Juliette. Ele não se iludia achando que estava apaixonado por ela. Mas ele estava apaixonado de uma maneira que não se lembrava jamais de ter sido com qualquer pessoa antes dela, e sentiu como um garoto ansioso com a perspectiva de vê-la novamente. Sibela não aceitaria de bom grado a mudança em seu relacionamento e exigiria uma explicação. Ele tinha um pressentimento de que citar que havia passado a última meia hora enrolado em sua irmã seria imprudente. Mas ele precisava resolver as coisas com ela e averiguar se ela sabia sobre Juliette.

Ele tinha ficado com Sibela apenas uma vez e não foi durante Moonful. A ligação havia sido forjada, mas era fraca e ainda poderia ser quebrada. Isso seria mais fácil com a sua cooperação. E era aí que residia o problema.

Certamente, ela não tinha uma profunda ligação com ele, mas ele percebeu que ela tinha um motivo subjacente para procurá-lo. *O que a faria desistir de qualquer reivindicação sobre ele?* Ele procurou uma solução, algo que o ajudasse a barganhar. *Uma oferta de jóias? Terras?* Ele tinha uma grande riqueza de ambas. Ele simplesmente precisava determinar o que ela desejava para dar-lhe em troca de que ela desistisse dele.

Claro, algo seria feito para mantê-la protegida, mas ele estava atualmente sem idéias para encontrar a solução. Não havia mais de sua estirpe aqui na terra. Nenhum quarto meio-irmão Sátir para se tornar marido da supérflua meia-fada.

No entanto, parecia que suas perguntas e qualquer encontro seriam adiados. Apesar de ter procurado a margem do rio em todos os lados do parque duas vezes, nem Sibela nem o cheiro dela estavam em qualquer lugar...

- Excelente. Resmungou, irritado.

Atirou-se para um dos bancos que se estendiam ao longo do caminho do parque, escolhendo-lo porque ele oferecia uma vista do townhouse cinza com a porta vermelha do outro lado.

Ele não tinha dúvida de que Sibela voltaria uma vez que ela tivesse acabado com a birra, e ocorreu-lhe que talvez fosse até melhor que o seu confronto houvesse sido

adiado.

Depois da Moonful ter passado, os dois estariam mais racionais tanto com a mente como com o corpo. Então, ele poderia tranquilamente apresentar as duas filhas de Feydon e levá-las com ele para a Toscana. Lá, ele e seus irmãos, poderiam descobrir se as duas eram filhas de Feydon mesmo e determinar suas obrigações para com cada uma delas.

Ele suspirou interiormente com a perspectiva de Nick e a reação de Raine, quando ele chegasse com duas fêmeas, em vez de uma. Eles teriam sem dúvida nenhuma, muito prazer em arreliá-lo sobre suas supostas qualidades atrativas.

Como que para pontuar os seus pensamentos, uma mulher veio caminhando sobre a grama em direção a ele, parecendo esta prestes a lhe falar.

- Eu não estou aqui. Ele murmurou, com um gesto brusco a dispensando.

Ela parou, agitou a cabeça como se estivesse um pouco confusa, e depois voltou para a escada que a levaria até a ponte.

Ele olhou ao redor. Não havia ninguém no parque. Ela deve ter descido da Pont Neuf especificamente para estar com ele. Suspirando, ele ergueu uma suave força mágica, em torno de si, de modo que nenhum outro seria capaz de vê-lo.

Porque ele as estava atraindo em massa? Ele se perguntou. *Seria pelo fato de que três criaturas com sangue de ElseWorld estavam reunidas aqui em Paris?* Em uma cidade nova do Homem não acontecia tais coisas, e de alguma forma isso poderia ter mexido um pouco de magia latente. Ele não quis considerar a outra possibilidade que Else World estava de alguma forma se infiltrando no mundo. Não havia movimento na janela alta dos apartamentos de Valmont. Enquanto Lyon observava Juliette veio para o vidro.

Assim, esse era o seu quarto de dormir, como ele tinha imaginado no início do dia.

Vê-la novamente enviou uma sacudida rápida de luxúria através dele. Infelizmente, ela não permaneceu muito tempo, mas só contraiu as cortinas fechando-as, deixando-o zumbindo com isso.

Normalmente, neste tipo de situação, ele teria evocado uma Shimmerskin para foder preenchendo as horas ociosas, enquanto ele estava sentado ou neste caso de guarda para Juliette. A iridescência Shimmerskin era difícil dominar mesmo sob um chamado da moonful. Ainda assim, ele tinha tomado antes de tais hipóteses em aberto. Ele poderia ter encontrado um esconderijo. Talvez se isolado com uma parceira nas sombras da ponte ou ido para o hotel.

No entanto, o desejo nele seria aquietado apenas por uma fêmea. Seus olhos foram para a janela alta do quarto dela.

Abrindo a frente da calça, ele escorregou a mão para dentro. Ela mergulhou fundo, estabelecendo-se no ninho quente de cerdas em sua virilha.

Seus dedos experientes sabiam do que ele gostava enrolaram em torno da raiz de

seu pênis e ele agarrou-se.

- Umm.

Ele inclinou a cabeça com luxúria para trás na carícia do luar em seu rosto e pescoço. A Lua havia encerado apenas um tímido ciclo completo de plenitude. Menos de vinte e quatro horas a partir de agora, a noite mais sagrada do mês para o Satyr iria ocorrer, prendendo-o em seu encaixe carnal.

Sob uma mooful sua semente seria mais potente. Capaz de gerar crianças se ele assim o quisesse. Foi um acaso que sua espécie havia sido concebida de modo que eles poderiam fornicar onde e com quem eles escolhessem a todas as outras noites, sem preocupação de gerarem crianças ou de contrair doença.

Sendo uma mulher experiente, Juliette, sem dúvida iria precaver-se contra a concepção, sem saber que ele poderia facilmente anular qualquer forma anticoncepcional a seu critério. Ela ficaria furiosa se ele assim o fizesse. Mas era tentador. Uma criança que faria com que a proteção que havia sido ordenada por Feydon fosse mais rápida de conseguir. As crianças Sátir exigiam apenas um mês de gestação, ele poderia se tornar um pai com rapidez impressionante.

O simples pensamento de ver sua barriga crescer com o seu filho e imaginar como gerariam essa criança, fez seu pênis contrair em sua mão. Seus olhos se estreitaram para a janela escura, quando ele começou um longo e vagaroso alisar em seu pênis. Ele manteve o ritmo enquanto seu pênis subia até seu umbigo obrigando-se a não ter pressa. Na sequência da sua mão, um labirinto de veias púrpuras brotou ao longo de seu comprimento, aquecendo sua verga.

Finalmente, com um golpe duro, seu punho encontrou o prepúcio que rodeava a borda da sua coroa. Seu aperto era angular de modo que seu dedo indicador massageava o talhe inferior e sensível, seus cílios tremularam, inclinando-se mais baixos. Âmbar brilhava debaixo deles, queimando esse espelho negro alto, onde ela se escondeu por trás de toda a quai. Uma brisa suave escovava sua pele e imaginava que era ela, levantando as saias para ajoelhar-se no banco e escarranchar-se nele.

Inclinando-se para trás, ele plantou os pés de largura na grama em frente a ele, indiferente por estar sendo um exibicionista. Ninguém ia ver através da magia que ele tecera e mesmo que visse ele não se importava.

Algumas gotas opalescentes de pré-semem bombearam e ele as espalhou por sua coroa com o polegar. E imaginou-se pressionando nela... esticando os lábios apertados com sua largura, puxando duro seu pênis... Imaginou-o com seu revestimento liso, um beijo inferior e quente. Outro jato de sêmen chegou, desta vez dentro dela. Então, ela foi escapando, só para voltar a descer para prová-lo novamente indo e voltando, indo e voltando.

- Umm.

Quando se tornou muito, ele arrastou o seu punho para baixo e imaginava-se em túneis mais profundos, se elevando mais entre suas pernas. Imaginou que ela sutilmente

curvava em seu abraço, tendo cada vez mais dele. E muito mais.

O lado da mão escavava seu escroto na chegada de seu impulso para baixo, e ele imaginou que ela tinha afundado em cima dele. Que ela estava completamente aberta para ele e ele estava tão profundamente dentro dela que a fenda de seu traseiro colidia com seu saco. E então ela foi embora de novo deslizando até a sua borda, massageado seu comprimento e quase escapando dele. E então descia sobre ele, desta vez com mais urgência. Molhado e corado agora, o seu pênis elevado e duro, brilhando com a luz do luar e de seus próprios fluidos. Enquanto ele trabalhava-se cada vez mais rápido, os olhos entreabertos foram para o parapeito da ponte onde ele a viu primeiro. Ele convocou a memória de sua pele e lábios e perfume perfeito.

Seus impulsos ficaram mais duros assim como sua respiração. Seu abdome contraído em direção a sua libertação iminente. Seu punho bateu-se para baixo de seu eixo um... passado... tempo...

O grito gutural escapou sufocado. Seu pênis empurrou na mão e um jato forte atirou o sêmen dele, gotejando pela grama entre seus pés. Mais veio surgindo e jorrando melando o dorso de sua mão e molhando sua barriga e suas bolas e se acumularam em seu ninho. Sua respiração serrada em seus pulmões, como se fosse durar para sempre.

Deuses, nunca pararia? Raramente ele havia tido um orgasmo tão magnífico, torcendo pulsações, especialmente por suas próprias mãos.

Eventualmente, ele se fez mais fácil e mais lento. Ele apertou suavemente, acariciando a partir da fenda de sua coroa.

- Ahhhhh.

Por longos momentos depois, ele se divertia com o bálsamo contente de saciedade. Mas o sangue quente dos seus antepassados ainda cantava em suas veias e seu pênis permaneceu grosso e túrgido, em suas mãos, pronto para mais. Com o tempo, ele exigiu que começasse de novo e ele assim o fez.

Lá, nas sombras de ciprestes e de bordo, o ar úmido de outono, ele se fodeu mais e mais por toda a noite. E cada vez que ele entrou na sua própria mão, ele sonhava com ela. Juliette. Sua escolhida.

A lua tinha viajado a meio caminho entre o céu antes de ele finalmente ficar saciado. Ele se lavou no rio, em seguida, retornou ao banco e postou-se mais confortavelmente.

Erguendo os braços, estendeu, em seguida, dobrou-os em seu peito, preparado para cuidar de Mademoiselle Rabelais o que restava da noite.

Em algum lugar no além, o rei Feydon estava provavelmente rindo as gargalhadas tolas por ter lhe entregado este dilema. Irmãs - uma ninfa da água excêntrica e a outra extremamente cautelosa.

Apesar de tudo estar uma confusão, ele não deveria estar feliz, mas ele estava. A noite seguinte seria Moonful. E Juliette estaria vindo.

Um pouco antes do amanhecer, houve uma batida na porta do alto Sótão que Lyon monitorava. Juliette se mexeu em sua cama. A batida veio de novo, então a porta se abriu e Fleur enfiou a cabeça dentro.

- Você está acordada?

- Oui. Entra.

Juliette sentou-se, dobrando os joelhos elevados para o peito. Ela não conseguiu dormir e ficou feliz com companhia.

Fleur escorregou para dentro cheirando a sexo e perfume e o olhar tão doce e inocente como alguém que não tinha acabado de passar a noite inteira na companhia de homens.

Juliette mudou de lado, abrindo espaço para ela na cama. Com a sua forma habitual fácil, Fleur deitou-se de barriga sobre o colchão e apoiou o queixo no cotovelo, para contemplá-la.

- Olha! Monsieur Tremont me presenteou.

Segurando seu pulso, a menina o mostrou com vivacidade, assim a pulseira que ela usava brilhava à luz do luar que passava através das cortinas.

- É lindo, disse Juliette, chegando a examiná-lo.

- Oui. Fleur bocejou trás da mão. - Mas eu não vim falar disso. Diga-me o que aconteceu com o senhor Grandão com o cabelo dourado. Os outros ficaram selvagens com ciúme por Monsieur Sátir ter sido escolhido seu companheiro no salão. Então, quando você passou junto ao hall dos quartos! U lá lá! Estou certo de que Agnes ficou tão verde como o absinto, quando ela me contou isso. Você nunca foi com um homem visitar os quartos antes. Ele visitou sua cama?

- Fleur! Juliette olhou para o céu como se procurasse ajuda.

- Você é incorrigível. Você pode dizer Agnes e os outros que só estávamos conversando. Nada mais. Elas são bem-vindas para tentar a sorte com ele se ele vier de novo.

Fleur tsked.

- Você deveria se deixar visitar pelos senhores! Para ser presenteada se nada mais.

Ela balançou a pulso, chacoalhando sua pulseira brilhante como um lembrete.

- Com sua beleza, você pode adquirir uma mala cheia de adornos em um instante e muito mais que todas nós juntas!

- Acho que vocês superestimam um pouco o meu poder de atração.

Juliette levantou a mão quando a menina começou a protestar.

- No entanto, você ficará contente em saber que estou a cozinhar para Monsieur Sátir. Valmont está me mandando para o seu hotel esta noite.

- Alors! Mas isso é maravilhoso.

Fleur saltou para os joelhos e apertou as mãos sobre o coração.

- U Lá-lá! Ele é tão bonito. E tão grande. Mas, com sua roupa me desculpe acho que talvez ele não seja tão rico para comprar presentes.

Sua testa se enrugou diante deste problema intransponível.

Juliette apenas deu de ombros, sabendo que sua situação financeira era elevada, mas não se preocupou em contradizê-la.

Desencanando, Fleur saltou sobre o colchão. Palmas para fora, ela mexeu os dedos.

- Mas ele tem mãos tão grandes. Ela levantou as sobrancelhas e baixou significativamente.

- E? Questionou Juliette, não pegando o seu significado.

- E quer dizer que ele tem um grande pau entre as pernas. Talvez seja presente suficiente! Fleur riu alegremente.

- Oh! Confio em você para localizar um lado feliz a cada situação.

Juliette não podia deixar de aderir a menina em risadas, embora ela não pudesse imaginar por que ela encontrou uma coisa cômica.

A porta abriu e de repente estava ali Valmont. Com sua sombra sinistra, ambos se calaram.

- Uma palavra, disse a Juliette.

Muda por sua vez, Fleur saltou e fez a partida. Quando ela passou, ele derrubou até o queixo para estudar seu rosto.

- Você é uma coisa um pouco pequena, não é? E, recentemente, deixou de ajuda na cozinha?

- Oui.

- Seu nome?

- Fleur.

- Bem, pequena Fleur, o seu senso de decoro deixa algo a desejar.

Sua mão em concha na bochecha e Juliette ficou tensa.

- Monsieur? Fleur perguntou inclinando a cabeça.

- No salão a noite passada. Você permitiu liberdades para Messieurs Arlette e Tremont, que não são admissíveis, os quartos são para trás. Nós não somos um bordel comum.

Fleur assentiu com a cabeça, olhando castigada.

- Não se preocupe, ma petite. Você pode ser perdoada por esse lapso. Seu olhar deslizou sobre ela.

- Você é um pacote um tanto bem feito. Vou convidá-la para minha cama mais

cedo, né? Eu gostaria de uma amostra para determinar o que chama os outros à sua maneira. Mas talvez primeiro, vamos ver sobre o seu cabelo.

Levantou umas mechas do escuro cabelo e deixou que ele escorregasse de seus dedos, olhando para ele considerando.

- Algo mais promissor no caminho da cor. Talvez loiro, como nossa Juliette aqui.

Fleur arremessou um olhar de saber procurando seu caminho, que foi tão expressivo como um rolar dos olhos. *Ele vai me mudar para fingir que eu sou você, quando ele me foder*, ela disse, tão alto como se ela tivesse falado seus pensamentos.

- O cabelo dela é lindo como é, Juliette protestou.

Valmont ignorou-a e, em quando encontrou a pulseira de Fleur lhe ergueu o braço para examiná-lo.

- Você gosta da pulseira? Perguntou ele. - Se você me agradar, eu poderia ter uma pequena recompensa para você.

- Jóias?

- Talvez, disse ele, soltando a mão dela.

- Olha para o seu cabelo primeiro. Agora, deixa-nos. E feche a porta atrás de você.

- Oui, monsieur.

Fleur virou para ir embora. Da porta, ela fez uma careta de volta para Valmont, então piscou para Juliette antes de fugir pelo corredor.

- Por que ela? Juliette exigiu uma vez que ela tinha ido. - Ela não é o seu estilo usual.

-Eu tenho interesse em todos os seus interesses, Cherie. Você sabe disso.

Foi uma ameaça. Seja quem for ou quem quer que ela viesse a gostar, ele iria manchar ou destruir. Sua preocupação pelo bem-estar de Fleur floresceu.

- Ela deve ser advertida de suas tendências violentas, se nada mais. Valmont continuou.

Juliette colocou os braços apertados em torno de seus joelhos.

- Você queria alguma coisa? Perguntou ela, recusando-se a argumentar.

Seus olhos foram para o frasco sobre sua penteadeira.

- Será que você tomou suas gotas?

- Oui. Demais na verdade.

- Mas você não dormiu? Gostaria de saber se os pensamentos lascivos de Monsieur Sátir são o que a mantém acordada?

- Fleur me acordou. Garanto-vos que eu estava dormindo profundamente antes de sua chegada.

Ele não a deixou, em seguida, como ela esperava, mas veio se sentar ao lado dela

na cama, seu quadril aquecendo sua coxa.

- Descanse. Você deve estar cansada.

Ele cutucou em suas costas e fez um lugar para se deitar no colchão ao lado dela.

Juntando-se em sua cama, desta forma, foi um acontecimento inédito e a assustou quase a deixando fora de juízo. Como ela estava de volta, ela puxou as cobertas até ao queixo. Ele se aconchegou perto dela ao seu lado, com a cabeça no travesseiro ao lado dela. Ele encostou a mão em seu rosto, na barriga.

- Você está tensa. Relaxe.

- Estou cansada, ela sugeriu, tornando a se virar.

Mas a mão debaixo do cobertor serpenteava em torno de sua cintura, segurando-a ainda. Entre eles, o seu pênis ficou rígido contra seu quadril. Pânico a varreu.

- Você estava certa antes. Estou com ciúmes, ele sussurrou em seu ouvido. - Posso dizer que pelos interesses de Sátir.

Ela olhou para o teto, recusando-se a olhar para ele.

- Não. Ele não, ela mentiu. Qualquer outra resposta teria sido insensata.

- Foi você a pessoa que sugeriu que eu lhe mostrasse os quartos a noite passada. Você foi o único que arranjou um encontro entre nós esta noite. E não eu. Eu o cancelaria de bom grado.

Sua voz e seu aperto ficaram mais intensos.

- Então você estava apenas agindo em meu nome quando você o deixou tocar-te?

Ela olhou para ele, notando as mudanças ocorridas nele, e que eram mais surpreendentes de perto. O Absinto foi lentamente lixiviação a cor de sua pele, depois de chegarem a Paris, deixando-o magro.

- O que você esperava que acontecesse se eu o levasse para o quarto?

Ela às vezes pensava que ele a colocava no caminho de outros homens para testá-la. Para ver se ela iria sucumbir. Era tudo um jogo que só sua mente louca compreendia.

- No entanto, eu recolhi algumas fofocas antes de nos interromper, informou a ele, passando a relacionar os fatos magros, que ela havia colhido, embelezando e inflacionando a importância da melhor maneira possível.

- Não é muito por todo o tempo que você gastou com ele, lamentava, quando ela terminou.

- Desde que não tenho sido particularmente bem-sucedida com ele, até agora, por que você me envia esta noite? Por que não enviar uma das outras?

- Você sabe por quê.

Seus olhos penetraram nos dela e ela desviou o olhar. Sim, ela sabia.

- Vai ser mais do que aquilo que ele merece, disse a ela. - Ele e seus irmãos pensam que estão acima de mim, aproveitando as falhas do meu pai e vendo-me arrasado. Como

eles devem estar rindo de mim me vendo vender mulheres.

Sua mão arrastou em seu estômago.

- Toda a sociedade Parisiense atualmente nos despreza, embora muitos deles freqüentam-nos às escondidas. A polícia irá eventualmente ser forçada a expulsar-nos, apesar de meus subornos. Mas tenha certeza de que eu tenho um plano para me ver reintegrado entre os haut monde (top do mundo) e em empreendimentos mais respeitáveis.

- Como?

Seus olhos se voltaram furtivos.

- Eu vou te dizer só isso por agora. Que é provável que Satyr e seus irmãos sejam a melhor esperança da Europa para combater a filoxera. Ele admitiu que está colocando todos os seus recursos para trabalhar para encontrar uma cura. No entanto, eles não podem ser bem-sucedidos.

- Mas por que não? Exclamou ela.

- O tempo não é adequado para falar sobre isso. Ao vir aqui, eu só queria informá-la que eu vou estar longe hoje, mas vou chegar a tempo de estar presente para a preparação de sua partida para o hotel de Sátir esta tarde e irei escoltá-la até lá.

Preocupação desceu em espiral através dela quando ela procurou seus olhos. Ele esperava que ela fizesse tudo o que ele ordenasse para ajudá-lo em seus planos tortuosos, seja qual fosse o plano. Para se tornar um cavalo de Tróia, quando ela fosse para o hotel de Lyon, trazendo-lhe problemas.

Ela estava abalada a partir de seus pensamentos em um instante, quando Valmont se mexeu, colocando sua cabeça em seu peito como se fosse uma criança e ela a sua mãe. Seus músculos tremiam em rejeição.

- Minha mamãe morreu no parto. Você sabia? Ele murmurou.

- Todo mundo sabe sobre as circunstâncias de sua família. Você era o nosso sustento. De toda a aldeia.

Ela respondeu levemente.

Ele ficou quieto por um momento, então mudou sua mão, alisando a barriga mais lisa em círculos.

- Você quer ter filhos? Uma garota como a jovem Fleur para mamar em seu peito, ou um filho?

Seu toque foi maior sobre sua figura, em seguida, suavemente curvada em torno de seu peito. Um indicador encontrou seu mamilo através de sua camisa.

Ela pegou sua mão, mas não seus olhos.

- Não, ela sussurrou, olhando fixamente para a parede oposta.

Por um instante suspenso, ele não fez nada. Ela sentiu a sua frustração, sentiu seu comprimento rígido em seu quadril, mas ele deu-lhe um último e rápido aperto em seu

peito e retirou-se para ficar ao lado da cama.

- Durma um pouco. Hoje à noite será cheia para você. Espero que você faça seu bem trabalho com Satyr. Mas não muito bem. Tenho certeza que você sabe o que quero dizer.

- Oui, disse ela em voz baixa. Ela virou a costa para ele e o ouviu ir embora.

- Você sabe que eu amo você, ma chérie, disse ele da porta. - Você sabe, não é?

Ela acreditou nele uma vez. Seu erro.

- Oui, ela disse automaticamente.

A porta se abriu e fechou. Depois de um momento, ela espiou por cima do ombro. Ele tinha ido. O fato de que ele não visse qualquer necessidade de trancá-la era humilhante. Ele sabia que ela era demais covarde para sair. Ela agitou-se da cama e foi para a bacia em sua pia. Com as mãos trêmulas, ela chegou a sua camisa e lavou seu toque rapidamente.

Se ela não tivesse se deixado ficar como um rato, ela levaria Fleur esta noite e fugiria. Deixaria Paris para trás. Mas pensamentos como esses eram ridículos para quem dificilmente poderia forçar-se a atravessar uma ponte ou olhar sobre um rio, muito menos fugir de todo o país.

E uma vez que Valmont tivesse envenenado Fleur com suas mentiras, ela estaria disposta a fugir com ela? Mesmo que elas fugissem, onde estariam seguras? Preocupações continuaram a perseguir sua mente, sem soluções à vista ela escorregou de volta para a cama.

Depois de um tempo, ela levantou-se novamente e teve outra dose fraca de seu frasco. Ela passou os últimos três anos em uma vida de coma, aceitar com calma e se arrepender. Mas esta noite ela sentiu o início de alguma mudança, aterrorizante e importante do mundo exterior tinha a intenção de empurrar em cima dela. Ela puxou a janela fechada, em um esforço inconsciente para mantê-lo na baía. Eventualmente, ela dormia.

Algum tempo depois, a alvorada chegou fora de sua janela. O gigante masculino de forma desconhecida para ela, tinha guardado a partir de uma distância ao longo da noite, levantou-se de seu banco. Alongando-se, olhou em direção ao nascer do sol river. Then-rosa, ele se virou e caminhou de volta pelas ruas sinuosas da Île de lá Cité, onde passava apenas algum vagabundo ocasional. Uma vez na ilha adjacente de Île Saint-Louis, dirigiu-se a seus aposentos, onde ele iria dormir durante o dia todo. E aguardar Juliette.

.....

CAPÍTULO 06

O batedor dourado polido tinha batido apenas uma vez quando a porta abriu painéis sob a mão de Juliette e Lyon apareceu. Seu corpo maciço estava bloqueando a luz no final da tarde a partir das janelas atrás dele, lançando seus traços na sombra. Embora, na verdade, ele descansava mais de pé, com uma alta musculatura no antebraço apoiado no batente da porta.

Seu olhar varreu sua aprovação por sua aparência. Por sua vez, ela ficou desapontada ao ver que ele era tão bonito como ela se lembra. Mesmo corpo, mesmos músculos. Mesmo olhos âmbar diabólicos. O mesmo sorriso encantador. No entanto, ela não estava com disposição para apreciar suas atrações físicas. Menos de um hora atrás em seu quarto, sua empregada tinha amadurecido e vestiu como um peru a prêmio. Agora ela estava a servir-se até este homem, juntamente com uma refeição na esperança de que ele fosse galantemente dar-lhe o que queria Valmont. Mas ela chegou aqui com uma agenda de seu próprio bem.

- Bem-vinda, ele retumbou em uma voz que lhe acariciou as terminações nervosas.
- Estou feliz que você tenha vindo.

- Você me deixou com muita escolha no assunto, disse sarcasticamente.

Ele se aproximou e ela deu um passo involuntário para trás. Mas ele só estendeu a mão para aliviá-la de sua cesta.

- Você poderia ter me recusado, mas tive a nítida impressão de que era seu tutor quem estava relutante de recusar.

Ele estava certo, é claro. Mesmo agora, M. Valmont e seu cocheiro aguardavam seu retorno, fora em um carro. Depois de deixá-la ali fora, ele tinha planejado ficar estacionado por perto em um local que permitisse uma visão clara do hotel. Normalmente, Valmont permanecia em casa, quando ele as mandava nesses passeios esporádicos. Que ele tenha vindo ao longo desta noite e agora permanecia nas proximidades dizia muito sobre o quão importante o seu trabalho aqui era para ele. Ou sobre o quão pouco ele confiava nela com este homem.

- Sua cozinha e salas de jantar? Perguntou ela, ignorando comentário de Lyon quando seu olhar procurou o apartamento para além dele.

Tardiamente, ele parecia notar o trio de criados que tinham acompanhado a ela.

- Por aqui, ele dirigiu, fazendo sinal para que todos pudessem segui-lo para dentro.

Seu quarto incluía uma pequena cozinha para os residentes de mais abastados, e que foi onde ele levou.

Sua comitiva desfilou atrás deles tendo utensílios de cozinha, taças, cestaria, e uma bandeja de prata cúpula. Ficaram para ajudá-la e desvendar e desembulhar, tendo todos, mas alguns dos pratos com eles a fim de que ela fosse capaz de transportar o que sobrou quando ela partisse. Com alguma sorte, dentro de uma hora. Ela não deu a Lyon

qualquer atenção, enquanto dava instruções e arranjava as coisas sobre os contadores a seu gosto. Uma vez que os seus direitos tinham sido executados, os servos apressaram-se para fora e a deixaram para realizar o resto. Ninguém comentou sobre a impropriedade de uma jovem mademoiselle ficar sozinha em um hotel na companhia de um cavalheiro do mundo. Foi tacitamente entendido por todos que a totalidade de seu desempenho esta noite iria incluir.

Olhando dentro do saco de artigos de higiene que tinha trazido e onde estava um godemiche de couro e uma seringa, ambos embrulhados em lençóis limpos. O frasco continha uma ducha contraceptiva de alum adstringente, cicuta casca e folhas de framboesa foram escondidas lá também.

Só ela sabia a verdade completa do que se passou nestes jantares tête-à-tête. E ela nunca tinha chegado ao ponto de ter de empregar tanto o couro ou a seringa. Mas cada vez que ela preparou uma outra refeição para um senhor desconhecido, ela também preparou o contraceptivo equipamentos para evitar uma criança, e trouxe com ela para seus aposentos. Apenas para o acaso.

Uma vez que o último dos asseclas tinha ido, Lyon fechou a porta sobre eles e voltou para a cozinha. Quando ele disse nada, ela virou-se para encontrá-lo apalpando as coisas que tinha trazido.

- Quanto tempo vai levar tudo isso? Ele perguntou, dando a bater na mão com um olhar perplexo.

- Existe alguma pressa? Perguntou ela, retirando o pano que cobria a manteiga e o ovo, para que pudesse completar o molho béarnaise.

Ele olhou para a janela e seus olhos seguiram o seu. O sol estava baixo, menos de duas horas de mergulhar-se no rio Sena.

- Eu admito que esteja surpreso que você realmente trouxe os preparativos para um jantar, disse ele obliquamente.

- É o que foi prometido, disse ela, fingindo para o momento que ela não estava ciente de que, sem dúvida, ele esperava mais dela.

- Eu sei que é cedo, mas o tempo foi um arranjo que você fez especificamente. Eu espero que você esteja com fome?

Um canto de sua boca transformou-se em um segredo de diversões, enquanto estudava um de seus preparados mais incomuns.

- Oh, eu estou.

- Tudo estará pronto dentro de meia hora, informou a ele, decidindo supor que ele se referia a sua refeição. - Gostaria de ajudar-me?

Ele observou a dispersão dos utensílios e dos gêneros alimentícios com dúvida.

- O que resta a ser feito? Tudo já se vê e cheira delicioso.

- Passei o dia preparando as coisas, e agora exige apenas alguns minutos para acrescentar os molhos e polvilha. Um pouco de corte. Aqui, pegue este avental, e vou te

mostrar como fazer, sugeriu.

Ele tomou um avental de grandes dimensões de linho branco dela e o colocou por cima de suas roupas.

- Devo avisar que sou um pouco desajeitado entre objetos delicados, disse ele, olhando para as ervas e vegetais que definhavam em frágeis tigelas.

- Nada aqui é precioso, disse ela, rapidamente, instruindo-o sobre o tratamento de estragão e cerefólio.

Como ela trabalhava nas proximidades, ela o observou começar as tarefas atribuídas por ela, encontrando-o encantador em sua determinação para obtê-lo direito. Ela começou a relaxar um pouco ante a rotina familiar de preparar uma refeição e ao fato de que ele não tinha imediatamente a pressionado em seu quarto.

Em vista de sua riqueza de renome, a sua maneira de vestir continuou a surpreendê-la. Ele não tinha feito qualquer tentativa de impressioná-la hoje à noite com cetins extravagante, mas foi vestido informalmente como tinha sido a noite passada, com a exceção do aditamento de um casaco castanho-amarelado. Ele estava impecável, mas claro ela perguntou se era, de fato, sua maneira pequena de tentar impressioná-la. De vez em quando ele deslocou os ombros enormes na sua tela como se o revestimento costurado fosse pequeno demais para uma prisão de seus bem formados músculos. Por um momento ela esqueceu-se e sorriu para ele, os olhos cheios de simpatia.

Observando seu olhar, ele sorriu para ela, piscando os olhos.

- O terno doméstico cai bem em mim?

- Oui. Está possivelmente o homem mais bonito que eu já coloquei os olhos em cima, informou a ele.

Ele parecia surpreso.

- Grazie.

Ele poderia duvidar de sua sinceridade, mas ela realmente quis dizer isso. Ela tinha tecido elogios a muitos homens, neste momento, mas frequentemente eram mentiras. Mas não desta vez. Além disso, pouco importava o que ela disse a ele. Ele teria esquecido de suas palavras e tudo sobre o seu tempo juntos pela manhã. Ela iria se assegurar disso.

Ele limpou a garganta e voltou-se para uma coleção de garrafas de vinho sobre o aparador.

- Eu consegui alguns Sangiovese de minha família, vintage 1820, do sommelier do hotel. Um verdadeiro vinho toscano. Você tomará algum antes do jantar?

- Se quiser.

Disse, ouvindo o evidente orgulho pelas realizações de sua família em sua voz. Observando-o sob seus cílios, ela continuou a dar os últimos retoques na refeição pela qual ele pagou uma soma espantosa a Valmont. Esse valor não era nada para esse homem, tinha lhe sido dito.

.....

- Diga-me, disse uma vez que ele serviu vinho e colocou a taça ao seu lado.

- O que você vai fazer sobre o seu regresso? Eu sei que sua família faz vinho, mas qual é o seu papel específico na operação?

- São estas as suas perguntas ou de seu tutor? Ele perguntou.

- Minhas, para agora. Mas esteja avisado que eu trouxe comigo as suas perguntas também.

O sorriso dele brilhou e ele brindou em sua taça.

- Advertência anotada. Em resposta à sua pergunta, eu sou responsável por muito do trabalho durante o período pos colheita. Uma vez a colheita concluída, as videiras envelhecidas devem ser removidas. Nós cobrimos os pés das videiras remanescentes com solo para proteção contra geadas. Depois, há a poda dormente. E a primeira trasfega do vinho novo é tradicionalmente feita em janeiro no último dia do enceramento da lua.

- Por quê? Ela o interrompeu. - Não existe essa tradição na França.

- É um ritual de família, disse ele, casualmente. Seu olhar relanceou brevemente à janela, em seguida, voltou para ela.

- Assim Como está o planejamento para o inverno e os leilões da primavera. Outra tarefa que cabe a mim este ano, só porque eu e meus irmãos nos alternamos na obrigação.

- A família Valmont realizou um leilão a cada primavera. Quando eu era uma menina... Ela vacilou.

- Quando você era uma menina...? Ele a encorajou.

- Nada de muita importância. Eu só ... Eu ajudei na cozinha durante vários leilões. Um jantar pródigo sempre era preparado para os compradores que vinham de toda a Europa.

- É a mesma coisa para nós. Um jantar elaborado. Então, nós introduzimos o vinho, existem provas, o discurso social. Há muita coisa a falar em torno do nosso verdadeiro propósito, que é, naturalmente, para vender o nosso vinho. Um evento de sucesso é mais crucial para o sucesso de ordens para ele do que você possa imaginar.

Seus olhos foram para a janela novamente. Ele estava olhando para o céu, ela percebeu. O céu estava ficando rosado com o início de um pôr do sol.

- Por que você continua olhando lá fora? Ela foi conduzida para investigar.

Um olhar estranho, significativo veio e se foi em seus olhos. Mas ele só jogou de volta a bebida, então disse:

- Esta noite é lua cheia.

- E?

- E eu suponho que eu estou me tornando... ansioso para começar com a nossa noite.

.....

Sua voz tinha se tornado baixa e aveludada. Tal como havia sido na sala de Pompéia em Valmont. Tal como tinha sido quando ele acariciou e beijou sua pele. Como seria de novo se ela só pudesse permitir-se a dar-lhe o que ele esperava do seu jantar uma vez que fosse concluído. Ela desviou o olhar, desejando que fosse possível. Sabendo que não era.

- Então você vai gostar que eu anuncie que o nosso jantar está pronto.

Disse-lhe baixinho, levantando uma travessa e esperando que ele não percebesse como sua mão tremia.

- Você pode liderar o caminho para a sua mesa, senhor.

Juntos, eles levaram os pratos e tigelas para a mesa, e ela começou a nomear os vários pratos que ela tinha escolhido para servir.

- Primeiro temos o crostini e sopa de feijão branco com escargot.

Ela levantou as tampas de cada um enquanto ela falava, e os seus aromas misturados começaram a se infundir no ar.

- Então, as aves de capoeira em Béarnaise, e frutas. E depois a sobremesa.

- Ah! Para a sobremesa!

Ele brindou ao conceito, em seguida, sentou-se ao lado dela na cabeceira da mesa íntima. Nenhum deles comentou sobre o fato de que nenhuma sobremesa foi exibida.

Enquanto ela o observava comer, o alívio começou a enchê-la. Ele estava aceitando a comida. Alimentos que tinha preparado com as próprias mãos. Era o primeiro passo para derrubá-lo.

No entanto, seu apetite para a culinária mostrou-se limitado como era o dela. Ele reabasteceu o seu vinho, e eles rapidamente começaram uma contemplação do outro e de suas bebidas.

- Você sabe muito sobre o funcionamento interno da minha família, mas eu sei pouco sobre você. Disse a ela.

Juliette sentou, relaxando pelo conhecimento de que, em poucos minutos, ele começaria a sentir os efeitos de ter comido sua refeição. A comida não continha nenhum ingrediente secreto. E ele não teria nenhum efeito colateral. No entanto, apesar de ela não saber o porquê, tudo o que era pertinente para iniciar a sua magia para um outro indivíduo era o fato de que ela em particular, tinha sido a de preparar e servir.

Ela fez um gesto expansivo com a mão que segurava o copo.

- Pergunte-me o que quiseres. Eu sou um livro aberto.

Não importava que perguntas fizesse, ele iria esquecer logo, logo as suas respostas.

Ele recostou-se, também, aparecendo um pouco suspeito em sua vontade de falar.

- Quem foram seus pais?

Ela sorriu para ele.

.....

- Madame Fouché. Uma mulher alegre e rechonchuda que me ensinou a cozinhar e cujo marido a espancava quando o capricho levou.

- Ele não era seu pai?

- Não, e a senhora não era a minha mãe verdadeira. Eu era uma enjeitada, nascida nesta mesma cidade.

Com um aceno de seu queixo, ela indicou os pináculos do Hospice des Enfants trouvés, visível à distância a partir de sua janela.

- Mas minha família é um assunto triste. Pergunte outra coisa.

Seus olhos eram agudos sobre ela por um momento, enquanto seus dedos acariciavam a haste do seu copo.

Então ele falou de novo.

- Muito bem. Como aconteceu este arranjo ímpar que você tem com seu tutor. A obtenção de propostas para a oferta de uma refeição e seu salário. Seu status elevado permite amantes de longo prazo?

- Amantes. Ela colocou o copo de lado e cruzou os braços sobre a mesa para olhar para ele através de seus cílios. - Você está esperando para ser meu amante, Monsieur Sâtir?

Seus olhos se encheram de especulação masculina, mas não se apressou a responder as questões e só rodou tranqüilamente o vinho, estudando-a.

- Isso e talvez mais.

- Mais? O que mais você imagina que pode ser para mim? Ela docemente aferroou.

- Um protetor.

Uma pontada de saudade derrubou sua espinha, rapidamente substituído por um surto de raiva. Ela ergueu o vidro e analisou suas feições ao longo da borda.

Na minha experiência, os homens não protegem as mulheres. Elas são colocadas em perigo.

- Estamos falando de M. Valmont?

Ela tomou um gole.

- Eu não estou falando necessariamente de um perigo físico. Já ouvi histórias sobre você e seus irmãos.

- Oh?

- Os três deixam uma série de corações partidos onde quer que vão. Especialmente você.

Ele parecia desconfortável.

- Não é intencional.

Ele pegou uma uva da bacia de fruta e seus dentes brilharam quando ele mordeu-o.

.....

- O que mais você ouviu?

- Que você esconde segredos sobre suas propriedades.

Seus olhos se estreitaram.

- E quem é o seu informante?

Ela encolheu os ombros.

- É verdade?

- Todos temos segredos, eu suponho. Mesmo você. E nesse sentido, agora é minha vez de novamente fazer as perguntas.

- Pergunte à vontade, ela respondeu magnanimamente.

- Estou curioso sobre seus planos para o futuro.

Seu copo bateu na mesa.

- Meu futuro?! Tenho pouco a dizer sobre isso, monsieur. Que mulher tem? Encontramo-nos atiradas como folhas coloridas de outono na brisa caprichosa dos homens lascivos.

Ela vibrou uma mão para ilustrar suas palavras.

- Você tem uma má opinião de meu sexo, considerando que somos a sua ocupação principal. Você não gostaria de se casar um dia?

- Por que, senhor Sátir, você está propondo? Ela perguntou.

Ele chegou à mesa e tomou seu pulso, o polegar traçando suas rendas de veias azuis.

- E se eu estiver?

Juliette ficou rígida em sua resposta inesperada.

- Então eu aceito, por todos os meios.

Esticando o pescoço, ela fez uma pretensão de escanear o salão.

- Na verdade, se você tem um membro do clero guardado em um armário, talvez possamos avançar de imediato com um casamento?

Ele se inclinou mais perto, sério.

- Isso não é uma brincadeira. Gostaria de levá-la como minha esposa. No dia seguinte, ou logo que puder ser arranjado.

Olhos verde-mar caíram para sua bebida e estavam turbulentos quando subiram para observar os seus novamente.

- Eu já ouvi essas palavras antes. Normalmente, a noite de homens amorosos com o vinho em suas mãos.

- Você não as ouviu de mim.

O pé de seu copo bateu na mesa e ele chegou para ela, tudo em um movimento fácil.

.....

Porque ela era fraca, ela deixou que ele viesse. Sua mente já estava suficientemente maleável para suas magias agora. Ela deveria ir em frente.

- A maioria dos senhores deseja se casar com virgens.

Ela murmurou em seu peito. Dedos fortes inclinaram sua cabeça e âmbar brilhava em seu rosto, encontrando seus lábios. Sua boca acariciou a dela.

- Eu prefiro uma mulher mais experiente.

- Tal como a mulher no parque? Disse ela, de repente ansiosa para por certa distância entre eles.

- Você professa desejo de vincular-se a mim, mas você estava com uma outra na noite passada. Isso me leva a querer saber se você poderia ter proposto a ela também?

Ele hesitou.

- Não exatamente.

Ela ergueu as sobrancelhas.

- Você não sabe ou não lhe pediu para casar com você?

- Você tem irmãos? Ele perguntou, cravando-a com os olhos. - Uma irmã, talvez?

Ofegante, ela achatou ambas as mãos sobre seu peito, segurando-o longe. - Por que você perguntou uma coisa dessas?

- Por que você correu ontem à noite, na ponte? Ele rebateu.

Ela atirou-lhe um olhar confuso.

Eu vi um homem m fodendo no parque! Com uma mulher que usava um rabo de peixe! Você não teria feito o mesmo a partir de tal visão?

- Eu posso explicar isso.

Disse ele, olhando desconcertado.

- Por favor, senhor.

Ela ofereceu, cruzando os braços entre eles.

- Você conhece os sátiros mitológicos?

- Os seguidores do deus do vinho, Dionísio? Vasos e ânforas e tudo isso?

Ele balançou a cabeça.

- Ou os seguidores de Baco, na Itália. Meus irmãos e eu somos descendentes.

Lyon abriu a boca como se quisesse continuar, mas, em seguida, sua expressão repentinamente presa e sua mandíbula apertada. Sua mão tateou atrás dele para pegar a cadeira mais próxima para obter suporte. Algo assustador e peculiar queimava em seus olhos, quando seu olhar passou pelo rosto. Fazendo caretas, ele olhou para a janela novamente, como se em busca da fonte de sua doença.

- O que foi?

O seu olhar seguiu o seu. O sol estava afundando uma fatia de laranja agora.

Valmont iria começar a imaginar o que a estava retendo.

Quando ela olhou para ele, suas feições pareciam ter se alterado de alguma forma. Seus olhos eram selvagens, e os seus lábios tinham tomado em uma curva mais sensual, determinada. Seu corpo parecia mais e mais e mais ameaçador. Parecia que ele estava se transformando em algo menos humano. Em algo mais... animal.

- Venha cá.

Era o rugido de um macho dominante com intenção de encurralar a presa do sexo feminino.

- O... o que está acontecendo com você?

Ela gaguejou, afastando-se dele.

Seus olhos a persegui-la e um braço esticou-se para fora, puxando-a para dentro da caverna, quente e esculpida do seu peito. Colocando-a confortável, alisou o plano de suas mãos para baixo dela, sobre os contornos dos ombros, coluna vertebral, cintura e quadris, como se a acostumá-la a sua posse. Sua bochecha a acariciou quando ele recuou apenas o suficiente para encontrar seus lábios.

Suas mãos rastejaram em sua volta, e com um suspiro, ela se abriu para ele, deixando-o gentilmente envolvê-la na força de seu desejo. Parecia um paraíso. Com a proteção desnuda ela começou a querer que ele pudesse ficar para sempre. Ela precisava disso. Dele. Apenas por um momento ou dois.

Ele gemeu contra sua boca e as mãos grandes vagaram para baixo moldando as curvas do seu traseiro.

Carregando-a contra ele, a direcionou para trás. O barulho de pratos quebrados ficou no ar quando seus quadris foram empurrados para a borda da mesa lacada. Seu aperto aquecido a balançou até parecer a coisa mais natural do mundo para ela fechar as pernas em torno de sua cintura.

Ampliando a sua posição, ele se estreitou incrivelmente mais perto e seu beijo se aprofundou em um ataque tempestuoso e carnal em seus sentidos. O nó grosso de sua ereção tateava através de camadas de roupa, lavrando o seu sulco e a esquentando, se arrastava até que ela queria gritar pelo alívio da penetração.

- Deuses! Eu preciso de você. Ele descascado, e suas palavras reverberaram através de sua medula.

Seus olhos se abriram em alarme. Segurando seus ombros, ela arrancou a boca do seu.

- O quarto, ela suspirou.

- Hmm? Seus olhos vidrados ficaram fixos em seus lábios, e sua cabeça começou a diminuir em direção a eles novamente.

Ela torceu o rosto.

- Seu quarto de dormir! Onde ele está?

.....

Sua boca encontrou a sua garganta, em vez, e ela sentiu o arrastar de dentes.

- Não, respondeu asperamente.

- Eu te quero aqui.

- Aqui? Ela repetiu fraca. *Ele queria fazer isso aqui?* Nenhum homem jamais ousou sugerir uma coisa dessas para ela e um tiro de emoção se arrastou através dela com a perspectiva de abandonar-se com ele na mesa de jantar.

Mas ela tinha há muito tempo estabelecido uma rotina nesses assuntos e se desviar estava fora de questão. Esta não era uma noite para se arriscar. O ar frio escovava seus tornozelos. A mão tinha começado a levantar as saias e já estava deslizando ao longo de das meias de coxa.

- Não! Ela lutou ferozmente, até que os chinelos tocaram o chão e saio de seu porão.

- Lá em cima! Ela engasgou.

Com isso, ela pegou a mão dele e se dirigiu até a escada de carpete. No desembarque, ela deixou ir, e sem instrução, procurou uma porta e encontrou o dormitório.

Entrando, ela olhou para ele.

- Você vem?

Ele a seguiu. Assim como outros homens sempre faziam nestas ocasiões.

Lá dentro, ela examinou o quarto quando ela foi direto para sua cama, observando automaticamente todas as saídas possíveis e itens que pudessem ser usados como armas em caso de necessidade. Tirando os chinelos, ela saiu em disparada para o colchão e se posicionou estrategicamente entre as almofadas de pelúcia. Ela tinha visto as outras meninas no trabalho de Valmont em seus ardis, vezes o bastante e sabia que um olhar de submissão de uma mulher deitada sobre uma cama era o preferido dos homens.

Seus dedos tocaram a onda de cabelo que tinha caído sobre o peito. A outra mão acariciou o cobertor ao lado dela.

- Tire o seu casaco. Deita-te comigo, ela persuadiu com uma voz sensual.

Dobrando o joelho, ela disfarçadamente puxou a saia para cima para mostrar um tornozelo e, em seguida reclinada, estabeleceu as costas das mãos sobre o travesseiro ao lado de sua cabeça. Era a sua pose sedutora patenteada e que nunca tinha falhado com ela.

Avançando sobre ela, Lyon examinou a cena como se seu instinto lhe disse que algo estava errado, mas ele não conseguia determinar precisamente o que.

Ela curvou seus lábios em um sorriso provocador. Ele sorriu para ela, facilmente em transe. Facilmente ludibriado. Arrancando a jaqueta de seus braços, ele a jogou fora imprudentemente, plantando um joelho no colchão.

Imediatamente, ela saltou para sentar-se diante dele e colocou a mão sobre seu

peito.

- E a camisa também, ela insistiu, começando a soltar os seus botões.

- Eu quero vê-lo.

Apertando-a contra si com a mão em sua coluna, ele a levou para trás, seguindo-a até a cama. Escarranchando-a com as pernas, os cotovelos apoiados nos dois lados dos ombros, para o peito, mas pairava um sopro acima dela, apenas oferecendo o espaço para que ela trabalhasse em sua camisa.

Mãos acariciaram seus cabelos, passearam por sua cabeça. Pelos lábios entreabertos dela. Entre os seus corpos, seus dedos ágeis desesperadamente rasgaram o último de seus botões. Espalhando a camisa larga, ela empurrou para fora de seus ombros. Com uma praga abafada, ele a ajudou, encolhendo-a com um toque de agressividade de seu torso.

Ele caiu em cima dela novamente, a boca se unindo a dela em uma dança, voraz carnal. Suas mãos inquietas percorriam suas costas cinzeladas, aprendendo suas inclinações, suas curvas e vales.

Lá fora, o sol cansado finalmente entregou a batalha para se manter à tona e se afogou no rio. Na sua esteira, os raios do luar furtivo e jovem deslizaram através da vidraça.

Oh, tão suavemente, roubaram todo o chão, depois de alta inclinada sobre a cama de amor e carinho dos seus ocupantes.

Com um grito angustiado, Lyon jogou a cabeça para trás e arqueou longe de Juliette até o pequeno de sua parte traseira foi dobrada em um ângulo agudo. Os quadris dela estavam fortemente ancorando os braços fechados em linha reta e seus dedos mordiam as cobertas ao lado dela. Subindo em um cotovelo, ela encostou a mão em sua cintura.

- Lyon, ela sussurrou. - O que há de errado?

Mas ele não parecia ouvir ou simplesmente sentia muita dor para responder. Preso em algo invisível tortuoso, o corpo tenso tremia com calafrios intermitentes. Luar fresco iluminava sua pele dourada, revelando completamente suas feições esculpida e rígida. Um músculo trabalhava em sua mandíbula e sangue pulsava visivelmente na palma da sua garganta. Entre eles, seu pau deu um solavanco único, violento, e um rosnado baixo bestial brotou de algum lugar dentro dele.

Juliette voltou a deitar no colchão e apertou-lhe as palmas das mãos ao longo de suas costelas, segurando-o fora.

- Lyon, ela sussurrou.

Acima dela, os olhos masculinos abriram-se em fendas e se fixaram nela, fazendo-a ciente de como ela devia parecer com o seu cabelo selvagem e seus peitos pulsando tão alto que seus mamilos se espremiavam aparecendo pelo corpete. Estupidamente constrangida, tentou puxar seu decote para cima.

Seu corpo começou a deitar em cima dela, tão lentamente que se sentia a costura

entre suas carnes se unindo, centímetro por centímetro. Barriga encontrou barriga, em seguida, reuniu costela com costela e, em seguida o tecido macio de seus seios deu contra seu peito e seus dedos contra seu cabelo.

Avarento âmbar brilhava, travando com verde quando olhavam um para o outro, separados apenas por centímetro de ar repleto de necessidade mútua.

- Eu vou foder você, ele resmungou baixinho.

As palavras cruas a chocaram e excitaram, quando elas encontraram seu significado. Grandes mãos enquadraram seu crânio e os belos lábios desceram para esquentar os dela.

Suas coxas forçaram a entrada nas dela de largura e ele começou a balançar a sua vara estrangulando contra ela entalhes vulneráveis e longos impulsos lascivos. O tecido de sua saia e calças moldado a protuberância que era seu pênis, e com cada empurrão, musselina roçava apenas dentro dela e manchava o tecido que estava escorregadio com seu próprio suco.

Seus joelhos rosas ao seu lado e as pontas dos dedos dobrados na parte de trás da calça. Pressionando seu núcleo irreduzível na forma dele, ela intensificou a mordida afiada, doce de desejo.

Braços fortes levantaram os ombros, abraçando-a com ele, e sua boca virou-se para beijá-la profundamente na garganta. Com uma vontade própria, sua mão se levantou a curva em sua nuca e ela ergueu os lábios em seu ouvido. Naquele momento, ela chegou tão perto. Assim, tão perto de ceder.

- Sim, eu quero que você me foda, ela sussurrou. Ele não se lembraria, e ela precisava dizer isso em voz alta para ele. Mesmo que fosse apenas uma vez.

- Deus, sim! Elevando-se, ele ficou de joelhos, começando a desabotoar as calças.

Seus olhos se arregalaram. O que ela estava fazendo! Se ele encontrasse o seu caminho dentro de suas saias com seu pênis, ela estaria perdida. Buscando retomar o controle da situação, ela contorceu-se violentamente para longe dele.

- Não! Juliette!!!

Ele protestou, instintivamente chegando a contê-la. Quando ele viu que ela apenas queria inverter suas posições, seu aperto afrouxou e caiu para as coxas, ajudando-a a montá-lo.

Seu pênis ficou impossivelmente maior nesta nova posição e ela se contorcia, sentado em cima dele com as palmas das mãos apoiadas em seu peito. Suas mãos curvadas em torno de seu traseiro e ele começou a ajudá-la a montá-lo.

- Assim, apenas por um outro momento... Então... eu... deve ...

Sua fenda pulsante e um soluço lhe escapou de surpresa, tirando o seu olhar. Mas ela apenas sorriu e disse a si mesma para não ansiar pelo que não poderia ter.

Firmemente lançando todas as emoções para longe, ela chegou no fundo de sua essência, batendo essa faceta de si mesma que a fez única no mundo.

.....

Sua cabeça caiu para trás e fechou os olhos, levantando-se de joelhos. Mãos mornas deslizaram em torno das costas e das coxas para se enrolarem um pouco abaixo das suas ancas. As pontas dos dedos acariciaram as depressões sensíveis ao longo da face interna de suas coxas.

- Juliette, ele rosnou.

No som de sua voz, ela balançava um pouco sobre ele como um salgueiro que pretendem dobrar o seu caminho. Penteando os dedos de seus templos para a parte traseira de seu couro cabeludo e para além dela, ela arrancou as presilhas de seu cabelo, em seguida, sacudiu-o deixando-os a cair em ondas de amêndoa, trigo e linho em torno dela.

Então, ela trouxe as duas mãos para seu peito, colocando-os como se estivessem segurando uma bola de cristal entre eles. Um estalar e uma esfera brilhante como a luz de inverno formou-se onde a bola poderia ter estado.

Seus olhos se abriram e descobriram os seus.

- Eu tenho algo para você, ela sussurrou.

Ele estava pronto. A comida que ele tinha comido o havia preparado para receber o que estava por vir. Devagar e com cuidado, ela estendeu as mãos para além, deixando seu dom derramar diante.

O resplendor estourou entre os dedos como um bando de vaga-lumes frenéticos libertado do cativeiro. Porque eles deveriam ser mantidos normalmente, sob controle estes espalhamentos raros de magia era uma alegria, e ela respirou profundamente, adorava o cheiro do seu encanto próprio.

Hipnotizado, Lyon assistiu o pairar de névoa brilhante no ar acima dele. Suas mãos levantaram e ela pensou que ele iria tentar tocá-los. Mas ao invés disso ele curvou suas mãos em seu corpete, segurando seus seios. Sob as mãos de sua pele aquecida e vibrou como se a magia tivesse descoberto alguma forma neles também. Ela respirou rápida, incerta.

Então, sua tapeçaria finamente tecida de engano drapejou mais baixo para armar-se em cima dele. Luzes cintilantes provocaram sua pele, aqui e ali por breves segundos. Um por um, eles começaram a piscar e fracassam.

A expressão dele ficou estranhamente satisfeita, como se tivesse acabado de confirmar algumas de suas suspeitas.

- Fada, ele murmurou. - Eu sabia.

Ela congelou os braços ainda generalizando.

- O que você disse?

Mas ele só bocejou uma vez, exibindo dentes brancos e perfeitos, seus olhos se tornaram branco idiota. Pestanas vibraram e desceram, formando sombras em seu rosto.

Suas mãos lançadas em seus seios desceram para seus lados. Seguraram em suas coxas apertando suavemente. Uma vez. Em seguida, eles caíram em cima do linho da

roupa de cama de cada lado dele, palmas para cima.

Como sempre, o desencadeamento de sua magia a deixava animada, mas desta vez um inquietante sentimento veio entrelaçado. *Por quê? Tudo parecia ter saído como o planejado.*

E então ela olhou para baixo, vendo o que suas mãos haviam feito com ela.

.....

CAPÍTULO 07

Juliette apertou o corpete, pasmada para impedir que saltassem, escondendo os seios em suas mãos abertas como ela corria sua forma passiva. Pulando da cama, ela tropeçou, caindo no chão em sua pressa.

Subindo através do tapete, sentiu a pele dos joelhos irritarem queimar. Do outro lado da sala, ela conseguiu retirar-se de pé, em seguida, tropeçou para trás alguns passos para se encostar-se à parede.

A respiração saltou dentro e fora de seus pulmões e seu coração tentou bater sua maneira fora de seu peito enquanto ela levantou os dedos longe de sua pele. Abaixo deles, ela não viu nada de extraordinário. Mas um mero momento atrás, os mamilos cor de rosa tinham sido tomados por uma estranha luminescência. Induzidos pelo seu toque. *Deus. O que era ele para fazer uma coisa dessas com ela?*

Voltando-lhe as costas, ela o observava com cautela por sobre o seu ombro enquanto refazia os ganchos e laços que ela não tinha sequer percebido que ele abriu. Seu maxilar cerrado e estendido a cabeça balançava para trás e para frente sobre o travesseiro, agitado em seu sono. Ele lutava contra seu feitiço mais bravamente do que a maioria. Será que ele permaneceria preso na sua armadilha?

- Durma... Durma! Ela sussurrou o mantra repetidamente, persuadindo sua magia para fazer o seu trabalho.

Seus escuros e brilhantes cílios golpearam rapidamente no início, então, mais debilmente... em seguida, uma última vez antes de calar. Ele tinha perdido a batalha para permanecer acordado.

Ela se endireitou da posição curvada que havia assumido. Se ele tivesse acordado e expressado o desejo de seguir em frente, as coisas poderiam ter tomado um rumo feio, e ela queria estar pronta para alçar vôo.

Mesmo à distância, ela conseguia ver que a protuberância em sua virilha era tão grande como ele se sentia contra ela. Ela já havia descoberto homens que tinham enchido as forquilhas de suas calças para acentuar sua masculinidade, e esse tinha que ser o caso aqui. Ninguém era tão bem-dotado assim, exceto talvez um cavalo. Ele não parecia o tipo que precisava provar a si mesmo de forma superficial, mas nunca soube o que levou os homens a fazerem isso.

Embora ela quisesse se aproximar e dar a seu patrimônio um estudo mais aprofundado, ela se fez virar as costas e sair da sala. Alcançando o piso inferior, ela começou mentalmente a verificação dos encargos de sua lista.

Primeiro, ela derramou uma plegada ou mais de Sangiovese em cada uma das taças que tinham anteriormente rejeitado na sala de jantar. Tomando a garrafa, ela abriu uma janela e debruçou-se sobre o corrimão de ferro com o braço estendido para fora. Erguendo o vinho, ela esvaziou o resto dele, observando seu conteúdo ruby escorrer para o jardim lá embaixo. No entanto, o fato de que ela estava desperdiçando o dinheiro

de outro homem rico que tinha pedido para comprar-lhe revelaram-se menos gratificante do que o habitual. O homem lá em cima era diferente dos outros. Menos merecedores do que ela faria com ele ao lado.

Colocando a garrafa vazia sobre a mesa, onde não poderia ser esquecido por ele amanhã, às pressas, ela reuniu todos os pratos e os utensílios que ela trouxe e levou para a embalagem que trouxeram mais cedo jogando dentro da cesta a esmo, ela escolheu uma acentuada faca do aparador. Pegando as duas taças parcialmente cheias, ela voltou para seu quarto.

Pausando fora da porta, espreitou para dentro. Ele estava como antes, com uma perna ligeiramente flexionada e os braços ao seu lado. Parecia que o Senhor Satyr ainda dormia, mas ela não iria tomar nada como garantido. Mantendo um estreito olho nele, ela aventurou-se no quarto e colocou uma taça em sua penteadeira. Colocou a outra no chão perto da cama, ela então empurrou com o pé para que ele se inclinasse e espirrasse algumas gotas sobre o tapete.

Sua mão apertou reflexivamente sobre a faca enquanto ela se aproximava do fim de sua cama. Observando o rosto para o menor indício de agitação, espetou a ponta da lâmina ao longo do curso da sola do pé esquerdo. Ele não vacilou. Ela enfiou-lhe com ela novamente. Duas vezes. Nenhuma contração muscular. Convencida de que ele permanecia sob seu feitiço, ela deu a volta ao lado da cama. Andando perto, ela colocou a lâmina em sua pele logo abaixo das costelas, pelo que apontou para os pés. Sua dica caiu facilmente sob o cóis da calça. Foi afiada, pronta para a finalidade que se destina. Olhando sua virilha, ela balançou a cabeça com espanto. Certamente ele tinha que ter estofamento.

Com um empurrão rápido da faca, que agarrou o tecido, cortou ordenadamente ao longo do exterior da perna da calça, da cintura ao tornozelo. A parte da frente da calça arrebitou com a força aplicada de sua ereção. A protuberância em sua virilha se desenrolava, empurrando o tecido a distância.

Sua faca caiu no chão.

- Mon Dieu!, Ela murmurou, cobrindo a boca com uma mão. Seu serviço que devera ser de três partes, eram quatro partes!

Ela apertou os olhos fechados, para em seguida, abri-los. Nada havia mudado. Ele possuía o usual; duas bolas como os outros homens, mas, surpreendentemente, ao invés de um único pênis havia dois!

Uma seta prolongada e alta sobressaia por pelos dourados escuros em sua virilha, onde deveria estar. Mas uma polegada ou mais diretamente acima dela, um outro apêndice idêntico angulava de sua pélvis! Ambos estavam avermelhados e duros e implorando. E ambos eram de longe, os espécimes maiores, ela já tinha visto.

Olhos colados nessa exibição alarmante, ela recuperou a faca e circulou no final da cama. Ao seu lado oposto, ela hesitou por um momento, de repente, relutante em ir perto dele. *O que ele fazia com os dois?* Ela perguntou. Ruminação sobre várias possibilidades lhe custou um tempo precioso e confiança.

.....

Eventualmente, ela se fez aproximar e deslizar a faca dentro da cintura de sua calça mais intimamente que antes. Suas mãos tremiam tanto que acabou cortando-o, o sangue desenhou uma fileira de contas avermelhadas. Rasgando a lâmina com uma barra longa com a lâ fina, ela cortou a segunda perna da calça comprida.

Depois ela jogou a faca longe, visando-o na direção geral da porta, para ser recuperada mais tarde após a sua partida. Arrastando e deslocando, ela conseguiu com grande dificuldade remover completamente as calças dele. Ela ficou no pé da cama, em seguida, segurando-os para seu peito enquanto ela percebeu que tinha descoberto ainda outra excentricidade.

Ele era peludo! Uma varredura de sépia cobria levemente ambas as pernas! Parecia suave, como a pelagem de um cervo jovem e é mais espessa sobre as coxas traseiras e panturrilha que em seus tornozelos, onde diminuía, em seguida, desaparecia. Cresceu mais escassos para seus quadris, assim, articulada e desaparecendo no bosque de uma cor um pouco mais escura em sua virilha.

- Quem e o que é você? Ela respirou, sacudindo a cabeça em perplexidade.

Ela jogou as calças em ruínas em direção à porta, sem se preocupar em ver onde elas caíram. Pegando um outro par em seu armário, ela amassou-os em suas mãos, até que ficou amarfanhados o suficiente para aparecer que ele tinha usado-os esta noite, então ela deixou-os cair no chão ao lado da camisa que tinha anteriormente ajudado remover.

Encontrando sua jaqueta, considerou dando-lhe um tratamento semelhante, mas no final apenas dobrou sobre o dorso de uma cadeira. O pensamento de que ele poderia ter usado especialmente para ela gostasse, e ela não podia suportar arruiná-lo.

Com uma eficiência nascida da prática, ela amarfanhou a roupa de cama em um canto e agitou o cobertor em uma pilha suja de ambos os lados dele. Depois disso, ela ficou para trás e olhou para a cena, observando o efeito que tinha criado.

Voltando para a cama, ela atirou um de seus travesseiros para o chão. Foi um belo toque, ela decidiu, definitivamente acrescentando crédito ao retrato da desordem debochada. Com alguma sorte, seus esforços o convenceriam de que ele tinha tido pleno êxito em suas intenções para com ela. Inalado uma respiração para fortalecer, permitiu-se olhar para localizar onde ele dormia no meio da roupa de cama em desalinho. Ela estava quase terminando aqui, mas a tarefa mais difícil ainda estava por vir.

Não era possível ajudar a si mesma, ela se aproximou da cama e estudou um dos dois pênis que surgiram a partir dele. Um deles era um pouco mais longo e de maior circunferência do que o outro, percebeu-o menor que estava enraizado nos pelos no ápice de suas coxas, onde o pênis masculino crescia normalmente.

Ela tinha visto os corpos dos homens mais do que ela quisesse. Mas ela nunca tinha visto um homem construído dessa forma. Ele foi feito como uma espécie de besta. *Por que ela não se aterrorizava? Por que ela não o repelia? Por que, oh, por que isso apenas a tentava?* Por sua própria vontade, a mão estendeu em direção ao eixo menor dos dois para saber se era uma invenção de sua imaginação. Hipnotizada, ela correu os

dedos até sua coluna instável e suave e ao redor da circunferência. Ao seu toque, uma pérola nacarada de líquido bombeado, nascidas na pequena fenda da ponta.

Ela pegou a mão dela de volta, os olhos culpados voaram para o seu. Seus lábios se separaram e um suspiro de alívio passou entre eles. Mas ele dormia.

Seu olhar virou de volta para o estudo fascinante de suas partes íntimas. Ela deveria deixá-lo e retomar o seu trabalho. Em um minuto, ela prometeu a si mesma.

Ousadamente, ela pressionou o bloco de seu polegar em sua ponta, ampliando a fenda e manchando a pérola sobre ele. Ele era enorme, mas este foi o método da natureza de ajudá-lo a facilitar o seu caminho dentro de uma mulher sem danificá-la.

Alguma compulsão lasciva a fez erguer o polegar molhado para os lábios, e sugá-lo.

Oh! Em reação assustada, a fenda feminina entre as pernas cerradas. Uma única vez, como uma mão contraída para formar um punho apertado erótico. Com um olhar horrorizado para o seu rosto, ela amassou em frente, envolvendo um braço na cintura. O gosto dele agiu nela como uma espécie bizarra de afrodisíaco!

Lentamente, o punho liberado. Um zumbido residual da sensação continuou a fazer cócegas em seus lábios inferiores, então ele desapareceu. Atordoada, ela não se endireitou, os olhos ávidos rebitado à sua virilha. *Será que outra prova terá o mesmo gosto? Teria um efeito gloriosamente semelhante?*

Não! Era hora de preocupar-se com outros assuntos. Mas, como um viciado impotente, ela se viu atraída de volta para ele. Apenas um gosto a mais, então ela iria continuar com as coisas.

Ela viu a mão dela chegar novamente. Como se pertencesse a alguém que não ela, ela viu envolver confortavelmente em torno do perímetro do seu eixo mais longo. Um longo e suave aperto, ela trabalhou o seu caminho ascendente ao longo de seu pênis, e ainda mais, forçando a boca pequena de sua crista a abrir. Outra bolha de sementes agrupadas.

Ela arremessou uma olhada em Lyon para observá-lo. Ele ainda estava inconsciente. Vulnerável. Ela poderia fazer o que ela desejasse com ele.

Isso era errado. Tão errado querer isso. Embora desejo carnal fosse seu companheiro constante, ela nunca tinha pensado em fazer essas coisas com os outros que ela tinha enganado.

Sua língua deslizou para fora, molhando os lábios. Ondas de seus cabelos amendoados caíram sobre sua barriga e raspavam na pele de suas coxas quando ela se inclinou para frente... e suavemente beijou.

Ohhh, Dieu! O orgasmo inchou feroz e tão avassalador desta vez que ela empenhou para a cama.

Sua bochecha caiu do ninho de seus pelos masculinos e os dedos brancos submeteram-se nos lençóis entre o peito e o colchão. Sob as saias, os tornozelos

cruzados e os joelhos pressionados juntos. Tão firmemente a carne que os ossos pressionavam feridos enquanto tentavam capturar a série por demais breve e magnífica, convulsões adoráveis.

Embora ela se agarrasse desesperadamente a ele, o prazer inebriante correu a distância muito em breve. O quarto ficou em silêncio, exceto pelo som de suas respirações. Ficando em pé, ela empurrou o cabelo para trás sobre os ombros para olhar para baixo em seu belo rosto.

Ontem à noite, ela o queria. Mas agora ela doía por ele, desesperadamente e em locais privados onde nenhum homem jamais se aventurou. Ela tinha sido tola esta noite, e por isso, ela sabia que este anseio por ele ficaria com ela por um longo tempo. No entanto, ele iria esquecer. Ela iria ajudá-lo a esquecer. Ela olhou para ele, triste. Mas era hora de terminar.

O colchão deu um pouco sob o seu peso, ela se sentou ao lado dele e começou a acariciar seu rosto, sentindo a cerda leve da barba à noite. Valmont tinha lhe dado uma atribuição. Ela agora deveria roubar; roubar tão sabiamente que sua vítima não suspeitaria.

A Palma e a bochecha começaram a aquecer uns aos outros e, em seguida, o calor, e Juliette imaginou transformar em algo mais fluido. Algo que deslizou facilmente de sua própria carne. Algo que se mudou facilmente dentro dele, tornando-se um com o espumante rítmico jorro de sangue que viajaram ao longo de um labirinto de sinapses e fibras em turbilhão por seu cérebro.

Mover-se através de passagens mais profundas e cavernas microscópicas, que logo localizou os arquivos que procurava. Suas memórias. Com os olhos desfocados, ela olhou para o espaço, ouvindo. Observando-se. A primeira visão que lhe veio foi a de um vinhedo, extensivo florescente. Cenas de que em cada estação mudavam como ilustrações de um baralho de cartas que estava sendo ventilado.

Ela viu as linhas retalhadas cobrindo as encostas e vales, e os trabalhadores que labutam no meio deles. E dois deles. E um curioso anel de estátuas...

Então aqueles eram os dois irmãos. Ela viu claramente um alto e escuro e carismático comandante, com olhos azuis, e a outro mais reservado com os olhos que eram de prata, frescos, inteligentes...

E então ela viu Lyon com o seu belo corpo e os olhos de jóias e maneiras encantadoras. Ele estava em uma espécie de templo com... Sua testa franziu... *Mulheres!* Mulheres de todas as formas e tamanhos e comportamento.

As mãos e os lábios estavam acariciando e ele estava sorrindo para elas, elas o queriam...

Rapidamente, ela virou o seu olhar em outros lugares e viu outra coisa que ela preferia não ter de se debruçar em cima. Animais. Grandes felinos, veados, cervos, raposas, gnus, e outros que não conseguia nomeá-los.

Ela estremeceu, não querendo arrastar ao longo desta avenida, mas sabendo que ela

precisava. Então, ela continuou a pairar sobre ele e a viagem por este caminho e outros e outros ainda. Só quando a cabeça começou a latejar ela se afastou. Teria que ser o suficiente.

Comprimindo o rosto em sua palma, ela olhou para ele, memorizando suas feições. Então ela suspirou. Ela havia tirado. Agora era hora de dar.

- Durma, ela sussurrou, tocando seus lábios nos dele. - O sono e o sonho de fornicar comigo. De me tocar em todos os sentidos íntimos que nunca poderá acontecer entre nós.

Neste ponto, ela geralmente deixava a mente dos homens a construir suas próprias fantasias lascivas em torno dela. Mas algo diferente a levou agora. Cenas deles juntos, envolvidos em todo tipo de entretenimento carnal que ela jamais fantasiou em sua solitária cama fluíu quando ela escovou a boca, indo e voltando, indo e voltando, sobre a sua.

- Lembre-se dessas fantasias e do prazer delas, ela murmurou. - Mas agora você tem de dormir, assim como todos os outros antes de você. E quando você acordar... acreditará. Acredite que todas estas fantasias noturnas do nosso tempo junto são reais. Mas que seja suficiente. Deixe-me ser, mas um apreciador de memória. A mulher que alegremente pilhou em todos os sentidos possíveis, mas a quem não sente nenhuma obrigação de procurar de novo.

Ela alavancou-se para trás alguns centímetros e observou as falsas impressões infiltrarem dentro dele, imprimindo-se em seu subconsciente. Então ela se afastou.

Na saída de seu quarto, ela fez uma pausa. O desejo de voltar para um último vislumbre dele quase a esmagava. Mas ela se fortaleceu e saiu do quarto, sentindo como se tivesse saído e deixado um órgão vital para trás.

Voltando a faca da cozinha, ela então dobrou a calça que ela tinha arruinado ao tirar de seu corpo e guardou em sua cesta ao lado dos pratos e utensílios.

Atrás dela, a porta de seu quarto de hotel foi suavemente fechada e ela desceu pelas escadas. Ela tinha feito este ritual dezena de vezes com dezenas de homens. Ele não iria acordar até de manhã. Eles nunca fizeram. E quando ele acordou, ele só gostaria de lembrar que as memórias que ela tinha dado a ele esta noite. E como todos os outros antes dele, ele nunca saberia que ela tinha roubado dele. Ele não iria se encontrar ausente de dinheiro ou jóias ou qualquer coisa tangível. Não, ela tinha tomado algo muito mais valioso dele. Informação.

Fora de seu hotel, Juliette correu ao longo das árvores alinhadas do Quai d'Anjou no final brusco da Île Saint-Louis, a leste. Theriver fluía na direção oposta a que ela passou e parecia empurrar para ela, pedindo-lhe para se juntar a sua corrida e voltar para o homem que ela acabara de deixar.

Acima dela, a lua era um redondo, olhos frios, que a repreendeu através do balançar das árvores forro do Siena. *Volte!* parecia dizer.

Não! Ela não escutaria! Não olharia! Acelerou seus passos e começou a correr,

com medo do puxar inebriante da natureza. Passando para o Quai Henri IV, viu um carro esperando no ponto de encontro predestinado. Avançando em direção a ela, ela deu uma volta larga pelos cavalos para chegar a cabine largo. Embora a equipe usasse antolhos, tornaram-se impacientes em sua abordagem. Como de costume, os animais eram tão cuidadosos com como ela era com eles. A porta do carro abriu e uma mão pálida masculina estendeu a mão para ajudá-la a entrar. Uma vez ela estava sentada em frente a Valmont, bateu na parte de baixo do teto acima deles, e os cavalos começaram a voltar para casa.

Após sua execução, a respiração de Juliette veio em grandes rajadas, e ela apertou a mão ao peito, esperando que a calma chegasse. Sabendo que os dois facilmente assustáveis e brutos eqüinos estavam no comando deste transporte não fez nada para diminuir-lhe o pulso, mas ela empurrou o pensamento para fora. Melhor isso do que voltar todo o caminho para casa a pé!

Enquanto isso, Valmont sentou-se com a cabeça apoiada contra os pombinhos, anotando tudo sobre ela. Ela podia imaginar como ela se apresentar para ele, todos os cabelos desgrenhados, rosto avermelhado, saia amarfanhada.

De sob as pálpebras abaixadas, com os olhos espetados nela.

-Você fodeu com ele?

Embora ele a mandasse para o hotel de Sátir na sua incumbência própria, o seu tom, no entanto, com abas acusação indignada. Como uma criança que tinha partilhado um brinquedo preferido, ele se tornou ciumento com o pensamento do gozo de outro.

- Não! Claro que não, ela conseguiu sair de sua respiração apressada. Ela não poderia dizer se ele acreditava nela ou não, mas a deixou ir para o momento.

- Bem, o que você me trouxe? Perguntou ele.

- É como você pensava. Ele e seus irmãos estão fazendo experiências com a cura para a filoxera.

Ele se sentou em frente.

- E então? O que eles descobriram?

- Até agora, nada de mérito ocorreu a eles, apesar de seus irmãos trabalhem duro para encontrar a solução na época que ele deixou Toscana. A hibridação do meio-irmão Raine, aparentemente estava favorecida, mas agora está tomando outro rumo. O enxerto de uma videira americana com uma italiano.

Ela prosseguiu, relatando detalhes que ela recolheu da sua presa hoje confiante quanto ao estatuto dos estudos curativos que recentemente submetia a propriedade de Sátir.

- E então? O que mais você tirou dele?

Que ele mantém dois órgãos masculinos em vez de um dentro das calças, ela pensou consigo mesma, mas essa era uma informação que ela não lhe daria.

- Ele mantém animais em suas terras, disse ela no lugar. Animais selvagens. Cerca

de cem deles.

Os olhos Valmont se afiaram.

- Quais são?

Nomeou aqueles que ela lembrava.

- Emus, antílopes, búfalos, renas, gazelas, girafas. E os gatos-leopardos, lince, leopardos, onças e outros. Mas um par de panteras parecia mais importante para ele do que o resto. A fêmea parece que dará cria em breve. Ele está preocupado sobre como o evento vai prosseguir e infeliz por estar tão longe de casa neste momento crucial.

Ela perambulava por um momento, fornecendo apenas pequenas informações que ela esperava não poderiam ser utilizadas em detrimento de Lyon.

Quando ela terminou, sentou-se para trás, esfregando as mãos sobre sua rótulas enquanto ele considerava a notícia. Seus pensamentos se voltaram para dentro e ela deixou-se relaxar até chegar a moradia.

- Eu vou dizer boa noite, então, ela disse uma vez que eles estavam lá dentro.

- Junte-se a mim para uma bebida primeiro, disse ele, e seu coração afundou-se como ela relutantemente arrastou-o para o salão.

Estando ao lado do chafariz infame, ela assistiu ele encher as taças com doses de absinto. Ele equilibrou uma escumadeira na borda de cada copo, então, centrou um torrão de açúcar em cada colher. Suas mãos tremiam tanto que ele deixou cair por um segundo e teve de tentar novamente. Ele havia tomado o absinto com mais frequência ultimamente o que estava afetando tanto as suas faculdades e seus reflexos.

- Estou cansado, senhor, disse ela, mas ele a ignorou.

Colocou os copos sob a fonte, então ele abriu duas de suas torneiras. A água gelada escorria lentamente, derretendo o açúcar e diluindo o licor.

- Será que ele pedirá para visitá-lo novamente?

- Não.

Sentia a cor fugir-lhe do rosto enquanto ela olhava a mistura virar concha-nublado, com o lançamento do anis, funcho, ervas e outros ingredientes. Dentro de momentos, a solução tinha conseguido uma cor opalescente verde bonito.

Os olhos de Valmont estudavam-na quando ele levantou o copo e tomou um gole cuidadoso.

- Você deve saber melhor do que mentir para mim, ma chérie. Agora tente novamente. Ou eu deveria convidar a jovem Fleur para me entreter em vez disso? Naturalmente, eu não poderia permitir que você participasse para encantar a nós dois. Ainda assim, você faria um bom público.

- Ele alegou que quer se casar comigo. As palavras explodiram de seus lábios.

Valmont ficou a contemplá-la com satisfação.

- Ah. Você me trouxe algo mais depois de tudo.

.....

Obviamente satisfeito, ele levantou a segunda taça e entregou a ela como se fosse algum tipo de recompensa.

- Agora, vamos começar novamente. O que ele disse exatamente?

Tendo se recusado as suas gotas de laudano, o pensamento de outra panacéia era bem-vindo. Ela tomou um gole do absinto, sentindo uma bem-vinda queimação enquanto ela retransmitida uma versão editada da proposta de Lyon.

- Ele não foi o primeiro a oferecer matrimônio sob o efeito do álcool, advertiu. - E a sua oferta pouco importa desde que eu o fiz esquecer tudo o que transcorreu esta noite.

Ela virou a cabeça para o olhar vivificado de Valmont. Ele pegou seu queixo e o angulou observando sua garganta sob a luz.

- Ele marcou você.

Sua mão subiu para cobrir as manchas, que foi formada sob a forma exata da boca de um homem.

- A cor do seu modo de jogos que a sua bebida liberou.

Ele riu baixinho e a deixou ir.

- Eu não sou ciumento, minha pobre chérie, disse ele, mas ela sabia que era uma mentira. - Eu sei o que é meu e quando compartilhá-lo.

- Então, eu aprendi há três anos.

Seu rosto apertado.

- Observe a si mesma. Isso soa perigosamente perto de uma crítica.

- Pardonnez moi, monsieur, disse ela. Mas ela viu era tarde demais. Ela lhe deu uma desculpa para se tornar cruel.

- Você me diz que ele não deseja vê-la novamente, e depois você me diz que ele deseja. Agora eu começo a me perguntar se você não estará mentindo sobre outros assuntos. Você não tem sido impertinente, você tem Juliette? Você não me fez de corno esta noite com o senhor de Satyr fez Juliette?

- Você sabe que eu não faria, ela mordeu fora.

- Sob a lua cheia, corre o boato que ele e seus irmãos são excepcionalmente convincentes.

- No entanto, não conseguiu me convencer.

- Então, talvez um de seus outros cavalheiros mais recentes? Você já abriu suas pernas adoráveis para alguém sem a minha permissão?

- Non. Eu juro.

Ele tsked em ceticismo.

- Eu acreditei em sua palavra por muitos meses agora. Hoje à noite, creio que vou precisar olhar por mim mesmo.

Ele jogou para trás o restante do absinto e colocou o seu copo de lado. Então ele se

apropriou de sua bebida e derrubou-a também. Pegando-a pelo braço, ele virou na direção da escada como se acompanhá-la a algum evento social.

Em vez disso, ele a levou para cima em direção ao seu santuário privado, um quarto que odiava mais do que todos os outros em sua casa opulenta. Lá dentro, ela evitou os feridos, os olhos vidrados olhando tristemente para ela de todas as paredes. Ele chamou esta de sua sala de troféus e ele encheu-o com as cabeças e corpos de animais que seu pai tinha destruído porque lhe dava prazer fazê-lo. Entre todos os bens em sua propriedade de Borgonha, ele escolheu estas tristes, sem alma, como alguns poços remanescentes a trazer com ele. Com os olhos baixos, ela esperou que Valmont fosse a uma bacia e lavasse as mãos.

Ele não gostava que seus empregados comessem até que ele estivesse pronto. Uma vez que ele estava sentado diante da mesa gigantesca que dominava a sala, ele deu um breve aceno.

- Prepare-se, ele instruiu.

- Para que? Ele desviou a questão, apontando para o armário. Ela sabia o que tinha dentro.

- Você está me punindo? Perguntou ela.

Sua mão bateu na mesa.

- Você realmente acha que eu iria acreditar em sua palavra de que não fodeu com ele hoje? Um homem como esse?

- Sim.

- Putain. Então você esqueceu o seu lugar no mundo, ma petite. Ou talvez eu devesse dizer minha pequena assassina.

- Eu não sou uma assassina! Juliette protestou.

- Isso você diz. Mesmo se eu pudesse ter a certeza de sua inocência, as autoridades ainda acreditam que você é culpada.

- Com seu testemunho!

- Silêncio! Se você continuar a me causar problema, eu ainda posso vê-la entregue à prisão. Agora veja a sua roupa, s'il vous plaît.

Tremendo de raiva, ela arrancou sua anágua e as dobrou sobre as costas da capa azul e ouro de uma chaise longue Louis XV, que outrora enfeitou sua casa de família. Ele não a tinha examinado, desta forma, uma vez que tinha chegado a Paris. Ela pensou que ele havia começado a confiar nela. Que ele de alguma forma a considerasse em sua mente como uma espécie de Madonna intocável, imune aos desejos da carne. Mal sabia ele o quanto isso não correspondia a verdade. Hoje à noite e o que aconteceu antes tinha provado. E talvez ele suspeitasse de sua fraqueza para Lyon. Assim, a sua súbita necessidade de determinar se ela voltou no mesmo estado em que ela partiu. Graças a Deus ela não tinha vontade de acabar presa. A bandeja estava lá na prateleira de baixo no armário, alto independentes, tal como ela se lembrava em Borgonha. Ela abriu as

portas de vidro e tomou suas alças, parando quando algo estranho chamou sua atenção. A prateleira acima outrora continha porcelana com o monograma de família, mas agora estava forrada com uma variedade barata de bric-a-brac. Era uma coleção estranha, que não pareciam adequadas para os interesses de Valmont.

Ela olhou para o primeiro item da linha. Uma amostra de tecido marrom manchado.

- Se apresse menina!

Sua mão estremeceu, sacudindo os instrumentos na bandeja. Lentamente, ela marchou em direção a ele, como um condenado dirigindo-se para a guilhotina, e colocou-se na esquina de sua mesa.

Ele já abria as duas rasas gavetas mais altas de ambos os lados da mesa, que ele propositadamente deixava vazias para estas ocasiões. Deslizando-se entre ele e a escrivaninha, ela mordeu em seu lábio. Em um movimento suave, ela estava deitada de costas e levantou os joelhos dobrados. Encontrando as gavetas com os pés e seus chinelos, pisou dentro deles para que dessem suporte ao peso de seus pés espalmados.

Valmont permaneceu então e levantou as saias bem acima dos joelhos em suas coxas. Ele observou seu rosto cuidadosamente, tocou o dedo na fenda entre seus lábios inferiores, percorrendo-o até que eles se desfraldassem sozinhos.

Ela esvaziou sua expressão, estudando o teto. Havia vinte grandes cofres de madeira nele. Cuidadosamente, ela contou quantas vezes o ovo e o padrão de dardo foi repetido na decoração de cada um dos cofres e onde cada minúsculo defeito estava. Na casa da família Valmont havia cinquenta cofres acima de sua mesa, cada uma com bordas douradas.

Mas ela teve o cuidado de manter os olhos longe dos troféus que cobriam as paredes. O veado vermelho orgulhoso com seu irmão gêmeo galhadas de seis pontas foi o pior, só porque ela viu o pai triunfante trazê-lo para casa. Ninguém, mas além dela se importava que ele ainda estivesse vivo e com dor.

Seus olhos sacudiram para longe dele. Era importante não insistir num tempo demasiado longo.

- Eu me lembro daquele dia muito bem, disse Valmont, observando a direção do seu olhar.

Suas mãos estavam em concha em seus joelhos, em seguida, os separou, expondo-a. Sentou-se novamente, deixando sua visão obscurecida pela saia drapeada. Ela o ouviu puxar sua cadeira para frente. Sentiu o calor de uma vela se aproximar.

- Eu vi como você ficou naquele dia, continuou ele.

- A dor do veado era demais para você. Eu segurei você quando você esvaziou o estômago.

- Pare! Pelo amor de Deus.

- Você estava com apenas dezesseis anos naquele verão. Lembra-se?

O primeiro instrumento metálico deslizou dentro dela, gelando-a. Eles eram

instrumentos médicos, e ele os usava para examinar periodicamente as meninas em casa para verificação de doença, como a lei francesa ditava. Por ela não ter pelos púbicos como era natural para proteger suas partes íntimas, ela conseqüentemente sentiu cada toque, ainda mais afiado e frio.

- Lembro-me perfeitamente, disse ela.

- Foi na época em que a vinha de seu pai começou a falhar. Eu tinha pena de você.

- Você me adorava. Foi a primeira vez que eu notei você. Você já tão madura, mesmo na sua idade jovem.

Um dedo escovou o clitóris. Ela se contorcia longe dele e fechou os joelhos, horrorizada. Ele nunca fez tais coisas. O absinto estava tornando-o ousado.

- Excusez-moi. Um acidente.

Sua mão entre as pernas balançando-as bem novamente. Ela não acreditou nele.

O instrumento dobrado nas paredes vaginais separando, criando um túnel delgado para o que viria a seguir. Uma vez que o dispositivo tinha aberto-lhe o suficiente, um dedo escorregou para dentro, com a diligência de uma minuciosa inspeção.

Seu toque era sempre gentil como ele picou e sondou, examinando. O que ela mais odiava era que ele olhasse suas partes íntimas. Ela sempre se sentia suja depois que ele a tocava assim, com as mãos limpas e seus instrumentos limpos.

O dedo e a manivela foram retirados a vela foi levantada para longe.

- Tudo parece estar bem. Você ainda não se tornou uma vagabunda como sua mãe. Todas as coisas devem ter seu tempo útil, eu suponho.

Era uma suposição comum e pouco incomodou a ela.

Todos sabiam que os órfãos eram prováveis filhos de mulheres solteiras, que eram considerados de possuir uma baixa moral. Acreditava-se que as falhas morais eram produzidas na medula óssea, então ela deveria ser responsabilizada por supostos pecados de sua mãe.

Juliette balançou a posição sentada, empurrou as saias inferiores a cobrir-se, e levantou os pés das gavetas.

Assim que os chinelos tocaram no tapete, ela foi para longe para pegar suas anáguas, esperando que tudo estivesse terminado. Geralmente ele a deixava ir logo após.

Mas hoje ela não teve a mesma sorte.

- Antes de ir, remova a bandeja e limpe tudo.

Com uma careta, ela voltou para os instrumentos e os levou a bandeja e ao aparador. Enquanto ela lavava os instrumentos na bacia, seus olhos estavam mais uma vez no nível do gabinete. Ela estudou a variedade de objetos estranhos que ela tinha notado antes, cada conjunto nitidamente ao longo dessa plataforma particular.

Inclinando-se mais perto da amostra de tecido, ela percebeu que ele realmente não

era marrom como tinha pensado inicialmente. Foi apenas manchado, e parece ter sido originalmente um tinto escuro azul.

Ela analisou os objetos vizinhos, a maioria era ostensivamente feminina. Um dedal de cobre. A fita enrolada. Um pente de abalone.

Valmont tinha os olhos furados em suas costas quando ela terminou a lavagem e secagem e colocou as ferramentas para secar em toalha de linho. Ela prendeu a respiração, e caminhou para suas anáguas.

- Bonne nuit.

- Espere, disse a ela e seu pulso disparou.

Sua voz estava sempre em sua forma mais suave quando ele estava em sua forma sádica.

- Um médico gosta de ser pago no momento em que os serviços são prestados, Trouvé Mademoiselle.

Mademoiselle encontrada. Um apelido repugnante que nunca a deixava esquecer sua origem humilde. Se o sobrenome de uma criança órfã não era fornecido, os funcionários do hospital davam-lhe um genérico, como Trouvé, a palavra francesa para "encontrado".

- Venha.

Ele entrelaçou os dedos sobre a barriga e sentou na cadeira, esperando.

O que ele pretende? Juliette com os olhos na porta continuava seu caminho rompendo com ele em direção a sua liberdade.

A risada repreensiva a parou.

- Se você me deixar, aonde você iria? Como você iria? Você pegaria um barco? Uma carruagem puxada por cavalos? Ou a pé? Passando por florestas e rios? Não seja tola. Está mais segura aqui. Agora, venha.

- Minhas gotas.

- Mais tarde.

Ela soltou seu aperto de morte nas anáguas e soltou-a em uma pilha na cadeira. Relutante, ela chegou mais perto.

Quando ela estava ao seu alcance, ele a empurrou de volta para a mesa, colocando-a em posição de novo.

- Outra vez? Por quê?

Ele se levantou e então ela viu que ele tinha lançado os botões das calças! Seu pênis estava duro e repulsivo. Ela se esquivou de distância, mas ele era mais forte e a pegou. Erguendo-a sobre a mesa, ele desceu as calças até os tornozelos e mudou-se entre as pernas, já empunhando seu pênis com ásperos empurrões.

- Oh Deus, eu quero colocar isso em você, ele suspirou.

.....

- Não! Além de alarmada, ela trouxe os joelhos para cima e tentou fechá-los e fugir imediatamente.

A mão em seu quadril a trancou com ele. Ela tentou se sentar, mas ele a empurrou para trás.

- Eu quero, ele arquejou. - Ou morrerei.

Com a outra mão, ele coçou a coroa ao longo de sua fenda, não muito ousados para agir em seu desejo.

Seu tempo com Lyon havia deixado seu corpo preparado para a liberação sexual, e quando Valmont colidiu contra o seu sulco, ele acendeu em sensação de má vontade.

Ela apertou sua mandíbula e uma lágrima escapou para o lado do rosto. Mais do que tudo, ela odiava saber que queria tanto o calor humano que seu corpo respondeu ao toque mesmo contra sua vontade.

- Vá em frente, então, ela provocou, esperando desesperadamente para assustá-lo para longe de sua meta.

-Mas eu prometo que você nunca mais será o mesmo se fizer.

Seus olhos se arregalaram e depois se estreitaram. Ainda trabalhando o pênis contra sua barriga, ele se inclinou sobre ela.

- Bruxa! Você ousa ameaçar usar seus feitiços em mim? Você acha que eu não vou te foder? Você acha?

Eu sei que você não vai, ela pensou. *Porque você está com muito medo.*

Ele sabia de seus truques desde que ela tinha usado pela primeira vez os seus conhecimentos sobre um de seus amigos quando ela tinha apenas dezesseis anos. Apesar de metade do tamanho do homem, ela o tinha enganado fazendo-o acreditar que havia conseguido estuprá-la.

Valmont tinha visto todo o encantamento escondido e irrompeu na sala depois, exigindo saber o que ela tinha feito.

Ele tentou acordar seu amigo, mas isto tinha sido impossível até a manhã seguinte. Então, em sua presença, ele questionou o estuprador e foi surpreendido ao saber que o homem acreditava que ele tinha conseguido quando Valmont tinha visto claramente por si mesmo que não havia ocorrido a consumação.

Daquele dia em diante, ele a mantinha cativa e usou seu talento para seu próprio benefício. Mas, felizmente, ele temia sua magia também. Mal sabia ele que não tinha necessidade. Ela tentou secretamente suas magias contra ele no passado, mas não funcionou. Se ele descobrisse que era o único homem que não era vulnerável a elas, ela estaria perdida. Ela fechou os olhos contra o pensamento.

- Deus, eu sonho em enterrar-me em você. De ter sua boca em mim. De assistir você chupar os outros homens, com essa boca linda e rosada.

- Silêncio! Ela implorou, batendo nele. - Pare com isso!

.....

Ainda segurando-a, ele puxou seu pênis tão perto que as costas dos seus dedos roçaram seu sulco liso.

- Você quer isso também. Você está molhada para mim, minha linda putain. Assim como a minha mamãe... Meu pai convidou outros homens para a nossa casa... Ela atendeu a todos eles... de joelhos ... colocando a boca em todos eles, um após o outro ... Sua barriga estava grande com uma criança, então, como um fruto maduro pronto para estourar.

Juliette cobriu as orelhas com ambas as mãos e fechou os olhos, horrorizada. O Absinto tinha afrouxado sua língua, mas ela não queria ouvir isso.

Seu rosto se contorceu febril as bochechas coradas queimavam. Ele estava resistindo tão duro, agora que ela e a mesa tremiam.

- Oh, G-God! Seus olhos revertiam em sua cabeça e ele fez um som de engasgo. Cuspiu quente pegajoso dele.

Revoltada, ela se esqueceu de respirar e o quarto ficou escuro.

Quando ela reapareceu segundos depois, seus dedos estavam pintando seu escarro sobre sua barriga.

- Minha filha doce, doce.

- Você terminou? Perguntou ela com uma raiva fria.

Desprendendo-se da sua espera, ela virou e ficou fora, ansiosa para ir para seu quarto para tomar banho e remover todas as provas desse encontro que destruía sua alma.

Valmont caiu para trás em sua cadeira e começou a acariciar à toa o eixo flácido refestelado no V da calça.

- Ele voltará você sabe.

Sua voz era arrastada pela bebida e as seqüelas do gozo agradável.

- Você é como a fada verde, o absinto. Uma que vez um homem teve um gosto de você, ele não pode se ajudar, sempre voltara na esperança de ter mais.

Embora ela quisesse ir, ela parou na porta e olhou para ele por cima do ombro. Era melhor saber o que ele estava tramando.

- O senhor Sátir não vai voltar. Eu lhe dei instruções para ficar longe.

Valmont não tomou conhecimento de suas palavras.

- Ele tomou liberdades, ele divagava. - Como seu guardião, eu vou insistir que ele deve fazer a coisa certa.

Ela olhou para ele, espantados.

- Quer que ele se case comigo, você quer dizer? Ela estalou. - Mas, você sabe que não é possível.

Ele rolou os ombros, esticando.

.....

- Cesse sua falação! Você está obviamente exausta. Vamos arquivar o assunto até que eu pense mais sobre ele e nós dois estejamos mais descansados.

Milhares de protestos pairavam em seus lábios, cada um implorando para ser falado.

Observando sua hesitação, ele ergueu uma sobrancelha.

- A menos que você queira que eu lhe dê um hóspede da quai para você chupar com essa boca linda, mamam? Eu iria gostar muito de aproveitar.

- Eu não sou sua mãe. Ela pegou sua saia e deixou a sala sem dizer uma palavra.

Fez-se silêncio em seu rastro, e ele olhou para o espaço vazio onde ela esteve. Então ele abriu os lábios e murmurou: - Tão boa quanto.

.....

CAPÍTULO 08

Lyon abriu uma pálpebra arenosa e localizou a lua, ainda cheia lhe encarando através da vidraça. Sua luz cruel era jogada sobre sua nudez, escalda-lo como mil sóis. Foi uma noite Moonful. A hora do ritual. *Por que ele não estava ele envolvido em fornicção com alguma mulher ou outra?* Ele questionou delirantemente.

Quase inconsciente, ele conseguiu levantar uma das mãos do colchão. Ela aterrissou com um baque em sua coxa. Contraíndo um indicador, ele sentiu a pele que brotava em cima dele com o aparecimento de uma lua cheia e que desaparecia novamente pela manhã. Ele arrastou a mão, em espasmos descoordenados na contramão de seu pêlo, até que encontrou o pênis entre seus pelos.

Este, o maior dos dois, contraia para cima e para baixo, desesperado por um curso que ele estava fraco demais para dar. Quente, queimando, todo o seu comprimento era tão fortemente amarrado com as veias que ele mal conseguia detectar eventuais extensões planas de pele entre eles.

Com lentidão torturante, que forçou o seu toque rolar além dele, mais ao longo de sua barriga. O salto de sua mão bateu o seu pênis pélvico, emitindo ondas de choque através dele.

Deuses! Ele ainda não tinha recolhido! O que significava que não tinha conseguido a ejaculação que era necessária no início do ritual de chamada de cada Moonful. Não admira que ele esteja doente! Machos Sátir só tinham seu segundo pênis despertado com o aumento inicial de uma lua completamente encerado. Depois de um clímax único que teria recuado dentro de seu corpo novamente, mas seu outro, o pênis maior exigiria ataques repetidos da cópula do anoitecer ao amanhecer. No entanto, era dolorosamente óbvio que nenhum dos requisitos foi satisfeito.

No entanto, ele estava fraco demais para convocar um Shimmerskin para atendê-lo.

Fraco demais até mesmo para foder ele mesmo.

Minado por necessidade, ele gritou com voz rouca.

- Ciao!?

Nenhuma resposta veio. Ele estava sozinho.

Sozinho durante Moonful. Seu relógio interno e a posição da lua disseram-lhe que ainda não era meia-noite. Ao amanhecer, ele estaria morto.

Libidinosas lembranças da noite o inundaram, negando o que suas mãos lhe haviam mostrado como verdade. Eróticas imagens meio formadas rodaram vertiginosamente através de seu cérebro, dissipando-se antes que ele pudesse fazer sentido totalmente deles.

Lembrou-se de estar olhando para um par de olhos verde-mar. Lembrando de uma

suavidade feminina dispostos a ceder às pressões de seus pênis. Lembrado de luxúria, brincalhão, pornográfico compromisso com... *Com quem? E se alguém estivesse realmente aqui com ele? Que diabos estava acontecendo? Ele procurou, mas não conseguia encontrar um nome. Se tivesse sido uma estranha?*

As memórias tagarelaram, fora de controle, embaralhadas cenas carnavais envolvendo ele e alguém desconhecida. *Como era possível que sua mente lembrava de ter fodido esta noite, mas seu corpo não evidenciava os resultados?*

Ele tentou sentar-se, mas isso só fez seu abdômen turvar em repugnância. Suor pontilhou sua pele e ele lutou contra a vontade de vomitar. Sua cabeça latejava como se estacas de seis polegadas estivessem sendo empurradas em sua cabeça. Era como se estivesse morrendo.

Uma vez que ele atingiu a idade da maturidade, o seu pai tinha deixado bem claro para ele que as consequências de um sátir ficar sem uma fêmea durante Moonful eram terríveis. De fato, entre os da sua espécie no ElseWorld, a recusa proposital de prostituição era utilizada como forma de punição mais severos. Antes do início do ritual de chamada, a virilha de um sátiro condenado seria trancada dentro de uma jaula de ferro, assim ninguém poderia atendê-lo. Foi dito ser uma morte infernal, e ninguém jamais durou até o termino do calvário.

Ele era um homem condenado? Ele iria morrer aqui neste quarto de hotel de luxo, longe de seus irmãos, seus animais, e de suas vinhas?

Ficou ali, sentindo o pulsar do seu coração, lento e irregular. Câimbras o bateram e ele arfou e enrolou-se em si mesmo. Os dedos dos pés atados em seus tornozelos.

Ele sempre foi o mais forte de seus irmãos, fisicamente. Agora, ele, que nunca tinha estado doente um dia em sua vida, era tão mortal. Ele desconectou a parte da sua mente que o ligava a Nick e Raine, não querendo que eles soubessem. Não querendo que experimentassem esta tortura com ele, através dos laços de sangue antigo que os levou a compartilhar emoções fortes, mesmo em grandes extensões de tempo e distância. Não havia nenhum favor em compartilhar essa agonia. Eles estavam na Toscana e jamais poderia alcançá-lo a tempo de fazer nada.

Com tudo ele enviou um pedido silencioso de ajuda que permeariam somente nas imediações, presumindo que alguém iria responder. Não havia criaturas próximas, que tinham a capacidade de ouvir. O esforço lhe drenou e ele caiu inconsciente.

Na parte rasa do rio Sena, apenas fora do Quai d'Anjou, Sibela andava pela água e fervia, os olhos fixos na porta do hotel de Lyon. Ele a tinha fodido e abandonado para perseguir uma outra na noite anterior. Isto não era algo para ser facilmente perdoado. No entanto, ela veio aqui hoje à noite, sabendo que era Moonful e supondo que ele gostaria de te-la novamente. Supondo que ele iria precisar dela. Ela tinha ainda a esperança de ouvi-lo implorar. Mas, agora, a lua estava cheia e alta, sorrindo para ela, enquanto seu amante anterior encontrava-se em algum lugar dentro deste edifício com outra mulher.

Juliette.

.....

Sua presença aqui em Paris era inesperada e importa muito complicada. *Ela sequer sabia da existência de Sibela?* Duvidoso. As coisas tinham sido caóticas naquele dia, há três anos. Essa tinha sido a única vez que ela já pusera os olhos sobre a menina, e ela tinha o cuidado de não chamar atenção indesejada para si mesma. Ainda assim, foi se tornando evidente que deveria se reconectar. Pois agora tinham Lyon em comum, e era imperativo que ela fizesse Juliette abandonar qualquer espera que ela tivesse sobre ele.

Embora ela não se importasse com o terceiro filho Sátir em particular, ela precisava de sua proteção. Sua experiência sobre as últimas horas tinha feito isso bem claro. Enfurecida por sua deserção no parque na noite passada, ela estupidamente invadiu o rio novamente, em vez de aguardar o seu retorno. Sibela definhava no riacho sem a chamada de nenhum macho!

O que aconteceu em seguida, ela considerava inteiramente sua culpa. Afinal, ele foi o único que tinha mexido com suas paixões e deixado-a antes que ela tinha tido o suficiente dele. Naturalmente, ela havia sido orientada a procurar outro parceiro disposto. Infelizmente, na pressa, ela tinha escolhido imprudentemente.

Os dois machos do mar que ela encontrou foram um bálsamo para seu ego, pois tinham-se revelado mais do que dispostos a levá-la até Lyon. Ela só queria ficar um pouco com eles, e depois retornar ao parque. Mas eles tinham sido tão gratificantes ansioso. Em primeiro lugar.

Ela percebeu tarde demais que de alguma forma ElseWorld atingiu os seus tentáculos ao mundo e tinha contaminado as intenções das criaturas marinhas em sua direção. O encontro com seus amantes gêmeos não tinha sido nenhum acidente. Eles estavam no seu encalço, com a intenção de entregá-la através da porta entre os dois mundos. Exatamente o que ela temia que pudesse acontecer sem a proteção de Sátir. Escapando, ela lutou a sua maneira ascendente e chegou ao parque logo após o amanhecer de hoje. Até então, Lyon tinha ido, mas seu cheiro estava fresco e lhe disse que ele tinha, de fato, voltado lá para ela como tinha prometido. E que ela tinha acabado de perdê-lo. Buscando o vento, ela pegou seu aroma e percebeu que ele estava em movimento, na posição leste. Enquanto ele caminhava através do labirinto de ruas pavimentadas, ela seguiu-o de sua posição nas proximidades do rio. Mas ela tinha perdido seu rastro em algum lugar, e estava aterrorizada de uma recaptura iminente pelos lacaios de ElseWorld, ela circulou nas duas ilhas do Siena durante todo o dia, em busca de uma pista. No final da tarde, ela o encontrou.

Embora ela não tenha o visto chegar aqui, ela sabia que ele tinha vindo para este prédio. Ela apareceu neste local muito antes, horas antes da lua nascer, pensando que ele ia finalmente chamá-la para atender as suas necessidades físicas.

Em vez disso, ela tinha prestado atenção com horror quando Juliette tinha pulado de um carro a uma hora atrás, e entrou em seu hotel. Desde então, a lua tinha ressuscitado. Lyon estava certamente entrando no cio com ela neste exato momento. Dando-lhe a muito cobiçada semente para ela.

Ciúme ferveu desconfortavelmente quente no peito frio de Sibela. Como ele ousava

coloca-la de lado! Xingava e cuspiam, sem saber de que outra forma poderia desafogar sua ira. Irritou-se não querendo ficar, mas ela precisava de sua ajuda e, portanto, não poderia afastar-se.

Ela ouviu risadas e seu olhar de cortou para o leste. As outras ninfas se reuniram ociosas ali, presunçosas zombando de seus problemas das sombras de um grande tronco.

- Saíam. Ela assobiou humilhada por elas serem testemunhas desta derrocada. - Não pensem em passar a noite exultando.

Elas riram, mas se afastaram deixando-a para uma vigília solitária.

Vários esquemas para punir Lyon e córnea-lo incubaram em sua cabeça enquanto ela lançava olhares impotentes ao hotel. A corrente era forte aqui no extremo leste da Île Saint-Louis, onde o rio era obrigado a dividir a ilha, e ela teve de lutar constantemente para permanecer parada.

Tinha que haver alguma maneira de corrigir esta catástrofe. Ondulando sua cauda, ela continuou a nadar para trás e para frente, mantendo um curso que ocorreu paralelamente ao rio.

Lyon tinha tomado Juliette à sua cama no lugar dela. *Por quê? Os homens nunca escolhiam outra quando estava em oferta. E por que tal coisa tinha que acontecer agora, quando nunca tinha sido tão importante capturar o coração de um homem? Ou o seu sêmen, pelo menos.* Ela o teve primeiro. Mas sua rival venceu debaixo de uma lua cheia. *Qual reivindicação era mais forte? Ela temia saber a resposta, e não estava a seu favor.*

De repente, a porta do hotel se abriu e apareceu Juliette. Seu queixo caiu. A lua ainda estava cheia e alta! O Satyr nunca teria lhe permitido sair da cama tão cedo.

A senhorita saiu em disparada para o caminho em direção a ela, equilibrando uma cesta em cada braço. O barulho de metal e vidro indicava que eles continham louças.

- Espere! Sibela ordenou, acenando para mais perto.

Talvez pudessem chegar a uma negociação sobre o homem que tanto desejava.

Mas Juliette estava concentrada na doca e correu em seu caminho, ou estava demasiadamente ocupada com seus próprios pensamentos ou, simplesmente, era demasiadamente humana para ouvir.

Sibela virou o olhar de volta para o hotel. O instinto lhe disse que Lyon continuava ali dentro. Um baixo sussurro borbulhou para fora de seu peito e começou a chamar por ele. Ela segurou cuidadosamente quieta, para ouvir um sinal de que ele tinha ouvido. Mas seu chamado ficou sem resposta. Outra hora ou mais se passaram, e ela cantou novamente. *Por que ele não respondia?*

Sua cauda assobiava fluida e sua mente trabalhava no mesmo ritmo, mas a cabeça e o tronco permaneciam imóveis. Tanto que uma tartaruga confundiu-a com uma rocha musgosa e tentou rastejar em cima de sua cabeça. *Maldita criatura!* Ela enxotou-a. Um

macho e uma fêmea humanos que caminhavam por ali olharam para o som do espirro. Embora olhassem diretamente para ela, não aparentavam qualquer surpresa.

Uma excitação apoderou-se dela. Talvez a magia que Sátir tecera para escondê-la ontem à noite ainda permanecia em vigor. Se assim fosse, isso significaria que ela poderia viajar em terra sem ser vista.

Ansiosa para testar o seu disfarce, ela escorregou do rio para sentar-se em terra. Com traços eficientes ela jorrou a água de seu corpo mais baixo e poliu-se com ervas e folhas de torresmo para apressar a sua transformação.

Em um gesto tão familiar, que ela nem percebeu que ela fez, ela acariciou as costas os laços de jóias em sua garganta, ajustando-os ao longo de seu peito para garantir que eles disfarçariam a pele por baixo. As cicatrizes estavam escondidas sob as pedras, Riscos fracos e longos onde seu corpo havia sido cortado há vários anos e tinha reparado em si, e uma queimadura que ficou fresca. Só era possível ver esses defeitos com certa luz, mas a visão deles trazia perguntas que ela preferia não responder. E alguns homens paravam por causa delas. Daí as jóias.

De repente, uma nítida ligação masculina cortou o ar. Sua cabeça chicoteou em torno para parar na janela alta do hotel a partir do qual o som sobrenatural havia sido emitido.

Era Lyon, pedindo ajuda! Sua convocação foi tão fraca, tão frágil, que ela mal podia acreditar que tinha vindo dele. Rapidamente, ela voltou a ligar, mas ele não respondeu. O tempo ficou lento enquanto ela fazia tudo o que podia para apressar a formação de pernas humanas.

Condenado Sátir! Provavelmente não tinha idéia do que ela passava para se transformar. *Será que ele achava que a alteração do osso e pele se conformando era fácil? Homens!*

Meia hora de tortura depois, ela finalmente tinha membros fresco. *Será que a levariam? E, em caso afirmativo, quanto tempo duraria?*

Afundando suas garras na casca do tronco de uma árvore nas proximidades, ela alavancou-se e ficou em pé, então esperou vários minutos de agonia para as pernas se firmarem abaixo dela. Seus primeiros passos foram difíceis para frente e os progressos foram lentos. Outro quarto de hora se passou antes que ela chegasse ao portal do edifício.

Um ruído atrás dela alertou-a para o fato de que um homem e uma mulher estavam subindo a pé por trás dela. Passaram tão perto que a capa do homem roçou nela. Ela soprou uma respiração fria sobre o seu pescoço e ele estremeceu, envolvendo seu cachecol mais perto.

Eles não tinham sido capazes de vê-la! A magia que Lyon tecera na outra noite ainda era válida. Pelo menos por enquanto. Quando ela chegasse, ele poderia reforçá-la.

O macho por trás do balcão do hotel olhou para cima e chegou a cumprimentar o casal que abriu a porta. Ela escorregou para dentro quando o casal entrou, e ela se

deslocou por todo o hall de entrada com um andar incerto. Confrontada com a escada, ela fez uma careta. A escada provou ser exatamente o tormento que ela tinha antecipado. A sensação de ligamentos, tendões e ossos trabalhando em conjunto com cada passo que ela tomou estavam sendo terríveis. *Como os seres humanos suportavam isso?* Ela consolou-se com o pensamento de que ela logo se acostumaria. Como escolhida de Lyon, sua esposa, como os humanos chamavam suas ligações com mulheres, ela seria mais segura e capaz de viajar livremente entre a terra e o mar. Como seria delicioso escolher as pernas ou a cauda, de acordo com seus caprichos. Tudo isto teria valido a pena.

Encontrando a porta aberta para seu apartamento, ela entrou sem ser convidada. Ela pegou o seu cheiro e imediatamente olhou para cima. *Foda-se! Mais escadas?! Quantas mais as pessoas precisam?*

Quando ela finalmente chegou à porta do quarto, ela estava mal-humorada. Havia uma cama no interior e ele estava deitado sobre ela, imóvel, em silêncio. Curioso. Era muito conhecido entre os da sua espécie que os Satyr se envolviam em um frenesi de diversões carnavais do crepúsculo ao amanhecer em uma noite de Moonful. *Por que, então, ele estava deitado aqui e agora, tão calmo?*

Seus eixos angulavam alto de sua virilha e barriga. Olhando-os, ela saiu da sombra para a luz do luar, à espera que ele a reconhecesse.

- Nenhum cumprimento? Ela atirou as palavras para ele do outro lado da sala, tentando provocá-lo.

Ele não respondeu. Não deu nenhum sinal de que ele estava ciente dela. O coração dela despencou. Certamente ele não estava... *morto?*

Ela correu para mais perto e colocou uma mão em concha sobre os lábios. Alívio a inundou quando sentiu sua respiração. Ele estava vivo. Observando de perto o seu rosto, ela lhe deu uma leve tapa. Nada.

- Por que você não acorda?

Ela engatou-se em sua cama, feliz por estar fora de seus pés de novo, e correu o dedo sobre o seu pescoço. Ele curou as marcas que ela colocou em cima dele.

- Idiota. Babaca. Ela amaldiçoou.

- Eu juro que eu vou te matar se você se atrever a morrer em mim.

Sem sua colaboração, ela estaria condenada a existir em perigo constante. Eventualmente, ela poderia ser capturada. E uma vez que ElseWorld a arrebatasse, eles iriam descobrir a verdade sobre seu passado logo, logo. Eles não podiam levar esse corpo dela. Sem isso, ela não era nada. Literalmente nada.

- O que aconteceu aqui para fazê-lo ficar assim?

Ela pegou um copo no chão e mergulhou sua língua no seu vinho, estremeceu com o gosto amargo, repugnante.

O ar estava impregnado com o cheiro de comida. Lembrou-se das bandejas que

Juliette e os seus servos tinham trazido. Entendimento a alcançou. Aparentemente, a senhorita não tinha esquecido de toda a sua magia.

Ela tsked para ele.

- Tolo! Você comeu o alimento oferecido por uma fada? Se abrindo para suas magias? Você deveria ter um conhecimento melhor, mas eu suponho que você também estava cego pelo desejo para evitar a sua armadilha. E qual era o motivo da sua armadilha, eu me pergunto?

Debruçada sobre ele, ela tomou a raiz de seu pênis pélvico em uma mão e seu pênis humano em outra, admirando-os. Eles eram o tipo de pênis que ela mais preferia, de comprimento, espessura e firme, com uma ligeira curva. Um lugar ideal para foder.

- Você cresceu desde nosso último encontro, disse com aprovação. - O efeito da lua, eu suponho.

Liberando o menor, ela mergulhou a ponta de uma unha dentro da fenda do maior que cresceu a partir de sua base. Sêmen jorrou. Inclinou-se e ela rodou, ofegando quando ela provou sua rival nele.

- Maldição! Ela pegou-lhe na boca?

Alarmada com o que isso poderia significar em termos de seus direitos a ele, ela não perdeu tempo em reafirmar sua própria afirmação. Subindo de joelhos, ela situou-se ao lado de seu quadril, para que ela enfrentasse seus pés. Dividindo seus novos membros inferiores, ela desajeitadamente tentou escarranchar nele.

Ele expulsou um oof involuntário enquanto ela dirigia seu joelho em seu abdome antes de conseguir colocar-se na posição.

Dando-lhe as costas, ela levantou-se sobre ele de quatro e enfiou seus tornozelos ao longo de seus flancos, os dedos apontados para suas axilas. Seus pés apertavam suas costelas, ancorando-a a ele.

Chegando entre as pernas dela, ela guiou o eixo que cresceu a partir de seus pelos à beira da sua racha feminina.

Então, chegando a outra mão por trás, ela trouxe seu eixo pélvico desajeitadamente, na apertada fenda de seu traseiro. Deixando-o pronto desta forma, ela se preparou as mãos na frente dela em suas coxas. Tudo o que tinha a fazer era deixar a gravidade fazer seu trabalho.

Relaxando os músculos de suas pernas ela logo sentiu a pressão da sua entrada. Ela abriu facilmente para ele em primeiro lugar, mas seus olhos se alargaram quando ele procurou uma intrusão mais profunda. Ela o tinha levado em sua passagem feminina antes, mas ele era maior do que a maioria, especialmente esta noite. E ela não tinha tido estímulo dele nessa segunda vez.

Ainda assim, fode-lo às escondidas, sem seu conhecimento ou permissão, atuou sobre ela como um afrodisíaco. O poder e o controle eram dela neste momento e ela se divertia com eles.

.....

"Eu acredito que eu prefiro você assim, tão dócil e cooperativo", ela murmurou, quando ela tentou encher-se com ele.

Minutos se passaram enquanto ela lutava para suas passagens gelatinosas o empossarem. Ela o deixou tomar o seu peso, forçando-o mais profundo e mais longe e mais rápido do que seu corpo poderia suportar confortavelmente e saboreando o prazer da dor resultante. Seus tecidos sugados para ele em uma espécie de peristaltismo carnal como ela pressionou, às vezes, aliviava-se uma polegada ou assim antes de dobrar para baixo para conseguir um melhor ajuste. Finalmente, sua parte inferior descansava ruborizada com sua barriga e ela encontrou-se duas vezes empalado. Ela se contorcia sobre ele, sentando-o mais profundamente possível.

- Umm, ela cantarolou.

- Isso é quase o valor de todos os problemas que você me fez passar.

Então, lembrando-se de sua finalidade, ela passou a ritmicamente ascensão e queda em cima dele. Seus comprimentos eram quentes, e seus canais frescos, e a sensação de seu avanço e recuo foi ainda mais aguda devido à diferença. Movendo-se dentro dela, sentiu uma eletrização enorme. A vara em sua passagem vaginal esticou tão grande que cada empurrão escovava seu clitóris. Em poucos segundos, ela gozou, mas ela não deixou quebrar o seu passo por que o objetivo desta relação era a sua ejaculação.

Então, ela continuou fodendo, contraindo-se agora e depois com seu impulso e terminações nervosas animadas já e estimuladas por sua vinda recente. Seus músculos queimavam com o exercício desacostumado, e rapidamente começou a se cansar e enfraquecer.

- Não!

Ela se desesperou, temendo que suas novas pernas pudessem se desfazer. Ela apertou sua coxa com um tremendo soco impotente. Ela tinha que levá-lo até a conclusão! O toque de mãos quentes e masculinas a assustou e ela estremeceu em vertical quando agarraram com firmeza seus quadris e começou a ajudar seu movimento. Ela suspirou e olhou para Lyon por cima do ombro. Seus olhos ainda estavam fechados, sua mente distante e inconsciente. Foi apenas um instinto de acasalamento que o levaram a continuar seu trabalho. Seu aperto obrigou-a a tragá-lo novamente, e o movimento a forçou a voltar seu corpo para enfrentar o pé da cama. No controle completo agora, ele empurrou-a e, em seguida puxou, mais e mais rápido, empurrando-se dentro e fora dela. Felizmente, ela se entregou a ele. Cílios baixos, girando os olhos em fendas. Suas garras viciado suas coxas.

- É isso aí, meu querido, ela cantarolou a voz quente e urgente. - Ajude-me a foder-te.

Dentro dela, ele cresceu ainda mais gordo, com mais fome para a liberação. No V entre as pernas, o escroto apertado. Retraindo suas garras, ela pegou suas bolas em uma mão, acariciando-os da forma que sabia que os homens gostavam.

.....

- Sim, isso é certo, ela cantava. - Como é. Goze em mim... oh, Deus, por favor!

Fortes dedos escavavam em seus quadris, empurrando-os para cima, em seguida puxando em descendência, com tanta força que a união de seus corpos sacudia seus ossos. Seus quadris esticados para cima, elevando-as da cama por um momento suspenso.

Um único gemido áspero escapou-lhe e ela o sentiu derramar-se dentro dela. Seu gemido misturou-se com o dele e seu corpo curvou para frente sob a força de outro orgasmo inesperado que caiu sobre ela em conjunto com o dele.

Seu corpo resistindo incontrolável quando um fluxo de calor líquido jorrou dele em suas passagens. E depois um terceiro e um quarto, até que perdeu a conta. Lágrimas de alívio correram pelo rosto e enxugou-as, envergonhada de si mesma por essa exposição, fraca feminina.

Então, sua cabeça foi para trás e gargalhou alto, regozijando-se em ter seu corpo lavado com seu sêmen.

Tudo havia sido cumprido! Ele tinha acabado com sua talentosa semente e ela sentiu seu ventre engoli-lo! Ele era dela. Ela estava segura!

Um longo tempo depois, sua dispersão finalmente diminuiu depois cessou. Suas mãos caíram longe descansando sobre os lençóis.

A respiração saltou dentro e fora de seus pulmões, em voz alta no rescaldo tranqüilo. Ela soltou um grito quando o pênis em seu ânus recuou abruptamente, fazendo um som estranho quando retraiu dentro de seu corpo. As mãos dela bateram no colchão entre os joelhos e ela levantou-se, apenas o suficiente para se aliviar de seu único eixo remanescente. Depois, ela fracassou para o colchão ao lado dele.

Ela virou de costas e ficou ali por algum tempo, ofegante e exausta, ela ainda contraia os tecidos internos.

Seus dedos se moviam entre as pernas, anotando a esperteza de seus sucos misturados sobre o clitóris e desencadeando uma nova rodada de espasmos de prazer.

Suas coxas se uniram e ela gemia ao rolar para o lado, em direção a ele.

- Merci, Monsieur Sátir, ela sussurrou. - Ou eu deveria dizer grazie?

Ao seu lado, Lyon ficou em silêncio, ainda. Ela sorriu para ele, apreciando a vista de seu belo rosto dormindo. E pensar que ele era todo dela, pois com certeza este evento momentoso solidificou o seu pedido. Puxando-se acima em um cotovelo, ela passou os dedos levemente sobre a barriga, analisando-a. Surpreendentemente, não havia nenhum sinal que já tinha sido um segundo pênis projetado de sua carne.

Ele soltou um longo suspiro trêmulo, e seus olhos voaram para o seu rosto, vendo como os belos lábios entreabriram-se ligeiramente e, em seguida, falou. Suas palavras, expirado em um suspiro, foram tão suaves que ela quase não ouviu.

- Ahh! Juliette.

Sibela saltou para longe dele como se tivesse sido queimada.

.....

- Bastardo! Fumagando, ela afastou-se da cama.

- Você ousa me confundir com ela?

Ela passou dedos com garras sobre o abdômen que ela tinha apenas acariciado, puxando cinco listras avermelhadas. Espumando pelos lábios enquanto ela amaldiçoava e vociferava e levantou o braço para causar mais danos.

Mas antes que ela pudesse retaliar mais por sua traição, um raio de dor a atingiu, disparando ao longo da parte interna das pernas da virilha ao tornozelo. Suas pernas amassadas debaixo dela, e então os joelhos bateram o tapete.

Dobrado de quatro, ela ficou olhando com horror os seus membros inferiores. A pele havia começado a brilhar e tinha desenvolvido um aspecto ondulado.

Seus punhos bateram no chão e um gemido frustrado surgiu de seus lábios. Suas pernas tinham haviam decidido se tornar um rabo de novo!

- Foda! Agarrando-se a cama, puxou-se a seus pés e atirou um brilho funesto para o homem sobre o colchão.

- É melhor que essa semente seja potente.

Com isso, ela correu para a porta do quarto e bateu atrás dela, fazendo com que ela acidentalmente se trancar-se. Até o momento em que ela chegou ao topo da escadaria do hotel, sua carne já tinha começado a se juntar entre as coxas. Quando seu pé tocou a etapa final no átrio, já tinha se fundido da virilha até o joelho. Quando ela passou a mesa do estabelecimento hoteleiro, sua marcha tinha se deteriorado em um gingado.

Sentindo-se ridícula, ela arrastou para fora, abaixo da passarela, e em todo o gramado. Ela tinha que chegar ao Siena antes que acabasse tropeçando em terra como um peixe fora d'água.

Tornozelos escolheram aquele momento para fundir e ela cambaleou. Com um disco rígido flexível de pés que estavam se tornando rapidamente aletas, ela mergulhou em um arco acima da restante extensão de terra. E no momento em que o rio abraçou-a, a transformação já estava completa. Ela iria esperar até que as sementes de Satyr criassem raízes e crescessem antes de mostrar-se a ele novamente, ela decidiu. Até então, ele seria incapaz de fazer qualquer coisa para impedir a sua gestação. Sem olhar para trás, ela começou a nadar com um golpe poderoso, já estava planejando o que iria dizer a ele quando estivessem reunidos um mês a partir de agora.

Atrás dela, no hotel, Lyon dormia, alegremente ignorando que ele havia gerado um filho.

Lyon abriu os olhos e estremeceu ao abrigo da luz fluindo na janela. Já era metade da manhã, mais tarde do que normalmente acordava.

Uma batida soou na porta. Então era isso que o havia despertado. Alguém tinha entrado em seu apartamento, e agora estava apenas fora de seu dormitório. A maçaneta da porta era visível a partir de sua posição na cama, e viu-o girar. Mas ele deve ter trancado para não abrir.

.....

- Sátir Monsieur? Monsieur Sátir? Mais rap. - Você está aí? Era o hoteleiro, parecendo preocupado e curioso.

- Si.

Lyon conseguiu ganhar. *Baco!* Sua voz rangeu como uma chave enferrujada transformando em um bloqueio de mil anos de idade. E ele tinha uma monstruosa, dor de cabeça dividindo sua mente, pior que qualquer ressaca que poderia recordar.

- Uma carta chegou para você.

- Coloque em... ele começou, apenas para ser cortado por uma câibra dolorosa que apreendeu sua estomago.

- Sob a porta. Ele murmurou, rolando para o lado em posição fetal.

Depois de uma breve hesitação, um quadrado branco apareceu a seu lado da porta, empurrada por uma mão invisível.

- Espere! Que dia é hoje? Ele resmungou.

- *Lundi*. Segunda-feira, monsieur foi a voz desencarnada.

Ele estava dormindo durante quatro noites?! A última recordação que tinha era de sua chegada a Paris na quinta-feira. Lembrou-se de pisar a Pont Neuf. Após isso, foi como se tivesse entrado em um banco de nevoeiro. O hoteleiro chamou novamente.

- Você precisa de mais alguma coisa?

- Oui. Um banho. Merci.

- Certainement, senhor. Passos ecoaram desbotados descendo a escada e, em seguida, ouviu a porta do corredor exterior ser fechada.

Ele se forçou a sentar-se. Seus pés grandes bateram no chão como um trovão, batendo contra um copo de vinho de cristal sentado no tapete fazendo-o rolar.

Suas memórias dos últimos três dias e quatro noites era uma mistura de rostos sem nome, conversas obscuras, e as posições vagas. A visão das ruínas de Pompéia passou diante dele, e ele sacudiu a cabeça, perguntando onde estava. O movimento desencadeou uma nova rodada de agonia faiscante através de seu crânio. Sua cabeça caiu em suas mãos, cotovelos apoiados nos joelhos.

- Dois mil infernos, ele gemeu a sua volta.

Lembrou-se de encontrar uma mulher na ponte a noite em que ele chegou à cidade. Uma mulher humana com olhos castanhos e um vestido rosa. Que tinha sido quinta-feira. *Se tivessem ficado juntos? Sexta-feira tinha sido uma noite Moonful.*

Ele agarrou o abdômen com cólicas e o encontrou liso. Não existia nenhum nó estrangulado lutando para surgir a partir dele. Seu pênis pélvico deve ter ido e vindo, recuado dentro dele novamente depois da ejaculação. O que significava que ele fodeu pelo menos uma vez sob a lua cheia de sexta-feira. *Mas com quem?*

Sua cabeça levantou quando um par de olhos verdes marinho nadou em sua mente. Tinha havido uma outra mulher desde que tinha chegado a Paris, para além da humana

de olhos castanhos! Tentou recordar o seu aroma ou seu rosto, alguma memória dela. Nada. *E se ela fosse humana também?* Duvidoso. Os corpos da maioria das mulheres humanas não poderiam acomodá-lo durante a Moonful. Shimmerskins eram suas escolhas habituais nas noites assim.

De fato, na viagem para Paris, ele se lembrou que tinha contemplado esta questão. Desde que ele considerou pouco provável que ele iria encontrar a filha do rei Feydon em tempo, ele tinha planejado evocar Shimmerskins na sexta-feira, quando ultrapassou a chamada dele. *Foi isso o que ele fez?* As mãos dele atropelaram a roupa de cama. Ela esteve aqui, na sua cama. A outra mulher. Lembrou-se de estar com ela aqui. Agora que ele pensava sobre isso, havia sinais de deboche por toda parte neste quarto. Roupas fora de andar desarrumado e os lençóis era um desastre. Havia dois copos de vinho, um em cima da mesa e outro no chão. Que eliminava a possibilidade dele ter invocado Shimmerskins. Ele não teria oferecido vinho, uma vez que elas não comiam nem bebiam qualquer alimento.

Uma lembrança piscou de porcelana e pratos de prata tendo deliciosas iguarias e realizada por mãos femininas. E a lua através da janela para retratar longos fios de cabelo claro. Ele jantou com uma mulher aqui. Pouco antes de Moonful!

Graças a Deus. Era algo para ir em frente. Outra impressão vaga veio com ele, de uma voz feminina persuadindo-o a provar algumas iguarias da pastelaria francesa. *Teria ela o drogado com ela? Ou com o vinho?*

Ele se levantou em seguida, com o objetivo de verificar o estado da sala de jantar. Mas ele subiu muito rápido e o sangue foi drenado de sua cabeça. Sentindo-se desmaiar, ele agarrou-se na cama.

Ele conseguiu alguns passos, mas depois lançou para frente. Apoiando uma mão na parede para se manter de pé, ele inadvertidamente enviou uma aquarela emoldurada ao chão. Ele rangeu os dentes e lutou contra o desejo de vomitar, mas perdeu. Caindo de quatro, ele começou a manchar a par de calças amarrotadas ali com seu próprio vômito.

Arfando na sequência, ele rolou para o lado. *Deuses! Alguma vez já esteve tão infeliz?* Aparentemente, ele não tinha tomado banho, nem comido, e sem sexo por três dias e quatro noites. No entanto, o último era o que ele mais queria mais.

Espiando a carta que o hoteleiro tinha deslizado por debaixo da porta, ele considerou pega-la. Eventualmente, reunindo os meios, ele arrastou os pés somente o necessário e, em seguida, estava deitado de costas para abrir e ler. Felizmente, seu irmão mais velho tinha sido misericordiosamente breve.

Retorne. Você é necessário. Nicholas Satyr

A nota escorregou para o peito.

- Mau tempo, Nico, ele murmurou.

Mas seu irmão nunca teria mandado chamado-lo o afastando de sua missão aqui a menos que fosse por um motivo muito urgente.

Com a nova força nascida da pura determinação, ele reuniu-se no chão, abriu a

porta e gritou para o banho que ele mandou bem como a assistência com a sua preparação.

Se houvesse problemas em casa, não havia tempo a perder. Ele teria que reunir energia para viajar. Quando o banho chegasse, ele pediria um petit déjeuner pequeno-almoço. Ele não estava com fome, mas talvez o alimento o ajudasse a se recuperar. Alimentar. Glândulas salivares torcida, umedecendo a boca. Algo estalou em seu cérebro. O fato que ele jantou com a mulher de olhos verdes foi de alguma forma significativo.

Nu, no andar de baixo, ele caminhou para a sala de jantar para investigar. A cada passo descendente, seu pênis enorme oscilava entre as pernas como um pêndulo com dois pesos gônadas como acompanhamento. A meio caminho, ele avistou a mesa vazia abaixo. Todos os pratos e os aromas da sua refeição foram levados. Então foi a mulher. Finalmente alcançando a sala de jantar, ele procurou cuidadosamente o ar tentando encontrar qualquer sinal da mulher que havia estado lá com ele.

Não mais do um pequeno traço residual de perfumes femininos permanecia, mas quase parecia que havia dois aromas distintos, que de alguma forma teciam-se juntos. Se fosse Fey ou Humano, Raine poderia ter seguido às suas fontes, mesmo se tivesse passado muito tempo, mas ele não era tão talentoso e nunca tinha sido. Somente os mais frescos perfumes eram fáceis para ele discernir. E Raine não estava aqui.

Quem quer que fosse sua companheira, ele estava certo de que ela jantou aqui em algum momento, nesta sala com ele. Passou a palma da mão sobre a superfície brilhante da mesa, lutando para se lembrar. Flesh de memória rolavam em sua mente como objetos fantasmagóricos visíveis quando visto a partir do canto do olho, mas se afastavam quando tentava vê-los de frente: Flesh de carne pressionando carne. Sussurro feminino em seu ouvido. Mãos suaves acariciando seu rosto. Ela o tinha aceitado em seus orifícios e ele esteve dentro dela. Ele a havia tomado aqui sobre a mesa, na parede, curvada sobre a pia da cozinha. Outros parceiros se juntaram a eles de vez em quando, e ela trouxe dispositivos de prazer com ela, uma chicote, óleos e vibradores de várias formas e dimensões. *E ... bananas!!?*

Seu pênis levantou-se em expectativa ante as visões lascivas e ele o tomou em suas mãos, acariciando. A outra mão dele flexionada, formigou. Ele olhou para ela, lembrando do puxão de mamilos. Mamilos que tinham sido excepcionalmente quentes. Mamilos que seu toque tinha causado a fluoresce!

Satisfação correu por ele. Era um sinal de que ela tinha sido fada. Uma intrigante com inclinações carnavais, aparentemente. E ele ia deixá-la escapar. Dez mil infernos! Segurando-se em uma cadeira trás, ele se afundou em sua sede. Com a cabeça inclinada para frente entre os joelhos, ele lutava para afastar a náusea, o mal-estar mais uma vez, interposto em simplesmente pelo esforço de estar há tanto fodendo. *Por que ele estava tão esgotado?* Depois de um chamado da Moonful, ele era geralmente ficava energizado.

Doía pensar, mas ele se forçou a começar de novo e rever o que sabia. No entanto, tudo voltou a um dilema.

.....

Se ele passou o chamada com a filha do Rei Feydon, então por que ele estava doente? E por que não se sentia ele saciado? Os "porquês" vieram a ele de todas as direções. Por que não conseguia se lembrar dos detalhes da aparência física precisa do seu corpo debaixo de sua roupa? Por que não conseguia distingui-la de todas as outras fêmeas que tinha tomado com ele ao longo dos anos?

Era muito perturbador e confuso que sua mente insistisse que tinha sido saciado carnalmente, mas seu corpo reclamava que não tinha. *Por que não conseguia lembrar a sensação real de juntar-se a ela de forma mais clara?* Era como se alguém tivesse jogado fantasias sexuais em sua cabeça, em vez de uma seqüência de acontecimentos reais.

Com o impacto de um raio, a resposta veio com ele.

Suas memórias da ligação eram vagas porque não tinha acontecido! Nada disso. Ou pelo menos não toda ela. A chama da ira acendeu nele.

As Fadas eram notórias por seus truques. A filha de Feydon tinha vindo aqui, tinha usado os seus caminhos para enfeitiçá-lo, e então ela tinha roubado a sua semente e deixou-o para ansiar e adoecer. O ritual do chamado, que exigia que ele iniciasse a cópula que duraria por toda a luz do luar, não tinha sido concluído. O fato de que seus pênis gêmeos tinham ejaculado uma vez, mas provavelmente não mais, estava na raiz de seu problema. Ele deveria ser grato que ele tivesse se aliviado pelo menos uma vez. Caso contrário, ele estaria morto.

Só outra noite de chamado com quem tinha tomado a sua semente em seu corpo lhe traria de volta a totalidade de sua saúde. Mas, para sobreviver a dias e noites entre agora e depois, seu corpo necessitaria acasalar com ela, e muitas vezes. Ele precisava localizá-la.

O banho e a refeição chegaram. E em algum momento durante sua refeição, a partir do nada, três novas pistas saltaram em sua mente. A casa cinzenta com uma porta vermelha. E um nome. *Juliette*.

.....

CAPÍTULO 09

- Você viu Fleur esta manhã? Perguntou Juliette.

Deitada em seu leito estreito, amarrotado no quarto ao lado de Fleur, Gina balançou a cabeça, o cabelo ruivo desordenado e emaranhado mexeu em seu travesseiro.

- Ela não está em seu quarto de dormir?

- Non. Nem em qualquer lugar lá em cima.

Gina se esticou, estremecendo.

- Ela estava com Valmont noite passada. Acho que eles saíram.

Juliette apertou a mão na maçaneta da porta.

- Você sabe onde ele está?

- Você está cheia de perguntas esta manhã. Não, você ouviu? Se ele não está em seu quarto ou no salão, pergunte ao mordomo. Eu peguei-me parva a noite passada. Então, tenha piedade e me deixe dormir, você vai? Ela virou de bruços, exibindo uma bunda listrada de rosa com equimoses.

Juliette puxou e fechou a porta e voou para baixo. No passado, as outras meninas tinham deixado a casa sem uma palavra. Tinham uma vida transitória. Mas Fleur não teria ido sem nenhuma explicação. Sem dizer bom dia. Juliette passou por uma Agnes com os olhos turvos na escada.

- Você viu Fleur a noite passada? Ou esta manhã?

Agnes bocejou.

- Ela se foi.

- O que quer dizer 'se foi'? Se foi para onde?

- Não sei. Pergunte ao senhor, respondeu ela, referindo-se a Valmont.

- Ele está em cima no seu estúdio, juntamente com Monsieur Arlette.

Ela levantou a mão para escovar um fio de cabelo atrás da orelha. Prata brilhou em sua orelha.

- Esses são os brincos de Fleur, disse Juliette, agarrando o braço dela.

Agnes puxou para longe e continuou descendo as escadas.

- Monsieur me disse que eu poderia ter qualquer um dos seus pertences que eu desejasse. Garota de sorte. Apenas fora da cozinha e um dos seus admiradores já se ofereceu para ser seu protetor. Suponho que ele era muito ciumento para deixá-la manter qualquer ornamento dado a ela por outros homens.

Juliette girou antes de Agnes acabar de falar e apressou-se em cima de volta, quase

tropeçando em sua pressa.

Valmont estava por trás do desaparecimento de Fleur? Se ele tivesse sido tão zeloso de sua amizade que ele mandou embora?

Vozes Masculinas atingiram seus ouvidos da direção do seu estúdio. Ela parou em frente a sua porta, escutando. Do som das coisas, Monsieur Arlette estava em um humor fino.

- Eles gostaram do que nós enviamos, ele estava entusiasmado. - Eles solicitaram uma nova remessa. E temos que agradecer a filoxera por isso!

- E por um pouco mais. Valmont soava irritado.

- Por que você vive no passado, quando o nosso futuro brilha? Arlette repreendeu. - Nossa fábrica em Pontarlier dificilmente poderá acompanhar a nova demanda. Como mais vinhas caem com a praga, o vinho cresce escasso e seu custo continua a subir. Estamos à frente de qualquer concorrente com a idéia de ampliar o absinto para preencher o vazio. Nosso negócio não pode ajudar, mas prosperam.

Quem pensaria que a filoxera realmente nos beneficiaria afinal? Valmont ponderou, soando alegre.

- Parece que a sorte da minha família em breve voltara.

Juliette ouviu o barulho do vidro como os homens torrados seu sucesso. Ela olhou ao redor para garantir que ninguém tinha notado suas escutas, então apertou a orelha à porta.

- Você não parece feliz com isso, dizia Arlette. - É aquele pedaço loiro, Juliette, não é? Basta levá-la de cereja e se fazer com ela, por que você não faz? Ou eu vou.

- Eu vou te matar se você ousar, Valmont disse suavemente. - Esqueceu-se que, se qualquer um de nós mergulhar o pau naquela racha estaremos convidando-a a brincar com nossas mentes?

- Isso é o que você diz.

Jarros e tinteiro chiavam juntos, informando-lhe que Valmont tinha atingido sua escrivanhinha.

- É verdade! Eu a vi fazer isso, eu lhe disse.

- Basta aumentar a dose dessas gotas dela, avisou Arlette alegremente. - Uma bem cronometrado visita a sua cama e sua semente estará logo dentro do forno de cozimento de sua pequena vagina. Ela não se lembraria que você fez isso, não é?

Dentro do quarto, houve uma pausa, considerando.

Horrorizada, Juliette colocou a mão no pulso vibrante da base da sua garganta.

- Tal ação seria arriscada. Disse Valmont novamente. - E se ela vier a obter dados sobre um determinado assunto, mesmo através nevoa do ópio?

- Você se refere ao assassinato?

- Danação, Arlette! Essa sua língua abana muito alto, Valmont assobiou. Sua voz

tinha abaixado e ela teve que se esforçar para ouvir.

- Sim, é a isso que me refiro. Tudo está bem apenas enquanto ela continua a acreditar que todos pensam que ela é a responsável. Mas se ela puxar a informação do contrário de mim, enquanto eu estou enfeitiçado bem, que é bastante dissuasão, não concorda?

Fora no corredor, Juliette mordeu os dentes entre os lábios para não ofegar. Ele admitiu que ela não era culpada do assassinato, na Borgonha, há três anos! Ela queria gritar de alegria e ira contra eles. Mas ela não fez, e só ouviu.

- Eu poderia esperar fora do quarto enquanto você se satisfaz, Arlette sugeriu. - Ou melhor, ainda, eu poderia assistir você fode-la. Se ela conseguir enfeitiçar você, eu posso lembrá-lo de qualquer coisa que você esquecer. E ajudar a determinar se ela obteve alguma informação indevida sobre a questão delicada que eu não estou autorizado a falar em tom normal de voz.

- Ou me deixar no escuro e tomar Juliette para si mesmo como você fez com a jovem Fleur?

Sem pensar, Juliette virou a maçaneta e abriu a porta com tanta força que ela ricocheteou na parede.

- Onde está Fleur? Ela exigiu, entrando na sala.

Ambos os homens pularam assustados tão rápido que foi cômico. Eles estupidamente para ela por um segundo, então Arlette explodiu em ação. Movendo-se para a porta, ele olhou nervosamente pelo corredor em ambos os sentidos antes de fechar a porta bloqueá-la com o seu volume.

Valmont a favoreceu com um sorriso falso e pôs-se a acenar para que se aproximasse com sua mão fantasmagórica.

- Venha, minha cara. Quanto tempo você está ouvindo ai atrás?

- Ouvindo? Para quê? Ela avançou sobre ele, dura, com raiva, mas ainda assim inteligente o suficiente para mentir.

- Eu só cheguei agora. Eu passei a última meia hora questionando as outras meninas sobre Fleur. Segundo elas, Fleur estava com você na noite passada, e agora ela desapareceu. Diga-me onde ela está ou eu vou chamar os policiais.

- Polícia? Valmont riu enquanto tornava a sentar. Que ele nem sequer levasse a sério as ameaças o suficiente para sair de trás da mesa a irritou.

Furiosa, ela prosseguiu em sua questão.

- Onde ela está?!

Mas ele apenas sorriu, o que lhe disse que ele era responsável pela remoção de Fleur tão claramente como se ele admitisse em palavras.

- Cuidado, querida, você está ficando histérica. Tenho certeza ela somente gostou de um de seus amantes e se foi com ele. Você sabe como essas meninas podem estar

com suas noções tolas de amor verdadeiro.

Ela sabia que ele estava mentindo, mas ela não podia admitir ou eles saberiam que ela tinha estado escutando. E ela não queria que eles percebessem o que mais tinha ouvido. Ainda não.

- Ela não teria ido sem me dizer, Juliette insistiu. - Não sem ter todos os seus sapatos e vestidos e jóias. Ela valorizava muito a pequena coleção de bens materiais.

Ela virou e se dirigiu para a porta. Arlette olhou para ela, ainda bloqueando. Mas foi a voz de Valmont que a interrompeu, pois tinha ficado sedosa, como ficava quando estava no seu modo mais tortuoso.

- O que você acha que vai acontecer se você chamar a polícia e disser-lhes o seu conto ridículo, ma chère? Suponha que eles comessem uma investigação?

Ela olhou para ele por cima do ombro.

- Você era amiga íntima de Fleur, continuou ele. - M. Arlette e as outras meninas atestariam que era mesmo sem minha persuasão. Quando vier a luz que nós inconscientemente guardávamos uma fugitiva de Borgonha, enquanto sob suspeita de assassinato, quem seria o primeiro suspeito que os policiais tomariam pelo desaparecimento de Fleur eu me pergunto?

- Quem de fato, Arlette destacou. - Tenho certeza de que eu poderia arranjar um salpico de sangue para aparecer em seu tapete se os inspetores precisarem de mais provas convincentes de sua culpa.

Juliette olhou entre eles, estarrecida. Momentos atrás, Valmont tinha insinuado que eles inventaram a prova, implicando-a no crime de Borgonha. Tinha sido ele quem tinha levado-a a fugir da polícia, e viu agora que só tinha acrescentado às suspeitas dos outros. Ele então prosseguiu para transformá-la em uma viciada e tinha incentivado sua fobia. Ela estava bem e verdadeiramente presa aqui, pois ele cortou todas as vias de escape.

- Venha, venha. Não vamos falar mais nada sobre isso. Esqueça a sua amiguinha e acalme-se porque temos de falar sobre outro assunto. Sobre o Senhor Sátir.

Ele olhou para além dela.

- Você pode deixar-nos, senhor Arlette.

Depois de um momento, ela ouviu a porta fechar atrás dela.

Valmont apontou para a cadeira em frente a sua mesa.

- Sente-se.

Desconfiada do que ele diria, mas era necessário ouvi-lo, ela tomou o lugar que ele indicou.

Ele bateu o mata-borrão na mesa com a ponta de uma unha.

- Você sabe que eu te amo, Cherie. Você sabe disso, não é?

Ela apenas olhou para ele, recusando-se pela primeira vez a lhe dar a resposta que

ele esperava. Três anos atrás, ela tolamente acreditou nele quando ele disse que a amava. Desde então, ela descobriu que ele era um monstro. Ela não podia ficar aqui para carregar o filho de um monstro. Ela ia se matar ou a ele na primeira oportunidade.

Ele se sentou na cadeira e continuou parecendo não perceber que ela não tinha respondido.

- Diga-me. Se eu fosse emprestá-la ao Senhor Sátir, você poderia permanecer casta? Eu poderia confiar em você tanto assim? Seria o último teste da sua fidelidade para comigo.

Sua pergunta a sacudiu fora de seu estupor.

- O que quer dizer 'emprestar-me' para ele?

- Você mostrou-se resistente a ele quando foi para o hotel. Ele está preparado para o casamento, e obcecado com você. Se você ganhar a sua confiança

Ela prendeu o assento de sua cadeira de cada lado dos joelhos.

- Ganhar a sua confiança? Como vou fazer isso depois de eu lhe ter enganado da pior maneira?

Ele agitava os dedos no ar, sacudir sua objeção.

- Use seus truques. Você vai encontrar uma maneira de administrá-la. Meu ponto principal é sugerir que você consiga tirá-lo em outra proposta. E desta vez, você vai aceitar.

- Aceitar? Ela repetiu no desânimo. - Mas você sabe que eu não posso casar com ele. Seria ilegal.

- E você é uma espécie de especialista em assuntos ilegais não é, ma petite assassina?

- Você prometeu não trazer o assunto novamente.

Ele se levantou, chegou do outro lado da mesa, com calma e deu-lhe uma tapa.

-Você é minha propriedade. Eu vou falar com você como eu quero e você vai fazer o que eu mandar.

Atordoada, ela cobriu o rosto pungente e assistiu com os olhos marejados como ele sentou-se novamente e mergulhou sua pena no tinteiro.

- Agora, eu enviarei uma nota ao Senhor Satyr em seu hotel em que eu lhe ofereço a ele. Quando ele responder, você vai vê-lo. Você vai encontrar uma maneira de persuadi-lo a casar-se com você, então você vai para o coração do covil do demônio. Lá, você estará em uma posição para saber o que se passa e me manterá informado.

- Como sua esposa, você espera que eu permaneça casta "enganando" ele, como você diz? Toda noite ele não desejara me levar para a cama? Mesmo se eu pudesse conseguir o que você está pedindo, eu não sei o efeito a longo prazo que tais "truques" poderiam ter em sua mente. E se isso o destruir?

Ele apenas deu de ombros, continuando a escrever.

.....

- O preço do vinho Sátir está em uma elevação de todos os tempos, você sabia? Ele perguntou obscuramente.

- Sua família se beneficiou com a destruição da minha. Agora eu pretendo me beneficiar com a destruição da sua.

Com Valmont rabiscado de distância, o olhar de Juliette voltou-se para cima, para os olhos da alma do veado morto há muito tempo acima de sua mesa. Seus olhos estavam vagos. Mortos. Como ela mesma se sentia.

- Nada nunca será suficiente para você, não é? Ela sussurrou tristemente.

Ele terminou a carta com um floreio satisfeito e soprou sobre ele.

- Pare de falar disparates e torne-se útil. Traga-me o lacre do meu gabinete.

Como um autômato, ela se levantou e foi até o armário, mas o que avistou lá a tirou do seu torpor em um instante. Para além do seu vidro, na prateleira posicionada ao nível dos olhos, sentou-se à recolha pouco estranho de quinquilharias femininas.

Alguma coisa nova tinha sido adicionada ao final da fileira. Uma pulseira. A própria que Fleur tinha adorado. A que ela tinha sido tão orgulhosa e que ela não tinha removido desde que tinha sido dada a ela. Mas agora, ali estava exibida em cima de um pedaço de veludo neste gabinete. Como uma espécie de troféu! Era isso o que esses itens eram, ela percebeu horrorizada. Troféus. Lembranças. Todas tomadas de mulheres. Ela estendeu a mão.

- Depressa, menina! O que a retém?

Rapidamente ela enfiou o que ela tinha roubado no bolso e voltou para ele com a cera. Ela prendeu a respiração quando ele franziu o cenho para ela, impaciente, mas ele parecia não perceber nada de errado.

- Vá agora. Eu vou deixar você saber quando eu receber a resposta.

Sua mente e os passos correram com determinação, novo terror de inspiração que ela partiu seu estudo. Ele iria ouvir o ranger das escadas para ter certeza que ela tomou o caminho para seu quarto no sótão. Para dissipar qualquer suspeita, ela o fez. Uma vez lá dentro, ela fechou a porta silenciosamente atrás dela. *Vite! Depressa!* Agora que ela havia tomado a decisão importante, ela deveria agir antes que sua coragem fracassasse. Ela caiu de joelhos ao lado do quanto do chão, levantou-o e retirou o malote. Puxando seu colar, ela foi para o espelho e viu-se o colocando ao redor de seu pescoço e o amarrando rapidamente. Ela acariciou as contas uma vez e depois o levantou alto para cair dentro do decote do vestido, onde não seria visível.

A bolsa ainda estava pesada com moedas e ela a balançou, querendo ouvir o barulho reconfortante.

Pegando outra bolsa do armário, ela enfiou alguns itens de vestuário interior, depois fui para a porta. Com a mão na maçaneta, ela parou e olhou cegamente nos painéis da porta de madeira, como um debate interno teve início. Novamente, ela virou a cabeça, encontrando o frasco de gotas com os olhos.

.....

Ela devia deixá-lo para trás. Comece de novo. Mas a contemplação de uma súbita abstinência era muito assustadora. Ela voltou para a mesa e colocou o láudano em sua bolsa.

Tomando cuidado para pisar apenas sobre as madeiras que não rangiam, ela rastejou para baixo. Lá, ela puxou sua capa carmesim do cabideiro e calmamente deixou a casa de Valmont para sempre, sem perceber que por libertar as suas emoções, ela também tinha desencadeado um perfume enigmático que apenas um homem em Paris poderia detectar.

.....

CAPÍTULO 10

Um vento malévolo varreu o Parc Vert Galant, esbofeteando Lyon quando ele se reuniu na penumbra debaixo da ponte. Ele olhou para as árvores de bordo ao longo da margem do rio. Nenhuma folha dourada se agitava. ElseWorld ainda não havia se infiltrado este mundo, mas as intenções dos seus habitantes sim. Vazamentos de sua energia atingiram-no agora e depois, como faíscas de uma chaminé. Tendo percebido que ele estava fraco, eles estavam se mexendo sem parar e prestar atenção a qualquer oportunidade de derrubá-lo.

Uma mulher passou por ele e diminuiu a velocidade. Ela era a quinta a fazê-lo desde que ele chegou aqui, esta manhã.

- Non. Allez, ele murmurou, e ela continuou. O que quer que esteja as atraindo para ele, desta forma ele não sabia. Mas ele já havia passado do ponto de irritação. Náuseas e preocupação agitaram-se dentro dele, tornando difícil pensar claramente. Sua incapacidade de completar o ritual há três noites atrás teria conseqüências de longo alcance.

Conforme sua saúde declinou suas terras também tiveram o mesmo destino. Muitas de suas videiras não iriam durar até o inverno. Liber e Ceres e os outros animais em suas jaulas que dependiam dele sobre sua própria existência, para a sua sobrevivência em breve começariam a adoecer em reação ao seu sofrimento.

E sem ele, seus irmãos não poderiam realizar o trabalho de manutenção da abertura sagrada, que estava envolta em neblina e segredo, no fundo do coração de sua propriedade e co-propriedade. Esta porta, entre EarthWorld e ElseWorld ficará vulnerável após a sua morte, e os resultados disso seriam desastrosos. Criaturas geradas pelos deuses de uma época passada seriam derramadas sobre o mundo e causariam estragos.

Ele não podia morrer aqui. Ele não iria abandonar suas vinhas ou seus animais de estimação ou de seus irmãos para tais destinos.

A determinação endureceu a sua coluna e a próxima rajada de vento apenas o balançou. Embalando os braços mais próximos de seu corpo trêmulo, ele treinou os olhos na porta vermelha ao longo do Quai di Conti, esperando como havia feito durante toda a manhã. Minutos depois, ela se abriu e uma mulher com um manto púrpura sobre o braço saiu. Ela era jovem, com cabelo louro pálido.

A visão dela imediatamente o inundou com emoções desconhecidas. Traição. Ultraje. Saudade. *Saudade?! Ele não conseguia se lembrar se já havia ansiado pela companhia de uma mulher especial em a totalidade vinte e seis anos. Baco! O que ela fez com ele?*

Ele se ajeitou, reunindo forças para segui-la. Quando ele viu que ela estava se movendo em direção a ele, ele enviou uma palavra de gratidão silenciosa. Encaminhou-

se para a sobrecarga da ponte ela foi perdida de vista por um momento, seguiu o cheiro dela e sabia que ela estava fazendo o seu caminho mais perto. Ele mal conseguia crédito a sua sorte quando ouviu o toque de chinelos nos degraus de pedra mais próximo a ele.

Ela começou a descer e estava chegando a sua forma quase como se ela soubesse que ele estava aqui e queria conhecê-lo. *Depois da dificuldade de obter-se a esse parque e, em seguida, Caminhar aqui através da manhã fria, ela iria tornar tudo tão fácil para ele?* Sua fragrância e passos se aproximaram, mas ela hesitou por muito tempo em vários pontos ao longo da escada e ele começou a ter medo que ela sentia de alguma forma que ele estava deitado em espera.

Finalmente, ela ficou na ponta dos pés na base da escadaria do Noroeste não a dez pés dele, desfrutando de uma vista do rio. Dentro do alcance fácil.

O som de sua voz chegou até ele.

- ... o caldo de carne requer uma pitada de canela e uma pitada de coentro e viande podem ser assadas no seu interior entre as brasas durante duas horas, virando de vez em quando...

Ela estava recitando receitas!!?

Juliette parou no primeiro degrau da escada da Pont Neuf do Parc Vert Gallant. Mais um passo e seus chinelos tocariam a grama.

O cheiro úmido do rio coagulava no nariz dela e todos os sentidos se rebelaram contra ele, enviando tontura cócegas sobre ela. Cada uma das últimas três manhãs, ela veio aqui e desceu um pouco mais degraus para baixo do que o conforto lhe permitia. Mas hoje ela chegou ao seu limite. Tentando como pode, ela não podia convencer-se de fato entrar no parque.

Com uma mão branca submetendo a prender os trilhos, ela esticou para frente à procura do rio e os fundamentos do parque com os olhos. O tempo estava sobrecarregado esta manhã, por nuvens ameaçadoras que se reuniam no céu e a atmosfera tinha virado estranha e sinistra.

Decepção rapidamente a inundou como em todas as outras manhãs que ela veio aqui. *O que ela tinha esperado?* Censurou-se. A mulher que tinha ficado primeiramente aqui com Lyon, a que ele tinha chamado Sibela se foi, e obviamente, não voltaria.

Esta seria a última vez que ela viria aqui a serviço deste tolo. Ela estava saindo de Paris. Neste mesmo minuto. Indo para o mais longe que pudesse conseguir. Assim ela de alguma forma conseguiria guardar fundos suficientes para solicitar um detetive na cidade e procurar qualquer sinal do paradeiro de Fleur.

Fleur! Um soluço sufocado na garganta dela. Seu rosto ainda picava com a marca rosa feita pela mão aberta de Valmont, e com raiva, lágrimas frustradas lotaram seus olhos. Limpando-as longe, ela endireitou os ombros e ajustou a bolsa e o casaco na dobra do braço, reunindo sua coragem. Ela se firmou os dedos sobre a balaustrada, mais uma vez, se preparando para transformar e refazer seus passos até a ponte.

A partir de hoje, ela estava fugindo. Um grito de surpresa lhe escapou quando uma

mão masculina de repente saiu do outro lado dos trilhos para ancorar seu pulso à pista estreita de pedra. Ao mesmo tempo, um braço musculoso serpenteava em volta de sua cintura.

No espaço de um instante, ela se viu tendo o corpo transportado ao longo do trilho para o outro lado, onde ela sumariamente bateu contra um peito enorme. O braço em apertado em sua cintura, erguendo-a oscilando-a vários centímetros do chão. A mão subiu para o copo de volta de seu crânio, apertando o nariz para essa caixa e, assim, abafando seus protestos. Descartando seus pertences, ela socou e bateu na costela masculina implacável e tendões, mas seu captor não tomou conhecimento. Amassando e crepitando as folhas estalavam sob as botas que ele arrastou para longe. No momento, seu terror por ele superava os outros terrores e ela mal percebeu que ela tinha entrado na periferia do parque.

Sem dizer nada, ele a levou carregada para um canto sombrio da ponte e pregou sua coluna em um suporte de pedra fria. Então ele ficou um momento, com a cabeça enfiada em seu ombro, tendo grandes ânsias de ar, como se tivesse ficado sem fôlego pelo seqüestro.

- Juliette?

A segurava tão perto, que sentiu a pergunta retumbar em seu tórax. Colocando seus punhos ao alto entre eles, ela jogou a cabeça para trás para ver seu agressor. *Deus! Era Lyon!*

- Você! Solte-me.

Procurando colocar mais espaço entre eles, ela tentou forçá-lo a se afastar.

- Se você veio aqui para me fazer mal, eu vou gritar, alertou.

Ele não respondeu, mas só estudou-a com os olhos fascinados que percorriam seu rosto, com a intenção aparente de memorizar todos os detalhes. Quase como se ele nunca a tivesse visto antes.

- O que você quer?

- Respostas, ele murmurou. Passando os seus lábios para o lado do pescoço, provando-a.

- E uma companheira de viagem.

- Eu não vou a lugar nenhum com você.

Seu desafio se pendurou entre eles enquanto estava ali, colados juntos por um momento interminável.

Contra seu estômago, ela sentiu os músculos do seu abdômen abruptamente torcerem em uma câibra violenta.

Com uma maldição estrangulada, ele escorregou seu antebraço entre seus corpos e apertou-a firmemente em seu intestino.

Quando ele finalmente se endireitou, ele agarrou seus quadris, puxando para trás o

suficiente para que ela pudesse ver seu rosto pela segunda vez. Em um estado de espírito mais calmo agora, ela percebeu algo que ela não tinha percebido antes.

Ele estava doente. O rubor natural de saúde fugiu das maçãs de seu rosto e as sombras agora se escondiam sob os olhos que eram desagradáveis e agressivas. Era difícil acreditar que esses olhos brilharam ou que este rosto já tinha sido agraciado com covinhas. O que havia sido dourado e gentilmente bonito era agora ameaçador e devastador.

- O-O que há de errado com você?

- Nada que você não possa concertar, ele rosnou.

Seus pés avançaram em sua largura, insinuando seu volume entre suas pernas. Ela foi forçada. E se abriu.

- Não! Você ira me espancar e estuprar? Exclamou ela, esmurrando-o. - Aqui? Sob esta ponte?

Como se em resposta, as mãos de cada lado foram para a barra de suas saias levantando-a.

- Pare!

Ela empurrou tão forte quanto podia, pensando que ele pudesse ser facilmente deslocado, mas aprendendo rapidamente seu erro. Embora ele parecesse estar doente, ele não estava tão fraco.

Ela soltou um huff de indignação.

- Eu não sei por que eu estou surpresa com esse tratamento aqui ao ar livre, por que isso parece ser o seu local habitual de ligações.

- Ah, então admite que me conheça.

Levantando seus pulsos em uma mão, ele forçou-os contra a pedra sobre sua cabeça. Enquanto isso, a outra mão tinha trabalhado sua maneira debaixo de sua saia e foi deslizando até a coxa.

- Pare! O que você está fazendo? Oh! Isto está frio!

- Ela disse, dançando Longe de seu toque. Quando a mão só continuou mais para cima.

Ela retraiu uma respiração para gritar. Até agora, ela não ousou correr o risco . Não desejando atrair a atenção e em última instância trazer ValMont. Mas ela não podia continuar aqui tranquilamente e o deixar estuprá-la!

A mão que lhe segurava os pulsos foi mais para baixo, até que seu antebraço pressionou contra sua boca e ela efetivamente foi silenciada. No entanto, ele não estava se desvencilhado das calças, em preparação para o assalto carnal que ela esperava. Em vez disso, a palma da mão gelada só passou mais para cima, passando pelo v nu de suas partes íntimas para encontrar a taça seu abdômen.

Dedos longos questionaram, espremendo delicadamente aqui e ali pressionando e,

geralmente, se deslocaram sobre o ventre com a habilidade de um médico experiente. E durante todo o tempo, o seu olhar furado no dela. Era distante, como se ele realmente não pudesse vê-la, mas foi inteiramente voltada para o que sua mão estava fazendo.

Aparentemente chegando a alguma conclusão que o desagradou, as sobrancelhas juntas e os olhos endurecidos de acusação.

- Por que você não está aumentando?

- O quê? Sufocada pelo seu braço, sua voz saiu como um grito.

Deixou cair suas saias.

- Responda-me, caramba!

Ela atirou-lhe um olhar que o chamava de burro e murmurou um protesto contra o inarticulado de retenção de seu antebraço.

Percebendo porque ela não podia falar, soltou seus pulsos e retirou o antebraço de sua boca e colocando as mãos sobre a pedra de cada lado dos ombros.

- Bem?

Estaria ele louco?

- Porque e-eu como pouco da minha própria cozinha, eu suponho. Embora o meu peso não seja da sua conta, acrescentou sarcasticamente.

Seu queixo quadrado sobressaiu-se e ele apareceu mais próximo até que ele falou com o nariz a nariz. Olhos que ela pensava serem quentes, agora a olhavam com intensidade, o frio selvagem os congelava.

- Esta enganando meus sentidos de propósito, disse ele. - Eu falo do jeito que um corpo de mulher aumenta como resultado de uma semente do homem, tendo na sua raiz. Eu plantei uma criança em sua barriga há três noites atrás. No meu hotel.

Então era isso! Por causa de um feitiço, ele acreditava que naturalmente eles fornicaram. E por alguma razão, ele assumiu que estava com a criança e que ela já deveria estar exibindo prova disso.

- Eu asseguro que não estou grávida como resultado do nosso encontro, ela respondeu com cuidado. - Mas mesmo se eu estivesse eu não estaria dando sinais disso tão cedo.

Seus olhos brilharam com satisfação e se afastou um pouco. - No entanto, outra questão! Você estava em meu quarto naquela noite.

- Você não lembra?

Ele hesitou, então disse.

- Não exatamente.

- O que significa isso?

Ele hesitou novamente, depois confessou: - Existem algumas lacunas na minha memória dos últimos dias. Lembro-me de estar neste parque em algum momento. E

batendo em uma porta vermelha. E uma mulher em meu hotel.

Sua respiração ficou engatada.

- O que mais?

- Hoje, eu vim aqui e esperei. Quando eu vi você sair da moradia através do quai, me lembrei de você. De tocar em você. Beijar você.

Seus olhos caíram-lhe dos lábios, em seguida, voltou para olhar para dela.

- Eu não me lembro de praticamente nada de substancial entre o momento em que cheguei a Paris, quinta à noite e quando acordei no meu hotel esta manhã.

Ela lhe lançou um olhar de choque tingido com culpa. Ele só devia esquecer uma noite. Sua magia nunca tinha trabalhado tão bem em um homem que tinha perdido a memória de três!

Deu-lhe agitar um pouco.

- Você fez alguma coisa para mim quando nós estávamos juntos. Algo para fazer a minha mente ficar confusa. O que foi?

- Você está enganado, protestou ela. - Não sobre tudo. Eu o encontrei em seu hotel sexta-feira, mas não o fizemos... O que você acha que nós fizemos.

- Não minta, ele trincou.

Ele comprimiu as bochechas de seu traseiro e a ergueu, suspirando quando ele alinhou sua ereção monumental em seu sulco.

- Era você na minha cama. Meu pênis sabe disso. Eu sei disso. Era você.

Seus lábios roçaram o ângulo de seu queixo.

- A não ser que você tenha uma irmã gêmea.

Ela colocou sua mão em seus ombros, preparando-se para discutir e empurrá-lo para longe. Mas em suas últimas palavras, ela acalmou, subitamente alerta.

- Madame? Este homem esta lhe incomodando?

Suas cabeças chicotearam ao redor. O inquérito tinha vindo de um homem de aparência oficial, que estava a poucos metros do parque a pé. Vendo frustrada a chama nos olhos de Lyon, ele recuou.

- Está tudo certo, Juliette assegurou ao intruso. - Eu conheço este cavalheiro.

- Que indecência! Ele gaguejava, obviamente observando a forma sugestiva, em que ela estava.

- Pare com esse comportamento *immédiatement*! Ou então eu vou voltar com ajuda e os farei serem expulsos deste parque. Há mulheres e crianças, na proximidades, vocês sabem.

- Vá, Lyon murmurou sombriamente. - Vite! Com um ronco hipócrita, o homem enfurecido saiu correndo e eles retomaram a conversa.

- Você está certo de que esteve na cama com uma mulher que se assemelha a mim.

Em seu quarto de hotel? Perguntou ela. - Não aqui, debaixo da ponte?

- Você está se tornando cansativa.

- Responde-me.

- Sim, eu tenho certeza! Ele vociferou. Então, ele gemeu e seus olhos se tornaram desfocados. Apoiando ombro na ponte, ele se inclinou para ela e pôs a mão na cabeça.

- Deuses! Isso é ridículo, disse ele em voz mortificado. - Estou realmente com sensação de desmaio.

- Talvez você seja a pessoa que está com uma criança.

- Minha viagem de volta será precária, enquanto estou nesta condição miserável. Disse ele, como se não tivesse ouvido.

- Ir para casa! Ela zombou. - Você não está bem o suficiente para gerir uma viagem à Toscana em seu próprio país.

Seus olhos assistiram a seus lábios enquanto falava e suas mãos caíram em sua cintura, segurando-a levemente.

- Eu não vou estar sozinho. Você está vindo comigo. Ela balançou a cabeça.

- Vou vê-lo a um médico e enviar uma nota para a sua família por você, mas nada mais. Eu mal te conheço e o que eu vi de você nos últimos dias não inspira confiança. Além disso, eu tenho meus próprios problemas.

Delicadamente, ele tocou a boca dela, cortando sua recusa.

- Eu fui chamado para casa por uma questão urgente. Disse ele, seus lábios arrastando uma sensação boa ao longo dela. - E eu não posso te deixar para trás. Você está em perigo aqui.

- Como esse que você me colocou?

- Mmm...

Ela chupou uma respiração que chegou na ponta dos pés quando seus lábios encontraram a pele sensível de sua garganta. Suas mãos rastejaram até o peito e ela gemia, dobrando sua mandíbula para dar-lhe um melhor acesso.

- Eu pensei que você estava doente. Dedos mornos se enroscaram com os dela, apenas as palmas das mãos.

- Existe mal e existe mal.

Ele murmurou, levantando suas mãos unidas para descansar contra a coluna de cada lado da cabeça. Lábios se arrastaram ao longo de sua mandíbula para o tendão na parte lateral do pescoço, onde se abriu e demoraram a beijar.

Suas pálpebras vibraram fechado.

“Mmm”.

Uma voz chegou a partir da ponte, então, a sacudiu fora do feitiço que ele tecera. Inclinando a cabeça para trás, viu que o homem que os havia ameaçado momentos antes

já estava na Pont Neuf, conversando com um outro homem de uniforme.

- Os oficiais, ela sussurrou. - Ele está convocando-os.

"Mmm-hmm".

Ela virou a cabeça, para que seu queixo bloqueasse o acesso à sua garganta. Quando ele apenas os transferiu de volta para seus lábios, ela abaixou-os.

- Não! Eu não desejo ficar encerrada em La Petite Force. Disse ela, referindo-se à prisão de prostitutas na rue du Roi de Sicile.

- Venha comigo então, ele persuadiu. - Toscana é perto, mas seis dias, e tenho dois suportes presos no quai. Escoltaram-me para casa... e... Eu te pagarei. Você pode servir como a minha enfermeira. Deus sabe que eu preciso de uma.

Ela fugiu e procurou seus olhos, seus pensamentos correndo. Era como se o céu tivesse sabido da sua necessidade de fugir de Paris e de sua necessidade de fundos e, conseqüentemente, teve o enviado como um deus de ouro para afastá-la em seu carro. No entanto, o céu não tinha tomado em consideração sua aversão aos carros.

- Não.

Antes que ele pudesse protestar, ela rapidamente acrescentou:

- Eu não monto.

Ele olhou para ela, espantado.

- Você não monta?

- Eu não me dou bem com os animais. Ela se sentiu obrigada a explicar.

- Você não gosta de animais?

- Eles me dão arrepios, ela admitiu defensivamente.

Olhando em volta, ela localizou e recuperou sua bolsa e casaco de onde ela caiu mais cedo.

- Pelo menos, os maiores.

- Maravilhoso. Simplesmente maravilhoso.

Ele murmurou algo sobre um rei e seu senso de humor absurdo, então ele teve seu braço.

- Nós vamos viajar de carro então. Vamos.

Ele tentou guiá-la em direção à escada, mas ela segurou atrás.

- A carruagem puxada por cavalos? Perguntou ela.

- Existe um outro jeito?

Sua mão apertou em seu saco, sentindo o formato do frasco dentro. Para sobreviver a uma longa jornada, ela precisava do que ele continha. Viajando a poucos quarteirões do transporte Valmont era uma coisa, mas uma excursão de vários dias iria testar seus limites.

.....

Ela olhou no rosto de Lyon, na tentativa de julgar sua confiabilidade em um mero instante de estudo. Sua expressão era crua e tempestuosa e os seus olhos ferozes.

Mas quando ela olhou mais fundo, ela viu que eles eram sinceros, olhos desse tipo lembravam Valmont. E se ele tivesse se mostrado estranho aquela noite em seu hotel, ela era estranha em sua própria maneira, também. E isso não fazia dela uma má pessoa.

- Muito bem, ouviu-se dizer. Ela, que raramente teve chances, tinha decidido dar uma chance. Ela, que não confiava nos homens, decidiu confiar em um.

Ele levantou um braço, indicando que ela deveria fazer um lugar para ela sob sua asa.

- Venha, então, minha petite enfermeira.

Ela assentiu e se aproximou. Quando seu braço curvou em torno de suas costas, sua mão envolveu-se por cima do ombro. Com a mão livre sobre a grade, ele levantou-se para subir as escadas.

Quando chegaram à ponte, Lyon a guiou para o sul, em direção ao som das vozes. Parecia que o homem que se opusera a eles antes estava tendo dificuldade em convencer o guarda local a sua causa. Deboches no parque não eram incomuns e o oficial estava ocupado com o seu café au lait manhã.

Ao passarem os dois, ela abaixou a cabeça demasiado tarde, e o guarda olhou de soslaio para ela em reconhecimento. Valmont pagava a ele e ao resto dos que policiavam o bairro para olhar a outra maneira em relação a qualquer queixa contra o seu estabelecimento. Ela tinha pouca dúvida de que a sua partida no braço de um cavalheiro estranho seria rapidamente relatada.

- Depressa, disse a Lyon. As montarias que ele tinha arranjado foram negociadas para o aluguel de uma carruagem, e logo estavam abrigados dentro dela e deixando Paris para trás. Ao sentar-se, Lyon reclinou a cabeça para trás contra a almofada de couro com uma conversão maçante e fechou os olhos.

No silêncio que se seguiu, Juliette assistiu a passagem urbana das vistas de Notre-Dame, o hospital. Suas mãos malharam os laços de sua bolsa quando ela oscilava entre a alegria e a ansiedade sobre sua partida. Mas ela não voltaria atrás em sua decisão. Ela tinha sido praticamente cativa de Valmont os últimos três anos e as perspectivas de libertação eram doces. Desde que ela tinha tomado o cuidado de não fazer amigos, ela não estaria deixando para trás nada de valor. Exceto, é claro, Fleur. As lágrimas ameaçaram novamente.

Pobre Fleur. O que aconteceu com ela? Ante ela, Lyon ainda parecia estar cochilando. Ela estudou as mãos que repousavam sobre suas coxas. Grandes, Fleur tinha chamado. E elas eram. Ela passou em sua sede, nervosa, agora que estava sozinha.

Seu olhar vagava superior ao peito largo, a espessa coluna de seu pescoço, e o ângulo de seu queixo forte. E sobre os tentadores lábios esculpidos sensualmente como aqueles que ela admirava em estátuas de deuses romanos no Museu do Louvre.

Como eles passariam o tempo, aqui neste espaço confinado? Onde é que eles

passariam as noites desta viagem? Histeria floresceu. O que ela estava fazendo? Agora que ela tinha misturado o seu cérebro, ele foi provavelmente era mais louco do que ela. Em seu hotel, ela o fez acreditar que tinham ficado juntos, e ele provavelmente pensou que lhe deu licença para compartilhar um colchão com ela novamente. Se Valmont os alcançasse e descobrisse que ela não era mais virgem como quando ela saiu, ele ia ficar furioso. E perigoso.

Tráfego na Rue Mouffetard desacelerou e seu olhar foi até a porta, como ela contemplou escapar. Não era realmente necessário fugir de Paris, ela fundamentou. Ela poderia simplesmente assumir outra identidade e encontrar trabalho servil em sua periferia, onde ninguém sabia quem ela era. Além da cidade tinha o campo, depois de tudo. Não era o seu favorito local. Tão logo o carro diminuísse a velocidade, ela poderia ser capaz de saltar sem sofrer uma lesão. De olho no trinco, ela deslizou sorrateiramente em todo o assento de couro de pelúcia.

Trunk!

Um pé arrancado surgiu, plantando-se no final do seu banco, entre ela e a porta.

Ela agarrou a bolsa contra o peito e recuou contra os pombinhos.

Um olho âmbar se abriu.

- Fique, disse a ela. - Você não vai sofrer nenhum dano.

- Você não vai... me atacar?

Seus olhos ardiam em cima dela.

- Não. Eu não vou atacá-la.

Por alguma razão, ela acreditou nele. Provavelmente só porque era conveniente fazê-lo. E, na verdade, ela não tinha certeza de que seu plano de fuga tinha sido bom.

Ela engoliu sua desconfiança e se endireitou.

- Eu vou te cobrar essa promessa.

Aparentemente, considerando o assunto encerrado, ele fechou os olhos como se os pesos das pálpebras tornaram demasiado pesado para manter aberta. Um grande suspiro expandiu seu peito.

- Seu nome é Juliette, não é?

Ela assentiu com a cabeça, em seguida, percebendo que ele não podia ver, falou a sua resposta.

- Oui.

- E você sempre viveu em Paris, Juliette?

- Nós tivemos essa conversa antes.

- Não ria de mim.

Silêncio esticava entre eles. Fora do carro, ela ouviu o clop de cavalos no pavimento e o buzinar e splash de gansos levantando vôo de uma fonte pública. Suas

mãos começaram a suar.

- Eu vim morar em Paris há um ano, disse a ele. - Antes, eu estava em Borgonha.
- Continue, vá em frente. É muito esforço responder, mas eu estou ouvindo.
- O que direi eu?
- Fale-me... sobre você. Sua família. Sobre a forma como nos conhecemos. Basta falar.

Fazer isso ajudaria a bloquear todos os sons aleatórios da natureza, então ela decidiu obedecer-lhe.

- Eu vivo... vivia em uma espécie de... pensão... em Paris, junto com outras meninas. Eu planejava refeições para o lar, organizava entretenimentos, e ajudava na cozinha. Sua testa franziu.

- Você se lembra que eu cozinho?
- Vagamente... Continue.

- Quanto à minha família, eu era órfão em Paris quando criança, e fui enviada para Borgonha, sob os cuidados de pais adotivos. Minha mãe adotiva me ensinou a cozinhar e eu descobri que eu tinha muita habilidade para isso.

- Por que Borgonha?

Ela encolheu os ombros.

- Todos os órfãos são enviados para prover casas em todo o país quase imediatamente após a sua chegada ao hospital. Considera-se um ambiente melhor para nós do que a habitação na cidade, onde poderíamos ser tentados pelos seus vícios como nossos pais o foram.

- E foi isso que aconteceu?

- Desde que eu não sei quem meus pais eram ou como eu vivi com eles, como vou saber a resposta para isso?

Seus olhos se abriram.

- Como você veio para ficar no meu hotel a noite de sexta passada?
- Você me convidou, disse ela rapidamente.

Ele fez um movimento rebelde.

- Uma mulher solteira visitando um homem solteiro seu hotel? Não, isso não é tudo que há para ser dito. Comece de novo. A partir do momento que nos conhecemos. Como se eu fosse um estranho para quem está fornecendo todos os detalhes de um encontro mútuo sobre o qual nada sei.

- É esse o caso real?

Uma pausa, então ele lhe deu um olhar invejoso:

- Mais ou menos.
-

- Estou vendo. Bem, nós nos encontramos na Pont Neuf na noite em que chegou em Paris. Você estava envolvido lá com outra mulher.

Ela deu-lhe um olhar inclinado.

- Uma pessoa incomum. Você se lembra dela?

- Eu penso que não. Salvo... se ela tiver uma predileção por bananas?

- O quê? Ela estalou.

Seus lábios formaram um meio sorriso.

- Nada. Vá em frente.

- Você me seguiu para casa e depois me chamou e me convidou para cozinhar para você.

- E?

- E eu cozinhei.

Ele franziu a testa, claramente chateado com sua brevidade.

- E depois de cozinhar, nós transamos, não é?

Ela respirou fundo na sua linguagem crua e achegou-se de seu assento, batendo na perna, que continuava a bloquear seu caminho.

- Deixe-me sair. Isso foi um erro. Faça sinal ao motorista para parar.

Antes que ele pudesse dar uma resposta, o carro desviou e ela foi enviada cambaleante para frente para o espaço no banco ao lado dele. Seu braço serpenteou para fora, dobrando em torno dela e puxando-a para perto até que ela estava meio sentada em seu colo. Seus lábios se moviam contra seus cabelos, sensual e sedutor.

- Diga-me, ele disse. - Você ficou surpresa ao ver dois pênis, em vez de um, quando desceu minhas calças?

Espantada, ela congelou, olhando para frente pela cortina transparente que balançava para um lado da janela do carro.

Como seu coração, o veículo começou a pegar velocidade. Lá fora, a paisagem passando agora mostrou o céu e a paisagem pastoral prolongando-se interminavelmente e quebrado apenas por alguma casa ocasional ou copas de videiras. Ela quase hiperventilava só de olhar para toda a natureza opressiva.

- Sim, respondeu ela, finalmente, sua voz quase imperceptível.

- Ah. Era um som de satisfação masculina. - Então você é a único que gosta de bananas.

Seu braço relaxou e ela escorregou de cima dele, movendo-se de volta a seu assento.

- Você está sendo ridículo.

Ela partiu, sua mente como corridas de repente quando percebeu ao que ele se referia. Quando eles estiveram juntos, tinha imagens embutidas de sua fantasia carnal

em sua mente. Em vista de sua ocupação, mais de uma delas tinha envolvido alimentos. E que incluía frutas. Naturalmente, estes estariam entre as poucas lembranças que reteve. Seu rosto coloriu com o pensamento de que ela descobriu a ele aquela noite nunca, tinha sonhando e que as imaginações mais perversas voltassem para assombrá-la. Ele realmente acreditava que os dois haviam feito essas coisas?

- As b-bananas, confessou ela com relutância. - E o resto disso. O que quer que você se lembre dessa natureza. Nada disso aconteceu entre nós. Eu só lhe fiz pensar que nos fizemos isso.

Seu olhar firme convidou-a a continuar.

- É uma possibilidade que me veio alguns anos atrás. A primeira vez que foi empregado por acidente, quando um homem tentou me molestar. Enganei-o, você vê, a fim de fazê-lo pensar que ele conseguiu.

- Como você fez comigo no meu hotel?

- Oui, ela disse desconfortavelmente.

- E desde que o homem há alguns anos atrás?

Ela encolheu os ombros em resposta a mão livre e rastejou até a frente do vestido para encontrar as colisões tranqüilizadoras do colar frisado que ela usava por baixo. Ele parecia acreditar nela e ainda não estava a chamá-la de bruxa. Era encorajador.

- Desde então, aprendi a aperfeiçoar minhas habilidades no engano. Para avaliar a natureza do que queriam de mim, então convencê-los que eles haviam obtido.

- Quantos?

- Os homens? Ela evitou os olhos. - Isso não importa. O ponto é que eu implanto falsas memórias em suas mentes na forma como acabei de descrever.

- Eu vejo. Seus olhos se fecharam novamente. - Mas não é só a minha mente que se lembra de você. Meu corpo também se lembra com certeza infalível de que você levou minha primeira semente a noite no meu hotel. Você e nenhuma outra.

- Sua primeira semente?

Uma estranha sensação formigou sobre ela como se tivesse acabado de fazer um pronunciamento importante. Seus olhos sacudiram para o bolso dianteiro da calça, então se afastou. Sua língua deslizou para fora umedecendo os lábios.

Ela o beijou. Lá em baixo.

Ao fazê-lo de fato tinha tido a sua semente em seu corpo, pelo menos no sentido estrito do significado. No entanto, ele tinha confundido a parte dela que tinha feito a deglutição e, portanto, acreditavam que ela poderia ser com a criança. A verdade viria rapidamente desacreditar essa noção. Mas o pensamento de admitir o quanto ela aproveitou enquanto ele estava inconsciente, era muito humilhante. Ela simplesmente não podia levar-se a fazê-lo face a face. Talvez mais tarde, pensou covarde, e talvez por correspondência.

.....

Embora o passeio que se seguiu sacudiu os dentes pior do que qualquer carroça poderia ter feito, Lyon caiu rapidamente de volta no cochilo. Quando parecia que ele tinha dormido por dez minutos ou assim, ela furtivamente abriu a bolsa e retirou o frasco. Envergando a cabeça para trás, ela apertou três gotas em sua garganta. Não diluído, era horrível, mas conseguiu ingerir. O calor habitual a encheu quase que imediatamente, dobrando-a com ondas suaves de serenidade. Como ela o guardou novamente, ela percebeu que algo tinha caído de sua bolsa no regaço de sua saia. O objeto que tinha roubado do armário Valmont. Ela virou-se mais e mais em seus dedos, considerando-o. Porque, naquele momento preocupante quando ela estava ante a prateleira, sua mão chegou para pulseira de Fleur, mas, em seguida, foi desviada para pegar

isso?

Por alguma razão, de alguma forma, esse símbolo particular tinha um significado. Ela esmagou-a entre os dedos, tentando absorver o seu significado através de sua pele. Claro, ela não podia.

Suspirando, ela enfiou a amostra de tecido azul sujo de novo em sua bolsa.

.....

CAPÍTULO 11

Um charuto caiu dos dedos relaxados de Valmont para rolar no tapete, chamuscando-o. Gemendo, ele caiu em baixo da cadeira onde estava sentado em seu escritório privado. Seus olhos começaram a se agitar furiosamente, abrindo e fechando como persianas, mais rápido do que qualquer um poderia piscar. Ele perdeu o controle do seu braço e puxou violentamente, varrendo tudo da mesa para o lado, incluindo o jarro de cristal e vidro de absinto que tinha escorrido várias vezes naquela noite.

Sonhou com sangue. Do sangue de uma mulher com os olhos verde-mar que transformou as águas do rio Loire em vermelho, então rosa. Em seguida, ele lavou-se sobre ele, lambendo-o como um diabo de mil línguas do sanguine. Um êxtase incrível agarrou-o, e sua mão agarrou seu regaço. Ele estava sozinho, mas ele sentiu como se uma quente, uma boca erótica acabasse de embainhou sua ereção.

- Juliette. A palavra foi um grito de desesperado anseio. Em sua mente, seus lábios estavam dispostos, sugando-o como se ela não conseguisse ter o suficiente. Ele torceu em sua cadeira, contorcendo-se em seu curso, com as pernas tremendo e ombros trepidando. De repente, todos os músculos do seu corpo entraram em espasmo quando bombeou sêmen de seu pênis, sujando as calças por dentro, como seu corpo pinoteando descontroladamente sob o orgasmo mais violento de sua vida. Oh, esta sensação celestial nunca iria acabar!

Claro, ele fez efeito e ele logo se viu sozinho novamente, e desesperado.

Duas aparições vieram-lhe então, as criaturas pequenas, brilhantes. Eles saíram da miséria negra de seus sonhos, como às vezes faziam quando ele estava encharcado de bebida.

- São anjos? Perguntou ele maravilhosamente.

Eles só riram, em resposta, seus olhos travessos. Suavemente empurrando um ao outro parecendo se comunicar através de telepatia, eles começaram a embalar seus dedos entre os itens sobre a mesa. Depois de selecionar alguma coisa entre eles, começaram a recuar.

Sua coleção! Ele havia tomado as lembranças de seu gabinete, e tinha planejado passar a noite acariciando-os e relembrar. No entanto, ele já tinha sido demasiado bêbado para focar-los corretamente e tinha desistido de tentar.

- Não! O que vocês estão roubando vocês são crias de Satanás? Devolva-me!

Mas eles o ignoraram e só substituíram o que quer que tenha tomado com alguma outra coisa. Um tubo muito fino. Então, eles desapareceram no fogo da lareira.

- Esperem! O que é que vocês colocaram lá?

Ele tentou despertar-se da cadeira para ver o que tinham deixado para ele. Mas seus movimentos eram descoordenados e acabou caindo para frente sobre o tapete e na inconsciência. Quando ele acordou para a madrugada, ele estava uma bagunça. Ele

inverteu-se no chão, e sua cadeira, assim, pois agora estava nas costas de suas pernas. Suas calças estavam pegajosas, molhado com seu próprio derrame.

Foda-se! Outra convulsão induzida pelo absinto. *E o que era aquele cheiro nojento?* Aparentemente, não foi gozo a única coisa que seu corpo tinha involuntariamente expulso em suas calças. Ele tinha sujado a ele próprio. Ele conseguiu sentar direito perto da cadeira, mas para o momento, ficar de pé estava além dele. Com as duas mãos, ele segurou a cabeça martelando. Fantásticas lembranças da noite que acabara de passar aproximaram-se dele, fazendo-o saber quais eram falsas e que haviam realmente ocorrido.

Olhando para sua mesa, viu que algo estranho estava em cima dela. *O tubo! Tinha aqueles dois pigmeus brilhantes realmente vindo aqui e deixado isso para ele?* Rastejando de quatro, ele chegou até sua mesa e, ajoelhando-se, descobriu o dom que estava lá. Era uma folha de pergaminho amarelada com a idade, que tinha sido firmemente enrolado e amarrado com uma fita. Fracamente impressões digitais brilhantes pontilhavam aqui e ali, onde tinha sido presa. Os visitantes da meia-noite não tinham sido delírios depois de tudo!

O que eles deixaram para ele? Um mapa do tesouro? Ansioso, ele abriu o tubo, na primeira decepção de ver que era apenas uma lista de nomes registrados ordenadamente e outras informações. Ele parecia ter sido arrancado de uma espécie de livro de registro de grande porte. Um bloco de título no canto chamou sua atenção para o fato de trazer uma insígnia institucional. Seu coração parou, em seguida, correu quando ele lhe informou que a página se originou no Hospice des Enfants trouvés.

Em seguida, o nome de "Juliette" saltou para ele e ele segurava o pergaminho, examinando-o com muita atenção. Um segundo nome saltou quase tão rapidamente que ele gemeu. *Juliette tinha visto isto? Não!* Mesmo se tivesse as datas não significariam nada para ela. Ele estava preocupado por nada. *Mas como tinham conseguido isso aqueles diabinhos e o que significava eles o terem deixado aqui?*

De repente, lembrou-se que não só tinham dado a ele alguma coisa. Tinham-lhe tirado também. Colocando o documento à parte, ele tateou os objetos de sua coleção que estavam espalhados sobre a sua escrivaninha. Dois estavam faltando! A perda da pulseira de Fleur pouco lhe importava, mas a perda do outro! Ele soltou um berro ferido e caiu no carpete. A amostra de tecido azul era insubstituível, sua primeira e mais querida lembrança entre todos! Era demasiado cruel para ser uma simples brincadeira. A tomada de seus prêmios e a deixa deste pergaminho deve ter sido concebida como uma espécie de mensagem para ele, ele decidiu. *Mas o que exatamente significava?* Ele se sentou no chão e sacudiu-se, ponderando o enigma em uma hora ou mais. Agora e depois, golpeou-lhe o crânio com seu próprio punho, em um esforço para que ele funcione de forma mais eficiente, mas isso só piorava a sua dor de cabeça.

Seu cérebro, drogado defeituoso continuou a refletir em um ritmo lento, forçando junto as peças do quebra-cabeça que não deviam juntar: Um sonho de sangue. Um rabiscado nome de Juliette. A perda da recordação. *Como eles se relacionavam?*

Eventualmente, ele saltou a seus pés, tendo chegado às perigosas, as conclusões

ilógicas. Ele pretendia vender sangue virgem Juliette era muito fácil! ele percebeu. Em sua recente carta, ele ofereceu-lhe a Satyr, muito bem sabendo que ela não seria capaz de suportar a pressão que ele a faria suportar, e que acabaria por suceder na cama dela. Mas agora tinha chegado a ele que havia outros, estranhas criaturas sobrenaturais, que desesperadamente queriam sua querida Juliette.

Quando os brilhantes viessem novamente, ele iria levá-la até eles e entregá-la, imaculada e intacta. E naquele momento, ele seria recompensado.

Com o ouro. Com a magia. Do tipo que Juliette possuía, e que ele tanto cobiçava.

Estes entendimentos imaginados encheram-no com um novo propósito. Voou pelo corredor, pegou a dois passos de cada vez até o sótão, e abriu a porta do quarto de Juliette.

Suas coisas estavam no lugar, mas ela não estava lá! Alarmado, Desceu para trás escadas abaixo. Passando Gina na sala, ele agarrou seu braço.

- Onde está Juliette?

Ela recuou com o cheiro dele, abanando o nariz.

- Eu não sei. Às vezes, ela fica com Fleur no período da manhã.

Gina estava certa. Ele estava nojento. Constrangido, ele fugiu para seu quarto, jogou as calças de lado, limpou-se, e se vestiu novamente em tempo recorde.

Quando ele encontrou a câmara de Fleur e atirou a porta aberta, o alívio encheu. Duas meninas estavam ali, dormindo em sua cama.

- Juliette? Fleur?

- Monsieur? O cobertor caiu fora das meninas que se sentaram, piscando para ele. Agnes e Marie.

Seus dedos apertaram na maçaneta da porta.

- Porque vocês estão aqui? Onde está Juliette? Agnes bocejou.

- Na noite passada você concordou que eu poderia ter o quarto de Fleur, agora que ela se foi. Quanto a Juliette, eu não a vi.

- Se ela não está em seus aposentos, talvez ela tenha ido novamente as compras em Lês Halles?

Marie colocou que Fleur tinha ido embora. É claro que ela tinha se ido. *Louco!* Ele tinha levado a criação Monsieur Arlette, para além da periferia de Paris-se apenas duas noites atrás. Era um cenário bucólico privado, sem nada para oferecer em termos de entretenimento, exceto o que ele e Arlette tinham planejado para alguns convidados especiais. Ele permaneceu lá por algumas horas para desfrutar de uma bebida ou admirar a técnica de Arlette. Para iniciar as coisas, Fleur tinha sido dada aos três homens que tinham oferecido uma remuneração em troca de sua compra. Eles foram refinados senhores de riqueza e posição social, que pagara a Arlette e a ele bem ao seu abuso. Esses eventos sempre foram lucrativos para eles e os fundos que os ia manter até que a fábrica atingisse a plena produção.

.....

Como Fleur tinha lutado quando seus clientes tinham conquistado o seu direito! Depois Arlette tinha andado ao seu redor e explicou algumas coisas para ela, ela tinha começado a essência do seu novo lugar. Ela chupou os clientes que tinham pagando a ele, e a Arlette também. Todos os cinco deles, um após o outro. Então, a foda tinha começado.

Eventualmente, um silêncio expectante tinha caído e tudo parecia a Arlette. Ele tinha ido para a menina cansada e beijou-a e disse-lhe que ela ia morrer. Ela chorou claro, mas ele só a virou e bateu em seu traseiro dizendo-lhe para correr. Disse-lhe que se ela corresse rápido o suficiente, ela poderia escapar de seu destino.

Era mentira, naturalmente, mas dava um sabor especial para a perseguição. Vendo a porta aberta, ela correu no campo como todas as outras fizeram sempre antes dela. O vestido dela tinha sido dado aos cães e uma vez que tiveram seu perfume, a caça havia começado.

Ele olhou para suas mãos. Tinha havido muito sangue. Assim como houve naquele dia, há três anos, o dia do seu primeiro assassinato.

- Monsieur de Valmont? Agnes o estava solicitando.

- Hmmm?

Ele olhou para ela, banindo suas memórias. Ela olhou sexy com o sono. Seus grandes, mamilos escuros eram visíveis através de sua camisa amarrotada e ele sabia, por experiência prévia, que sua cama e sua boceta estavam quentes.

Ele estava preocupado por nada. Juliette provavelmente tinha ido somente para o mercado como Marie sugeriu. Em qualquer caso, ela não estava longe. Ela era covarde demais para empreender uma grande distância longe de sua proteção.

- Allez, Marie, disse ele, mandando a menina correndo da sala. Ele chutou a porta que se fechou atrás dela com seu salto e começou a desabotoar as calças. Com a aceitação estóica, Agnes deitou-se sobre suas costas.

Sibela passeou quando ela fez seu caminho do Siena para o Ródano. Ela tinha pouco mais de três semanas para concluir sua jornada aquática. Não havia motivo para pressa, tempo suficiente para permanecer. Ela logo cruzaria o Mediterrâneo, em seguida, para o Rio Arno. De lá, ela pegaria seu caminho através de pequenos afluentes que alimentavam a fazenda onde o pai da criança em seu ventre habitava.

Apenas algumas luas se passaram desde que ela fornicou com ele, mas já estava ficando mais gorda e mais desajeitada. E cada vez mais ansiosa para o nascimento do bebê em sua barriga.

No entanto, embora ela não tivesse nenhum amor pelo descendente de Sátir, ela teve cuidado com ele. Por que ele era um bem precioso. Um que garantiria seu futuro. Ocasionalmente, ela copulou com outros machos durante a viagem, pois era de sua natureza. Inicialmente, ela tentou fugir de todas as coisas carnavais, mas rapidamente fracassou nessa empreitada. Ela tinha se preocupado que o esperma dos outros, se juntassem com o de Satyr, resultando em uma mistura de raça que ele não iria

reconhecer como sua. Felizmente, a semente que gerou essa criança em particular tinha se provado impermeável ao influxo de outras espécies.

Ainda assim, ela se determinou a abster-se durante a quarta e última semana de gestação. Ela estaria bastante inchada e, também por temer que as intrusões do sexo masculino e a emoção pudessem prejudicar a descendência de Sátir.

A abstinência não seria fácil. Até o momento ela estava na mira da Toscana, ela estaria desesperada para a foda completa que Lyon estaria disposto a administrar-lhe sob a seguinte lua cheia. Ele gostasse ou não.

.....

CAPÍTULO 12

A carruagem balançou violentamente, lançando Juliette para frente e a arrancando rudemente de seu sono. Um par de braços musculosos estava lá para aparar sua queda. Lyon. Ele deve ter sido acordado.

- O que aconteceu?

Perguntou ela, endireitando-se ereta na cadeira em frente a ele e levantando a cortina para observar no exterior. Vendo que tinha entrado em um nebuloso bosque, ela recuou. Natureza. “Ugh”.

- Houve um acidente de algum tipo. Espere aqui.

Lyon mudou de massa para sair do carro, fazendo caretas pelo esforço.

A Culpa varreu-a. Ela tinha feito isso com ele. Sua mágica tinha afetado esse homem tão especial, em detrimento, ela estava em uma perda para explicar. No passado, os homens dotados de força física e muito menos caráter só tinham perdido o valor de uma noite de memória devido aos seus efeitos.

- Non. Você está doente. Eu vou.

Ela o empurrou para trás com a mão e deixou-o, afundar-se em seu assento com um ranger de couro. Ela enfiou a cabeça para fora da janela.

Os cheiros das folhas e do solo e musgo golpearam em cheio seu rosto.

- O que aconteceu? Chamou o motorista que apareceu úmido e frio. Tinha começado uma garoa.

- Não há problema, senhora.

Disse ele, fazendo a suposição de que ela e Lyon se casaram.

- O carro foi danificado e...

Dois homens materializaram-se na neblina para ficar ao lado dele, ambos morenos e usando chapéus de pêlo escuro, verde túnicas e calças com listras vermelhas.

- Venha! Ordenou uma voz com forte sotaque russo. Ele fez um gesto para ela desembarcar.

De olhos arregalados, ela abaixou para dentro do carro.

- Cossacos, ela sussurrou.

Lyon assentiu.

- Quantos?

- Dois que eu vi, mas há nevoeiro. Poderiam ser mais. O que você acha que eles querem?

Cossacos eram clientes favoritos de Gina em salões de beleza, mas ela aprendeu a ter cuidado com eles. Alguns em suas fileiras havia se tornado notório por seus

excessos, enquanto permaneceram em Paris durante a última década.

- Nada agradável Eu imagino, Lyon murmurou, soltando a porta e desdobramento das etapas.

Ela colocou a mão trêmula em seu braço.

- Aonde você vai?

- Lidar com isso. Eles sabem que você está aqui, assim você pode sair por bem, também. Mas fique atrás de mim.

Dois dedos em seu queixo o inclinaram para encontrar seus olhos.

- Mantenha o seu juízo. Se isso virar uma disputa violenta corra para a floresta e comece a se mover para o sul. Permaneça fora da vista, mas viaje paralela à estrada e encontre o caminho para a aldeia mais próxima, em seguida, encontre minha família na Toscana. Vou atrasar qualquer um que possa persegui-la o melhor que posso.

Ela assentiu com uma calma falsa como o mundo parecia desmoronar ao seu redor. Ela nunca seria capaz de fazer o seu caminho através da floresta. Mesmo o simples ato de sair do carro aqui no meio de grandes extensões de árvores e o céu era uma idéia muito horrível de contemplar.

- Eu não posso, ela sussurrou, mas só depois que ele tinha ido e tão silenciosamente que ele não pudesse ouvir.

- Por que você nos parou? Fora, Lyon soava muito mais forte do que ela sabia que ele se sentia. Espreitando através da cortina, viu os dois cossacos darem um passo para trás em sua estatura intimidadora e seu tom de autoridade.

Eles começaram a falar com Lyon em um sofrido francês. Quando ele respondeu em russo, eles mudaram para sua língua nativa e também iniciaram uma discussão acalorada.

- Há um terceiro assaltante na frente dos cavalos, ela ouviu o motorista gritar.

O homem de quem ele falou escolheu esse momento para chamar ao seu lado do carro e balançar a porta larga, fazendo sinal para ela sair.

- Não! Ela tentou fechar a porta novamente. Ele disse-lhe alguma coisa em russo rude e colocou a bota enlameada na borda da carruagem, como se lhe fazer companhia lá dentro.

Nisso, ela saltou para fora e para baixo passando por ele. Ele apenas sorriu e a seguiu em um salto suave. Ela se afastou dele, segurando cautelosamente os olhos, sem saber do que ela estava mais assustada do ambiente natural ou de seu perseguidor!

- Corra!

Lyon pediu, sua voz a impelindo a começar. A luta irrompeu, o motorista e ele contra os dois russos restantes.

Sem permitir-se tempo para pensar, Juliette voltou e pulou de cabeça para dentro da

floresta carregada em nevoa. Segurando as mãos estendidas diante dela, ela tentou evitar quaisquer obstáculos ocultos em seu caminho que pode ser obscurecido pelo nevoeiro. Seu vôo tornou-se como uma cena de um pesadelo. Por todos os lados, ramos chegavam a ela como gigantes dedos retorcidos. Afloramentos rochosos apareciam como monstros.

O cossaco bateu atrás dela, ganhando terreno rapidamente. Uma mão agarrou a saia e ela ouviu um rasgo. Então ela caiu no chão rolando sobre um plano inclinado em barro liso e folhas apodrecidas. Sem a menor cerimônia, ela bateu contra algo sólido, enviando ondas de choque através de seu quadril. Sem fôlego, ela estava lá ofegante no molhado, com folhas de carvalho coladas ao seu rosto e vestido. Mãos ergueram o forte e inclinou-a sobre uma superfície arredondada inflexível que chegou à altura da cintura. Ela achatou as mãos sobre ele. Era frio e grosso e cheirava a líquen. Um pedregulho. Uma voz por trás de suas palavras incompreensíveis murmurou. O cossaco. Seu corpo todo tremendo, Juliette olhou para ele por cima do ombro. Mantenha o seu juízo, Lyon cantou para ela. Bom conselho. Mas sua inteligência estava confusa e com medo. Uma mão plantou-se entre as omoplatas e ela sentiu a saia levantada.

Ela bateu nele o melhor que pôde, mal conseguindo segurá-lo. Por um momento, os únicos sons no silêncio eram os de sua respiração áspera, seus grunhidos ininteligíveis, e dos bofetões.

O ar gelado do outono penetrou em suas pernas expostas, cravando seu terror. As saias eram agora amontoados na parte alta de trás de sua cintura e seu atacante estava trabalhando na frente de sua calça. Em segundos, ele estava indo para estuprá-la.

Obrigou-se a não escutar nem a ele nem nada ao seu redor. Pressionando ambas as mãos pousadas sobre o rochedo à sua frente, ela começou a rodá-los como se ela fosse uma vidente e isso fosse uma bola de cristal gigante. Pés calçados batiam as pernas afastadas.

- Eu sou de pedra, eu sou de pedra, eu sou de pedra, ela cantou, mal sabendo o que ela disse ou que teve o efeito de reunir a sua magia. As palmas das mãos aquecidas e o desejo infiltraram em sua mente e sua carne.

Dentro de suas roupas, seu sangue diminuiu para um passeio, então um rastreamento. Macio, pele pegajosa virou seca e dura, como a de um sapo. Ou a de uma pedra

viva.

O cossaco soltou um grito assustado e saltou para trás dela. Tecido chicoteou de volta no lugar em torno de seus tornozelos, mas ela não sentia nada. Como se escutando de uma grande distância, ouviu-o cair, em seguida, subir novamente. Os sons dele derrubando a floresta estava alto no início, mas depois diminuiu. Ele estava se afastando dela, na direção do carro.

Por algum tempo depois de ele ter ido embora, ela se manteve estável a contra a rocha, não podendo ou talvez não querendo se mexer. Névoa condensava em sua pele corajosa, molhando a roupa.

.....

Então, em algum lugar ao longo do caminho veio o trovão não desejado dos cascos. Ele fez o chão tremer sob seus pés, fazendo-a sentir. Lembrando que ela estava viva.

Um bombear de sangue foi reiniciado, o envio de vida correndo através de seu sistema. Como uma artrítica idosa, ela estremeceu e começou a transformar inexoravelmente de volta para si mesma. Pele grossa virou suave e maleável. Rocha voltou a ser carne.

Ciente de novo, ela se curvou sobre a pedra, pendurada ali como um boneco mole. Todos os sons cessaram salvo o tamborilar da chuva leve. *Estavam os outros mortos? Não, por favor, não!*

Mais uma vez, ela tinha fugido de uma situação ruim de uma forma covarde, deixando os outros para se defenderem sozinhos. Ela não conseguia suportar a idéia de despertar-se para ir e ver o que tinha acontecido com eles.

-Um método de fuga interessante, disse uma voz de algum lugar próximo.

Ela empurrou cerca de tão rápido que ela caiu de costas no chão, pousando em uma pilha de folhas molhadas.

-Ow!

Lyon estava sentado em um tronco vários metros de distância, estudando-a. Seu olhar disparou cerca de cautela.

- Ele se foi, disse ela.

-Seu ato de transformar carne em pedra, aparentemente o assustou ao inferno. E ele por sua vez, assustou os outros com uma repetição do conto. Importar-se-ia em explicar isso?

- Sim.

Esfregando o quadril machucado em baixo de sua roupa, ela juntou-se a ele.

- E o motorista?

Lyon ergueu-se de seu assento improvisado e ficou bem. Seu rosto estava pálido e sua camisa foi rasgada por isso estava pendurada e aberta.

Olhando os cavalos. Venha. Empréstimo o seu ombro.

No rescaldo do ataque do cossaco, ela estava tremendo. Como ela deslizou um braço ao redor dele, ele apoiou-se sobre ela e não podia ajudar, mas notou que estava tremendo.

- Você está bem? Perguntou ele.

Uma gota de líquido caiu em seu corpete e ela olhou para cima, observando um corte em seu peito.

- Você é o único que está ferido.

- Eu ficaria pior se o medo de seu amigo não o tivesse feito voltar e puxar os outros fora de mim. Por agora, você terá a desculpa do sangue. Vou substituir o vestido quando chegarmos a civilização.

.....

Quando chegaram ao carro, o motorista estava lá, cuidando dos dois cavalos restantes.

- Você está ilesa, Madame? Ele olhou para ela, obviamente imaginando como ela rechaçou o cossaco corpulento e curioso a respeito de exatamente o que lhe tinha enviado de volta correndo em abjeto terror.

- Oui, ela respondeu, parando bem longe dos cavalos e deixando Lyon para continuar sem ela.

- Onde estão as outras duas montarias? Perguntou a ele.

- Os demônios cossacos os tomaram.

O condutor apontou para a floresta na direção que ela corria.

- Felizmente para nós, o que aconteceu lá fora, assustou-os o suficiente para que partissem antes que pudesse comandar as duas últimas.

Olhou Juliette em expectativa.

- Acho que devemos a nossa sorte em livrar-nos deles pelo folclore russo, disse ele.

- Eu mal entendi seu discurso, mas eu acho que ele falou de fantasmas ou espíritos da floresta ou algo parecido. Então ele foi rasgando os bosques.

-Agradeça aos deuses pela velha e boa superstição acrescentou Lyon.

O motorista assentiu com a cabeça, olhando tranqüilizado.

- Por isso eu sou grato.

- Qual é a aldeia mais próxima? Ela perguntou, olhando em dúvida para o carro quebrado. Seu abdome havia começado a ter câibras. Com certeza a sua menstruação não iria escolher neste momento inoportuno para atormentá-la em cima de tudo que ela enfrentou hoje. Não, o tempo para isso estava errado. Deve ser outra coisa.

- Duas horas adiante. Se começarmos a viagem agora, nós poderemos estar lá ao anoitecer. Você e a Madame podem ficar com a montaria mais forte que nos deixaram. Amanhã você pode contratar um outro carro para levá-lo a diante, enquanto eu volto com o que é necessário para reparar esse presente.

Satisfeito com este plano, Lyon tentou reunir a sua força.

Os olhos de Juliette se arregalaram. *Montar? Através do campo no escuro e na chuva? Eles estavam insanos?*

- Não! Disse ao motorista, apontando para Lyon como uma desculpa fácil.

- Ele está doente. Não pode andar por aí, especialmente neste tempo. Nós vamos ter que esperar aqui, enquanto você vai buscar ajuda.

- Mas eu provavelmente não voltarei antes do anoitecer, Madame, advertiu.

- Eu posso viajar duas magras horas a cavalo, protestou Lyon.

Ela o ignorou.

- Se isso vier a acontecer, vamos passar a noite aqui na carruagem.

.....

O motorista olhou desconfiado para o céu e depois voltar para ela.

- Ainda assim, se piorar o tempo, você pode se encontrar tão molhada dentro dessa coisa como a cavalo. E se há vento, todo o transporte pode levar um tombo com você dentro.

- Eu posso montar, argumentou Lyon novamente.

- Bem, eu não posso, ela lembrou-lhe com firmeza. - E eu não tenho interesse em aprender em uma noite de tempestade como esta.

- Perdão, senhor, o motorista quebrou dentro. - Mas passamos por uma cabana uma meia milha atrás. Eu posso ajudá-lo a chegar lá e acomoda-los para passar a noite.

- Depois disso, eu posso tomar um dos cavalos para a aldeia e buscar ajuda para você amanhã.

Juliette sorriu para ele. "Um plano excelente."

- Então, prepare-se para sua primeira aula de equitação. Lyon informou a ela.

- O quê? Ela perguntou confusa.

- O carro está além do reparo, lembra?

Uma miserável e molhada meia milha depois, Lyon cedeu para a cadeira mais próxima, molhado até os ossos. Perto dali, Juliette acendeu as velas no interior da cabana rústica. Ela tinha usado seu manto sobre a viagem aqui, por isso ela foi poupada da violência do tempo.

- Que lugar é esse?

Ouviu sua pergunta e olhou para ver que ela estava clandestinamente esfregando seu quadril como se estivesse causando seu desconforto.

Uma vez que nenhuma das montarias tinha sido considerada robusta o suficiente para tomar o seu peso e de um segundo piloto, ela tinha montado com o motorista. Apesar de ter sido apenas uma curta viagem, o cavalo tinha sido extraordinariamente irrequieto e tinha conseguido jogá-la fora. Ela tinha tomado um tombo e desembarcou no quadril que ela tinha anteriormente ferido ao fugir de seu agressor na floresta.

- É uma estação de passagem para os viajantes como vocês capturados no tempo inclemente, o motorista estava dizendo. - Vocês estarão seguros ao passar a noite aqui.

- Você tem certeza de que não há por perto pousada? Juliette perguntou.

Ela estava em algum lugar atrás dele agora e ela parecia chateada. Embora não pudesse ouvir a resposta do motorista, Lyon percebeu que o tom foi de uma negativa.

Ele perdeu o trem da conversa, então ele caiu no sono. E quando ele acordou novamente, o motorista tinha ido. Ele ainda estava largado na cadeira e Juliette veio sentar-se diante dele em um pufe. Ela estava segurando uma taça para ele, e o que ele continha cheirava deliciosamente.

- O que é isso? Ele murmurou, olhando com desconfiança para a colher que tinha presa embaixo de seu nariz.

.....

- Uma sopa de galinha.

- E isso é tudo?

- Eu misturei um pouco disso e daquilo para melhorar o sabor, mas não tem drogas. Também não é um instrumento de magia, se é isso que você está insinuando.

Ele resmungou, empurrando-se reto. Seu peito estava nu e um cobertor tinha sido envolvido em torno de seus ombros como um xale. Ela o fazia se sentir como um inválido que ele deu de ombros fora. Além dela, a camisa encharcada estava pendurado em uma corda amarrada no teto de vigas perto do fogo, mas a calça ficou úmida e moldada nele.

Havia um círculo, que manchava e molhava o vestido de Juliette, onde o sangue tinha escorrido. Ela deve ter limpado enquanto ele estava dormindo.

- Você precisa de sustento, ela insistiu. - Coma.

Ele abriu a boca, permitindo que ela deslizasse para dentro a colher, só assim ela o deixaria. O gosto explodiu em sua língua, trazendo consigo memórias e cheiros da cozinha da sua infância, onde muitas vezes ele implorou um lanche do cozinheiro. Isso não era sopa comum. Pode não ser contaminado com glamour das fadas, mas era mágico. Ele engoliu em seco e em seguida tomou o resto, colherada após colherada, sem reclamação.

- Os cossacos tomaram as provisões do motorista, explicou ela enquanto ela o alimentava. - Mas nós, o condutor e eu, encontramos mais aqui na cabana. É surpreendentemente bem abastecida. Ele me ajudou a começar o fogo, em seguida, deixou quase imediatamente para fazer a próxima aldeia antes do anoitecer. Antes de ir, ele deu uma olhada no único cavalo que ele nos deixou.

Ao mesmo tempo, manteve-se esforçada em olhar algo que pendurado em algum lugar acima dele. Tendo terminado a sopa, Lyon inclinou a cabeça para trás, mas uma prateleira em cima bloqueou sua opinião.

- O que você está olhando?

- Troféus de caça. Com uma maldição macia, ele fechou os olhos.

- A cabana de caça. Isso explicava as disposições.

Ele ouviu o raspar da bacia quando ela colocou sobre a mesa lateral ao lado de sua cadeira.

- Você não caça?

- Só quando é necessário para comer, e eu não tenho troféus.

Ele ouviu seu afastamento forçado e abriu os olhos, querendo vê-la. - Quanta comida há?

- Chega por hoje.

- Não há mais? O motorista não pode retornar imediatamente.

- Ele garantiu-me. No entanto, há provisões suficientes para uma semana.

.....

A chuva ainda estava batendo e não tinha nenhuma dúvida que tornava as estradas intransitáveis por um dia ou dois, pelo menos. Mas ele estava cansado demais para explicar tudo isso neste momento.

- Quanto tempo... Já estamos aqui?

- Menos de uma hora. Você parece esgotado, disse a ele. - Agora que você comeu, você deve ter algum descanso. Há apenas esta sala, mas contém várias camas.

Ele se mexeu desconfortavelmente na cadeira, desprezando a sua fraqueza. Apesar disso, com a chegada da noite, a necessidade de enterrar-se em carne feminina foi crescendo crítica. Até onde ele se lembrava de sua vida adulta, não tinha passado um dia em que ele não tinha fodido. Até esta semana

- Eu preciso sair dessas calças.

- Sinto muito, disse ela, contrita. - O motorista se ofereceu para ajudar com isso, mas eu recusei desde que eu não tinha certeza de que poderia ficar..., hum..., em exibição. Eu achei que você não gostaria que ele visse..., hum..., as diferenças incomuns.

Ela parecia nervosa por ter feito essa observação e correu como se para impedir uma discussão mais aprofundada do mesmo.

- Você pode tirá-las por si mesmo?

- Si. Deixe-me chegar a uma cama primeiro.

- Rangendo os dentes, ele se ergueu em seus pés. Ela colocou um braço em torno dele e ele logo encontrou-se abrigado em uma das camas estreitas. Quando ela fez a retirada, os dedos, inadvertidamente, tocaram a dureza masculina na parte da frente da calça. Fogo líquido correu em suas veias e sacou a mão para apertar seu pulso. Eles permaneceram ali, congelados por um longo momento. O crepitar do fogo e dos pingos de chuva permeavam o ar. Corando, ela olhou por toda parte, exceto para ele.

- Você não se sente tentada? Ele perguntou sua voz baixa e escura. - Ajudaria a passar o tempo.

Ela balançou a cabeça e deixou-a ir. Deitado sobre o monte de almofadas que tinha ajustado para ele, ele olhou para ela, pensativo.

- Você exige pagamento?

- Não! Por que você iria pedir uma coisa dessas?

Ela exigiu, olhando feroz e afrontada. Mas por algum motivo secreto também.

- Porque eu preciso de sexo. Com você. E eu estou disposto a fazer qualquer coisa para consegui-lo.

- Você disse que não iria me estuprar.

- E eu não vou. Pareço capaz disso?

- Sim! Ela estalou incrédula, apontando para a protuberância voraz em sua virilha.

Ele ajustou a manta sobre os ombros de novo, de repente, refrigerados, apesar do

incêndio.

- Meu pênis é a única parte de mim que parece não perceber o atual estado lamentável da minha saúde.

- Não coloque mais de suas proposições para mim, repreendeu.

- Eu disse a você no carro que eu nunca tinha ficado com um homem. E isso significa que eu não estive com você.

Um riso áspero deixou.

- Você ainda mente. Eu posso ter esquecido muito do nosso tempo juntos, mas eu sei que nós estivemos juntos.

- Não se atreva a dizer isso de novo! Mesmo se eu tivesse feito o que você acredita, eu não teria nenhuma obrigação de fazê-lo uma segunda vez.

Cansado, ele cobriu os olhos com o antebraço.

- Você está certa. Perdoe-me. As circunstâncias destruíram minhas maneiras.

Nisso, ela se aproximou e sentou-se ao pé da sua cama mais íntima.

- Se você esteve com uma mulher em seu hotel, você não pode conceber a possibilidade de que ela era alguém que não eu?

Seus olhos brilharam para ela a partir da sombra de seu braço.

- Não havia mais ninguém.

- Eu vi você no parque com uma mulher por baixo da ponte, ela rebateu em tom desafiador. - Fornicador.

Ele abaixou o braço ao peito, digerindo as informações.

- Quando?

- Na noite de quinta-feira, informou a ele.

- Quando você viu que eu tinha percebido, você me seguiu.

- Para a casa cinza com a porta vermelha.

- Eu pensei que você não se lembrasse.

- Apenas pedaços desconexos de memórias, o garantiu, pois era verdade.

- A sua parceira daquela noite era a que eu me referi anteriormente, ela continuou. - Você me disse que ela era uma Nereida.

- É possível, disse ele, dando as costas para o que ele considerava ser um detalhe insignificante.

- Meus irmãos e eu temos ficado com ninfas antes.

- Enquanto nós estamos sobre este tópico, você se importaria de me esclarecer sobre a forma como você vem para manter a o contato com criaturas mitológicas?

- Isto de alguém que tem o dom de implantar memórias e que pode se transformar em pedra no comando?

.....

Ele não era avesso a revelar segredos de família para ela, mas outras questões primaziam neste momento.

- Touché.

Sua voz ficou séria.

- Eu preciso de sexo a partir de você, Juliette. Até amanhã, ou no dia seguinte ou no máximo um dia além do que, eu vou estar morto pela falta.

Ela se levantou e afastou-se para aquecer as mãos no fogo.

- Talvez amanhã, na vila, você encontre alguém para acomodá-lo.

- Ninguém mais poderá fazer

- Oh, por favor, disse ela, carrancuda por cima do ombro. - Eu já ouvi melhores desculpas de outros homens que buscavam minha cama para acreditar em tal tolice.

Ele colocou sua cabeça para trás com um suspiro longo de sofrimento.

- Estou doente, não estou? Você pode achar difícil de acreditar, no momento, mas eu geralmente não preciso implorar para uma mulher me deixar fazer uso de seu corpo.

Um breve silêncio caiu então ela o quebrou com uma admissão silenciosa.

- Eu não acho difícil. Seu olhar tiro dela, mas ela não lhe permitiria capturar os olhos.

Eu não acho difícil acreditar que as mulheres lhe queiram, ela repetiu.

Mas eu não posso me entregar a você. Seria... imprudente. Para nós dois.

- Por quê?

- Pela razão tradicional, entre outras, disse ela.

- É fácil para um homem tratar essas questões de ânimo leve, mas a disposição de castidade de uma mulher define as suas expectativas neste mundo. Se ela será rotulada de solteira, esposa ou prostituta.

Uma membrana frágil de virgem era tudo o que estava impedindo a salvação de sua vida?

- Eu caso com você, então! Eu iria de qualquer maneira.

- Não seja cruel, disse ela, recusando-se a acreditar nele.

- Você pretende manter o celibato até o túmulo?

- Eu não sei. Espero que não. Segurando as mãos, ela se virou para ele, séria.

- Você tem que entender que eu não posso dar com tanta facilidade algo que eu tenho guardado bem por dezenove anos. Simplesmente por seu capricho.

- Capricho? Isso não é nenhum capricho, disse ele, indignado. - Para aqueles de minha espécie, o sexo é uma função crucial do corpo.

- Os de sua espécie? Ela repetiu, com medo agora.

- Os de minha espécie têm necessidades carnis que devem ser satisfeitas

regularmente, da mesma forma que um corpo humano anseia sustento para sobreviver.

Seus olhos se arregalaram.

- Mas você é humano. Que mais poderia ser?

- Nós dois somos um pouco diferente da norma, não acha? Ele perguntou baixinho.

Mas ela não estava pronta para admitir.

- Naquela noite em seu hotel. Seu olhar percorreu sua virilha, então se afastou. - Eu vi seu corpo. Vi como você está formado.

- Com dois pênis? Ela parecia aflita com sua franqueza, mas balançou a cabeça. - E você quer uma explicação.

Fez uma pausa, decidindo o quanto deveria revelar. Se falasse muito ela poderia fugir dele. E em sua condição, ele poderia não ser capaz de detê-la.

- Meus irmãos e eu às vezes... transformamos-nos. Do jeito que você viu.

Um silêncio carregado caiu.

- Você está assim agora?

Sua voz era quase inaudível. Seus olhos se estreitaram para ela, vendo o interesse que ela não conseguia esconder. Sua mão foi para frente de suas calças e abriu o mais alto dos quatro botões.

- Vamos descobrir.

.....

CAPÍTULO 13

Juliette assistiu em fascinação quando Lyon começou a desabotoar a frente da calça.

Um segundo botão caiu e ele brincou com o terceiro.

- É apenas o seu hímen que impede você?

- Hmm? Seus olhos cobiçosos escaldavam o V da calça que já estava meio desabotoada. *Seria apenas uma sombra ou seria o início esparso de seu ninho?*

- Juliette!

Embaraçada, ela empurrou seu olhar ao dele.

- O quê?

- Se houvesse uma maneira de juntar meu corpo ao seu, sem perturbar seu hímen, você ainda seria contra avesso?

Ele estava perguntando se ela iria permitir-lhe montá-la de trás? Na casa de Valmont, senhores pagavam o dobro da taxa usual para isso, assim assumiu que era uma empreitada muito mais árdua.

Embora ficando tentada pelo recurso, ela não podia confiar nele. Uma vez que ele estivesse sob suas saias, tudo poderia acontecer.

No entanto, algo precisava ser feito, para restabelecer a sua saúde que parecia estar em declínio. As feições bonitas estavam mais decaídas agora do que quando ela o tinha encontrado hoje pela manhã. *Teria sido ela realmente responsável por sua doença?* Ele parecia tão teimosamente resistente às suas magias que ela forçou-lhe mais do que ela fez com a maioria dos homens naquela noite em seu hotel. *Não!* Ele estava tentando fazê-la de tola. Gina e Agnes gargalhariam se ela lhes contasse o que ele estava dizendo, a fim de seduzi-la a levantar suas saias. Os homens não morrem porque as mulheres recusavam-lhes sexo. Claro que não.

- Eu não... não tenho certeza. Ela balançou a cabeça. - Eu sinto muito.

O terceiro botão cedeu.

- Estou bem, disse ele suavemente.

Apenas um botão permanecia.

Seus lábios se separaram e ela se esticou para frente ligeiramente. Como se ele fosse um encantador de serpente, e ela uma cobra, ela o observava, esperando por que ele se mostrasse. Esperando para ver se os dois pênis se desdobrariam dele como antes.

Mas, para seu desapontamento supremo, esse botão remanescente permaneceu em sua âncora. Em vez de satisfazer a sua curiosidade, ele encolheu os ombros. Isto teve o efeito desastroso de reposicionar a manta em torno dele de modo que uma extremidade do casaco, desceu sobre o que ela mais queria ver.

.....

Os músculos de seu antebraço flexionaram novamente e passou a mão por baixo da coberta enquanto, ela assumia que ele desabotoou o último botão e pegou a si mesmo.

Seus olhos encontraram os dele, e ela quis protestar. Exigir. Mendigar. *Oh, por favor, por favor, me mostre seu pênis.* Ou os pênis, conforme fosse o caso. Era um absurdo até mesmo pensar falar essas palavras em voz alta para um homem.

Então, ela apenas observava como um olhar faminto, como a mão começou um afago, rítmico e sedutor. *Eram todos aqueles solavancos realmente só para um que ela viu movendo sob a lã, ou eram dois deles que realmente estavam ali?* Seus dedos agarraram as dobras de suas saias. A cada puxão da sua mão, sentiu um puxão correspondente em seu ventre. Era uma agonia ficar de braços cruzados e não participar. Ou, pelo menos, ver.

.....

Frustrada, ela foi até a janela e olhou para fora no tempo, cruzando os braços por sua cintura e abraçando os cotovelos com as duas mãos. O mundo exterior era um buraco negro, e ela só viu seu próprio reflexo no vidro. Vento amarrado, levando chuva contra a vidraça. Minutos se passaram. Um vazio de silêncio bocejou entre eles.

Atrás dela, um gemido repentino brotou de suas profundezas, como o uivo de um predador, solitário à procura de sua eu companheiro.

Sua cabeça chicoteou o ar, assustada.

Sob o cobertor, a mão de Lyon, agora estava imóvel. Sua cabeça pendia para trás sobre os travesseiros e sua mandíbula estava frouxa. *Seria algum tipo de truque para levá-la dentro de seu alcance?* Se assim fosse, funcionou. Ela levantou uma vela e correu até lá.

Quando a luz da velas o iluminou ela deu uma boa olhada em seu rosto, ofegando em choque. Ele parecia ter envelhecido um ano nos últimos minutos. A energia forte que parecia tanto ser uma parte dele estava desaparecendo. A pele dourada havia sido substituída por uma macilenta e sob seus olhos apareciam duas meias-luas que o faziam parecer incrivelmente cansado. Era como se ele estivesse se transformando na escultura que ela uma vez imaginou sobrenatural pálido, mas ainda bonito.

- Monsieur? Satyr Senhor?

Ela sacudiu seu braço. Seu peito subia e descia com uma respiração anêmica, mas ele não se mexeu.

Se ele tivesse dito a verdade? Seria esta doença sua culpa? Algum tipo de combinação fatal de suas magias, a prova furtiva de sua semente, e sua recusa em ir para cama dele? E se ele morresse aqui a deixando sozinha neste lugar? Ela perguntou, voltando-se egoísta na sua histeria crescente. *E se o motorista nunca voltasse? E se os cossacos retornassem ao invés, ou alguém como eles? Eles não pediriam como Lyon fez. Homens como eles simplesmente tomavam.*

- Lyon! Acorde! Não quero ser encontrada presa com um corpo morto. Tais situações podem ser mal interpretadas. Os oficiais podem acreditar que você foi minha vítima.

Certamente ela não poderia ser duas vezes azarada nesse sentido.

Arlette e Valmont tinham razão no que disseram. Com uma mancha anterior em seu registro, ela seria mais facilmente julgada culpada de outro assassinato. No entanto, ela era inocente!

Se ele morresse, a única alternativa além a de ser descoberta aqui com ele seria ir embora a pé ou de carona através do campo por conta própria. Ela não conseguiria.

E, acima de tudo, algo nela simplesmente não queria que este homem lindo morresse. Colocando a vela de lado, sacudiu os ombros.

- Eu concordo, ela observou as feições imóveis. - Sobre o que você perguntou antes. Faça o que quiser de mim, se isso vai mantê-lo entre os vivos.

Em suas palavras, ele engasgou, de repente, sua respiração chocalho na caverna de seu peito. Seus olhos em fenda abriram e uma fraca satisfação coloriu-os. Sua mão procurou a dela e lhe deu um pequeno aperto. Então, ele olhou para além dela, um olhar de concentração fixa sombrearam suas feições.

Ela olhou por cima do ombro na direção do seu olhar. Não vendo nada de anormal, ela voltou-se para ele a tempo de ver seus cílios tremular e fechar novamente.

- Grazie, mademoiselle, ele sussurrou, tão baixo que ela quase não ouviu. Então ele ficou inconsciente.

- Lyon!

Ela sentiu sua testa e a achou febril e úmida. Ele estava muito mais abatido do que tinha sido apenas alguns momentos atrás. Sua manta havia escorregado e ela viu que na verdade apenas um eixo estava na fenda de sua calça, enraizado em sua virilha. Mas seu estado de espírito para testemunhar as coisas carnis havia desaparecido quando a doença aumentou, e ela só afastou as calças úmidas para longe e, em seguida, reajustou o cobertor para cobri-lo.

Por que ele ainda sofria? Ela tinha-lhe dado a resposta que desejava, mas foi sem efeito. Mas talvez ele só precisasse de descanso. Afinal, ninguém morria por escassez de cópula, tranquilizou-se novamente. Essa noção era absurda. Não era?

Uma súbita sensação de calor veio atrás dela quando ela mudou-se para ficar de costas para o fogo. Uma mão caiu sobre seu ombro.

- Juliette.

Era uma voz de homem. Com um grito breve, ela saltou mais alto na cama fugindo do toque. Embaraçando-se na roupa de cama, tomou um tombo no tapete, machucando seu quadril uma terceira vez. Mas com o susto ela dificilmente notou.

Inacreditavelmente, dois homens estavam há um metro de distância, ao pé da cama de Lyon. Dois homens idênticos com os olhos âmbar, cabelos dourados despenteados, e

mandíbulas fortes. Eles foram construídos em uma escala maciço, e alto, especialmente a partir de seu posto de observação que era o chão.

E talvez o mais notável e mais escandaloso de tudo era que ambos estavam nus. *Eretos*. Cópias exatas de Lyon, em todos os aspectos e dimensões, mais pareciam trigêmeos.

Ela arrastou-se para trás até que ela veio se ergueu contra a parede atrás dela.

- Como vocês entraram aqui?

Mas eles não responderam e apenas olharam para ela com famintos olhos de jóias. Olhos que observavam todos os seus tremores. Olhos que tinham o formato e cores precisas as do homem deitado na cama.

Arranhando o caminho de volta para o colchão, ela se aconchegou contra Lyon, mantendo um olho em seus gêmeos durante todo o tempo.

- Lyon! Acorde! Ela sussurrou. Batendo levemente em seu o rosto e balançando seu queixo, tentando acordá-lo.

- Ele esta doente, disse um dos fantasmas.

- Inconsciente, acrescentou o outro.

Suas vozes eram tão similares a de Lyon, de que era como se ele tivesse falado. Ela sequer olhou para ele, para verificar, ela até olhou para baixo para verificar, mas viu que ele ainda dormia.

- Quem são vocês? Seus irmãos?

Ela balançou a cabeça, descartando sua própria sugestão, pois ela tinha visto seus irmãos em suas memórias naquela noite no hotel.

- Não, vocês se assemelham a ele, não são seus irmãos.

- Nós fazemos parte dele, disseram-lhe em harmonia.

Ambos deram um passo mais perto.

- O... o que vocês querem? Ela gritou.

- Viemos para curá-lo. Através de você.

Ela disparou outro olhar sobre Lyon. Seus olhos permaneciam fechados, o rosto relaxado, e sua respiração era tão rasa agora que mal levantava seu peito. Mal sabendo o que fazia, ela lhe deu um beijo ardente nos lábios, pensando que poderia ser um último adeus.

- Sinto muito por minha parte neste processo. Por favor, não morra, sussurrou ela. - Por favor.

Em seguida, olhando os gêmeos, ela saiu da cama e se esgueirou em direção à lareira, onde ela pegou um atizador. Agarrando-o com ambas as mãos, ela brandia para frente e para trás diante ela como uma espada. Seu olhar disparou entre os dois homens, ameaçando-os com o dano se aproximassem.

Os dois novos Lyon não tinham feito nada para impedi-la de recolher uma arma, mas tinham mudado, estrategicamente para impedir sua fuga.

- Quem são você? Ela exigiu, tentando soar intimidadora.

- Nós somos o que ele prometeu, disse um deles.

- Nós não vamos te machucar, disse o outro, olhando em sua provisional sabedoria.

- Se você se vestir e se afastar da porta, eu poderia dar mais credibilidade a sua alegação. Há cobertores sobre as outras camas.

Eles ignoraram suas sugestões e só ficaram silenciosos e vigilantes.

- De onde vocês vieram? Ela se aventurou.

- Ele nos trouxe, disse o primeiro, olhando em direção a Lyon. - Da mesma forma, que você transformou-se em pedra na floresta, ele pode conjurar seres como nós a partir do éter. Sua *espada* vacilou.

- Como é que você sabe sobre isso?

O outro falou, desta vez.

- Porque ele sabe. Temos suas memórias. Suas necessidades.

- Nós somos dele, eles repetiram.

Eles não poderiam ter sabido sobre o que aconteceu com ela no bosque antes, a menos que eles estivessem dizendo a verdade. *Era realmente muito improvável que Lyon, que estava familiarizado com Nereidas e às vezes era dotado de um falo supérfluo extra, poderá também ser dotado de uma capacidade de evocar um par de salvadores a sua imagem e semelhança?*

Com a vinda desse pensamento, ela começou a acreditar.

- Somos Shimmerskins, o primeiro dos clones continuou.

Desde que ele parecia ter a liderança em suas conversas, ela o chamou intimamente de *One* e seu irmão, *two*.

- A maioria dos de nossas espécies são do sexo feminino. Os machos que ele pode trazer são como nós. Réplicas dele mesmo.

Ele acenou para o seu sócia, que depois foi para Lyon e se sentou ao lado dele. Curvando a mão ao queixo mal barbeado, ele carinhosamente escovou uma mecha de cabelo de sua bochecha.

- Não há muito mais tempo. Ela o ouviu sussurrar.

- Ele precisa que você mantenha a sua promessa.

Disse *One*, puxando a sua atenção de volta para ele. Ele aproximou-se sem que ela percebesse.

Ela deu um passo para trás.

- Que promessa?

A cada passo que dava para trás, ele tomava um outro passo em frente como se tivessem começado uma valsa bizarra.

Dois olhos a fixavam da cama.

- De curá-lo. Para deixar-nos entrar em você.

- Não, protestou ela. - Isso, tudo isso c'est-impossible.

Mas quando se chegou para sua espada improvisada, permitiu-lhe cobrir as mãos com as suas, e ambos ficaram segurando a espada. Suas mãos estavam quentes. Fortes. Vivas. *Como pode ser isso?*

- Você vai continuar casta, ele acalmou. - Como ele prometeu.

Havia um calor novo em suas costas enquanto *two* deixava a cama e veio por trás dela. Ela se encolheu em seu toque, mas as mãos foram gentis em sua cintura, então suavizadas para cima até que curva em torno de seu peito, puxando-a de volta contra ele. Seu corpo reconhecido o reconheceu como sendo o de Lyon e instintivamente começou a ceder.

Seus olhos caíram para olhar fixamente para as mãos de seu irmão como percorriam e amassavam, aprendendo seus contornos aveludados através de seu vestido. Seus próprios dedos flexionados ao longo dela na espada, como se estivesse imaginando que ele a acariciava ao invés.

- Se eu disser não, você vai me obrigar?

Seus olhos se levantaram para os dela novamente.

- Não diga não, ele persuadiu.

Não era uma resposta tranquilizadora, mas algo em seu rosto fez com que lentamente, fosse liberando sua espada. Ele o lançou para trás em direção a grelha, então cobriu as mãos de seu irmão, que se voltaram longe de seus seios para começar a desaperçar a parte de trás do corpete.

Este novo conjunto de mãos estava quente também, e como se estivesse impaciente com a camada de tecido que bloqueava sua pele, encontraram os ombros de seu vestido e empurrou-os fora de seu braço. Descobrimo o colar que ela usava, houve uma pausa, depois levantou-o de seu decote. Seu gêmeo abandonou seus esforços em suas costas, e por um momento, os dois analisaram as contas com mais atenção do que a vertente simples parecia mandado.

- Eles foram dados a mim quando era uma criança.

Ela disse a eles, embora não tivesse pedido. Um olhar estranho se passou entre eles com isso. Mas não disseram nada e quando ela puxou, eles deixam o colar cair de volta no lugar.

Como se fossem um par de experientes criadas de uma senhora passaram a trabalhar em conjunto, preparando-a para tudo o que tinha planejado. *One* prendeu seu cabelo, penteado seus dedos através dele e, em seguida colocou-os a frente sobre os ombros. *Two* foi ágil em suas funções, mas quando o corpete baixou como resultado, ela

puxou-o para o peito. Achando-se ainda confortável na cintura, ela percebeu que ele tinha deixado os botões de lá ainda fechados, impedindo que a roupa caísse. Ela olhou para Lyon.

- Não parece correto, ela sussurrou.
- Que façamos isso, enquanto ele está lá, tão indisposto.

Uma mão ergueu seu queixo, e *One* virou as costas à sua própria imagem, que era uma versão mais saudável do homem na cama.

- Através da nossa entrada em você, Ele irá reviver.

Como exatamente isso se realizará? Ela Pensou.

- Como isso ira acontecer? E por que existem dois de você?

One apenas sorriu levemente, em seguida, a surpreendeu se afastando. Atrás dela, *two* calmamente o observava.

Escolhendo uma cama ao lado da de Lyon, *One* sentou-se na ponta com os pés apoiados em conjunto no chão. No perfil, o seu eixo era quase absurdamente grande e tão grosso quanto seu pulso. A ponta de seu pênis estava alta além do seu umbigo, larga e avermelhada uma maçã. Ele sentou-se com ambos os braços fechados em linha reta e as mãos para trás apoiado sobre o colchão. Âmbar piscavam em sua direção.

- Venha.

Two pressionou nas suas costas e, embora duvidando, ela permitiu que seu desejo fosse maior. Mas quando eles estavam perto do alcance de *One*, ele a fez parar. Ela se esticou, assumindo que um desnudamento completo era iminente.

No entanto, ao invés de remover suas vestes ou empurrá-la para mais perto de seu irmão, *two* ajoelhou-se ali entre as pernas de seu irmão. Levando suas mãos até as coxas musculosas do homem sentado, ele trouxe para atender a virilha do irmão. Lá, os dedos cercaram a raiz de um pau com o mesmo comprimento e largura de Lyon. Varrendo a língua nos lábios, inclinou-o à boca. Na platéia, uma inalação de uma respiração afiada. Sua garganta arquejou e seus olhos fechados flutuaram brevemente antes de reabrirem para assistir.

Os lábios de seu irmão esticados para acomodar a coroa, e o movimento de vai e vem, umedecendo-o. Um olhar de intensa concentração sombreou o seu rosto quando ele então mudou-se para baixo no eixo e levou-o mais profundo, então ainda mais profundo. Quando se aproximava da raiz, ele fez uma pausa, puxado para trás, e então sua garganta angulou diferente, como se o ajuste foi necessário para completar sua tarefa. Seus braços deslizaram em torno dos quadris de seu irmão para abraçá-lo livremente, como os lábios retomou seu curso cada vez mais baixo até que, finalmente, alcançou os pelos macios.

Juliette manteve os punhos fechados no corpete apertado contra o peito, e ela olhou como uma tonta, realmente chocada com o que estava presenciando. No entanto, ela não desviava o olhar. Esse era o tipo de perseguição carnal, que as outras meninas na

Valmont tinham apreciado frequentemente. Um dos muitos que ela sonhava em participar, mas nunca teve coragem.

Two começou a desembainhar seu prêmio, bochechas esvaziamento quando ele retirou-se do eixo escorregadio até que somente o botão da coroa permaneceu escondido dentro de sua boca. Sacudindo a cabeça, ele permitiu que a umidade de seus lábios massageasse o prepúcio pronunciado da coroa. Então, ele envolvia todo o comprimento novamente, e desta vez com mais facilidade. E assim começou um curso onde sua boca e bochechas funcionavam como fole, quando ele pegou e levou, então se rendeu, e começou novamente. Após um momento, seu cotovelo recuou e passou a mão entre as coxas de seu irmão. Ele estava fazendo alguma coisa... Segurando o peso das bolas de seu irmão gêmeo e mimando-as. *One* olhou para o homem que o servia e colocou uma mão sobre sua cabeça, acariciando seus cachos bagunçados.

- Issooo. Assim é como ele gosta. Então, sem olhar para cima, ele falou com ela. - Observe, Juliette. E aprenda. Em breve você vai fazer isso para meus irmãos.

- Oh, Deus!

Seus olhos voaram para a barra corada, angulando corpulenta e alta entre as pernas do homem ajoelhado. A ponta de sua língua escorregou e tocou seus lábios, e ela encontrou-se imaginando. *Como será o gosto? E como ele se encaixaria em sua boca ou em qualquer outro lugar?*

Em sua exclamação, *Two* renunciou a seu irmão com um som de estalo. Ele engoliu visivelmente, lambendo os lábios como se a imitando. Entre suas pernas, o pênis tinha subido completamente agora orgulhoso e enorme, a sua maçã polida e brilhante.

Rostos idênticos estavam voltados para si.

- Ele está pronto para você.

- Venha.

Suas vozes baixas, e encantadoras pertenciam a Lyon. Assim como seus olhos perversos e tentadores sorrisos e suas caixas expansivas e coxas musculosas.

Two pegou a barra de sua saia e puxou-a para mais perto. Ela foi. Em um movimento fluido, então ele balançou a seus pés e levou-a para ficar de frente para seu irmão gêmeo.

One sentou-se e colocou as palmas das mãos largas na curva de sua cintura espartilhada. Fechando os joelhos, ele escorregou entre os dela, em seguida, ampliou-las, puxando-a para mais perto e forçando-a a se abrir para ele.

- Levante sua saia para ele, ele cortejou suavemente. - Para você mesma Todos têm a ganhar com isso.

Por vontade própria, os seus dedos foram para seus lados e lentamente enrolou o tecido debaixo delas. Quando ela começou a subir mais alto, *Two* a ajudou, acumulando a maior parte do material para a tenda das pernas e virilha de seu irmão. Ajoelhado atrás

dela, em seguida, ele palmou levemente a parte de trás de seu joelho com uma mão, e deslizou sua outra palma sob suas saias e para cima ao longo do interior das coxas. Delicadamente, oh, tão suavemente, os dedos se apresentaram no vão entre as pernas. Seus joelhos balançaram as suas mãos desceram para os ombros poderosos do homem diante dela, que agora monitorava o efeito que seu gêmeo estava lhe causando com a intensidade de um gato selvagem olhando sua presa.

No início, apenas o bloco de um único dedo escovou a borda dos seus lábios inferiores. Então, quando ela começou a se abrir para *Two*. Deliberadamente, ele a abriu e colocou um dedo maior, mais longo em seu interior, testando sua prontidão. Sua passagem pulsou sobre ele, uma vez, e então gritou em voz baixa.

- Isso, o seu corpo já jorra para ele, elogiou o homem que a tocava tão intimamente, parecendo tão satisfeito como se tivesse realizado algum truque maravilhoso.

A mão esquerda de sua cintura desceu e mergulhou sob a frente de suas saias e ela soube por sua expressão que tinha encontrado a si mesmo. Suas coxas se coloram mais entre as dela, trazendo seu mais baixo. E então ele estava perto de sua entrada, sua ponta bulbosa tomando o lugar dos dedos de seu gêmeo. Seus lábios virgens beijaram sua coroa e se separaram em boas-vindas hesitantes, ungindo-o com o creme apaixonado de seu corpo. Um rugido feroz jorrou dele neste sabor inicial dela, e outro.

As mãos seguras enquanto ele trabalhou sua crista ao longo do seu sulco de ida e volta, se aninhado mais em seu entalhe liso com cada passagem e enviando ondas de calor de sensação em espiral para cima em seu canal.

Ela olhou para Lyon, encontrando-o inconsciente ainda. *One* tirou a mão esquerda da cintura dela e pegou seu rosto, trazendo de volta o seu olhar ao dele. Então, baixinho, sussurrou:

- Você está pronta para ele?

Ela levou uma respiração rápida, arfante. Então, mãos que ela não sabia de quem era, ficou sob a colméia de suas saias, agarrando seus quadris e coxas e orientando-a na forma de acomodá-lo. Âmbar queimavam quando aquela maçã túmida, ainda molhada da boca de seu irmão, começou a invasão.

Sua racha espaçando e ampliada, valentemente tentando servir de capa para ele.

- Isso é bom, Juliette, tão bom, disse as vozes gêmeas que eram de Lyon, e ainda assim não eram.

Ela fez uma careta, inclinando-se mais perto do seu peito antes de inclinar-se se afastando do iminente empalamento.

- Eu não tenho certeza que posso.

Mas as mãos do amante dela a ajustou sobre ele, de alguma forma e, em seguida ela milagrosamente sentiu sua carne privada engolir em seco e seu botão mergulhou dentro dela.

Quatro gemidos, cada um com uma mistura de prazer e dor infundiram no ar em harmonia ardente.

Ao som da cama ao lado, Juliette olhou para Lyon novamente e viu que ele tinha mudado de posição e estava agora virado de lado e voltado para eles.

- Lyon?

Mas não houve resposta, e seus olhos permaneceram fechados.

- O resto seguirá mais facilmente. Disse o homem à sua frente, puxando seus olhos de volta ao seu.

- Eu vou segurar você para isso. Disse ela, em seguida, engoliu em seco quando o seu pênis recomeçou seu ingresso. Acariciando o cabelo dela e acariciando seus ombros e costas, *Two* sussurrou incentivos macios para ela enquanto seu irmão gêmeo abria seu túnel cada vez mais e mais ainda, até parecer que ele nunca iria terminar chegando dentro dela.

O seu corpo lutava para aceitar a plenitude, e ela rodeou seu pescoço para que os seus dedos encontrassem sua nuca.

- É demais.

- Relaxe, acalmou o outro homem por trás dela. Suas mãos foram sob a saia novamente, curvando-se sobre os ossos dos quadris para alterar a sua posição pela segunda vez em seu irmão gêmeo, da mesma forma que tinha antes angulado sua própria boca nele.

- Você foi feita para ele, *One* murmurou, e seu polegar entrou entre suas barrigas para escovar o broto inchado na frente de sua fenda alongada.

Quatro mãos masculinas, em seguida, começaram a levantá-la e abaixar-la em um movimento de rolamento macio e depois avançou para baixo um intruso, implacável persistente. Algo estava diferente agora. Com cada jogada, o clitóris arrastado contra o pólo masculino e com a sensação provocada.

E ela ainda teve mais. Começou a querer mais. Crave mais.

Suas pernas apertadas em torno dele, ajudando-a a mover-se sobre ele quando ele procurou abrigar em seu gutural abraço.

- Estamos quase lá. Sua voz persuasiva. E então, no seu grito suave, ele afundou em sua casa e plantando-se nos lábios inferiores e molhados, o beijo de boca aberta com sua virilha. Incrivelmente, ela tinha tomado todo ele. Ela descansou a testa em seu queixo, querendo afastá-lo, mas tentando se acostumar com ele, na esperança de que as coisas fosse melhorar mais tarde.

Sua mão na curva do pescoço e os lábios se voltaram para seu ouvido, seu hálito fresco enquanto falava.

- Você não era virgem.

- O quê? Sua cabeça empurrou para trás, assim ela poderia procurar os olhos. Ela não sentiu nenhuma lágrima, nenhum rasgo de sua membrana.

- Havia sangue em suas coxas.

Two confirmou.

- Antes, dele entrar em você. Sangue de Virgem.

Esfregou seus ombros, tentando consolá-la. Mas não havia maneira de corrigir isso. Ela olhou para o Lyon, que dormia, alheado. *Era sua imaginação ou sua pele parecia um pouco mais saudável agora?*

- Você jurou que não iria acontecer! Ela gritou para o quarto em geral.

Então ela bateu em seu peito antes de apoiar as duas mãos em seu tórax e tentar arrancar-se do colo que a apoiavam. Sob o vestido, sentiu um aperto de suas mãos, mantendo-o com segurança dentro dela. Ela estremeceu e empurrou a mão dele de seu quadril direito. Tow cutucou a saia de lado e encontrou a contusão púrpura lá.

- Você caiu? Perguntou ele. - No bosque?

Ela encolheu os ombros e deu um aceno, irritada.

- Sim, e daí? Deixe-me ir.

Os olhos de *One* encontraram os de seu irmão sobre seu ombro.

- Você caiu de uma forma que era muito chocante para a sua delicada membrana suportar. Disse a ela. - Não fui eu que tirei isso de você, mas o acidente de antes.

Sua luta vacilou enquanto ela se lembrava de como tinha apertado seu abdômen após o cossaco te-la agredido. *Meu Deus! Como era injusto!* Mesmo que ele não tinha conseguido estuprá-la fisicamente, ela parecia ter perdido a sua virgindade à Rússia depois de tudo.

A noção de que ela não era mais virgem reverberaram em sua mente, colocando-a em pânico. Embora ela certamente não tivesse intenção de voltar para Valmont nunca mais, era de certa forma, assustador ter que sair tão firmemente cortada. Ela não podia deixá-lo encontrá-la novamente. Não agora que a circunstância do seu corpo estava tão alterada. Ele consideraria uma traição e iria puni-la, vê-la presa ou morta. Não, ela não poderia mais pensar em voltar, mas só olhar para frente. Independentemente de quem foi a culpa, ela tinha que aceitar que ela estava mudada.

Após esse pensamento, um grande peso a deixou e ela percebeu que sua emoção foi superior a de um simples alívio, profundo. Já não teria ela que se preocupar sobre essa mercadoria, frágil feminina. Já não teria ela que a guardar de forma tão árdua.

Ela estava aberta. Ela passou seus quadris. Abertos.

O membro do estóico residente que a sustentava se contraiu em resposta, ansioso e pronto. O homem que ela montava ficou observando-a, esperando, e agora lia corretamente a sua vontade de continuar com ele. As amarrações passadas na cintura de

seu vestido escorregaram livres e seu vestido foi tirado dela e jogado fora, deixando apenas o revestimento pobre da camisa e do espartilho.

Com uma mão na parte inferior de sua coluna para mantê-los juntos, *One* manobrou-se mais sobre o colchão até as costas dos joelhos conheceu sua borda e panturrilhas totalmente descansado sobre a roupa de cada lado dele. Deitando para trás, ele a levou com ele e com as palmas das mãos colocou seus braços ao redor dele.

Suas mãos grandes foram a seus quadris e começou a balançá-la sensualmente, ensinando-lhe a montar seu empalamento em um curso vigoroso semelhante ao que tinha anteriormente desfrutado de seu irmão. Seus cabelos caíam em ondas em torno de seus ombros, suas pontas varreram seu tronco, enquanto ela seguia suas instruções cuidadosamente.

Ao seu lado, *Two* deitava apoiado em um cotovelo, oferecendo louvor suave e acariciando o relevo de seu corpo perto de seus seios, pela costela, quadril e coxa. Em seguida, deixou de tocá-la um instante depois o colchão desceu quando ele chegou ajoelhando a sua frente. Uma mão facilitou sob a queda de cabelos para afastá-lo para sua nuca e as pontas dos dedos levantaram seu queixo. Quando seus olhos encontraram seu pênis, ela de repente percebeu por que *Lyon* tinha convocado gêmeos.

Eles não estavam planejando se revezar com ela. Eles iriam desfrutar dela juntos. Uma emoção ávida evoluiu através dela. E então seus lábios se apartaram e alongaram em torno do novo pênis e foi deslizando sua língua e trazendo consigo o sabor e a memória deste fantasma do criador.

"Isso é bom," *Two* sussurrou. Suas mãos seguravam a cabeça dela e ela vinha mais profundamente, permitindo que seu pênis alargasse os lábios e enchesse sua boca. E ela ainda tomou mais. Algumas polegadas longe de sua raiz, ela fez um protesto, macio e ilegível.

- Relaxe, ele acalmou, puxando para trás. - Respire.

O toque de seu irmão começou a vaguear, tranquilizante e forte quando ele massageou os seios que espreitavam do espartilho e, em seguida, arrastou de volta para o agarre de seus quadris. O ritmo de sua germinação havia diminuído e era lento e firme agora, calculados para mantê-la equilibrada no fio da navalha da necessidade, mas não permitindo que ela caísse em êxtase sobre ele com sua conclusão. Ela queria um passeio mais duro, mais rápido, mas era impossível falar e pedir que a montasse assim. Sob sua tutela, combinado, ela começou a respirar pelo nariz e relaxar os músculos que tinha tido conhecimento que ela poderia controlar e, em seguida o pênis mergulhou de boca em sua garganta. Âmbar brilharam para ela, intensos e picantes, como um serviço olhava seu irmão gêmeo. E então ele foi arrastando ela até o seu próprio comprimento até que ela quase perdeu a coroa, e, em seguida, forçando sua parte inferior para engoli-lo novamente, mais e mais. As mãos a morderam nas coxas, separando-as até que ela foi aberta à sua rotina. Logo, sua barriga estava afinada com o seu creme, e sua tomada tornou-se uma lâmina lisa que esfregou seu clitóris com cada curso delicioso.

Ela se acomodou no ritmo suculento de montar e chupar, e quando ela começou a chocar em direção ao orgasmo, a compulsão de fechar as pernas era forte. Mas *One* a controlava agora e ela só poderia ir junto em sua viagem.

two flexionava os dedos em sua nuca enquanto ele próprio se impulsionava em sua boca com força crescente. Seu rosto inchou a cada mergulho e ficou oco com cada retirada.

Sob ela, a foda tinha virado um feroz. Apenas realizando o que ela queria mais cedo! Todo seu pensamento, cada suspiro, cada célula diminuiu para se concentrar apenas na emoção passional trazido para ela por cada estrondo úmido de seus quadris. Um rolo afiado, desesperada necessidade torcida dentro dela e os dedos agarrados na roupa de cama, apertando os olhos fechados enquanto seu corpo esticava em direção...

Um gemido estrangulado a deixou, quando duas braças de pênis lanceados em suas profundidades estremeceram. Aprontando. Seus amantes fecharam dedos, mãos e braços apertados em volta dela. Um segundo depois em um só fôlego, gritos masculinos dividiram o ar quando sua paixão quebrou e eles atiraram-se em seu corpo quente, intermitente, jorros aparentemente incessantes.

Músculos internos que ela não sabia que possuía contraíram sobre eles com lasciva, ordenhando como se fossem punhos. Quando ela teve com eles, eles deram até que ela estava tão cheia de sabor e seu perfume e a maravilha de tudo que ela derrubou se derrubou e bateu em sua própria onda de alegria concupiscente. Mesmo ainda pulsando em seu irmão, *Two* já estava escorregando de sua boca. E com um beijo nos lábios femininos que tanto lhe deram prazer, e com um sorriso triste que parecia uma despedida, ele saiu da cama.

Ela e seu irmão permaneceram até sua fenda inferior estava sufocando e ofegando e engolir com o ataque de sua fuga e sua vinda. Um protesto frágil a deixou quando ele cuidadosamente levantou-a de seu regaço antes ela estivesse pronta para ir, e ficou aos pés da cama. Tendo ficado aberta sobre ele muito tempo, suas pernas estavam quase relutantes em se juntarem mais uma vez. Em pé atrás dela, enganchou os braços ao seu redor, por isso os ombros foram jogados para trás e os braços eram vagamente protegidos por trás dela. Seus olhos fechados, e com um suspiro de contentamento, ela deixou sua cabeça descansar no seu ombro.

E depois um outro corpo estava ante ela, um corpo um pouco mais humano do que seus outros amantes tinham sido. Seus cílios se abriram.

- Oh, Dieu! Lyon!!

Seu olhar aquecido com a visão de sua aparência devassa perambulou por seus seios lavados que pulsavam altos sobre seu espartilho e observava a blusa transparente que levemente velava sua barriga e coxas. Longas ondas pálidas de cabelos enrolavam-se e tinha tentáculos dele e pendendo soltos enrolavam em torno de seu rosto. As bocas e mãos de seus irmãos tinham marcado sua pele e era liso com a dificuldade de seu próprio desejo.

Âmbar brilhante encontraram os olhos de esmeralda, e sua boca ligeiramente curvada, em um sorriso sensual. As costas dos dedos levantaram-se para seus mamilos acariciando, escovando para frente e para trás, depois de prolongada carícia enrolou-os entre os dedos puxando os bicos. Uma deliciosa sensação chegou diretamente ao seu núcleo, despertando o pulsar desvanecido de seu clímax recente.

Ela fez como se fosse abraçá-lo, mas os braços dela foram contidos. Ela acalmou, de repente, sentindo a antecipação do homem atrás dela e sabendo o que pressagiava. Seus olhos percorriam a face de Lyon, ao ver o rubor renovado da boa saúde.

- Você está melhor?

Mas ele só balançou a cabeça quando os braços lentamente se enroscaram nela e de seu irmão, e as palmas das mãos deslizaram para baixo da curva sobre sua cintura. Seu comprimento intumescido colidiu com sua barriga quando ele se inclinou para acariciar a inclinação da sua garganta.

- Você tem o gozo de outros homens. Eu posso cheirá-los em você.

Assustada por esta declaração, ela soltou um huff. - Uma situação que você engendrou.

- Sim. Mas você gostou, não é?

Seus lábios se abriram em sua pele e ele a beijou, sugando levemente. Suas mãos em seu traseiro se flexionaram acima de seus círculos, e as palmas das mãos e os dedos começaram a explorar suas formas.

- Sim, ela sussurrou, apreciando o seu toque sobre a sua nudez. - Sim.

Mudando as pernas mais amplas, ele mergulhou por isso e a coroa de seu pênis pegou a bainha de sua camisa e empurrou-o entre as coxas delgadas que estavam lavadas com o gozo de seu gêmeo. Ele gemia e começou a sua rocha, lavrando seu comprimento na bainha ao longo de um sulco que ainda tremia com a emoção do pênis que havia se retirado recentemente.

- Eu posso prová-los em você. E sinto que eles estiveram, aqui, entre suas pernas.

Umm. Ela relaxou contra o peito atrás dela novamente, e os olhos semicerrados tremularam neste novo prazer suavemente rascante.

Quando Lyon ergueu a cabeça, foi para olhar além dela para o irmão. Um olhar estranho se passou entre os dois homens, e havia um brilho primitivo em seus olhos quando eles encontraram os dela novamente. Sua massagem em seu traseiro tornou-se um traço mais dominante, uma vez decidido massageou... duas vezes ... três vezes.

E então, com delicadeza requintada, ele espalhou sua fissura, em convite.

Desconfiada agora, ela se endireitou, mas os lábios sobre ela, murmuraram acalmando-a. Seu irmão lançou seus braços, depois deslizou a mão para a barriga para levantar a camisa na orla e expô-la.

Ela exalou profundamente, Lyon, quando de novo, a ponta do botão de veludo apontou para cima a partir do seu curso entre as coxas e perfurou sua fenda feminina.

Um gemido erótico retumbou dele quando sua coroa grossa pressionou, abrindo e esticando os lábios ainda sensibilizados pela utilização de seu gêmeo. Suas dobras rosa suspiraram e acariciaram, tentando atraí-lo mais ainda, ansiosas para mostrar o que tinham aprendido. Mas se conteve, permitindo-lhe um gosto só por agora. Com as coxas tensas ao seu redor sentiu a maçã de seu irmão, se balançar no molhado e enrugado buraco seguro por Lyon e pronto para ele. Olhos esmeraldas se abriram e se agarravam no âmbar, em busca de reafirmação, quando aquele outro pênis ainda molhado pelos fluidos de sua vagina e seu próprio gozo, estimulou a abertura resistente em sua parte traseira.

Ela colocou suas mãos sobre o peito esculpido ante ela, os olhos fixos, enquanto ela esperava trêmula pelo que viria. Lyon a beijou então pressionando a boca aberta que o outro dos seus irmãos fantasma tinha fodido, e ele provou a sua paixão e hesitação, e sua curiosidade.

A pressão desta segunda, invasão de estranhos teve sua ascensão na ponta dos pés e fecho a boca mais apertada ao seu. Então ele engoliu o seu grito na mordida, liso afiado que acompanhou a dilatação de seu anel.

E quando o botão de seu irmão escorregou para dentro, Lyon também a penetrou de forma que ela tinha os dois em cativeiro dentro dela.

Dois pares de mãos masculinas encontraram sua cintura e quadris, e uma dupla e lenta penetração começou. Outro gozo aliviou o calor de Lyon, mais profundo, mas sua entrada foi medido, estabelecendo um ritmo que seu irmão gêmeo correspondia. A sensação tátil de seus pênis ingurgitados, tão fortemente amarrado e atado com as veias, perfurando inexoravelmente dentro dela foi incrível. Ela sentia a tensão dos torsos musculosos em seu peito e costas e sabia que esses homens eram mais cautelosos com ela do que suas naturezas pediam. E ela cedeu e rendeu-lhes ainda mais, com suspiros e gemidos suaves, até que, finalmente, encontrou-se duplamente empalada.

- Ahh, Juliette, gemeram seus amantes aquelas vozes que eram tão parecidas.

- Dieu.

Ela estava calma, quase com medo de respirar e explodiu a partir de nela.

Lyon a beijou apaixonadamente e profundamente, e seu irmão, escovou os cabelos de lado e apertou a boca em sua garganta no encontro com o ombro.

Ela devolveu o beijo, tão cheia que ela queria gritar com eles para deixá-la. No entanto, quando inverteu seu deslizamento, ela reciprocamente quis que eles voltassem a ocupá-la. Lyon colocou o andamento do seu avanço carnal que aumentaram progressivamente em vigor e força. Imprensada entre eles, ela sentia o agrupamento de músculos dos abdômes enrijecendo enquanto os pênis endurecidos eram empurrados e recolhidos em sincronia, precisa paralela.

E logo seus eixos giravam mais quente, mais selvagens. Com cada empurrão, seus pênis beijavam tão duros e tão profundo que ela foi levantada de seus pés. O ar parecia vazar da sala quando um segundo orgasmo floresceu dentro dela.

Como se sentisse que ela estava perto, ambos se retiraram, recuando até agora e rápido que seus canais e aspirado seus botões esmiuçadas as suas portas. Então, como um, eles foram para casa, e três corpos se fundiram em um êxtase, furioso e perfeito.

Quentes jatos de sêmen pulsavam dentro dela, o iniciando o pulso de sua própria contração, então aumentou a agonia tenra até que sua visão escureceu e centelhas de luz pingaram fragmentadas. Se não fosse os corpos de ambos os lados, ela teria caído de joelhos. Os braços masculinos que a envolviam estremeceram quando grandes espasmos balançaram seus amantes gêmeos. Abafando, lágrimas de gratidão de seu sêmen a encheram, em seguida, chorou dela, escorrendo do interior das coxas.

Finalmente, ela sentiu o homem por trás beijar seu cabelo, em seguida, puxar o pênis para fora.

- Grazie, ele sussurrou na voz sedutora de Lyon. E então ele foi embora e só ficou Lyon.

Ela cedeu contra ele, batendo a testa no peito, sua respiração entrando em arfadas, na seqüência de seu coito. Longos momentos depois, ele ergueu-a em seu colo e levou-a para a cama mais próxima, enrolando-a nos braços. Ela estava ali, diante dele, tão esplendidamente repleto que se sentia incapaz de se mover. Agora e depois, seu corpo ainda tremia involuntariamente sob o impulso sutil de um orgasmo que ainda não havia cessado completamente.

Perto dali, o fogo pegou e da escuridão fora, veio a música orquestral de pingos de chuva e trovoadas. Eventualmente e finalmente sua respiração arfante desacelerou e estavam deitados lado a lado, contemplando um ao outro em silêncio sociável.

Correu o dorso dos dedos ao longo da pele dourada de sua barriga tensa e mais baixa, sentindo-se no ninho macio de que ele estava úmido, com pérolas da sua vinda. Encontrando a base de seu eixo, ela traçou o seu comprimento. Ele ainda estava duro.

Seus olhos encontraram o seu, uma questão em si.

- Mais tarde, ele murmurou, acariciando seu rosto. - Descanse.

Então, sem olhar para longe dela, ele tocou a contusão no quadril, como se ele tivesse aprendido com os seus irmãos que ela estava lá e compreendeu o que significava.

- Eu sinto muito.

Ela encolheu os ombros, não querendo falar de sua perda agora. Isso era passado. Aqui, encontrando-se diante dela, estava o seu futuro. Talvez. Não sabia se ele a queria só para esta noite, ou por algumas noites, ou por todas as noites que estavam por vir?

- Chega de dúvidas, ela murmurou, virando-se no estômago colocou-se em cotovelos para olhar para ele. - Explique-me o que você é para poder invocar outros seres do nada.

- Ah! Ele caiu de costas, tomando-a com ele e puxando-a para deitar em seu peito. Depois de uma pausa, considerando, falou. - Você sabe alguma coisa sobre os sátiros mitológicos?

Ela apoiou o queixo sobre o punho em cima de seu peito para ver melhor o rosto.

- Os seguidores de Dionísio? O deus do vinho?

Ele balançou a cabeça.

- Ou Bacchus na Itália, mas eles são o mesmo. Os Sátiros têm sido seus discípulos desde tempos imemoriais. Fez uma pausa, olhando para ela, então continuou quase relutantemente. - Meus irmãos e eu somos seus descendentes. Mesmo hoje, protegemos o seu legado em nossas terras, as videiras iniciada por ele e um portão que fica entre o seu mundo e este.

Seu agarre sobre ela se apertou enquanto falava como se ele suspeitasse que ela poderia fugir à sua partilha desta notícia, mas ela relaxou novamente enquanto ela só digeriria com calma o que ele disse a ela. Ela tinha mais perguntas, é claro, e perguntei-lhes como eles chegaram a fazer. E ele respondeu aberto e fácil, como tinha sido em Valmont, antes de sua doença. Com o tempo, eles cresceram calmamente novamente.

Estudando seu rosto, ele acariciou seus cabelos, e encontrou um seio macio espreitando entre as longas mechas, começou a brincar com braços cruzados até que ele firmou com o seu toque. Outro lado alisado para baixo a inclinação de suas costas e sua expressão aquecida.

- Você pode me levar de novo? Ele perguntou em voz escura e sedutora. - Onde meus irmãos tiveram você?

Ela sorriu lentamente, querendo.

E assim foi durante toda a noite, eles conversaram, e comeram e dormiram, e se amaram.

Como se fossem as duas únicas pessoas que importavam, e que eles fizeram juntos aqui era uma atividade privada removido costumes sociais ou censura.

O mau tempo tinha tornado a cabana um refúgio acolhedor, íntimo. Seu mundo tinha se tornado menor e mais seguro, para o momento.

Ela tinha-lhe dado o dom da vida, e como o amanhecer se aproximava, ele deu-lhe um presente em troca, explicando os fatos de suas origens e enchendo-a com admiração a surpreendente notícia de que seu pai tinha sido um rei.

O sol veio e foi, novamente, e depois outro como ele. E ainda ficou perto, abraçando, acariciando, e juntando os seus corpos com tanta frequência que logo nem sabia onde um começava e o outro terminava. Foi um momento de partilha de beijos. E partilha de confidências, pelo menos alguns deles. Alheio à passagem das horas, eles só reconheciam um ao outro.

Então, com o próximo amanhecer, a carruagem retornou.

CAPÍTULO 14

EarthWorld, Toscana, Itália, novembro de 1823.

- Bem-vinda à minha casa, disse Lyon, com satisfação em sua voz.

Juliette olhou ao redor da grande sala que tinha entrado, tentando não bocejar. Para o interior do seu castello foi um desastre inesperado. Embora esta sala e a adjacente fossem enormes, quase nenhum mobiliário na habitação havia sido escolhido para o conforto, em vez do estilo. E tudo parecia tão antiquado que não poderia ter sido escolhido na história recente.

Vários implementos utilizados no cultivo de uvas ou na produção de vinho foram estabelecidos aleatoriamente aqui e ali, indicando que esta mansão com piso de mármore, e lustres pendurados funcionava como um espaço de trabalho tão facilmente como o faziam um alojamento. Era fácil ver que não só todos os seus esforços foram dirigidos para fora da portas, mas que ele também conseguiu trazer o exterior, para os ambientes fechados.

Quase uma hora antes do seu transporte atingiu sua casa, ele mostrou os limites da propriedade Satyr para ela como delineada por um imenso muro de pedra de quase seis metros de espessura, um vestígio de antigas fortificações. Uma vez lá dentro, eles passaram por várias ruínas, loucuras, estátuas e gazebos em sua abordagem aqui.

Embora fosse outono, o ar estava sanzanoalmente moderado dentro das terras e haviam tapetes expansivos de floração phlox, vinca, valeriana, ivies diferentes, samambaias e gramíneas. Frutas e ervas, que em outros lugares só cresciam na primavera ou no verão, ainda pareciam estar prosperando aqui, apesar da temporada. Na distância que havia montes intermináveis que foram retalhados e terraços com videiras, indicando que suas terras arrendadas eram muito mais extensas do que a da família de Valmont tinha sido.

E, depois de ver tudo isso, Juliette tinha ficado ansiosa para entrar em sua casa, apenas para escapar da profusão da natureza. Viajando quase duas semanas com ele, ela tinha acostumado-se um pouco com todas as coisas bucólicas, mas ainda encontrava-a vagamente ameaçadora.

Eventualmente, ela tinha sido aliviada ao notar que o selvagem de cipreste, espinheiro-alvar, e vinha em sua terra foram dando lugar aos jardins do domador, mandris, e calçadas.

Então, este magnífico Castello tinha entrado em vista, e ela tinha visto que era composto de um conjunto de cinco torres majestosas que de alguma forma se reuniu em uma maneira agradável como visto à distância. Suas paredes exteriores eram de granito, fortemente raiado com ferro e até mesmo traços de ouro que brilhava à luz do sol e que lhe deu um elenco esplêndido régio. Escudos heráldicos exibindo o brasão de armas Sátir ancestrais foram esculpidos em intervalos, alternando com medalhões

representando animais selvagens, principalmente gatos selvagens, como leões e panteras.

Desde que a sua propriedade e o exterior de sua casa haviam sido tão impressionante, ela esperava que o interior fosse também, e foi em grande parte.

Os quartos em si, pelo menos o que tinha visto deles, foram elaboradamente projetados com acabamentos de madeira brilhante misturado com toscana e mármore Carrera. A torre central dramático subiu acima deles e sua escadaria sinuosa, completo com um tapete brilhante e um parapeito decorativa, levou o olho para cima.

- Há uma sala de visualização no topo, disse a ela vendo a direção do seu olhar.

Ela esperou que o horror a varresse com o seu frio, mas ficou surpresa ao descobrir que a idéia de olhar para uma paisagem natural era muito menos repugnantes que ela teria pensado só há duas semanas.

Ele colocou um braço em volta dela e a abraçou com entusiasmo quase infantil.

- O que você acha?

- É o mais belo imobiliário que eu já vi. Mas você poderia ter me avisado.

Disse ela, apenas metade arrelia.

- Você descreveu-o mais como confortável e simples.

- É, não é?

Lyon afastou-se ligeiramente para olhar ao seu redor, e viu que ele parecia perplexo.

Ele parecia estar realmente impressionado por suas próprias participações de luxo, como só uma pessoa que tinha crescido rodeada de tanta grandeza poderia ser.

- Entretanto, continuou ele, - Agora é a nossa casa, e você pode alterá-lo como quiser.

Juliette ignorou sua observação aguçada, pois ele tinha soltado dicas similares antes. Ele não fazia segredo do fato de que esperava se casar com ela.

Logo, ela teria que dizer-lhe que isso era impossível e os motivos, mas ainda era muito covarde, então ela continuava a adiar.

Embora ele garantisse a ela que ele não teria saúde integral até que a próxima lua cheia chegasse, olhou para caber a ela, e bem capaz de resistir a suas explicações. Exceto por algumas falhas de memória, ele parecia o mesmo de sempre. Essas falhas eram estranhamente seletiva, ele não lembrava nada de seu encontro em Valmont, até agora, e ela disse-lhe apenas o que era necessário para que uma petição de um investigador em Paris iniciasse uma busca para Fleur. Talvez quando seu relatório chegasse, ela revelaria sua própria notícia infeliz.

Eles passaram dois dias até que o cocheiro os havia resgatado, entregando-se ao que só poderia ser descrito como uma orgia de experiências amorosas. Parecia perfeitamente normal na época como ela ficou imersa nela, e ela se assustou ao perceber que ela

queria ficar lá na rústica cabana de caça no meio da floresta. Não, lá a realidade tinha sido suspensa. Este homem foi era completo e gloriosamente dela e ela dele. Aqui, a relação era incerta.

Dez dias de viagem se passaram desde então, e ele foi dentro dela quantas vezes quis, apesar de seus compromissos tinham necessidade de ser menos freqüentes em sua rota que antes. Ele recuperou gradualmente a força, exatamente como havia explicado que aconteceria através de seu gozo em sua cama. Embora a cama não fosse muitas vezes o local para as suas inclinações amorosas tinham levado até então. Uma carruagem, um banco, um chão, uma mesa, uma parede, todos eram locais adequados e estimados para suas perseguições íntimas, e ela descobriu que ele estava certo.

Um funcionário se juntou a eles naquele momento, e ele deu as instruções a respeito de seus banhos ao homem, pois ele tinha tido algumas roupas selecionadas para ambos em uma loja ao longo de sua jornada. Então ele voltou para ela e inclinou a cabeça para olhar o quarto mais uma vez, como se tentasse ver através de seus olhos.

- Este lugar é sólido. Confiável. Como eu sou. Mas você é livre para fazer qualquer alteração na preparação de qualquer um de nós, dentro da razão.

- Só peço que você não volte nossa casa em uma pista de obstáculos, recheada com objetos frágeis que eu deva constantemente evitar ou então encontrar-me-ei desculpando-me por sua destruição inadvertida.

Antes que ela pudesse decidir como responder, houve uma briga na porta e uma garota apareceu.

- Lyon! Você está em casa!

Ela gritou, correndo para enlaçar sua cintura. Ele acariciou seus cabelos e devolveu o abraço. Ela parecia ter uns treze anos, com olhos que eram brilhantes e inteligentes. E era claro que Lyon era um dos favoritos dela.

- E você trouxe Juliette!

A menina correu para ficar diante dela, onde ela derrapou para executar uma reverência bastante desanimada.

- Nicholas leu a carta de Lyon para nós, e eu mal podia esperar para você vir!

- Oh, disse Juliette. - Você deve ser Emma?

- Oui! Bonjour! Isso é francês, e aprendi ainda mais com este livro, para que possamos ter uma conversa.

Ela segurava um livro que deu o título francês de conversação para jovens senhoras.

- Mais tarde, Emma, uma vez que Juliette se estabeleça. Lyon interrompeu. - Agora me diga, você tem cuidado de Liber e Ceres na minha ausência?

- Oui! Eles vão ficar tão contente ao vê-lo!

Este jogou ela por cima do ombro enquanto ela correu em direção aos fundos da casa. Após sua saída, um homem e uma mulher apareceram na porta da frente.

- Você parece medonho, a mulher disse a Lyon, seu rosto uma imagem de preocupação.

Ela era bonita e delicada, os braços quase se alcançando em torno de seu volume enquanto o abraçava as boas-vindas.

- Sua esposa tem muito jeito com as palavras, Lyon disse ao homem que a acompanhava.

- No entanto, ela está correta, ele respondeu.

Este, ela sabia, de ter perscrutado o cérebro de Lyon, era seu irmão mais velho, Nicholas. Em uma aldeia ao longo de sua rota, Lyon havia escrito uma carta para ele, informando-o da data prevista da sua chegada. Juliette estava preocupada sobre como ela seria recebida, mas a mulher e a menina, pelo menos, pareciam amigável. No entanto, Nicholas era um bocado demasiado bonito e intimidante para ser tão facilmente lidos.

Surpreendente, de repente os olhos azuis voltaram-se para ela quando ele dirigiu uma pergunta a sua maneira.

- O que você tem feito para o meu irmão?

Surpresa ao ser incluída na conversa, e de tal maneira, Juliette naufragou por uma resposta.

- Enfermagem para trazer ao meu estado atual de boa saúde, Lyon forneceu antes que ela pudesse falar. - Asseguro-vos que eu parecia muito pior antes de minha viagem para casa com ela começasse.

A mulher sorriu para ela e, em seguida, veio a tomar suas mãos.

- Bem-vinda irmã, ela disse em voz culta. - Eu sou Jane, e este é meu marido, Nicholas, e a moça espevitada tracejando por aqui há pouco é a minha irmã Emma. Lyon disse algo sobre nossas relações?

- Sim.

Seus olhos vaguearam em seus rostos, em busca de semelhanças.

Jane agarrou seu braço sociavelmente e olhou melancolicamente em torno do grande salão.

- Eu sugeriria que nós tomássemos chá, mas Lyon tem uma decoração um pouco escassa que faz o entretenimento difícil. Espero que você faça algumas melhorias na sua situação de vida, por vezes, me desespero com ele.

- Eu lhe dizia que ela é livre para fazê-lo, Lyon lhe informou.

Nicholas resmungou algo que soava como se ele estivesse dando graças aos céus com essa notícia.

- Só não olhe para o meu irmão mais velho para um conselho decorativo, avisou Lyon, tendo ouvido seu irmão. - Por que ele escolhe para residir em um museu.

Os lábios de Nicholas se curvaram ligeiramente, revelando um flash de dentes brancos.

- Pelo menos um museu tem lugares adequados.

- Você é Inglesa? Juliette perguntou, balançando os olhos de volta para Jane.

Ela acenou, sorrindo.

- Sim. E você é francesa, Lyon, disse em sua carta. Nosso pai certamente viajou longe para trazer-nos a vida. Jordan é italiana. Ela é nossa terceira irmã e vai voltar para o rebanho em breve, espero. Raine foi apenas para recuperar-la de Veneza

Essas pessoas pareciam ser reservadas e pertencerem a um clã. Mas eles facilmente pareciam aceitá-la em seu rebanho e supondo que ela ia casar com Lyon.

- Raine se foi? Ouviu Lyon perguntar, porém, foi mais uma afirmação que uma pergunta.

- Si. Sua necessidade de viajar é a razão pela qual chamei você. Ele partiu em sua incumbência ontem uma vez que sentiam que estavam dentro do intervalo de um dia. Jordan está em algumas dificuldades e deixou a propriedade por conta própria. Ele foi atrás dela, é claro, mas ele deixou-nos com algo para cuidarmos na sua ausência.

Os olhos Lyon brilharam. - As vinhas enxertadas?

Nicholas olhou para Juliette, como se buscando certeza se podia ser confiável. Nenhum deles sabiam que ela já tinha recolhido essa informação e muito mais de Lyon no seu hotel, enquanto ele dormia.

- Você pode falar livremente na frente dela. Ela sabe tudo o que eu tive tempo de dizer a ela e eu pretendo que ela aprenda o resto, mais cedo ou mais tarde.

Nicholas balançou a cabeça, muito facilmente satisfeito. Se ela tivesse concordado em ser um instrumento de engano Valmont, eles teriam feito seu trabalho muito fácil.

- Eles estão prosperando, respondeu ele, em resposta à pergunta implícita de Lyon.
- Até agora. Nós temos uma dezena iniciada no vale.

- E quando vai a leilão?

- Esperamos reunir um centena de pessoas aqui para ele e revelar as novas vinhas seis semanas a partir de agora.

- Tão logo?

Nicolau encolheu os ombros.

- Raine prometeu voltar com Jordan até lá, e eu confio que ele vira. Ainda assim, sem ele nós somos poucos. Nós ainda temos que contratar um chef e existem dezenas de detalhes de gerir. Com Jane envolvida com meu filho e família, houve pouco tempo para orquestrar tudo.

- É minha responsabilidade, disse Lyon.

- Eu vou lidar com isso agora que estou em casa. Como acontece Juliette é uma excelente chef tenho observado que ela é extremamente talentosa em organização durante nossa viagem.

Todos os olhos se voltaram para ela. Mas ela estava sacudindo a cabeça antes mesmo de Lyon terminar.

- Tende piedade, Lyon disse bajulador, seu considerável charme ricocheteando acima de um entalhe.

- Meus irmãos e eu alternamos no encargos dessa função. Esta temporada é a minha vez e eu me desespero em conceber estas coisas.

- Asseguro-vos que meu irmão não esta mentindo, disse Nicholas, ganhando um olhar ameaçador e bem-humorado de seu irmão.

- Você não pode contratar alguém para ajudar? Disse Juliette.

Estou tentando, disse Lyon.

Seu coração começou a corrida com emoção. Ser colocada no comando de um caso como este seria um sonho. Mesmo que ela não pudesse vê-lo até a conclusão, ela poderia defini-lo no caminho certo para outra pessoa continuar depois.

- Quem fazia essas coisas para você no passado?

Lyon balançou uma mão indiferente no ar.

- Um chef ou outro. Com toda a justiça, eu advirto que essa é uma grande empreitada, exigindo não só as competências técnicas de gestão, mas cozinhar bem. Nós prendemos esses entretenimentos duas vezes por ano. Depois de um fim, o planejamento para a próxima começa. No entanto, esta é uma função adicional, mais modesto, a fim de que possamos apresentar nossa solução para a filoxera a outros viticultores e induzi-los a começar seus próprios plantios antes da primavera."

Aquecendo-se a proposta de seu irmão, Nicholas continuou.

- Raine irá introduzir as plantas que ele tem enxertado e preparar todos para o vinho que iremos produzir com eles. Normalmente, seriam necessários vários anos para as videiras novas para amadurecer, mas temos um outro modo para conseguir estas coisas...

Houve uma pausa carregada.

- A questão é, será que o gosto das uvas novas será aceitável, disse Lyon.

- Os franceses são esnobes notórios quando se trata de vinho.

- Oh? Disse Juliette.

Tardamente recordando sua herança, ele atirou-lhe um sorriso de provocação.

- Pardonnez-moi. A presente francesa é uma exceção.

Virou-se então, com o rosto envolto em sorrisos quando ele olhou para além dela em direção a porta traseira vazia.

- Liber! Ceres! Gritou.

Juliette girou a tempo de ver duas panteras negras pularem e avançarem para ele ficando com as patas no peito e nas costas, como se fossem suportes para livros e ele, um livro. A força do seu peso teria derrubado qualquer simples mortal, mas Lyon nem se mexeu sob ele.

- Senti falta de vocês, ele informou-os, começando a algazarra.

- Emma, querida, o seu vestido!

Disse Jane, sacudindo a cabeça na bagunça que sua irmã tornou-se através de sua busca dos animais. Ninguém parecia interessado em tudo que os animais de Lyon eram capazes de rasgar a garganta com um único golpe de uma pata. Um dos gatos selvagens, de repente saltou pra perto de Juliette para lambe-la sua mão.

- F-fique longe de mim! Ela gritou, tropeçando para trás.

Todos pararam o que estavam fazendo e olharam para ela, chocados.

- Abaixo!

Castigados, os animais obedeceram o comando de Lyon, imediatamente, afundando-se a deitar no chão de mármore.

Profundamente abalada, Juliette entrou frustrada pela porta mais próxima, tão ansiosa por uma fuga que ela não percebeu tarde demais que ela entrou em um grande armário.

- Eu esqueci! Lyon chamando depois dela. Então, para Jane e Nicholas explicou,

- Ela não gosta de animais.

- Então eu reuni, disse Nicholas.

- Eu não sabia!

Emma chorou atrás dela, e então veio o tom reconfortante de Lyon, tranquilizá-la.

Adorável. Ela tinha acabado de virar uma criança e se feito de boba, perante os parentes de Lyon. Largando a bolsa em uma prateleira, Juliette vasculhou, e com as mãos trêmulas, preparou as gotas e as tomou. Atormentada e absorvida em seu trabalho, ela não percebeu quando o Lyon se juntou a ela.

- Eles podem parecer assustadores, mas eles são gatinhos, assegurou, por trás dela.

Ela escorregou a conta-gotas para dentro do frasco com um plink.

- Eles são animais. Com um instinto de matar.

Houve um pequeno silêncio.

- O que é isso? Ele perguntou, seu olhar sobre a nitidez da garrafa.

As gotas deslizaram para baixo sua garganta e ela esperou pela sua calma resultante da ingestão descer sobre ela.

- Uma medicina, que me foi dada por um médico.

Ele pegou a garrafa, colocou a ponta da língua até a borda, e recuou, franzindo a testa.

- Os opiáceos. Quantas vezes você tomou isso?

- Todas as vezes que eu precisei dela.

Ela pegou a garrafa, mas ele segurou-a rapidamente.

- Você é uma viciada?

- Apenas uma vez quando nosso passeio de carruagem começou, ela mentiu. Pois na verdade, o oposto era verdade. Desde a noite na cabana de caça, tinha exigido as gotas apenas esporadicamente. Era como se o ser em sua esfera de influência de alguma forma o fez menos necessário.

- Então, agora que acabou você não vai precisar disso. Lyon deslizou o frasco no bolso.

Ela apenas deu de ombros.

- É fácil de obter. Eu posso conseguir mais, se eu quiser.

Ele colocou as mãos largas na cintura dela.

- Não, ele persuadiu. - Por mim. Por nós. Não.

Os olhos dela procuraram os seus, e seu coração torcida em sua preocupação. Considerando que Valmont queria engaiola com seu vícios e fobias, Lyon queria libertá-la deles.

- Você deve ter notado que eu sempre tenho muito medo, ela murmurou. - De certas coisas. Animais. As gotas me ajudam com isso. Eu não quero usá-los, mas às vezes parece que eu preciso deles. E na verdade eu usei-os muito mais bem antes da viagem de carruagem.

Ele a abraçou, envolvendo suas armas de proteção em torno dela e esfregando uma mão sobre as costas.

- Liber Ceres a reconhecem como fada. Eles preferem morrer a te machucar. Eles são descendentes de familiares de Baco e por essa razão, se nenhuma outra, eu sou a sua guarda.

- Não são apenas os animais, mas o ar livre em geral, me põe medrosa. E-Eu tive uma experiência difícil, há alguns anos.

Ele afastou-se para ver o rosto dela, mas ela deu de ombros e sacudiu a cabeça, não querendo falar sobre isso.

- Eu estou aqui agora, disse ele, abraçando-a novamente. - Eu vou ajudá-la a sair desse vício. Como você me ajudou a atravessar a minha doença.

- Eu não tenho certeza que ele exige a mesma cura, disse ela com um pequeno sorriso.

- Você pode ficar surpreendida como rapidamente a cura é forjada, para os ritmos do seu corpo vai ser diferente aqui. Você vai encontrar muitas coisas mais fácil agora que você está na nossa terra. É de onde você estava destinado a ser.

CAPÍTULO 15

Pelo canto do olho, Juliette vislumbrou um brilho etéreo na floresta logo depois quando ela estava à beira do jardim de Lyon. Ela virou-se com um sentimento de mau presságio e viu o que parecia ser uma dúzia ou mais lanternas balançando entre as árvores. Eles estavam se movendo rapidamente e de forma irregular, e eles vinham a caminho. Fantasmagórico, risos infantis e um aroma de uva os acompanhava.

- Não! Ela arfava, se afastando.

Mas é claro que as luzes únicas continuaram mais perto, até que ela viu que era exatamente como ela temia. As crianças brilhantes, corruptores, cuja chegada sempre foi um prenúncio de importante e muitas vezes infelizes acontecimentos, tinham voltado para assombrá-la.

Por que isso tinha que acontecer agora, quando as coisas pareciam estar indo tão bem para ela? Ela esteve aqui na propriedade do Lyon, mais de uma semana. Ele estava quase totalmente recuperado de sua doença e tinha sido excepcionalmente amoroso ultimamente. Ele disse a ela que suas atenções estavam em preparação para uma cerimônia de Sátir antiga conhecida como a chamada, Moonful, após isso que a sua recuperação a partir do efeito do que tinha acontecido, ou melhor, o que não ocorreu a noite que ela o enganou em Paris, seria completa.

Parecia que, sob a lua cheia, que iria chegar hoje à noite, seu corpo iria se alterar a maneira que ela tinha visto há um mês em seu hotel. Juntos, eles iriam se acasalar em um ritual carnal, que ela pediu-lhe para descrever como era.

O que ele revelou ultrapassou suas fantasias mais perversas e deliciosas e ela já estava antecipando a realidade com a mesma quantidade de ansiedade e saudade. No entanto, o princípio desse rito teria lugar na floresta aberta, em algum local designado para ela para ver ainda sobre os motivos. E embora este fosse o local que ele preferia, ele resignou-se com a sua incapacidade de suportar tanto tempo em um ambiente natural, e tinha certeza que ela iria realizar a cerimônia em sua casa hoje à noite em seu lugar. No entanto, com a diminuição da sua dependência do ópio, que ela descobriu o desejo de alargar o âmbito do seu mundo e teve, recentemente, também descobriu em si um desejo de agradá-lo sempre que podia. E este foi o impulso para a sua incursão no seu jardim esta tarde. Desde que ele estava agora visitando seu irmão mais velho em algumas forças secretas fraternais alegadas por ele para prepará-los tanto para hoje à noite, esse parecia um bom momento para fazer uma tentativa em particular.

Claro, ela só queria ir aos limites marcados pelo pátio de azulejos na parte traseira do castello. Mas tonta com o sucesso de alcançar esse objetivo sem problemas, algum impulso insensato tinha puxado-lhe para ir além de fontes, urnas de terracota, preta pintado vasos da Ática, e piso de mosaico de pedras preciosas. E além de vasos e estátuas e limoeiros onde a paisagem tinha dado lugar a plantações mais selvagens e, em seguida, para o início de um carvalho e o cipreste da floresta. Ela virou-se, a localização

do edifício dourado que era a casa de Lyon e estava um pouco acima de onde ela estava. Não era uma distancia tão grande. Ela levantou as saias e saiu correndo, reconstituindo seus passos anteriores pelo caminho para casa. Talvez ela pudesse chegar lá antes que eles a alcançassem. Talvez ela pudesse superar qualquer catástrofe se aproximava. Então, ela correu, sabendo o tempo todo, que era um esforço inútil, os imps iriam pegala e causar todo o estrago que eles tanto gostavam, independentemente da sua vontade. Ela Sentiu a aveia que ela continuava a levar com ela como um talismã, achando-se uma idiota, uma vez que tinha provado que isso não os afastava. Eles estavam quase em cima dela agora, e havia muito mais deles do que ela já tinha visto antes.

Em seguida, eles foram cortando à sua frente, onde alegremente bloquearam seu caminho. Ela chegou a um impasse de forma tão abrupta que quase caiu em cima deles. Seus olhos procuram uma maneira de passá-los, mas eles em espiralaram mais próximos, formando um anel em torno de sua dança a partir da qual ela não poderia escapar. Pequenas mãos escovaram sua saia de passagem e rápidos pés faziam um turbilhão nas folhas. Como uma espécie de laço luminoso, que colocava seu prisioneiro dentro de seu alegre e ondulante círculo.

- Nonononon! Ela gemeu, puxando as saias para longe. Não é possível ficar por mais tempo em sua proximidade, ela tentou de novo sair do picadeiro e correr livre e para sua surpresa conseguiu romper sua órbita. Inconformados, eles seguiram-na, formando uma barreira viva à sua direita. Ela virou à esquerda, em resposta, fora do caminho da casa de Lyon. Atrás dela, eles teceram entre as árvores, todos os sorrisos enganadores de esperança.

Agora e depois, um pouco separados do bloco mudava de direção para um lado e para o outro e ela sempre deu uma guinada em direção oposta. Poucos minutos depois, ela percebeu que eles estavam no controle do seu vôo, e foram, de fato, agrupando-a em uma direção que ela pretendia ir!

Ela virou-se para enfrentá-los, apenas para descobrir que eles tinham desaparecido. Ela colocou a mão sobre o peito para acalmar seu coração. Sua respiração soprou para dentro e para fora, visível no ar de outono.

Por que eles tinham ido sem lhe fazer mal como era seu habitual? Tinha algo os assustado?

Passando para o castello, ela olhou para cima a sua brilhante torres de ouro e deu um passo em sua direção.

Mas quando ela olhou diretamente à sua frente, ela viu que uma mulher tinha se materializado no caminho entre ela e seu destino.

Ela era frágil e bela e estava chocantemente nua, pelo menos o que Juliette podia ver dela. Escuro, cabelo brilhante rosto coberto, os ombros, e muito de seu corpo, pendurado em fios de seda longos que quase caiu a seus joelhos. Estavam úmidos como se tivesse chegado recentemente do banho. Ou o rio.

- Mon père et ma abandonné m'ont simples, anunciou a criatura. Suas palavras eram musicais, cantadas.

Quase um sussurro.

Juliette pressionou os dedos sobre sua boca. Meu pai e minha mãe me abandonaram. A frase era bem conhecida para ela. Estas palavras foram gravadas acima da porta de entrada no Hospício des Enfants trouvés, que anunciava que eram crianças enjeitadas.

- Você se lembra, não é? Cantou a voz.

- O que você quer? Quem é você?

A mulher cambaleou para frente até a barriga tocar em Juliette e seu cabelo pingava em seus sapatos. Um olhar furtivo para baixo informou-lhe de algo que tinha inicialmente ignorado. A mulher estava muito inchada com uma criança. Suas feições eram indiscerníveis através da cortina de seus cabelos, mas havia um brilho perolado e estranho em forma de pele da testa, onde era visível, e nas pernas. Juliette afastou-se dela, cautelosa.

De entre o roubo dos grandes colares que ela usava, a criatura selecionou um, parecendo não se incomodar com a falta de boas-vindas.

Desembaraçando-o dos demais, ela puxou-o sobre a cabeça e estendeu-a, tentando cercar o pescoço Juliette com ele. Era verde com algas e Juliette recuou a partir dele.

- O que há de errado? Você age como se fosse uma serpente marinha, disse a mulher, parecendo irritada.

Ela o jogou de volta em torno da própria garganta e transformou-a até que ela localizou o pingente pendurado. Este levantou entre dois dedos e puxou-a para frente para mostrar. Juliette olhou para ele, visto que parecia ser de estanho fundido ou talvez ferro, prestado estava negro com corrosão.

Mas era familiar.

Estranhamente intrigada, ela aceitou e segurou armando na palma da mão esticada de modo que o colar amarrasse momentaneamente. Com entusiasmo crescente, correu o dedo sobre o limo, tentando determinar o que estava coberto. Gravada em cima dele foram dois conjuntos de números, ela viu, mal perceptíveis.

Ansiosamente, ela arranhou com suas unhas e olhou mais perto. O primeiro set foi facilmente revelada: 1804. Um número idêntico ao nascimento inscrito no seu próprio colar! Ela arranhou diligentemente na segunda. Era mais teimoso, mas sua companheira estava esperando pacientemente enquanto ela trabalhava nele e, eventualmente, foi exposto também. 8901! Este foi o número que tinha sido atribuído a Elise para indicar seu lugar entre as fileiras de crianças abandonadas no hospital em Paris. O número sobre o colar que ela usava naquele verão que se conheceram há três anos. Seu próprio número tinha sido apenas um dígito a mais.

Ela apertou sua mão ao redor do medalhão.

- Onde você conseguiu isso?

- Você não me reconhece?

Olhos verde-mar idênticos aos seus piscaram para ela. Em seguida, o colar foi puxado para fora quando ela se curvou um pouco e espetava os dedos pela frente do cabelo dela, empurrando-a para trás de seu rosto.

- Você não me reconhece? Ela perguntou de novo.

- Elise? Juliette perguntou, sua voz misturada com esperança crescente.

A mulher chegou em sua direção às ondas do curso a cor de amêndoa.

- Luz e escuridão. Isso era assim que Madame Fouché costumava nos chamar, lembra?

Juliette soltou um grito espantado e envolveu-a em um abraço, que ela não percebeu foi apenas a meio correspondido. Ela recuou, um olhar confuso em seu rosto.

- Mas todo mundo acredita que você está morta! Sua voz saiu como um sussurro estrangulado. - Mesmo eu. Por um tempo eu estava quase convencida de que eu te matei. Há aqueles que ainda me acusam do mesmo.

Seu tom pedia uma explicação. Os olhos verde-mar mudaram reservados.

- Não era possível retornar para você.

A brevidade desta resposta era tão parecido com Elise, pois ela sempre tinha sido reservada. Quando ela chegou à Borgonha, ela revelou pouco sobre os dezesseis anos de sua vida antes de sua reunião. Tinham sido companheiras constantes naquele verão, mas no seu final, Elise tinha ido.

Ela levou as mãos pálidas da mulher na determinação dela e tentou trazer de volta a menina que ela tinha conhecido.

- Elise, eu vi seu nome no registro do hospital em Paris. Inscrito logo abaixo do meu. E a partir disso eu também aprendi que a nossa chegada não havia meses ou dias de intervalo, ou mesmo horas. Mas apenas alguns minutos. Nascemos e fomos entregues lá ao mesmo tempo! Em 20 de dezembro de 1804.

A mulher encolheu os ombros, parecendo desinteressada.

- Mas, você não sabe o que isso significa? Esta prova, juntamente com a nossa semelhança a cor dos olhos e os números? É muita coincidência. Tem que dizer que somos irmãs, assim como nós, uma vez fingimos.

- Maravilhoso, veio a resposta de madeira.
O que estava acontecendo aqui? Elise voltou, mas ela não era a irmã que Juliette lembrava. Era quase como se um outro ser habitasse o seu corpo.

A barriga de sua irmã, inadvertidamente, esbarrou contra o seu próprio ventre em um lembrete de que um outro ser, de fato, atualmente residia no interior.

- Eu serei tia? Ela perguntou, abaixando o olhar.

- Oui.

Clareando na introdução deste assunto, ela ergueu as mãos de Julieta e colocou em seu abdômen. Quando sentiu o pontapé de uma criança, um sorriso curvou os lábios de

Juliette. Tinha tomado muito desta mulher querida. Quase tomado sua vida. Mesmo que ela não a tivesse matado, ela teria sido responsável pelo assalto que ocorreu naquele dia. Foi uma alegria vê-la bem e saber que ela em breve teria sua sobrinha. Desde que ela tinha tão pouco familiares, de repente, adicionar dois membros foi um acontecimento importante e lágrimas de alegria queimaram seus olhos.

- Eu vim aqui para o nascimento dele.

Sua irmã inclinava a ela um olhar significativo, aparentemente esperando que ela alcance algo que ela não fez.

- Oh. Bem, eu estou feliz.

Juliette olhou para as vieiras em seu braço, e vi que eles pareciam estar desaparecendo rapidamente, deixando-a cada vez mais normal.

- Oh, Elise, onde você esteve esse tempo todo? Você transformou-se no rio para fugir dos nossos atacantes, e, em seguida, foi incapaz de me encontrar de novo?

- Mas você não se lembra? Nós encontramos outra vez. Apenas um mês atrás. Na ponte em Paris.

Em um flash chocante, Juliette percebeu que ela estava certa em sua suposição de na noite sobre a Pont Neuf. Elise e a mulher que ela viu com Lyon, aparentemente eram a mesma.

- Ah! Você começa a compreender a nossa situação.

- Mas Lyon disse que sua... parceira... naquela noite era uma Nereida. Uma chamada Sibela.

Sua companheira olhou um pouco espantada por ela ter esse conhecimento, mas se recuperou rapidamente.

- Meu nome marinho. No entanto, eu te vi novamente, depois disso, mas você não me notou. Foi na noite seguinte, enquanto você estava saindo do hotel de Lyon.

Ela colocou as mãos sobre o ventre dilatado. - A noite que ele me deu isso.

Juliette arrebatou as mãos dela e apertou-os em seu coração como se um punhal de pavor acabava de bater. Lentamente, levantou os olhos para procurar seus idênticos. Lendo a resposta que ela temia lá, ela sussurrou:

- É de Lyon.

- Sim.

Elise polia as mãos sobre a barriga, olhando contente de si mesma.

- É exatamente um mês desde que ele e eu estivemos no seu hotel. E esta noite será de lua cheia, ela sugeriu. - A criança vai exigir o seu pai.

Ela fez uma pausa depois. Esperando. Mas Juliette apenas ficou lá, olhando para ela, incapaz de falar. Então, após um intervalo de agonia, ela resignou-se ao fato de que ela deveria agir desinteressadamente.

- Sim, disse ela devidamente. - Claro que sim. Eu entendo.

Depois de tudo em que ela tinha colocado a sua irmã, e tendo em vista seu estado de gravidez, parecia a única resposta que ela poderia dar.

CAPÍTULO 16

Lyon bateu em sua porta fechada, causando um estremecimento em sua moldura. Então ele se forçou a enfrentar três fatos óbvios.

Era Moonful.

A cerimônia tinha começado.

Juliette tinha ido embora.

O conhecimento repercutiu em seu crânio, chocando todo o seu sistema.

Permanecendo no degrau mais alto da varanda do Castello no jardim traseiro, ele examinou o pátio e a propriedade para além, como se esperasse que ao fazer isso ela poderia reaparecer magicamente. Quando ele retornou para casa da Nick, poucas horas atrás, ele procurou-a fora. Mas ela foi longe de ser encontrada.

Todos os servos já haviam partido, como tradicionalmente acontecia ao entardecer, foram para seus quartos fora da propriedade. Antes de eles irem embora, ele mandou cada um deles em sua busca pela casa e toda a sua redondeza imediata, mas sem sucesso.

Deuses! Ele passou uma mão pelos cabelos em frustração aguda, em seguida, tomou a única alternativa que lhe restou. Rodando as escadas e todo o brilhante mosaico do pátio, ele bateu o portão do jardim de volta de largura. Ela não ficava cômoda no exterior. No entanto, ela correu da proteção de sua casa. Correu dele. *Se ela tivesse ido de seu próprio livre-arbítrio?*

Seu aroma era fresco no jardim. Ela esteve aqui recentemente, mas se foi agora. Como ela tinha crescido mais confortável com ele e sua própria origem, ela parou de segurar-se e amar sua fragrância fey e tinha deslizado as rédeas que outrora eram fortes. O suave sussurro de sua fragrância agora era uma parte tão integral de sua vida que ele não poderia imaginar perdê-lo.

- Juliette!!!

Ele gritou, sabendo que era inútil. Ele caminhou, fazendo o seu caminho na direção do vale sagrado. Secretado na floresta no centro de todas as propriedades rurais Sátir, ele estava em um local equidistante das casas de seus irmãos. Caminhou com segurança em direção a ela através do crepúsculo, pois conhecia esse caminho muito bem, depois de ter pisado uma vez por mês para sua vida adulta inteira. Mas raramente se ele o fez com tão pouco entusiasmo.

Talvez seu vôo fosse culpa dele. Tentara prepará-la adequadamente, explicando o ritual que estava por chegar, mas e se o que ele fez só aumentou seu medo? Se pudesse encontrá-la. Iria acalmá-la. Ele poderia convencê-la...

- Arrgghh! Seu corpo rapidamente mudando o obrigou a parar. Quando a duplicação acabou, ele preparava as mãos sobre os músculos das coxas. Seus dedos

pegaram em sua carne quando ele tentou resistir ao fenômeno de dor-prazer do espessamento e alongamento de seu pênis se preparando para a noite por vir.

- Abaixo, rapaz. O que você procura não está aqui. Ele murmurou sarcasticamente.

Após um momento, ele foi capaz de seguir em frente. Seu pau inchado gritou para a liberação, esticando nos quartos agora dolorosamente apertados que ocupavam suas calças.

Seu estado de deterioração. Logo ele seria incapaz, ultrapassado por um impulso instintivo para foder. Ir para a sociedade humana em busca de Juliette era impensável na sua condição. Qualquer busca de sua terra ou além de suas fronteiras teriam que esperar até de manhã.

Suas pernas começaram a picada do quadril ao tornozelo, quando os poros aumentaram fazendo brotar um pêlo macio familiar. A pelagem curta sépia cócegas em seus órgãos genitais e raspados sua pele. Em poucos minutos ele iria se transformar em algo mais próximo a besta que o homem. A mudança que ocorria em cada mês no cerimonial sempre pareceu atingi-lo mais intensamente do que seus irmãos, aguçando os instintos primitivos que dormia entre Moonful. Talvez tenha sido por isso que ele se sentia como um parente para os animais em seu zoológico. Eles também eram levados pelos instintos demasiado selvagens para ser palatável para alguns.

No primeiro dos antigos carvalhos retorcidos, ele hesitou, segurando a casca prateada até que ela raspou a palma e os dedos, quando a agonia de novo engolfou. Imobilizado, ele rangeu os dentes contra a construção de uma câibra terrível. Uma maldição estrangulada escapou-lhe quando o seu segundo pênis forçou a região de sua bacia, quase rasgando a calça na busca voraz por carne feminina.

Ele arrancou os botões abertos e envolveu-o com a mão, com movimentos de ordenha para aliviar momentaneamente antes de aconchegar-lo de volta dentro do tecido e se pois em movimento. Necessitava dirigi-lo agora, e ele pegou o ritmo, galopando em pêlo, pernas musculosas para essa parte mais profunda, mais secreta da floresta Satyr. Até o momento em que ele chegou à beira do santuário, os processos de seus pensamentos começaram a descentralizar o seu discurso e havia se deteriorado a grunhidos monossilábicos.

Musgo. Macio. Bom. Vagina.

Em pé em silêncio, ele entrou no covil onde ele e seus irmãos tinham se encontrado a cada mês, uma vez que tinham alcançado a idade adulta. Aqui, eles se reuniram na privacidade suprema para amenizar uma luxúria que os consumia provocada por uma encerada lua cheia. Os seres humanos nunca se aproximavam, pois sentiam a estranheza do lugar e viravam muito antes de atingir o seu perímetro.

Nicholas já estava dentro e olhou para ele, sem dúvida, a abordagem do seu perfume. Seus olhos eram estreitos de um brilho de safira, virou quase preto por intenções lascivas. Jane estava com ele, sombreada em seus braços. O corpete tinha sido solto pelas mãos de seu irmão, que estavam ocupados por baixo de suas saias. A

expressão vagamente confusa esvoaçava sobre seus rostos pela chegada de Lyon no vale, pois ele não esperava que ele viesse. Eles se encontraram no início da tarde para iniciar o ritual com a bebida sagrada, e Lyon tinha explicado que Juliette ainda não estava pronta para vir aqui. Desde que Nick tinha facilitado sua própria esposa em tais assuntos apenas alguns meses atrás, ele tinha entendido. E ainda agora aqui Lyon ficou, sozinho. Mas qualquer explicação teria que esperar. Ele jogou a camisa, botas e calças, deixando-os onde eles caíram.

Nicholas já havia se voltado para sua esposa. Quando os pés de Lyon voltaram a percorrer o chão coberto de musgo macio, sentiu a fome de seu irmão para a mulher que prendeu e enviou sua própria necessidade maior. Raine ainda estava em Veneza, e provavelmente com Jordan. Suas emoções fraternais vieram-lhe agora como uma escova de penas de obscenidade, e forneceu uma ligação que manteve os três presos com o Satyr antigos, especialmente durante a chamada.

Sua metamorfose física da cintura para baixo estava completa, e ele mudou-se com a neblina, entre as formas de pedra pálidas e o cheiro de terra em decomposição. Maior do que estátua pairou em silêncio, congelados à espera. Contorcendo-se com numerosos e enormes falos e outros com seios exuberantes colocados juntos em lascivos abraços, seus rostos coroados com um êxtase engendrado por seus engates.

Os monumentos foram feitos para inspirar a luxúria naqueles que se aventuraram dentro dos limites do círculo secreto. Ele podia sentir-lhes assistindo, sabia que eles estavam satisfeitos com sua chegada. Orgias selvagens de seus antepassados tinham tido seu lugar ali durante semanas a fio durante os chamados e Bacchanais de muito tempo atrás, mas as estátuas testemunharam os ataques menos freqüentes de deboche estes dias. Eles estavam com fome de olhar sobre a sua carne nua, instando-o a mergulhar nos prazeres carnavais.

Na sua abordagem, uma das estátuas mudou, assustando-o. Era uma fêmea. Uma viva, não uma estátua, afinal. E ela estava nua. Nick olhou por cima, depois de ter notado também. Mas o cheiro dela era enigmático, e obviamente sentindo que ela não era uma ameaça, ele se virou para a esposa.

Lyon tomou medidas ansiosas em sua direção. Ele tinha planejado para evocar Shimmerskins para seu acasalamento, mas agora...

- Juliette?

Sua voz tornou-se uma pergunta, quando ele percebeu que havia algo de errado em seu perfume. Era familiar. Era Juliette. E ainda não. Ela se aproximou e tocou com as mãos pálidas. Ele acariciou seus cabelos. Por que era escuro, em vez da cor de amêndoas? Alguma memória fugaz relampejou em sua mente e rapidamente desapareceu.

- Eu tenho algo de seu, ela cantarolou, distraíndo-o.

Ela puxou os dedos de seu cabelo e espalho-os sobre o seu abdômen inchado. Seus olhos caíram.

- Meu, ele sussurrou moldando a sua barriga com as mãos largas.

Os olhos astutos verde-mar o assistiam, e ela cobriu as mãos com as próprias.

- Sim.

A lua escolheu aquele momento para mostrar-se e gemeu, arqueando sua garganta quando ele inclinou a cabeça e senti o carinho inebriante da sua luz. Perto, Jane gemeu quando seu irmão entrou nela.

- Vamos. Com uma mão na parte de trás do pescoço, Lyon levou a mãe de seu filho para as lajes de pedra que pontilhavam o vale.

- Sim. Vamos. Disse a ele. - Isso é exatamente o que espero fazer. Eu não tenho um macho entre as minhas pernas por uma semana e eu estou desesperada por uma foda, meu amor.

“Amor”. A palavra ecoou através do seu sistema, rodando em sua mente e picando na pele dele.

As lajes horizontais numerosas eram tão grandes como mesas e foram convenientemente colocados aqui e ali, um pouco abaixo da altura da cintura, para que uma mulher pudesse facilmente se reclinar sobre um deles, enquanto um homem tomava seu conforto entre as coxas. Lyon passou entre eles, levando-a a um determinado destino, o altar-cavalo em forma de U com um lugar próprio para o parto em seu centro.

Lá, ele ajudou-a a ajoelhar-se no musgo assim sua barriga estava protegida do sotavento de sua pedra U. Em seguida, mudou-se atrás dela, posicionando-se entre as coxas frescas e apoiando as mãos em cada lado dela.

Ela espalhou as pernas largas e inclinou a retaguarda, oferecendo-se claramente a ele. Entretanto ele queria apenas Juliette, mas ele iria foder esta mulher por que ela carregava seu filho. E por que quem ele preferiu tinha se ido, ele tinha pouca escolha para ter um substituto.

Em um movimento suave ele bateu nela, seu irmão pênis gêmeos espetando seu ânus e vagina com toda a força que este ritual exigia dele.

- Simm! A mulher gritou.

Seus canais eram experientes em dar as boas-vindas a um homem e ela moia sua carne rechonchuda contra ele, dobrando-se como queria, quando queria. Mas sentiu a injustiça.

Amor. A palavra era uma dor, uma ferida na alma.

Acima deles, a lua estava tão fria e insensível como uma bola de cristal, perfeitamente redonda e satisfeita com o sacrifício exigido dele. Ele tinha fodido centenas de Shimmerskins aqui e como muitos seres humanos e outras criaturas do sexo feminino em diversos outros lugares em todos os locais imagináveis. Mas agora ele queria apenas uma mulher. E ela não estava aqui. Um quarto de hora depois, ele gritou a sua libertação e a sua semente cremosa

bombeado para o corpo que abraçou. Sua voz ecoou se e entrelaçou com a de sua companheira e dos outros dois ocupantes do vale, como eles, também, encontraram seus prazeres. Seu derrame era o primeiro passo para garantir um parto seguro para seus filhos, e a necessidade de trazê-lo em segurança para este mundo seria vê-lo através das longas horas de foda que estavam por vir. O ar frio soprava sobre o seu suor, penteado para trás quando ele acalmou, ambos os pênis momentaneamente tão vazios quanto seu coração.

Seus lados soltaram com a força da sua respiração, mas ele se sentia completamente insatisfeito. Ele tinha desperdiçado as sementes que seriam apenas para sua querida Juliette nos recipientes de uma Nereida por quem não sentia nada.

Amor. A palavra floresceu nele. O aquecendo, fazendo seus pensamentos voarem para quem estava longe.

Deuses, Juliette. Onde você está?

Ela nunca esteve longe de seu coração, ele começou a passar a noite em uma maneira que satisfaça ritual, direito, e uma sede de sangue que era inata aos de sua espécie.

O amanhecer chegou e, com isso, uma menina nasceu.

Sua mãe gritou seu caminho através da sua entrega, xingando e arranhando-o. Depois que o bebê chegou Lyon a atendeu, deu-lhe banhos em águas quentes da primavera ao lado do altar do parto, e depois a acariciando a secou. Os Satyr machos sempre assumiram o cuidado de seus recém-nascidos durante as primeiras horas após o seu nascimento, e cheio de alegria em fazê-lo. Esta era sua filha. Sua primogênita. E ele iria proteger e cuidar dela para todos os seus dias. Embalando-a em sua camisa, ele a levou para sua mãe cansada, que tinha se enrolado no altar após o se banhar sozinha. As fêmeas ficavam sempre esgotadas após a chamada, particularmente depois de um parto e geralmente dormiam no dia seguinte afora. No entanto, esta não teria um sono até que ele tivesse algumas respostas.

O bebê começou a confusão e sua mãe se mexeu.

- Você vai silenciá-la não vai? Ela reclamou. - O que veio antes foi bom o suficiente, mas esse negócio de parto é algo que eu não me importo de repetir.

Ao som de sua voz irritada, um lampejo de reconhecimento atravessou seus olhos. Sua testa franzida enquanto tentava colocá-la. Ele nunca freqüentou uma Nereida para além de um breve tempo em sua adolescência, quando ele descobriu que não eram do seu agrado.

- Eu conheço você, disse ele.

Ela abriu um olho irritado.

- É óbvio! Disse ela, apontando para sua filha.

Ele balançou a cabeça, tentando limpá-la dos últimos vestígios da neblina cerimonial. Então, de repente, tudo se encaixou.

- Sibela, ele rosnou baixinho, quando a memória de seu voltou para ele. - Danação. Estivemos juntos em Paris. Sob a ponte.

Ele franziu a testa, olhando para a criança em seus braços.

- Mas isso não foi na Moonful. Assim como...?

- E quem é esse? Nicholas interrompeu, estudando o bebê aninhado a Lyon. Os primeiros raios da aurora estavam com os dedos no céu e a cerimônia os tinha liberado de suas garras também.

Ele trouxe uma Jane de olhos sonolentos junto com ele e estava ainda estava fechando os ganchos na parte de trás do corpete.

- Minha filha, aparentemente, disse Lyon. Ele entregou-a para Sibela. - E que precisa de alimento.

Sibela parecia prestes a discutir, mas sua zanga teve sua aquiescência. Com um suspiro longo de sofrimento, ela colocou a criança contra o peito.

- Ow! Danação!

- Noventa infernos, resmungou Nicholas. - E você é quem?

- Sibela, disse ela, introduzindo-se.

- Irmã de sua esposa, explicou Lyon. - E de Juliette. Nós nos conhecemos em Paris.

- Outra irmã? Que maravilha! Jane disse. Sentindo as correntes, mas não sabendo o que fazer com elas, ela deu uma cotovelada ao marido.

- Não é mesmo, Nick?

Ele resmungou. A expressão de Jane lentamente alterada, indicava que ela estava começando a se perguntar como isso afetava a situação de Juliette. Sempre educada, chegou-se para abraçar Sibela, embora com entusiasmo relutante. Mas Nicholas antecipou-a, puxando-a para seu lado de volta. Colocando um beijo em sua testa, ele então a colocou na direção de sua casa.

- Vá para o castello, Jane. Descanse. Nós vamos falar mais tarde.

Ela bocejou.

- Eu não vou poder dormir até que saiba o que está acontecendo.

Um olhar sobre o rosto sombrio teve sua voz morrendo.

- Eu estou bem, Nick, ela disse suavemente. - Apenas me deixe visitar a fonte para um banho e eu voltarei. Espere por mim.

Com um sorriso fraco em direção a Sibela, ela partiu.

Como se incapaz de ajudar a si mesmo, Nicholas a viu ir até que ela foi engolida pela floresta.

Esta era precisamente a forma como se sentia sobre Juliette, Lyon pensava. O desejo de vê-la e tê-la perto. Onde ela estava?

- Ow! Pare com isso!

Seu olhar voltou para Sibela e viu que sua filha havia tecido dedos minúsculos na palha de colares que enfeitavam o pescoço da mãe e estava puxando-os.

Nick olhou para ele, erguendo as sobrancelhas.

Uma Nereida? Sua expressão perguntou.

- Fica pior, advertiu Lyon.

Nicholas tirou-lhe um olhar incrédulo.

- Eu sei que isto deve ser desvendado e explicado, mas primeiro eu tenho que achar Juliette, disse Lyon.

- Espere, Jane gritou, tendo retornado.

Ele girou em torno, impaciente, e viu que ela estendeu as calças que ele tinha abandonado mais cedo.

- Eu poderia sugerir uma aparência mais digna antes de voltar para ela? Disse ela, com muito tato.

- Minhas desculpas, disse a ela, que o tinha visto assim muitas vezes antes. Havia poucos segredos entre os da família.

Arrebatando-a, então ele localiza as botas e calçou-os também. E pelo tempo que ele demorou, Jane tinha envolvido Sibela em seu manto.

Então eles partiram para a sua casa. Momentos depois, Lyon galgou passos dele à frente dos outros, escancarou a porta e encontrou o seu amado cheiro. Era fresco. Agradeça a Deus!

- Juliette, ele gritou.

- Aqui, foi a resposta suave. Após a sua voz, a achou calmamente esperando por ele no salotto principal.

Seu olhar o varreu, então ela olhou para longe. Ele podia imaginar o que ela pensava de sua aparência. Tendo doado sua camisa para a sua filha, ele estava sem camisa e tinha Sibela, como de costume, o marcado durante a sua vida amorosa.

Alcançando-a, tomou-a nos braços e inclinou seu queixo.

- Olhe para mim, disse ele.

Quando ela concordou, ele ficou aliviado ao ver que seus olhos não estavam imbuídos com o ópio. Ela não tinha usado desde o primeiro dia que ela chegou aqui, mas ele temia que os esforços da noite passada pudessem ter impulsionado as costas para isso.

Gentilmente, ela puxou para longe dele.

- Está tudo bem. Eu sei o que aconteceu. Eu entendo que meu lugar foi alterado nas coisas.

Mas ela não o fez, pois era muito duro. E estava distante.

Deu-lhe um pouco de temor, preocupado com sua apatia.

- Seu lugar continua o mesmo. Como a minha vida. Meu amor.

Alguém empurrou entre eles.

- Aqui. Eu espero que você saiba como lidar com isso, disse a ela Sibela, impingindo um bebê berrando nos braços de Juliette.

-Eu não tenho habilidades na arena dos pais, nem qualquer desejo de aprender.

Com isso, ela abrigou-se no sofá que Juliette tinha recentemente encomendado para o quarto em uma loja em Florença, e ela passou a aconchegar-se para uma sesta .

Juliette olhou para depósito Sibela, sua expressão horrorizada. A pequena mão acenou, e ela instintivamente a capturou em sua mão. O bebê aquietou quase imediatamente, mas como se tivesse transferido o seu humor, seu próprio rosto amassado.

- Sim, claro.

Abaixando a cabeça, ela virou-se para levar sua filha e partir do quarto.

Lyon lançou fora uma maldição e pegou seu braço.

- Juliette.

- Por favor. Ainda não.

- Não vá muito longe, disse a ela, frustrado. -Nós temos coisas a discutir aqui e sua presença é necessária.

Ela assentiu com a cabeça, mantendo a cabeça virada para longe dele. Ela estava chorando.

- Um momento.

- Fique onde eu posso ver você, ele instruiu, liberando-a, mas ainda não estando pronto para confiar-lhe para fora de seus olhos novamente.

- Lyon! Jane repreendeu suavemente, ouvindo quando ela e Nicholas vieram se juntar a eles.

- Sente-se com ela, disse ele, sem remorso.

- Certifique-se que ela não parta.

Vendo sua preocupação, Jane fez como ele pediu, estabelecendo-se com Juliette e a criança na extremidade oposta do sofá de Sibela e sentando-se entre elas. Na confusão, o bebê começou a chorar novamente.

- Sua filha precisa de você, Jane murmurou para Sibela.

- Se Juliette quer o pai dela, deixe-a tomar o seu filho, respondeu Sibela.

- Cale-se, resmungou Lyon.

Ele ergueu sua filha de Juliette e a depositados no seio de Sibela.

Sibela ergueu as sobrancelhas, mas levou a menina para dentro do casaco, que começou a mamar.

- Uma boa maneira de se falar com a mãe de seu primogênito.

- Apesar da criança, percebo que a sua reivindicação sobre o meu irmão não é tão forte como gostaria, disse Nicholas. Então virou-se para Lyon. - Por que isso?

- O que você quer dizer? Perguntou Sibela, endireitando-se. - O maior pedido de um homem, que uma mulher pode ter que suportar não é a sua descendência?

- No entanto, a favor de Nick. Eu ainda me sinto ligado a Juliette, disse Lyon.

- Mas, porque, quando Sibela é com quem você obviamente acasalou na Moonful passada? Nicholas expôs.

Lyon voltou uma carranca em Sibela. - E como isso aconteceu exatamente?

Ela sorriu, estudando a ponta dos dedos com garras.

- Por que não se lembra, querido? Você foi muito ardente no seu hotel, naquela noite, embora um pouco apático.

- Você acasalou-se a mim enquanto eu dormia?

Todos na sala olharam para ela com expressões de igualdade de choque.

Imperturbável, Sibela soltou um huff.

- Você teria morrido se eu não tivesse feito. Se você deveria ter raiva de alguém, deve-se Juliette. Ela abandonou você. Eu salvei sua vida.

- Ela está certa sobre isso pelo menos, disse Juliette.

- Você sabia que ela tinha vindo aqui, acusou Lyon, seu olhar encontrando o dela.

- E você me deixou propositadamente para ela na noite passada.

- Ela é minha irmã e levava seu filho, respondeu ela, pedindo que ele entendesse. - Você me disse como seus filhos devem nascer, assim que eu a deixei ir com você. E parecia ser melhor que eu me escondesse de ti sob essas circunstâncias, até que o necessário fosse... feito.

- Você me deixou para outra mulher tão facilmente assim? Lyon sacudiu a cabeça, surpreso pela forma como isso o feriu.

- Elise tem mais direito sobre você, Juliette insistiu. - E eu devo a ela. Ela estava quase morta e foi perdida há três anos por causa da minha loucura.

- Espere! Nicholas ergueu as mãos. - Quem diabos é Elise?

Olhando confusa, Juliette fez um gesto para onde Sibela estava sentada no sofá.

- Minha irmã.

- Há ainda uma quinta? Lyon perguntou horrorizado.

- Ela está morta, disse Sibela ao mesmo tempo. - Ou tão bem quanto.

Vendo a decepção nos olhos de Sibela, Juliette se tornou desconfiada.

- Mas você disse...

- Suponho que omiti um detalhe ou dois, em nosso último encontro, admitiu Sibela maliciosamente.

- Realmente, eu não sou sua irmã, mas sou na verdade, apenas uma zeladora de seu corpo. Eu sou originalmente do mar, mas perdi a minha própria concha há muito tempo e devo fazer como eu posso fazer. Naquele dia, você e ela foram atacadas por cães na Borgonha, aconteceu de eu esta passando perto quase por acidente. Meu anfitrião estava envelhecendo e eu procurava por outro. Sua irmã foi ferida e estava morrendo, então eu peguei o corpo dela para meu uso e a liberei de tal destino atroz. Uma relação simbiótica.

- Você parece estar no negócio de salvar vidas de maneira pouco ortodoxa, murmurou Nicholas.

A voz de Juliette foi ouvida enquanto ela procurava os olhos de Sibela.

- Existe alguma ainda alguma coisa dela em você?

Sibela encolheu os ombros.

- Ela está aqui, mas sublimada.

Vendo que sua filha tinha terminado com a amamentação Sibela olhou como se perguntando o que fazer em seguida, Lyon levantou o pacote recém-nascido dela e a embalou em seus braços.

A visão dele segurando sua filha pequena, obviamente, apertou o coração de Juliette. Vendo isso, Jane lhe deu um tapinha reconfortante.

- Fale-me sobre nossa irmã.

E então, Juliette pareceu perceber que isso afetava não apenas a ela.

Embora ela pode ter perdido uma irmã, ela ganhou recentemente uma outra.

- Eu conheci a nossa irmã Elise no verão em que estávamos ambas com dezesseis anos, ela começou. - Eu estava vivendo com uma família adotiva em Borgonha. Ela não gostava de falar sobre seu passado, então eu não sei muito mais do que isso. Mas nós nos tornamos amigas e ela me ensinou muitas coisas. Coisas sobrenaturais.

- Como se transformar, adivinhou Lyon, balançando para os lados enquanto ele balançava suavemente sua filha.

Juliette assentiu.

- Nós tivemos que manter segredo porque a minha mãe adotiva era supersticiosa e condenava a prática mágica. Costumávamos ir para o campo experimentar com nossos dons. Aprendi a fixar em algo tão completamente que me transformaria nele. Isto não funcionava com tudo. Somente com objetos naturais. Uma flor. Uma árvore.

- O que aconteceu com ela? Perguntou Lyon.

- Sim, eu gostaria de ouvir a sua versão do que eu, disse Sibela.

- Havia um menino. Um homem realmente, mais velho do que eu, disse Juliette. - Eu tolamente concordei em encontrá-lo em um encontro marcado à tarde, mas Elise

interferiu. Nos discutimos, mas prevaleceu e saímos juntas. No caminho de casa, nós fomos atacadas por cães de caça. Para escapar, ela mergulhou no Loire para se tornar uma ninfa, o que chamamos de uma sereia na época e eu me transformei em um carvalho. Embora eu estivesse presente quando ela foi agredida, eu não conseguia ver do meu ponto de vista. Eu só podia ouvir. Tudo.

Ela estremeceu e tocou as mãos aos ouvidos, como para bloquear os sons que ainda a torturavam.

- Qual é, sem dúvida, porque você é desconfiada de animais, murmurou Lyon.

- Há algo que eu sempre me perguntei. Sibela ponderou. - Ao contrário de você, eu vi o ataque naquele dia e parecia-me que os cães de caça tinham vindo especialmente por sua irmã. Eu a puxei mais profundamente que poderia nadar, e só então e muito relutantemente eles terminaram a deixando ir.

- Você acha que foi assassinato, perguntou Jane.

Ela encolheu os ombros.

- Muitos que pensaram assim na hora, disse Juliette. - Eu fui acusada de te-la assassinado, porque eu fui encontrada perto rio, com o seu sangue por toda parte. Há ainda mandados para a minha prisão.

- Você foi feliz em seu caminho e deixou Juliette suportar a culpa e do estigma de ser uma assassina? Sabendo que ela era inocente? Lyon perguntou a Sibela.

- Como eu ia saber o que se passa no sistema humano de justiça? Sibela protestou.

- Ainda há alguma coisa fora daqui, disse Lyon. - Apesar de tudo, eu me sinto ligado a você, Juliette.

Seus olhos se estreitaram com ela.

- Por que isso?

- Será que Lyon depois que você o enfeitiçou em seu hotel, não a acasalou? Nicholas exigiu, como se fosse nada fora do comum fazer tal pergunta a uma senhora.

- Não! Disse Juliette. Ela olhou com punhais em Lyon. Jane e Sibela tinham fechado os olhos novamente, deixando-a para lidar com ele e seu irmão.

- Sim, eu disse a ele sobre a sua magia naquela noite, disse ele, sem um traço de remorso. - Por necessidade, não existem segredos entre os membros desta família.

- Você quis tocá-lo de qualquer maneira que possa ser interpretado como carnal? Nicholas empurrou.

Juliette olhou para seu colo. Ainda no comando de sua filha, Lyon chegou a se ajoelhar ao lado dela e a cutucou com o cotovelo.

- O que aconteceu? Ele persuadiu.

Sua língua se arrastou para fora e ela lambeu os lábios.

- Eu sei que estava errado, mas eu não poderia me ajudar. Eu te juro que eu nunca fiz nada parecido antes.

- O quê?

- Provou-o, resmungou Sibela, ajustando sua posição no sofá, e Juliette e Jane foram forçadas a se mexer também. - Eu senti o perfume dela em você naquela noite em seu hotel. Mas isso não o libera de sua obrigação para mim.

Juliette cobriu o rosto com as mãos.

- Deixe-me esclarecer, disse Lyon para ela. - Você está dizendo que antes de deixou meu hotel, você sugou meu sêmen?

- Lyon! Precisa ser tão cru? Murmurou Jane.

- Responda, disse Nicholas.

Juliette abaixou a cabeça e acenou com a cabeça ainda baixa, corando de vergonha por ter que admitir isso na frente de todos.

- Isso muda as coisas, Lyon disse em uma voz satisfeita.

Sibela se sentou de frente esfregando os olhos para ficar acordada.

- Como?

- Isso significa Juliette tem direitos antes de você, disse Jane.

Ela chegou mais uma vez e deu a mão de Juliette um aperto tranquilizador.

- Mas você ficou comigo, Sibela golpeou no peito com um punho de ênfase.

- No parque, antes de saber que ela existia. E eu carreguei o pirralho na minha barriga por quatro semanas. Certamente os meus direitos para você prevalecem?

- A primeira semente da Moonful é o que determina o vínculo, disse Nicholas. Ele ergueu uma mão antes que Sibela pudesse começar a gritar. - Mas você também tem direito.

- Estou casado com as duas, então? Lyon protestou.

- Você sabe que não pode dar a proteção de sua vontade a ambas. Só para aquela que tem o direito dominante.

- Eu não quero que você abandone a minha irmã por mim, disse Juliette. - Se você deve casar com alguém, você vai se casar com ela.

- Pronto! Temos a sua bênção.

Sibela estendeu as mãos num gesto que indicava que o assunto foi resolvido.

- Ela não é sua irmã, informou Lyon Juliette, ignorando Sibela. - Ela é um parasita que tomou corpo da sua irmã para seu próprio uso.

- Ele está certo, eu estou com medo. Eu não vou dar a sua irmã de volta para você se é isso que você está esperando. Sibela disse ela. - Sem ela, eu não sou nada. E eu não posso fazer isso.

Lyon a encarou considerando.

- O que é que você quer para ter considerado todos esses estratagemas desonestos? Não é, obviamente, a nossa filha.

Ela encolheu os ombros.

- Eu não sinto nenhuma ligação com ela. Mas dá-me uma posição, por assim dizer, neste mundo. O que eu quero de você é proteção. Esse corpo que eu habito está em perigo não por minha culpa. Se permanecer por minha própria conta, tenho medo que ElseWorld acabará por levar-me. Em suas garras, eu serei impotente. Eu irei matar esse corpo antes de permitir que isso aconteça.

Juliette ofegou. - Não ouse!

- Talvez possamos arranjar algo menos drástico, disse Nicholas.

- Você sabe, eu fiz o impossível para acasalar com você essa noite, disse Sibela a Lyon, entretecida.

Ele levantou uma sobrancelha. - No entanto, Juliette é a minha escolhida, e será com ela que eu me casarei.

- Não, Lyon, Juliette murmurou.

- Eu sei que você me ama, insistiu.

- Oui. Eu faço.

As covinhas de um sorriso vincaram seu rosto e seus olhos de repente se encheram com humor irônico.

- Eu estava esperando para ouvir você dizer diante de um membro do clero.

- Eu estou casada com você em corpo e espírito. Deixe isso ser suficiente, ela seduziu.

- A cerimônias oficiais para solidificar essas coisas não são necessários, são?

Lyon já estava balançando a cabeça.

- A proteção exige essas cerimônias oficiais.

Ela saltou a seus pés, olhando desesperada.

- Não vou casar com você! Ela gritou.

- Por que não? Ele gritou de volta. Sua filha começou a chorar.

- Porque sim! Ela olhou ao redor, de olhos arregalados, em seguida, de volta a Lyon. - Porque eu já sou casada!

Todos os olhos abertos voaram para ela.

- Com quem? Lyon exigia, boquiaberto.

- Com Monsieur de Valmont, em Paris! Ela estava chocada com o que ela disse e se afastou em direção à porta como se tivesse medo que ela fosse punida. - É um segredo muito bem guardado. Eu não deveria dizer. Eu não queria me casar com ele em primeiro lugar. Mas no dia em Elise foi morta, ele me deu o ópio, e depois alegou que ele tinha me visto matá-la. Eu estava muito drogada para saber o que eu tinha feito.

Nicholas pegou a filha chorosa de Lyon, em seguida, viu-o varrer um protesto de Juliette em seus braços. Os olhos de Lyon passaram a sua filha, então ao seu rosto e Nicholas balançou a cabeça, silenciosamente prometendo cuidar da criança até que ele retornasse.

Seu irmão, então, levou Juliette da sala, deixando Nick para vigiar as três fêmeas restantes. Com o sofá tomado, ele vagou para sentar-se à mesa nova de Lyon, que Jane havia lhe dito que Juliette comprara horas antes para o seu irmão. Testando a cadeira de couro e encontrando um bom ajuste, ele semi-reclinou-se nela, sustentando suas botas no ambiente de trabalho e com a criança no peito, com um braço sob seus pés para protegê-la. A outra mão dele esfregou os braços cruzados para trás até que ela se acalmou e fechou os olhos para dormir. Seus olhos se moveram para o sofá encontrando as mulheres dormindo, permaneceu olhando Jane por um tempo. Em seguida, ele vagou por cima da mesa e notou uma carta, ainda selada com cera. Sua atenção foi pega quando ele viu que era de um senhor Valmont em Paris. Ela tinha sido enviada para o hotel de Lyon e desviada até aqui.

Sem hesitar, ele a abriu.

CAPÍTULO 17

Duas noites mais tarde, Juliette estava trabalhando sozinha na cozinha do castello com os preparativos para a reunião dos viticultores que deveria ter lugar na propriedade, em janeiro. Isso era o que ela mais gostava sobre o processo de experimentação de cozinha e criação de novas iguarias e maravilhosas

A cortina da noite tinha caído e os funcionários já haviam se retirado para seus quartos longe da propriedade, quando ouviu Lyon entrar na sala. Ela lançou um olhar a seu caminho, depois voltou ao seu trabalho. Ele tinha ido hoje, fiscalizar a preparação dos terraços superiores dos vinhedos com Nicholas. Seu cabelo estava molhado e brilhava à luz das velas. Ele se banhara quando chegou e parecia saudável robusto e muito bonito.

Um par de braços musculosos se embrulhou em torno de sua cintura por trás, e ele colocou o queixo no recanto de seu ombro.

- Eu te amo.

Ela congelou com uma colher de chá de canela a meio caminho de uma tigela de pudim de chocolate. Em seguida, despejou-o na massa e começou a se mexer.

Sibela tinha ido embora há dois dias, tendo deixado sua filha a seus cuidados e recusando-se até a ajudar a nomeá-la. Lyon entrou deu-lhe o nome de Giselle, como sua própria mãe. Embora ela não tenha buscado vínculo com a pequena neném, Juliette temia que ela o tinha feito no momento em que tinha sido colocada em seus braços.

Para ela e Lyon, a ausência Sibela tinha sido um tempo de cura. Mas as incertezas a respeito de seu retorno iminente, e de outros assuntos, ainda estavam entre eles.

- Aqui. Prove, ela instruiu. Girando em seus braços, ela levantou a colher com a mão em concha embaixo dela para evitar que respingasse.

Ele pegou o pudim dela, olhando concentrado.

- Isso não vai me colocar em um sono profundo, eu confio?

Ela sorriu, sacudindo a cabeça.

- É algo que eu estou considerando para o leilão. Eu não irei roubá-lo e a seu irmão de seu público, colocando-os para dormir, eu prometo.

Levantou as sobrancelhas com a aprovação quando os sabores que ela cuidadosamente tinha preparado floresceram em suas papilas gustativas.

- Ambrósia, pronunciou.

Tomando a colher dela, ele a jogou no balcão, e depois ligando as mãos em sua coluna.

- O alimento dos deuses? Juliette descansou seus braços sobre o peito. - Talvez você deva convidar seu Bacchus para jantar. Ele pode achar que é do seu agrado.

- Talvez eu convide.

Ela olhou para ele, espantada. - Ele não viria, não é? Quer dizer, isso não é realmente algo que você possa fazer?

Ele sorriu, parecendo satisfeito com ela, e colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

- Não.

- Graças aos céus. Eu já estou nervosa por estar no comando de um evento de uma centena. Se você ousar adicionar um Deus na mistura, eu poderia desmaiar.

Ele olhou para ela por um momento, seu rosto lentamente se tornando sério.

- Juliette.

- Não, agora não, disse ela.

Despreparada para a direção em que ela suspeitava que a sua conversa iria, ela se afastou para voltar ao seu trabalho.

- Temos que chegar a um entendimento, disse ele, por trás dela.

- Onde esta Sibela?

- Como diabos eu deveria saber? Disse ele, irritado.

- Cantarolando pelo ar livre. Fodendo qualquer coisa que se move. Ou como ela me recentemente, possivelmente até com tudo que não se move.

Ela atirou-lhe um olhar incerto.

- Você acha que ela pretendia ficar ao meu lado como uma concubina dedicada? Que ela gosta de mim? Ou que eu gosto dela?

Ela encolheu os ombros.

- Não, eu não acho.

- Isso não importa. Nós arranjamos as coisas de modo que ela vai receber proteção da minha família. E isso é tudo que ela quer de mim.

- E Giselle?

- Ela vai ficar conosco. Sua voz suavizou a sua preocupação derretendo seu coração. - Isso machucará você?

- Claro que não. Nenhuma das falhas para esse emaranhado reside em sua filha. Eu a amo porque ela já é algo de Elise. E seu.

- Então, você a ama facilmente. Mas você pode amar seu pai?

- Tem certeza que você me quer? Ela zombou, agitando o pudim cada vez mais rápido.

- Uma mulher que pode recebê-lo tão facilmente como um bloco de madeira em cima de seu retorno da vinha como poderá recebê-lo como um ser humano? Ou, como um fogo para queimar a sua casa. Ou um...

- Shh, ele a acalmou, colocando a tigela de lado e lhe inclinando o queixo para olhar para ele.

- Você pode aprender a guiar o seu dom. Eu vou ajudá-la. Assim como eu precisaria de sua ajuda se eu estivesse aprendendo a cozinhar. Por exemplo, se você me de um...

Ele pegou um utensílio da bancada por trás dela e olhou para ele sem expressão. Ela olhou para ele por cima do ombro.

- Uma espátula.

- Sim, bem. Se eu não estivesse familiarizado com isso, eu exigiria instrução a respeito de como usá-lo, não exigiria? Se eu não soubesse o que é, eu iria confundi-lo com uma ferramenta de exploração.

Maliciosamente, ele deixou a sua vantagem derivar para baixo em seu peito e a ponta levantou a gola do corpete justo o suficiente para que ele pudesse observar o que estava escondido abaixo.

Ela golpeou a mão dele e substituiu a espátula sobre o balcão, sorrindo, com o que ele quis dizer a ela.

- É uma falta minha que me entorpece a mesma experiência por mim ao longo do tempo, admitiu. - Meu amor por você é inesperado.

- Mas eu não sou livre para você, ela protestou.

Suas mãos fizeram círculos sobre as costas de sua cintura.

- Enquanto falamos, meus advogados estão entrando com uma petição em Paris para Valmont aceitar um divórcio. Você logo estará livre.

Ela olhou para ele, duvidosa.

- Juliette. Sua voz estava frustrada. - Eu não a quero. Ambos sabiam de quem ele falava.

Um silêncio desconfortável caiu.

- E eu não vou deitar com ela novamente, continuou ele. - Ou qualquer outra mulher. Era você que eu queria comigo no vale. É você que eu quero. É Você que eu amo.

Ela soltou um suspiro áspero.

- É tão horrível ouvir? Disse ele, dando-lhe uma pequena agitação. - Garanto-vos que uma parte de mim fica horrorizada ao ouvir-me admiti-lo, pois eu nunca esperava sentir essa emoção para qualquer mulher.

- Oh, Lyon, disse ela, relaxando contra ele. - Você faz tudo parecer tão fácil fazer, mas...

- Diga-me como posso fazer isso para você. Diga o que você precisa. O que você gosta, disse ele contra sua garganta. - beije-me.

- Faça...

Ela suspirou e colocou a mão sobre os lábios como se fosse chamar de volta a suas palavras. Mas pairava no ar entre eles, sugestivo e potente.

A expressão sabedora se espalhou lentamente sobre seu rosto.

- Ah. Isso! Estou lembrando agora.

- O que esta lembrando? Não, não me diga.

Ela acenou com a mão entre eles em ênfase.

- Eu não quero saber.

- As lembranças que você me deu naquela noite no hotel ainda estão aqui comigo, só que confusas. Mas, eu lembro de mais diariamente.

Seus olhos a estudaram, fascinado. E então sua voz veio novamente à luz das velas calma, baixa e aveludada.

- Você quer ser... Coagida.

Ela desviou o olhar.

- Não.

- Lembro-me de forma diferente.

Ele a ergueu para o balcão, batendo soslaio em algumas coisas. Em um pote de pêssegos e várias rolaram. Ele pegou um, testando sua firmeza, obviamente preso em alguma memória. Uma memória que ela lhe dera de um sol de pêssego aquecido, e quase metade maduro, vindo no vale entre suas pernas para o curso ao longo de sua carne mais íntima e feminina. De difícil dedos masculino pressionando seu sulco aberto com a fruta suculenta, até que seus fluidos se misturassem e escorressem entre suas coxas. De uma boca quente beijando-a ali, lambendo, lambendo, e provando sua doçura pegajosa.

Por que não tinha mantido essa e outras fantasias com frutas para si? Com os outros homens que ela tinha encantado em nome de Valmont, ela apresentou apenas o mais superficial e visões gerais de luxúria em seus cérebros.

Seus olhos a observavam e ela deu um leve gemido. *Oh, Deus! Ele sabia de seus segredos!*

- Não, disse ele, lendo corretamente sua expressão. - Não há espaço para vergonha entre nós. Nós não temos ninguém aqui ver nossas fantasias carnavais. Elas são privadas. Para nós. Para o prazer. Nós não iremos ferir ninguém, se seguirmos os nossos desejos. Nós apenas iremos nos machucar se nos abstermos.

Ela umedeceu os lábios.

- Tais desejos colocaram-me em problemas no passado. Como levar à morte da minha irmã. Se eu não tivesse aceitado as atenções de Valmont no primeiro lugar.

- Valmont?

Ela assentiu com a cabeça.

- Sim, eu me envergonho disso agora, mas ele foi o homem que cortejou-me no verão em que eu tinha dezesseis anos. Elise percebeu o que ele era. Um monstro. Mas eu estava cega pela lisonja e atenção, e eu acreditei em suas mentiras. No mesmo dia, em que ela nos obrigou a ficar à parte, ela foi atacada e, em seguida, apenas... Foi. Em penitência, eu arrumei todos os maus pensamentos dos homens. Até que você veio. E agora, eu penso um pouco mais.

- Minha própria luxúria, levou-me em muitas direções em vinte e seis anos. Posso assegurar-vos que estou muito mais perverso na matéria que você jamais poderia estar.

Suas mãos foram para o fecho do vestido e repousaram sobre seus ombros.

- Aqui? Ela sussurrou. - E se alguém vier?

Covinhas brilharam.

- Eu Asseguro-vos se alguém aparecer.

Botão por botão e laço por laço, ele começou a despir-lhe onde se sentou.

- Assim é como acontecera entre nós esta noite, ele instruiu, com uma voz que era quase solene. - Quando eu tiver terminado de te despir, você vai dar-se completamente em meu tratamento até que eu diga o contrário. Você está autorizada a recusar-me apenas se algo que lhe for repugnante ou provocar dor. Não porque você está com medo. O medo não tem lugar nesta sala. Não entre nós. Não esta noite.

Se ela concordasse, os olhos prometiam, que ele transformaria suas fantasias em realidade. Sua respiração ficou acelerada. *Será que ela se atreveria? Ela queria.*

- Eu não quero ter medo ou me sentir insegura, disse ela, preocupada.

- Parece que nos encaixamos perfeitamente. Acontece que tenho uma necessidade de afirmar-me esta noite, mas não tenho vontade de te machucar.

O relógio em seu manto clicado, indicava que ele estava prestes a soltar sua campainha.

- Oito horas estão vindo. Uma vez que acontecer, as minhas regras começarão. Agora, se você concordar, você ira contar as batidas em voz alta.

Segundos depois, o primeiro bongo soou, e ouviu-se falando.

- Un... deux... trois...

Seu vestido foi tirado fora. - quatre... cinq... seis... Espartilho e camisa foram tomadas. - sept... huit.

Fez-se silêncio. Ele estava ali completamente vestido, sem tocá-la. E ela sentou-se à mesa diante dele, nua. Então ele tirou os alfinetes de cabelo deixando-a livre. - Agora, você concordou em se tornar um objeto cuja única finalidade é a de seguir as minhas instruções. Qual é este para mim, você terá três aberturas agora, nada mais, nada menos. E todos serão disponibilizados para mim e para qualquer efeito que eu escolher. Diga que sim.

Ele foi propositadamente bruto e neste momento era o que ela queria dele. Ela inclinou um olhar para ele através de seus cílios.

- Sim.

- Baixa os olhos dos meus, ele repreendeu suavemente.

- Uma infração a esta instrução, e você ganha um castigo.

A mão deslizou ampla em torno dela para encontrar o seu traseiro e rouge.

Imagens do traseiro de Gina, rosa de golpes de chicote vieram à sua mente e seu núcleo pulsou.

Seus olhos se levantaram aos seus, na esperança de ler o que ele tinha planejado.

Smack!

- Oh! Ela deu um pequeno salto sobre o balcão, quando sua mão pousou no seu traseiro. É picado, assustando-a e enviando uma emoção pequena arranhou ao longo de sua fissura feminina por todo o caminho até o clitóris. Seu olhar agarrado à sua vez, encontrando com severo que o de um professor descontente.

Smack!

Sua outra face traseira recebeu o mesmo tratamento. Inconstante, ela colocou a mão onde tinha sido atingida. Sua pele estava quente lá, como Gina deve ter sido depois de uma chicoteada. Percebendo o que ele esperava, o seu olhar caiu no colo, encontrar o lugar onde púbis e coxas se reuniram para formar o V de sua intimidade. Pela primeira vez em sua vida, ela quase desejou que seu corpo tivesse um ninho lá como em outras mulheres, de modo que ela não se sentiria tão nua em contraste com ele.

Duas mãos chegaram, movendo-se em sua visão. Ouro e forte contra a sua pele pálida, os seios em concha e ela colocou suas mãos para suas costas, sentindo quando seus polegares acariciaram os mamilos. Os picos cor de rosa cresceram bombástico. E quente. Olhando para baixo, viu que eles tinham se protegido com a estranha luminescência que só ele era capaz de levar por diante.

- Assim é melhor, disse ele suavemente.

Ela queria olhar para seu rosto e ler o que ele estava pensando, mas ela não olhou e achou estranho e excitante o fato de esta janela de seus pensamentos serem proibidos. Levantando-a, ele a empurrou para trás até que as coxas foram parcialmente suportadas pelo balcão. Suas pernas estavam entre as dela, e o tecido da calça raspava delicadamente ao longo da parte interna dos joelhos. A mão foi atrás dela e ela viu que ele pegou a tigela que ela tinha estado mexendo quando ele entrou na cozinha. A colher que ela estava usando ainda estava lá, meio afogada no pudim escuro.

- Deite-se, ele instruiu baixinho.

De olho no prato, ela obedeceu, hesitante. Depois que ela deitou, ele colocou-a em sua barriga e ordenou-lhe que a segurasse lá. O vidro era gelado contra as palmas das mãos, mas a mistura estava aquecida dentro dela.

Paralisada, ela assistiu a mão levar a colher e languidamente começar a se mexer. O aroma de canela flutuou para ela, e um instante depois ergueu a colher e pairou sobre a bacia, a massa escura pingando em lenta, estatela viscoso. Ele levou-a para perto dele como se quisesse apenas provar. Os músculos do abdômen contraído, duro, como riacho de calor cremoso driblou baixo nele, então ainda menor, entre suas pernas. Ante a estranha sensação, ela sentou-se apoiada no cotovelo para olhá-lo, e a tigela oscilou.

- Isso receberá um castigo, mais tarde, advertiu ele, sem olhar para cima de chuvisco do batedor. Quando ela não desviou o olhar, seu rosto se levantou e encontrou seus olhos.

- Gostaria de ganhar dois?

Seus lábios se curvaram presunçosamente quando ela deitou de volta.

- Não é muito um castigo, quando o réu o desfruta.

A colher voltou a encher o seu conteúdo, em seguida, sentiu as costas dela vir contra seus lábios inferiores, gelando-a.

- Vamos ver até onde podemos levá-la em seguida, sugeriu.

O cabo da colher veio para ela, cutucando um pouco, ao longo de sua elaboração, como um pequeno sulco arado, até que seu coração úmido e rosado estava aberto e vulnerável a sua arte.

- Vamos ver se conseguimos descobrir onde a linha é traçada entre castigo e prazer, ele sugeriu, num tom cheio de conhecimento carnal que ele ainda não havia compartilhado.

Com a precisão de um mestre, ele começou a pintá-la de uma forma agradável, com o corante, doce achocolatado que tinha preparado. De vez em quando, ele mergulhou a colher em sua tigela que ela ainda segurava para ele.

E durante todo o tempo, ele falou com ela, dizendo-lhe como ele estava ansioso para provar sua invenção culinária, e como seus irmãos e os convidados que ele iria receber para a próxima assembléia provavelmente gostariam de fazer o mesmo.

Algo escovou o clitóris, tão leve, e ela gemia. A colher bateu na bacia, abandonada. Sua voz flutuou para ela através do ar picante, um sussurro, escuro sugestivo das coisas que viriam.

- Seu pudim está morno, disse a ela. - E eu ainda não jantei esta noite.

Mãos largas pegaram suas coxas levantando-as sobre os ombros fortes, então os calcanhares alcançaram às suas costas. Seus dedos agarravam a tigela e ela respirou fundo, duras arfadas, esperando. As outras meninas em Paris tinham falado desse raro prazer com saudade, pois parecia que os clientes pagantes não gostavam de oferecê-lo.

O relógio carranqueava longe com o bombear, muito mais lento do que o seu batimento cardíaco.

Então, aquela boca linda liquidada em sua boca que não poderia falar por si mesmo, e ele começou o banquete.

E muito, muito mais tarde, para a sobremesa, ele alimentou pêssegos em sua boca e, em seguida as bananas.

Como ele se lembrava que ela gostava.

CAPÍTULO 18

- C'est magnifique!

Juliette afastou-se da escultura de gelo e sorriu para seu criador. Não foi uma tarefa fácil para comunicar o que ela queria para este escultor italiano, que nunca havia trabalhado no gelo.

Uma estátua do deus do vinho Baco, seria o coroamento da mesa festiva que se sentaria no centro da reunião a ser realizada no salão de baile do Lyon, em poucas semanas. Até então, ele seria mantido nesta caverna de refrigeração enquanto ele continuava a trabalhar sobre ela.

- Si. Magnifico, o homem grisalho concordou timidamente, radiante em auto-congratulação. Ele olhou para além dela, colocou seu chapéu e abaixou a cabeça para ir.

- Com licença.

Ainda sorrindo, Juliette se voltou.

- Bonjour Juliette.

Ela olhou, branqueamento na mira de Monsieur de Valmont.

Ele se aproximou e apertou-lhe o queixo entre o polegar e o dedo indicador, segurando o rosto dela contra a luz para examiná-lo.

- Diga a ele para ir, ele murmurou.

O italiano tinha hesitado atrás dele na abertura da caverna, provavelmente prevendo problemas.

Ela puxou para longe dele, lembrando-se que ela não era mais seu medroso e viciado fantoche.

Então, ela sentiu algo frio e duro em sua costela. Uma pistola.

- Diga a ele, ou eu o mato. Sua voz a gelando completamente.

Procurando relutantemente o escultor, para lançar uma despedida de forma convincente, e, em seguida, o observou partir.

- Lyon foi para encontrá-lo em Florença, disse ela a Valmont. - Por que você veio aqui em sua casa? Seu advogado enviou uma carta indicando...

- Você quis trepar com ele?

- Quem? Mas ela entendeu sua pergunta e sabia que a resposta poderia ser facilmente lida em seu rosto.

Para sua surpresa, as lágrimas formaram em seus olhos e escovou-os.

- Ela era minha, e você me tomou isso. Eu tinha usos para sua virgindade. Eu queria fazer uma troca. Mas não, você não pôde manter as pernas juntas por tempo suficiente. Putinha, assim como sua mãe.

- Mas você concordou com o divórcio, o advogado disse. Você estava indo para assinar papéis em Florença. Hoje.

- Você não é a única que pode enganar os homens ricos, disse ele, satisfeito. - Você sabe o que seu amante concordou em troca de você?

Ela balançou a cabeça, na esperança de controlar seu humor até que ela pudesse encontrar um meio de escapar.

- Pedi-lhe três coisas, nenhuma das quais eu pensei que ele ia aceitar: Em primeiro lugar, uma quantia obscena de dinheiro. Em segundo lugar, que ele desista em seus esforços para combater a filoxera, por um período de cinco anos que é tempo suficiente para meus negócios de interesses prosperarem. E terceiro, que ele organizasse, para meu entretenimento particular, uma caça de seus animais preciosos aqui na sua terra. E ele concordou com todas as três condições! Você consegue imaginar isso?

- Não, você é um Bâtard. Eu não vou deixar você fazer isso com ele. Vou voltar com você para Paris. Agora.

- Mas eu não quero mais você. Ele tem tomado de ti o que eu mais valorizava. Você se tornou impura.

Então, em uma inversão bizarra, ele disse,

- Você me quer, Juliette? Quer o seu irmão? Seria muito ruim para nós. Mas talvez se ninguém soubesse.

Com isso, ele bateu em sua cabeça com a coronha da pistola e tudo ficou escuro. Quando Juliette acordou, eles estavam na mata perto do rio. Ela estava deitada de costas no chão duro, e ele estava usando sua barriga de travesseiro para sua cabeça, como um descanso para coronha da pistola que estava treinando em vários alvos aleatórios.

Levantando a mão para os cabelos, ela gemeu. Ela saiu com o sangue de onde ele bateu nela.

- Ah, minha doce irmã. Eu descansei minha cabeça no ventre de nossa mãe como agora, quando você e aquela outra estava dentro dela. Você ouviu-me cantar para você?

Quando ele partiu em um ataque suave de Frère Jacques (cantiga de ninar francesa), ela tentou sentar-se, mas descobriu que ela estava muito tonta.

- Eu nunca entendi por mamon deu a magia só a você e Elise, ele prosseguiu, terminando abruptamente sua canção. - Por que não para mim? Eu era um bom menino.

Ela o empurrou. - Você está falando besteiras.

Mas ele divagava como se não a ouvisse.

- Papa odiava minha pobre mamon porque ela o corneou para gerar você. Ele a puniu. A fez chupar a pica de muitos homens. Homens asquerosos. Disse-lhe que era sua penitência, que ela sofreria o tempo todo que você estivesse dentro dela. Nove meses, ele continuou. E então ele lhe prometeu que, posteriormente, seus bebês é que sofreriam em seu lugar.

Ela começou a ouvir mais atentamente.

- Quantos anos você tinha, então?

- Apenas um menino de onze anos. Demasiado jovem para perder a minha mamã.

Rapidamente sua mente fez a aritmética. Sua mãe morreu no parto, Valmont tinha onze anos. Isso teria sido no ano-1804. O ano em que ela e Elise tinham nascido.

- Depois que ela morreu, eu as levei lá para o orfanato e beijei vocês duas antes de colocá-las na cesta. Estava nevando. Era dezembro. Quase Natal. Eu sabia que meu pai iria matá-las como vocês mataram minha mamã. Eu não podia deixá-las morrer. Não as minhas irmãs que eu tinha beijado na barriga de minha doce mamã.

Para seu horror, Juliette, de repente notou que ele estava apontando a pistola para um alvo específico agora.

Há não mais que dez metros deles estava sentada uma das panteras ébano de Lyon. Liber ou Ceres. Ela não tinha certeza qual. Os olhos de Valmont se estreitaram como se estivesse prestes a puxar o gatilho.

- Não atire nele.

Mas o tiro soou para fora, mesmo enquanto ela falava. O gato se retraiu sob o seu impacto, em seguida, pulou em direção ao córrego. Ela sentiu a sua dor, e empurrou Valmont a distância. Ele deu um tiro excelente. Ele tinha como objetivo apenas ferir e faria de novo e de novo, proporcionando uma lenta e cruel morte a sua vítima.

Valmont mirou novamente.

- Não!

Sua voz endureceu e ele agarrou seu pulso machucando-a.

- Eu não aceitarei ordens de meretrizes. Você vê, eu arranjei uma caça privada apenas para nós dois esta tarde. Seu amante concordou, depois de tudo. E eu sei o quanto você aprecia o sofrimento dos animais.

Ele mirou novamente.

- Espere! Ela conseguiu torcer fora e ganhar seu pé. - Você diz que quer mágica? Eu te darei a minha.

Ele se levantou seu rosto iluminado com interesse ganancioso.

Alcançando uma mão no bolso da saia, ela pegou um punhado de aveia que levava para afastar o mal. Talvez pela primeira vez o seu efeito funcionasse!

- Aqui! Mágica, só para você!

Lançando para fora a mão, ela jogou os pedaços de aveia em seu rosto. Ele cambaleou para trás, parecendo por um momento estar com medo de ser enfeitado. Seu truque não iria enganá-lo por muito tempo, mas proporcionou uma chance de escapar.

Desde que ele estava bloqueando seu caminho para a floresta, ela girou em sentido oposto. O rio. Terror a sacudiu, piorando quando ela viu que o gato de Lyon ficou na praia. Mesmo à distância, ela podia ver que seus olhos estavam vidrados de dor.

Pânico haviam deixado suas emoções desprotegidas, e sua dor tornou-se facilmente dela. Em um instante, sua única escolha foi clara. Ela não iria permitir que esta inocente, bela criatura, um dos favoritos de Lyon ficasse para morrer. Agrupando-se ao gato antes, ela entrou no rio com ele ao seu lado. Não queria ir, mas foi. Juntos. Água a cercava enquanto ela submergia, entrando nas cavidades do corpo e preenchendo-a.

O rápido movimento atual tornou-se a bomba do seu sangue, a batida do seu coração. Os redemoinhos e turbilhões estilaram seu cabelo em torno dela, em longas, ondas de serpentina que enrolavam e desenrolavam. Ela falou para a pantera na língua da água, acalmando-o, segurando-o, curando-o. Tornando mais fácil escondê-lo e a ela mesma. Barbatanas dorsais opalescente cresceram em lâminas de seu ombro, rasgando seu vestido e vibraram como as asas das fadas para mantê-los à tona. Como facilmente velhos hábitos voltaram. Era como se os últimos três anos, de negar-se a isto nunca houvessem passado.

- Eu posso esperar tanto tempo quanto possível. Valmont informou a ela.

Ele aparentemente percebeu a sua astúcia, vindo depois dela, e estava esperando na praia. Algum instante depois, ouviu-o dar um grito de menina. Enquanto ela o observava através do translúcido, atual ondulado, ela viu outra figura ao lado dele.

- Nossos caminhos se cruzaram novamente. Disse em uma voz em saudação.

- Como você chegou até aqui? Ele exigiu, obviamente confundindo a visitante com Juliette.

- Você estava no córrego! Por que seu cabelo esta escuro? E não molhado?

Quando você viu, ele estava molhado com meu sangue. Você me matou. Lembra-se? Até agora, eu só conhecia o seu rosto, mas não seu nome. Agora eu tenho os dois. "

- Elise?

Juliette poderia ter dito a ele que era Sibela, que retornou em seu vagar. Mas ela permaneceu escondida, observando.

Seu rosto se contorceu.

- Elise? Por que você não ficou morta? Deixe-me ser, não é? Você está sempre tentando me separar de sua irmã.

Sibela foi mais longe e empurrou o cano da arma que ele dirigiu em sua direção. Então, ela acariciou-lhe a mão para cima e sobre ele até que tocou seu pulso.

- Eu sei que você quer Juliette, mas me leve em seu lugar. Eu entendo você. Eu quero você, meu irmão querido. Tudo de você. Venha para mim. Eu ofereço o esquecimento. Você deseja esquecer, não é?

Suas mãos estavam viajando até os braços agora.

- Sim. A voz dele tinha virado hipnotizada e calma.

- Seu pai era um monstro. Seus braços cercaram seu pescoço. - E você apenas um garoto de onze anos. Deixe-me tirar a dor. A dor. Com um beijo, eu posso levar isto tudo embora.

Como Juliette assistiu de seu covil subaquático, Sibela aproximou-se dele e pressionou os lábios dele.

Ele estava calmo no seu abraço, um inseto na teia de uma aranha, quando ela o beijou. Sua longa língua entrou em sua boca, na garganta e, em seguida atingiu profundamente a gosto do coração dele. Por um momento, seu ritmo e parou naquele instante, sua alma empurrou para o lado e entrou em seu corpo.

Roubando sua respiração, Sibela o fez dela.

O corpo feminino em que tinha habitado durante os últimos três anos caiu no chão. Vendo isso, o sangue de Juliette agitou e aqueceu. Aquecido com uma descarga de adrenalina. Pernas reformaram-se. Eventualmente Humana novamente, ela nadou para terra, puxando o gato com ela. Encontrando-se salvaram, a pantera saltou longe. Como se nunca houvesse sido ferido, sacudiu a água do seu pêlo, e depois mergulhou na floresta. Sibela estava lá, lambendo os lábios de novo, como se para provar seu corpo atual. Executando as mãos para baixo, ela deslocou os ombros no que pareceu ser um esforço para assumir plenamente o seu manto novo.

- Ela está morta? Juliette correu para o corpo da irmã. Ela olhou para Valmont.

- Você a matou?

- Não seja tão dramática. Era Sibela, falando de dentro do corpo de Valmont e usando sua voz.

- Ela só dorme. Seu corpo foi meu por três anos, e vai precisar de tempo para se reajustar à vida sem mim para dirigi-lo.

Os olhos de Juliette procuraram Valmont e suas sobrancelhas franzidas em confusão.

- Sibela?

Ela assentiu com a cabeça.

- Seu Sátir projetou a idéia de tomar o meu corpo como acolhimento, de modo que você possa ter a sua irmã e ser livre de seu antigo marido. Ele queria trazer Valmont aqui para mim amanhã, mas desde que eu vim com ele agora a coisa aconteceu da mesma forma no final. Agora que eu estou separada de sua irmã, eu estou segura de Elseworld. Ah! É bom ser do sexo masculino. Nenhum espartilho mais ou amamentação.

- Oh, e pela maneira, parece que eu matei sua irmã naquele dia, em Borgonha. Ou pelo menos Valmont fez. Ela riu, encantada. - Como eu tenho facilmente assumido seu corpo, que eu diria *eu* nesse sentido.

- Explique sobre o assassinato, Juliette exigiu.

- Ele estava zangado com Elise por mantê-lo distante de você, Sibela disse a ela, antes de divagar. - Ele é muito mais fácil de ler do que sua irmã, pois eu tinha nenhuma informação a partir dela em três anos, ele já é um livro aberto. Isso fará a transição mais fácil em sua vida em Paris.

- Ajuda-me a levar Elise para a casa. Sibela prontamente concordou e Juliette teve um pressentimento que era mais para testar a sua nova força do que para ser gentil.

- Ele é mais forte do que ela. Que bom. Disse Sibela, quando ela facilmente levantou Elise para levá-la.

- Termine a sua explicação, Juliette pediu enquanto ela mostrava o caminho.

- Sim, sim. Naquele dia de verão, ele lutou com Elise, quando ela veio para contrariar o seu encontro com ele. E ele rasgou seu vestido no processo.

Sibela flexionou a mão de Valmont onde ele apertou a saia de Elise, como se ela se lembrasse de ver a mão fazer exatamente isso.

- Seu vestido azul.

Disse Juliette. Em um flash, ela percebeu que a amostra de tecido azul no escritório de Valmont tinha sido um pedaço de vestido de Elise. O vestido que ela usara no dia em que tinham sido atacadas!

- Ele deu um pedaço dele para seus cachorros e eles rastrearam o cheiro dela com ele. Eles queriam matá-la, não você. Você não poderia ter feito nada para impedi-los, mesmo se você não tivesse sido bloqueada na sua transformação.

Entrando na casa, eles levaram Elise para cima e Sibela a colocou em uma cama ajudada por Juliette, em seguida, ajudou a trocar o vestido molhado de Juliette por outro seco.

- É verdade? O que ele disse? Que ele era meu irmão. E Elise?

Sibela assentiu.

- Como é terrível. Deve ser por isso que a nossa magia não funcionou nele. Nós duas tentamos sobre ele e, por vezes, umas sobre as outras, mas sem sucesso.

- Não há nada mais para fazer por ela agora, disse Elise-Sibela uma vez tinha sido escondida dentro.

- Ela vai dormir por um dia ou mais. Venha despedir-se de mim.

Encaminhou-se para as escadas.

- Despedir-se? Juliette olhou para Elise, que parecia estar descansando, então relutantemente seguido Sibela baixo.

- Estou voltando para Paris e para minha casa nova.

- E Giselle?

Sibela acenou com a mão descuidada.

- Ela esta melhor aqui.

Juliette a acompanhava ate onde o cavalo de Valmont foi amarrado. Sem pensar, ela acariciou o focinho. Apenas depois ela perceber que ela parecia ter abandonado completamente o medo dos animais com as revelações de hoje. Lyon tinha dito que as coisas seriam mais fáceis para ela aqui na sua terra e ele estava certo.

Um olhar estranho passou pelo rosto Sibela enquanto ela balançava até o cavalo.

- Este novo corpo anseia pelo álcool.

- Absinto, disse Juliette. - Valmont foi viciado nisso.

Sibela suspirou.

- Acha que vou adoecer por um tempo enquanto eu lutar contra o seu vício?

- Não é facilmente combatida.

- Mas eu vou ganhar. Este corpo é indispensável para que eu o deixe apodrecer.

Juliette hesitou, então disse:

- Você pode permanecer aqui conosco enquanto você combate o vicio se quiser. Viajando será difícil controlar.

Sibela olhos aguçados.

- Eu não sou ele, você sabe.

- Eu sei, disse Juliette, contrita. - Eu sinto muito. É difícil de lembrar.

- Eu serei diferente dele. Eu sou eu e eu forcei a sua essência profundamente para que ele não tenha qualquer influência sobre mim. Independentemente disso, você não terá que olhar para mim ou a ele por muito mais tempo.

Levantar o chicote que ela encontrou na sela, Sibela distraidamente afagou seus rabos de couro atados.

A propósito, quem é Gina?

Os olhos de Juliette foram para o chicote.

- Ela é, hum... uma das mulheres que Valmont emprega... Quero dizer, que você emprega na casa de Paris. Para entreter os convidados.

Sibela sacudiu o couro, fazendo um estalo no ar. Seu cavalo deslocou-se, nervoso.

- Ela gosta disso, afirmou. Seus olhos procuraram Juliette para confirmação.

Juliette assentiu.

- Sim. Sibela correu as tiras de couro em toda a palma de sua mão uma última vez, em seguida, colocou o chicote em seu coldre.

Ela podia não ser humana, mas o meio sorriso que tocava em seus lábios era mais humano do que qualquer um que Juliette recordou ver no rosto antes de Valmont.

- Vou olhar para frente a conhecê-la.

De repente, ela começou a se perguntar exatamente que uso Sibela poderia ter dado ao corpo de Elise, enquanto ela a habitava.

- Será que Elise têm memórias dos últimos três anos?

Sibela olhou para ela, entendendo a sua preocupação subjacente.

- Nunca foi minha intenção magoar o seu corpo. Pelo contrário, eu estava grata pela utilização do mesmo. E tomei o cuidado a minha própria maneira. Sei que ela não é mais tão pura como você ou ela podem preferir. Eu tenho uma necessidade voraz para foder. Não é tão imensa quanto a de seu amante Sátir talvez seja, mas ainda assim é grande.

- Você forçou Elise a ter relações carnavais com outros homens além de Lyon?

- Homens, mulheres ... e outras criaturas. Mas não houve força envolvida. Ela era inteiramente sublimada durante a minha habitação.

- Mas ela irá lembrar-se?

Sibela encolheu os ombros, depois rodando em torno de sua montaria.

- Eu não sei. Você terá que perguntar a ela.

Lyon parou à porta da câmara de Juliette tinha arranjado para sua irmã na semana passada. Foi apenas no final do corredor dos seus, desconfortavelmente perto. Mas ele não fez nenhuma objeção.

- Você nunca vai adivinhar, Elise, eu me tornei uma chef muito competente! Juliette estava dizendo. - Não tem nada para me preparar um jantar para duas pessoas, uma dúzia ou uma festa para mais. Lyon adora o crème brûlée Madame Fouché nos ensinou a fazer esse verão. Lembra-se?

- Sim. A voz de Elise era apática, um eco fraco do aranzel de Juliette.

- Lembra-se como Madame ficava em desespero por nós, a maneira como nós funcionamos selvagens através do campo? E as romãs que pilhávamos dos pomares de Monsieur Ramsay? Nossos lábios e dedos seriam o vermelho vivo, ainda assim teríamos protestado nossa inocência.

- Umm-hmm.

Lyon empurrou a porta aberta e viu que sua filha estava dormindo em um bassinette que Juliette tinha colocado no quarto. Embora ela continuasse a trazê-la para a esfera de Elise, como Sibela, Elise não tinha mostrado nenhum interesse em sua filha ainda. Giselle foi totalmente relegada aos cuidados de Juliette e uma enfermeira.

Deixando de lado a escova que ela estava usando em sua irmã, Juliette sorriu-lhe as boas-vindas.

- Ela logo vai ficar careca se você continuar cuidando dela.

Ele veio para ficar ao lado da cama e ambos olharam para a mulher deitada.

Elise piscou para eles, em silêncio.

-Ela parece bem, não é? Perguntou Juliette. Não. Ela não. Ela parecia um fantasma bonito. O vestido que ela usava não fazia nada para disfarçar as cicatrizes no peito que tinha sido feito pelos cães que a atacaram. Ela parecia propositadamente escolher roupas e como mantê-los desabotoada, como se determinada a fazer com que todos se encontrassem desconfortáveis.

Lyon passou os dedos pelos colares de Sibela, que estavam abandonados na mesa de cabeceira, puxando para fora. Foi uma longa fita com um pingente pendurado lá. Lembrou-se de Sibela usando ela, e tinha visto uma como ele agraciando a garganta de Juliette.

Eu tomei-os fora dela, disse Juliette.

- Eles pareciam irritar a pele.

É uma queimadura, disse Elise, apontando para as contas que prendeu e tocando o peito.

Lyon estudou a forma de cicatriz de queimadura que tinha indicado. Ela combinou a forma do pingente.

- É de ferro, disse ele.

- ferro queima as fada.

- Mas eu toquei ferro com bastante frequência e não sofri danos, disse Juliette.

É por que só queima um quarto filho do enigmático. Não a primeira ou a segunda ou terceira.

Isso significa que você é a última nascida de suas irmãs, disse Lyon a Elise.

- Isso sempre a queimou?

Juliette perguntou a ela, olhando em causa. Elise deu de ombros.

- Eu raramente usava, mas eu o tinha naquele dia fomos atacados, e Sibela a manteve.

- Com licença, murmurou Lyon, como algo que lhe ocorreu. - Eu preciso de uma palavra com Nicholas, e sinto que ele acabou de chegar lá embaixo.

De repente, os olhos de Elise alcançaram os seus, provocados com mais entusiasmo do que ele jamais não viu nela.

- Sim, ela murmurou, como se ela tivesse lido seus pensamentos.

- Minha resposta é sim.

Juliette olhou entre eles e, lentamente, levantou-se a seus pés.

- Não houve nenhuma pergunta.

Lyon foi para a grade apenas fora do dormitório e gritou para o irmão.

- Ele fez um pedido. Elise franziu a testa, manuseando as colchas. - Não fez?

- Não em voz alta, disse Lyon, voltando a considerá-la.

- Oh.

- Nicholas encontrar-se-a com os anciãos de ElseWorld hoje, disse ele.

- Eles estão exigindo que você seja entregue a eles, Juliette. Você ainda não está casada e ainda não é mãe, assim que consideram o jogo justo. Você vai, naturalmente, ser entregue, mas isso significa que haverá mais dificuldades. Mais tentativas deles para invadir a porta entre o seu mundo e este. Eles traram suas guerras para cá, se puderem, mas Elise...

- O que isso tem a ver com Elise?

Nicholas perguntou, ouvindo quando ele entrou na sala.

Eles exigem que uma filha do rei Feydon case com um de seus líderes. Lyon deu a seu irmão, um olhar significativo e uma compreensão súbita atravessaram o rosto de Nicholas.

- Sim, murmurou Elise, subindo para ficar ao lado da cama.

- Não! Juliette disse ofegante.

- Se Elise concorda, as suas exigências serão satisfeitas, disse Nicholas.

- O que vai impedi-los de usar seu sangue para cruzar a este mundo? Juliette protestou.

- Ela é uma quarta criança. Como tal, o sangue dela é inútil para tais fins, disse Lyon.

Eles não vão ficar com raiva quando eles descobrirem que foram enganados?

- Eles terão conhecimento de antemão, mas o dom de acalmar a vontade deles.

- Parece uma solução perfeita, disse Nicholas.

- Para todos, mas não para minha irmã! Gritou Juliette.

- Eu disse que vou. Voz de Elise era ainda chiada por falta de uso.

Não! Juliette repetia girando em torno dela, em seguida, acalmando o tom.

- Não há nenhuma obrigação de fazê-lo. Você já sofreu bastante! Ela virou-se para Lyon, na expectativa. - Ela não tem não é?

- Eu não posso lhe dar a resposta que você quer, Juliette. É decisão dela.

- Elise, por favor. Dê-se tempo para curar. Tempo para considerar melhor essa decisão, Juliette implorou.

Ela tomou as mãos de sua irmã no dela, mas Elise afastou-se delicadamente, como se seu toque a magoasse.

- O tempo é um luxo que não temos, disse Nicholas. - A decisão deve ser tomada agora. Quando eu deixar esta sala, eu vou até o portão.

Elise colocou os chinelos.

- Eu estou pronta.

- Seu lugar é ao meu lado, disse Juliette. - Se você for eu irei com você!

- Não! Lyon, Nicholas, Elise e todos falaram ao mesmo tempo.

- Eu não sou a mesma menina que você conheceu, Elise disse a ela, tentando explicar.

- Eu lembro muito pouco daquele verão. Mas eu lembro de tudo dos últimos três anos. Grande parte do tempo, eu queria morrer. Imagine ser um fantoche, à mercê dos caprichos e ações de outro.

- Ela balançou a cabeça, sem vontade de ir em frente.

Juliette olhou para Lyon pedindo ajuda.

- Mas eu acabei de encontrá-la novamente.

Elise caminhou na direção de Nicholas e da porta.

- Tente entender. Nossas vidas tomaram rumos diferentes. Eu tenho tanto estado tanto tempo presa a outro. Com meu coração possuído. Eu fiz e vi coisas que me fazem imprópria de encontrar um lugar aqui.

Lyon pode ver que cada palavra dela era como uma estaca venenosa sendo empurrados para o coração de Juliette.

Sibela a levou por caminhos que nos não podemos, disse ele tão gentilmente quanto possível.

- Ela tem os seus próprios demônios para enfrentar. Deixe que ela os encare a medida que possa.

- Há uma ápice em ElseWorld, que é para onde estaremos indo, Nicholas disse a Elise.

- Muitos competirão pelo direito de casar com você, mas você vai escolher quando, quem, e se quer casar.

Elise assentiu com a cabeça, em seguida, retornou a Juliette e voluntariamente abraçou-a pela primeira vez desde Sibela partiu. Era óbvio que este esquema tinha dado nova vida dentro dela.

- Não se zangue com ele, ela sussurrou.

- Lyon é um homem bom. Ele ama você. Fico feliz em saber que você tem esta família. Essa vida. É perfeito.

Juliette lhe deu um apertou.

- Então porque não quer ficar? Elise puxou longe. - É perfeito para você. Não para mim. Esta tarefa a que estou me comprometendo vai me dar um propósito.

- Nós estamos em dívida, disse Lyon quando ela passou por ele no caminho até a porta.

- Você será capaz de retornar uma vez por ano.

Elise sorriu, seus olhos mostrando o primeiro vislumbre de humor que ele tinha visto nela.

- Como Perséfone de Hades.

Nicholas fez um gesto dela para a frente. E então ela se foi e ele depois dela.

Um mês depois, chegou uma carta, deixando Juliette livre para se casar e dar-lhe um vislumbre pungente em seu passado.

Lia-se:

Monsieur e Madame, Eu informei aos tribunais do erro que eu cometi há três anos em minhas acusações contra Juliette. Desde que eu tenho documentos assinados por oficiais da Toscana e uma carta de Elise comprovando que ela está viva e bem, eles não têm me dado nenhum argumento e a questão lamentável foi fechada. Juliette foi absolvida. Não houve assassinato.

No entanto, lamento informar que suas suspeitas sobre o paradeiro de Mademoiselle Fleur parecem ter sido fundadas. Com a minha ajuda, evidências implicando Monsieur Arlette em seu assassinato foram descobertos e eu estou prestes a testemunhar em seu julgamento.

Mademoiselle Fontaine (Gina) envia seu amor. Ela e eu estamos começando muito bem. Ela não trabalha mais nos salões, mas provou ser uma excelente gestora das outras meninas no nosso emprego. Nós tivemos nossa casa fechada no Quai di Conti e abrimos uma outra casa, maior em um distrito que aceita melhor os nossos serviços.

Incluso está um retrato de minha mãe. No processo de mudança, ele foi encontrado entre os meus (Valmont) pertences. Eu não tenho nenhum uso para ele, mas você talvez possa ter.

Com gratidão, M. Valmont

EPÍLOGO

EarthWorld, Toscana, Itália, janeiro de 1824, Moonful.

Pela primeira vez em séculos, havia seis que se reuniram no vale sagrado, que tinha sido concebido há séculos atrás pelas mãos dos deuses.

Três filhas de um rei Fey e três filhos do antigo Sátir, em conjunto.

Apenas fora do vale, a neve estava caindo, quebradiço e sem derramamento de sangue. Mas aqui, tudo era quente. Era como se eles e este santuário fossem encerrados em algum, glorioso e gigante globo de neve. Mas a neve caía fora do reino, onde eles se reuniam e nenhum pouco dentro.

Sob uma lua que era uma esfera de rechonchuda triunfante da luz, seis ficaram três, como os casais unidos. Para a canção de sussurros balançando carvalhos, freixos, espinheiro, e ciprestes, eles adicionaram os sons de batidas úmido alegre, gritos, gemidos e sensual que acompanha o seu amor.

E com a sua adesão, seu círculo estava completo.

Como eles dirigiram seu corpo mais e mais alto na celebração do ritual primordial a semente masculina foi derramada. Sucos ricos com o seu sangue fluíam para dar vida a vinha, antigas e novos. Rejuvenescendo. Emprestando-lhes a força e o caráter daqueles que guardavam a terra. E continuando sua tradição de conservação do legado de Baco, o deus do vinho, o mais venerado dos antigos.

E com a sua adesão, as vinhas que foram enxertadas entre si pelo homem, voltaram-se frutuosa.

Estas vinhas foram reunidas em pares improváveis, bem como os três casais que já povoaram o vale. Este porta-enxerto de dois continentes, América e Europa, também acoplado aqui nesta noite para se tornar um. Os primeiros brotos formados como mágica. E com os primeiros brotos foram flores, e, em seguida, uvas, um após o outro, como se as estações estavam passando em um instante.

Dois dias a partir de agora outros vinhateiros que montariam outra parte da fazenda para ver estes vinha muito e iria encontrá-los bem desenvolvido e pronto para ser promulgado como novas ações próprias. Através destas vinhas, uma indústria inteira seria salva da destruição que foi causado pelo mais ínfimo saqueador, a filoxera.

Quase dois meses se passaram desde Juliette viera para esta terra. Hoje foi seu primeiro acasalamento com seu novo marido aqui no vale. Por esta partilha física neste lugar particular nesta noite especial, qualquer mal que tinha feito a ele em Paris seria para sempre curado.

A decadência da vegetação doce quando ele retornou ao solo de que tinha saltado enchia os pulmões, mas ela não tinha medo da natureza agora. Sombreada por árvores, a terra era uma exuberante mancha azul-preto, e ela apreciava a beleza selvagem do

mesmo. Em meio a estátuas e altares, Lyon fez amor com ela, um amor completo feito de corpo, mente e coração. E neste chamado ela estaria disposta a aceitar as sementes de seu marido, e ele iria encontrar solo fecundo dentro dela e ser estimulado lá.

E através da sua adesão, dois filhos preciosos iriam começar a crescer.

Seus filhos. Um filho, Marcus Lyon. E uma filha, Fleur Elise. Juliette, que não tinha tido ninguém apenas alguns meses atrás, agora tinha muitos em sua vida para amar e para amá-la. E parecia que o próximo Moonful ela daria à luz, e sua família se expandiria.

Esta noite marcou um novo começo. Uma nova vida. Uma família cheia de esperança e amor. Ela olhou para frente.

Fim